NOTICIA

SOBRE

O VIGARIO FRANCISCO FERREIRA BARRETO

E

SUAS OBRAS

PELO

COMMENDADOR ANTONIO JOAQUIM DE MELLO

I

Interessante e bello é ver um riosinho de pequena origem, que em seu dilatado curso, enriquecido pela confluencia de outros, se ostenta emfim um rio limpido e caudaloso. Tal é a imagem da litteratura em Pernambuco, e outra não tem sido a das nações, que ora repletas de saber e civilisação, são nossas mestras em todas as sciencias e artes. A razão, em materia de gosto, entre as nações novas, começa mal a exercer-se ; emulando os modellos mais aproximados á perfeição, melhora-se ; e por seu turno chega tambem, depois de muita lida e tempo, de muitas derrotas mesmo, a dar á luz algumas composições admiraveis, salvo a singular maravilha do apparecimento extraordinario de algum genio. Mas a fonte do gosto é a mesma que a dos costumes publicos, uma primeira instituição ; e o exito feliz depende do cuidado de prover as escolas de professores habeis, e de ligal-os ao ensino por solidas vantagens. Um Porée, um Rollin, um Le Beau, são homens de quem é justo honrar a velhice e recompensar os trabalhos.

Ora de todas as provincias do Brazil a de Pernambuco já em 1549 era a primeira, a mais povoada e florescente, como o attestão todas as memorias escriptas.

O Poeta e Historiador mais antigo, que se conhece no Brazil, é Bento Teixeira Pinto, nascido em Pernambuco, o qual constitue o primeiro elo da immensa cadeia de litteratos e poetas do Brazil. Elle escreveu a *Relação do Naufragio de Jorge de Albuquerque Coelho*, indo de Pernambuco para Lisbôa, em a nàu S. Antonio, no anno de 1565 ; *Prosopopéia*, ao mesmo Jorge de Albuquerque, em verso e impressa no mesmo anno ; e *Dialogo das grandezas do Brazil.*

OBRAS

RELIGIOSAS E PROFANAS

NOTICIA

SOBRE

O VIGARIO FRANCISCO FERREIRA BARRETO

E

SUAS OBRAS

PELO

COMMENDADOR ANTONIO JOAQUIM DE MELLO

VIGARIO FRAN.^{co} FERREIRA BARRETO

nos envergonhão as producções poeticas, que restão, escapas do descuido dos comtemporaneos, e dos estragos do tempo ; e dos escriptos, e obras poeticas de alguns delles nos podemos com justiça prevalecer e ufanar. O mesmo dizemos dos poetas José da Natividade Saldanha, Alvaro Teixeira de Macedo e Barão de Itamaracá, e de outros muitos mancebos existentes, de bôa litteratura, affeitos á conversação das Musas, ricos de imaginação, de sentimento e de harmonia. E, pois, nos obrigamos a dar uma noticia biographica de Francisco Ferreira Barreto, e a este agora nos cingimos.

II

No bairro de Santo Antonio da Cidade do Recife vio a luz primeira no dia 5 de Abril de 1790 Francisco Ferreira Barreto, filho de Vicente Ferreira Barreto, natural do lugar das Salinas, freguezia hoje da Bôa-Vista e então da Sé, irmão inteiro do padre Francisco Ferreira Barreto e de sua mulher D. Adriana da Messias Barbosa, natural da freguezia de S. Bento do Porto Calvo, irmã tambem germana de Francisca de Messias Barbosa, mãe do padre Ignacio Francisco dos. Santos ; neto paterno do ajudante de um dos regimentos de Milicias do Recife, Francisco Ferreira Barreto, natural de Olinda, e de sua mulher Caetana Maria do Espirito Santo, natural do Recife ; e neto materno de Gonçalo de Azevedo Cartelis, e de sua mulher Joanna Maria, ambos naturaes da freguezia do Porto Calvo da provincia das Alagôas.

Em sua terra natal se fez corrente em primeiras lettras Francisco Ferreira Barreto. Estudou latim com o padre Joaquim Rodrigues dos Santos, professor regio de primeiras lettras, de quem acima fallamos ; Philosophia com o professor tambem regio desta faculdade, o padre José de Góes, da congregação de S. Felippe Nery, hoje extincta na provincia ; e Theologia com o padre José Marcellino de Carvalho, substituto de Theologia especulativa e pratica do Seminario Episcopal de Olinda, e afamado pregador. Desde os primeiros estudos fez-se elle notavel por sua imaginação fogosa e brilhantes expressões, e pela perspicacia e dedicação com que se absorvia e primava nas lettras ; distincção que lhe valeu da parte de seus condiscipulos a antonomasia de *Doutor*, com que passou a ser geralmente indicado.

Concluidos os estudos, a Sra. D. Joaquina Maria Pereira Vianna fez-lhe patrimonio, para o estado sacerdotal, do valor de 1:200$000 réis no sitio denominado Jangada, com a condição de

cessar a doação logo que o doado, por algum beneficio, obtivesse renda equivalente para o patrimonio ecclesiastico.

Ordenou-se presbitero em 1813.

Bem que as fontes do saber não fossem na provincia tantas e tão amplas e fecundas, como hoje felizmente as possuimos, a ardente mocidade estudiosa corria a saciar-se nellas. Muitos atravessavão o Atlantico, e ião beber no Tejo, no Sena, e na *Pequena Roma* as sciencias e artes.

E defendião-se conclusões publicas na Igreja da Madre de Deus e no convento de S. Francisco; a algumas das quaes tivemos o gosto e prazer de assistir (eramos bem moço) como espectador. A ellas concorrião as principaes autoridades, os sabios professores do Seminario e outros, muitos da importante classe media, e não poucos dos pequenos curiosos, chamados vulgo. E ainda o amor das lettras e das artes reunia ás tardes no consistorio da Igreja de S. José a Francisco Ferreira Barreto, José Marinho Falcão Padilha, José Bernardino de Sena, Pedro Borges de Faria e alguns outros, sob a direcção do ajudante João Nepomoceno da Silva Portella, e ahi tomavão lições e exercitavão-se na declamação sagrada e profana. Não é isto um bello exemplo e honra singular daquelles mancebos?

Era Francisco Ferreira Barreto minorista, e já no pulpito o brilho e expressiva palavra dos seus discursos lhe attrahião ouvintes e applausos.

Porque fatalidade se tem visto, e por toda parte, mesmo entre as nações de mais civilisação e sapiencia, renhirem despropositadamente, com mais ou menos deshonor, litteratos e poetas? Na terra olindana, a pequena, mas amavel republica das lettras por vezes tambem se perturbou nesses tempos com taes debates. Certo é que os homens em todos os angulos do mundo tem preoccupações e amor proprio. Francisco Ferreira Barreto e Frei João Baptista arcarão em versos com o tenente Deodato Pinto, commensal do capitão general Caetano Pinto de Miranda Montenegro: fez Barreto contra o Deodato tres sonetos, dos quaes só persiste um, e outro ao consocio na desregrada polemica, o dito Frei João Baptista.

Muitos forão os sacerdotes, regulares e seculares, que o choque electrico da revolução de 1817 compellio ás armas, a commandos, e a outros primores de amor e vinculo á suspirada liberdade nova que envolveu e dominou geralmente as notabilidades da provincia; mas não se apossou este enthusiasmo de Francisco Ferreira Barreto: os seus temores pela segurança, o seu caracter mais propenso á estabilidade e força governamental, do que á mobilidade livre e ingerencia popular, o contiverão nos limites de especta-

dor ; se não publico applaudinte estrondoso, tambem não expresso e nocivo reprovador.

Mas em tepidez ou indifferença igual não permaneceu elle com a regeneração constitucional da nação, e melhormente desde que o rei a jurou no Rio de Janeiro ; ninguem o vio então vacilante, ou uma excepção ao jubilo e exaltação geral.

Escreveu o periodico *O Relator Verdadeiro*, após a eleição da Junta Governativa da provincia, pela retirada do Capitão General Luiz do Rego Barreto ; mas teve breve duração este pequeno escripto, empregado só quasi em dar os trabalhos do governo provincial, alguma cousa do geral, e uma ou outra noticia ; e é por isto talvez, que desappareceu totalmente, sendo pouco sensivel á historia a sua falta, que alias mostraria, mais por este documento, a adhesão do seu autor á nova ordem de cousas.

O anniversario natalicio do principe regente, em 12 de Outubro de 1822, foi celebrado na cidade do Recife com grandes e muitos regosijos e pompas, collocando-se na casa da Camara Municipal o seu retrato ao lado do de seu pai, o Sr. D. João VI. Cantou-se um hymno positivamente feito para aquelle acto pelo nosso padre Barreto, sendo a musica composta e executada com grande orchestra por Joaquim Bernardo de Mendonça Ribeiro Pinto, compositor entre nós bem conhecido e notavel.

Francisco Ferreira Barreto tomou assento na Assembléa Constituinte e Legislativa do Imperio, como supplente, em lugar do deputado Francisco de Carvalho Paes de Andrade, que não compareceu. Nenhum discurso, nenhum projecto elle ahi apresentou, salvo uma breve resposta, sem valor nem significação, ao deputado Joaquim Manoel Carneiro da Cunha, que o arguira de solicitar a vigararia do Recife, em que o governo o nomeara, sem haver procedido concurso.

La na Corte do Imperio pregou elle um sermão na capella imperial, tão magnifico em arrebatamentos hyperbolicos do seu estylo, que por elle o Imperador o mandou cumprimentar, e o agraciou com o titulo de pregador da capella imperial e o habito de Christo.

Dissolvida a Assembléa Constituinte, voltou o padre Francisco Ferreira Barreto a Pernambuco, agraciado mais com o habíto do Cruzeiro, além da referida vigararia de São Frei Pedro Gonçalves, em que se collou, no bairro da cidade do Recife assim denominado, graças que se lhe tornarão em fonte de dissabores, porque os liberaes as suppunhão a paga de uma humilhação indigna do commissario do povo ao Poder, que se lhes tornava suspeito e adverso, e contra o qual se revoltavão, justa ou menos justamente. Mas o vigario Barreto, que foi sempre homem do

governo, conservou-se inactivo e silencioso quanto á politica, entregue todo ás obrigações da sua Igreja ; menos a respeito de invasão de tropas portuguezas no Brazil, em que se fallava e sobre o que o Imperador pozera de accordo as provincias ; porque sobre este assumpto Ferreira Barreto não poupava, arrebatado, razões e estimulos, para que fosse a presumida invasão heroicamente repellida.

Estabelecera-se em 1829 na cidade do Recife uma sociedade secreta intilulada *Columna do Throno*, a qual se tornou suspeita de promover o governo absoluto. Os periodicos *Cruzeiro* e *Amigo do Povo* erão da sua lavra, e Francisco Ferreira Barreto, um dos seus socios, dizia-se tambem ser um dos seus collaboradores. Do lado dos constitucionaes tambem havião dous periodicos, o *Diario de Pernambuco*, e o *Constitucional*. Travou-se na imprensa, entre uns e outros, peleja, que é bastante curiosa, e interessante de ver-se. E como Francisco Ferreira Barreto era prominente na sociedade, e tido por um dos redactores das ditas duas gazetas retrogadas, os contrarios desforravão-se bem, redicularisando-o com joco-serios e injurias, dos ataques, e apodos com que erão insolentemente molestados e ameaçados os constitucionaes por suas opiniões liberaes e honestas ; o que não deixava de amargurar muito ao nosso vigario Francisco Ferreira Barreto.

Os *columnas* ramificarão-se na provincia do Ceará, e aqui na cidade do Recife esteve na sociedade o celebre Joaquim Pinto Madeira, que rebellou-se lá no mesmo Ceará, causando horriveis mortandades e desgraças ; até que elle, depois de varios combates e derrotas, foi preso, julgado e lastimosamente os Cearenses o enforcarão.

Chegou a ponto a louca indiscrição e audacia dos *columnas*, que o presidente da provincia do Ceará e o commandante das armas de Pernambuco virão-se obrigados a representar contra a sua existencia e fins, ao ministerio ; e este, ante a opinião publica assás pronunciada, vio-se forçado a mandar abrir conhecimentos judiciaes e até suspender algumas das garantias constitucionaes.

Desmoronada assim a *columnata*, o vigario Francisco Ferreira Barreto, opprimido de desgostos e tendo uma grande parte dos seus patricios indisposta contra si (talvez injustamente) resolveu deixar a patria, ao menos por algum tempo, emquanto a agitação e turbulencia dos animos amaciava. Embarcou para Lisbôa.

O rio e o mar coalharão-se de bateis pejados de obsequiadores, no seu embarque e despedida ; erão socios da extincta *columna*, erão os professores das idéas della, que se mascarava com a guerra á demagogia e ao republicanismo ; erão alguns alarves vendiços que não comprehendião quanto lhes poderia ter custado

o arriscarem-se, ingratos, a provocar a nacionalidade brazileira, que generosa os hospedava e enriquecia ; a minima parte erão amigos imparciaes, que em verdade os tinha o vigario Barreto.

Em Lisbôa, onde viveu perto de tres annos, celebrava, alguma vez pregou e mormente viveu de alguns soccorros de consocios e amigos. Elogiou a D. Miguel, que então reinava sobre o throno portuguez, com dous sonetos e um intitulado elogio, os quaes offerecemos ao leitor, entre outras poesias suas. D. Miguel então mandou-lhe offerecer a guardamoria do Torre do Tombo, que elle não acceitou, porque perderia com a acceitação desse emprego, dado por governo estrangeiro, os foros de cidadão brazileiro, conforme a nossa Constituição do Imperio. O coração sensivel do homem de lettras está sempre cheio dos encantos da patria.

III

Os mimos e as grandezas da culta Lisbôa, já o não podião distrahir e mitigar as saudades da patria.

Regressou a Pernambuco ; e na viagem se diz que fizera o soneto, que começa *São oito lustros etc.* ; e no qual ainda se descobrem a injustiça e a declamação.

Restituido a chara patria, dedicou-se todo aos deveres, e ao zelo do seu vicariato, em cujo exercicio era assiduo e irreprehensivel. Então vio elle quanto a patria sabia prezar o seu merecimento, o aproveitava e o não esquecia, ou dezprezava, em magoado abandono. Ella já o tinha sentado na Assembléa Constituinte do Imperio, honra grandissima ; e já elle era cavalleiro da ordem de Christo, parocho de uma das mais importantes freguezias e pregador da capella imperial ; e foi, depois que regressou de Lisbôa á Pernambuco, elevado á commendador da ordem de Christo, examinador synodal do bispado, adjunto da Associação da Fé, director do Lyceu Pernambucano e deputado á Assembléa Legislativa da Provincia, em uma legislatura. Quasi sempre foi incumbido pela camara municipal, em occasiões de eleições, de fallar ao povo e aos eleitores, dos quaes elle tambem era um ; e sabe-se bem que a lei, para estas allocuções, mandava preferir o orador mais abalisado, que se não podia escusar. Teve portanto patria, e teve amigos : a philantropia destes e de alguns seus parochianos, não se deixou rogar para o valer com soccorro de sommas, passante uma das vezes de um conto de réis, em occorentes necessidades e extraordinarios vexames. Tanta affeição e estima lhe consagravão!

O vigario Francisco Ferreira Barreto veio pelo tempo adiante a adoecer gravemente do peito. Desenganado da existencia transitoria, com piedosa e edificante resignação preparou-se com todos os soccorros da religião para entrar na vida eterna. Comtudo, a effeitos de muitos desvellos e trato, pôde erguer-se do leito da morte e a muito custo ganhou a villa de Flores, á margem do Pajeú. Em seus ares puros e vitaes, em doce tranquillidade e aprazíveis distracções e ocio, recobrou elle a pouca saude arruinada, de que gosava.

Mas, restituido á sua parochia, a inexoravel morte cá o espiava ; e tão decisiva o accommetteu, annos depois, que não houve industria, e arte que lhe anteparassem o extremo golpe. Ministro exemplar da religião santa de Jesus Christo, fortificado com a fé e cumpridos os deveres consoladores de christão, as 8 horas do dia 25 de Fevereiro de 1851 entregou a alma a Deus. Foi depositado o seu cadaver na Igreja da Madre de Deus e desta levado, com numerosissimo acompanhamento, á sua Igreja Matriz, onde tem final jazigo. Alguns dos moradores da sua parochia e outros seus affeiçoados e amigos, fizerão os gastos do seu enterro e lhe tributarão as ultimas honras funebres.

Elle não foi sómente uma gloria do clero pernambucano por sua instrucção ; era-o tambem por seu desinteresse e caridade. Nunca o orphão desvalido e a viuva consternada recorrerão á sua piedade, que com elles não partisse, ou lhes desse o pouco mesmo de que se não podia dispensar.

O vigario Francisco Ferreira Barreto, sempre que subio á cadeira da verdade, foi geralmente admirada a energia e enthusiasmo com que se esforçava a persuadir os espiritos e os corações. E sobre o seu merito poetico, direi primeiramente, que em seus ultimos tempos elle pareceu propender para a escola romantica ; anarchia poetica, que vai estragando os talentos da nossa mocidade, escravisada ao gosto e formulas francezas neste genero. Certo que o abandono das regras agrada e seduz á mocidade e a preguiça. Chateaubriand, que é tido como o pai desta escola em França, em sua idade madura e de melher senso, parece que se enfadou e renegou dessa escola, como se vê do que elle disse, além de outro lugar mais em que se expressou a este respeito :

Est il bien sur que madame Sand trouvera toujour le meme charme à ce qu'elle compose aujour d'hui ? Le mérite et l'entrainement des passions de vingt ans non se déprécieront ils point dans son esprit, comme les ouvrages de mes premiéres jours sont baissés dans le mien ? Il n'y a que les travaux de la muse antique qui ne changent point, soutenu qu'ils sont par la noblesse des mœurs, la beanté du langage, et la majesté de ces sentiments dé-

partis á l'espece humaine entiere. Le quatrieme livre de l'Eneide reste á jamais exposé á l'admiration des hommes, parce qu'il est suspendu dans ciel (*)

E com effeito, não será, entre nós, bem custoso de comprehender e exhibir o que se designa tão difficilmente *o bello*, este verdadeiro *bello*, que é de todas as nações e de todos os seculos, porque pertence á natureza, quando se não estuda e comprehende o que ha de formoso e admiravel na fôrça, na ordem e na riqueza da Musa antiga ?

Muito custoso e molesto é á velhice o tomar ensino e carreira nova ; ella repete, ainda apaixonada e justa, acerca do presente assumpto, a satyra de Garção :

Que muito, se não ha discernimento,
E reina a affeição !. Vejo pedantes
Trepados em cadeiras, descompondo
Os mais honrados cidadãos de Athenas,
Sem razão, nem vergonha : e vejo gente
Prudente e sabia embasbacar nos gestos
Do Mono petulante. Muito pode
A opinião, a teima ou o capricho !
E o pedantismo pode mais que tudo :
Pois arrasta a razão, pisa a verdade ;
E em sabendo servir-se da lisonja,
Vôa por esses ares, sobe ao cume,
Onde a vaidosa idéa ergueu o templo
Da phantastica Fama. Ali se abraça
A soberba e a vaidade co'a preguiça :
Vive a ignorancia ali, dali pretende
Dictar as leis ao mundo.

E accrescenta o que disse Reinold :

Por mais que se mortifique a nossa vaidade (diz elle) vemonos obrigados a reconhecer os antigos por nossos mestres ; e podemos atrever-nos a prophetisar, que, quando deixarem de ser estudadas, as artes cessarão de florescer, e tornaremos a cahir na barbaria.

Não me julgo com sufficiencia para arvorar-me em doutrinario, estou longe disso, mas não me dispenso de lembrar a nossa

---

(*) Memorias tomo 11 pag. 404 edic. de Paris, 1850

mocidade, que se vai tambem abusando muito entre nós do sentimento melancolico, em poesias, acerca do que diz o sabio autor da *Hygiène d'alma* : O Stagirita tem dito que os homens superiores, dotados de um espirito penetrante, são geralmente inclinados á tristeza. E' uma opinião verdadeira em parte. Camões, Tasso, Byron e outros ainda tem tido o humor sombrio. Tem-se posto os dous primeiros sobre a scena para glorificar a melancolia ; tem-se sympathisado com seus soffrimentos ; tem-se affectado compartir as dores de Byron, Que os grandes homens analysem suas sensações e dellas deem conta ; está bem. E' isto uma razão para que nossos poetas se lancem á invejas no genero hypocondriaco ? Confessamol-o francamente, a litteratura moderna é filha do humor negro. Sua Musa, valetudinaria e triste, é a hypocondria, que enerva e enfastia o coração. Brevemente, para julgar os nossos poetas, será necessario medicos em lugar de criticos.

E finalmente direi, que a respeito das regras classicas, não tenha a mocidade por ellas nem um presumpçoso desprezo, nem um respeito supersticioso. Cicero e Quintiliano para os oradores, Horacio, Longino e Boileau para os poetas, são guias que o genio mesmo não deve desprezar seguir ; mas para marchar seguro, elle não deve cessar de marchar com passo livre. Assim o preconisa um douto escriptor.

O vigario Francisco Ferreira Barreto, era sectario de Bocage, que preferia a qualquer outro poeta portugnez ; mas nesta qualificação de superioridade ha critica injusta e exageração. Bocage tem excellentes sonetos e outras composições bellas e mui approvadas ; mas são especialmente na lyrica, superiores á elle, o inimitavel Felinto Elysio e Garção.

A mocidade, que critica a poesia vulgar, lêa e relêa, com a necessaria cautela e escolha os classicos, para não corromperem a linguagem castiça portugueza, que é a mesma do Brazil, e pode sim, pelo decurso dos tempos, enxertarem-se-lhe muitas phrases e termos peculiares á natureza e costumes do mesmo Brazil, do que já os Diccionarios adoptarão alguns ; lêa especialmente Camões e Ferreira ; lêa os demais Epicos da mesma nação ; lêa sim a Bocage, Mattos e ainda outros muitos modernos, de cuja lição proficua não é possivel duvidar; mas, dia e noite, lêa o Felinto Elyseo, Garção e Diniz ; em cujas Lyras de ouro o patriotismo brazileiro deve cantar os heróes, que espedaçando á patria o ferreo jugo do Hollandez forte, a coroarão de gloria immortal no campo das batalhas ; onde sempre triumpharão o seu valor inaudito, sua independencia e liberdade. Fallei em Mattos, este poeta totalmente esquecido e em parte falto de bom gosto ; mas que em seu estylo simples e natural pode-se dizer que offerece alguns modelos bons,

como este soneto, por exemplo, que desde a nossa mais terna mocidade guardamos na memoria.

Limano, cujá idade inda o levava
Por innocentes brincos, certo dia,
Parando á um tanque, que sereno via,
Com desiguaes pedrinhas lhe atirava.

Assim que davão n'agua, esta saltava,
E mil diversos circulos fazia;
A um pequeno outro grande succedia;
Até que outra pedrinha lhe deitava.

Eu este simples passatempo vendo,
Lembrei-me que tambem os desfavores,
Que padeço, uns dos outros vão nascendo.

E não depondo a sorte os seus rigores,
D'aquella mesma sorte procedendo,
Vejo meus males cada vez maiores.

O vigario Francisco Ferreira Barreto, tanto em suas obras em prosa, como em versos, declama algumas vezes, exagerando o clamor e os males e vicios politicos, desatinadamente; effeitos talvez dos desgostos porque passava e de sua indole irascivel e temerosa; invectivas, que a posteridade não deve ler sem este grande desconto. Nunca foi necessario injuriar para instruir; e o louvor quando é excessivo escandalisa e torna-se ridiculo. Mas Platão, em seu *Gorgias* diz, que o orador deve ter, além de outras qualidades, a dicção quasi do poeta e a voz e os gestos dos maiores actores. Estas qualidades tinha-as o vigario Francisco Ferreira Barreto. Alguns dos seus sonetos, a creação do homem e da mulher, as tres paraphrases do psalmo *Miserere* e a traducção do psalmo *Super flumina Babilonis*, são versos seductores, de flamma e doçura. Lendo-os, exclama-se com Marmontel:

De l'harmonie il a reçu le don.
Son style est doux, noble, pur et limpide;
Nul sur les cours n'aura plus de pouvoir:
Plus on l'entend, plus on aime a l'entendre.

Era o vigario Francisco Ferreira Barreto de estatura ordinaria, cabellos pretos e lisos, olhos pardos, sobrancelhas delgadas, bocca e orelhas grandes, de côr alva um tanto pallida e corpo espigado e magro, segundo a informação de seu parocho, inserta nos respectivos autos.

ORAÇÕES APOLOGETICAS

SOBRE A RESURREIÇÃO

(EM ABRIL DE 1814 NA MATRIZ DA FREGUEZIA DE SANTO ANTONIO DO RECIFE)

SURREXIT.—E' do Evangelho presente.

Aqui jaz, *hic jacet.* Assim começão os epitaphios dos Grandes. Resuscitou, *surrexit.* E' este o epitaphio de Jesus Christo, alto e poderoso Deos!

Aqui jaz, *hic jacet.* Assim começão os epitaphios dos Grandes, disse eu. Resuscitou, *surrexit.* E' este o epitaphio de Jesus Christo.

Legislador ou philosopho, conquistador ou pacifico, deshumano, ou benefico, Seneca ou Plutarco, Cesar ou Alexandre, Tito ou Caligula, elles não forão mais do que um phantasma enganoso, engolphado na illusão e no crime. Filhos da podridão e da morte, o estrondo das suas acções escondeu-se com elles no fundo do sepulcro: fugio a sua gloria, como o ligeiro relampago, que fuzila da nuvem: a enfermidade os abate, a morte os humilha, a sepultura os recebe, a terra os desfaz, o tempo os insulta, o mundo os esquece, e sobre a fria campa, que lhes resta, foi a mão da lisonja, que escreveu o seu elogio: *Hic jacet.*

Que bem diverso é o mausoléo de Jesus Christo!

A mão consumidora dos tempos não pôde apagar os seus triumphos. A sua sepultura foi o theatro da sua gloria; sua morte o principio da nossa vida, a sua resurreição o modelo da nossa; a morte triumpha no Calvario, para sahir vencida no sepulcro; a natureza desfallece na Cruz, para se reanimar na mortalha; o corpo desce á terra, para subir aos Ceos; elle soffre, padece, morre; porem vive, triumpha, resuscita, *surrexit.*

Os Grandes do mundo, apenas sentem o bafo macilento da morte.... Silencio, escuridão, noite, trevas, vós lhes rodeaes o sepulcro! Apenas lançados nesta morada de horror.... Fria cinza, hediondo pó, carcomidos ossos, vós lhes fazeis ver a sua fraqueza. E como não podem forcejar para sahir deste lethargo profundo, a vaidade contenta-se ao menos de confessar, que ali existem, ali descansão: *Hic jacet.*

Jesus Christo se, encerrado no sombrio monumento, era a prêsa da morte; se, presidiado no sepulcro, parece um Deos fraco, porem o que?... se nenhum Deos parece; elle vence a morte, destróe o peccado, alegra os Céos, aterra os infernos, confunde a Judéa, levanta na dextra vencedora os vencedores estandartes, e cercado de magesta-

de e de luz, por si mesmo (mortaes, felizes mortaes, enchei-vos de prazer, alegrai-vos) por si mesmo se eleva sobre o tumulo com feia confusão dos proprios inimigos. Já não é a vaidade, que annuncia o seu penoso descanso, é um Anjo, que publica os seus triumphos, e celebra ja a sua resurreição, *surrexit.*

Illustres patriarchas, illumminados prophetas, sombras veneraveis dos Justos, que ha tantos seculos descansaes escondidas no escuro seio do limbo, se até aqui não pôde o vosso pranto amollecer as entranhas do Eterno, enchei-vos de consolação; já a sua luz brilha no meio das trevas, reconhecei o vosso libertador. Os Céos já vos abrem as suas portas, Jesus Christo resuscitou,elle desce á buscarvos; é tempo, levantai do pó as venerandas cabeças... caminhai... frias entranhas da terra, abri-vos, deixai passar a turba respeitavel dos Santos. Timidos e espavoridos discipulos, já não tendes, que temer; cumprio-se á lettra a mais importante verdade do vosso Mestre; a sua resurreição é certa; longe, bem longe de vós, a pallidez e o susto.

Senhores, alegremo-nos todos; tudo respira contentamento e jubilo, já senão escuta o som enternecido das maviosas lamentações; fugio o lucto dos nossos altares, o som harmonioso de canticos festivos de alegre alleluia enche as abobadas do santuario, eu.... ministro..... indigno ministro do Deos tres vezes santo, já deixei de gemer entre o vestibulo e o altar; eu celebro, eu louvo, disse pouco, eu canto os magnificos triumphos da resurreição de Jesus Christo. Sim, este será o meu plano, todo o meu assumpto, o meu empenho todo.

Espirito ditoso e bemaventurado,executor dos preceitos do Eterno, mensageiro do Altissimo, Anjo do Senhor! Vós,cuja face resplandece, bem como o clarão medonho do relampago, cujo vestido brilha, como a neve entregue ao raio do sol.... Vós que,depois de revolver o sepulcro, descansaes sobre elle, e annunciaes ás timidas mulheres a gloriosa resurreição de Jesus Christo, accendei o meu enthusiasmo, porque eu vou celebrar os seus triumphos, e

PRINCIPIO

Por mais bellas e maravilhosas, que sejão as imagens, que em todos os livros santos pintão e annuncião este glorioso triumpho de Jesus Christo, com tudo ellas já mais o podem representar em toda a sua extensão.

Noé ferrolhado no imperio das trevas, sentindo a Arca boiar sobre as aguas, escutando a horrorosa chuva, que desce do alto dos Céos despejada pela mão da ira e da vingança, e que sahindo illeso pisa sobre a universal ruina, e vem povoar a terra, quando a humanidade toda acaba de beber a morte; Sansão destemido e intrepido, que sem se curvar ao desmarcado peso sustenta no

robusto hombro as invenciveis portas de Gaza, e zomba do poder dos inimigos, que o rodeão; Jonas, que depois de tres dias de consternação, sahe victorioso do seu tumulo nadante, e é lançado nas brancas praias da criminosa Ninive; Lasaro forcejando dentro da sepultura para levantar, ja viva, a até então moribunda cabeça, e soltar as ligaduras da morte sahindo da corrupção e do pó, e enchendo a Judéa de pasmo com a sua resurreição assombrosa; ah! tudo isto, senhores, por mais brilhante e magestoso, que fosse, não foi mais do que uma só pincelada, que fez ver muito ao longe a grandeza, a gloria, os triumphos de Jesus Christo Resuscitado.

E com effeito, se Noé sahio da Arca, para povoar a terra; Jesus Christo sahio do sepulcro para povoar os Céos. Noé teme o diluvio natural; Jesus Christo destróe o diluvio da culpa. Aquelle apparece depois da bonança; este resuscita no meio da tormenta. Um não póde reparar a natureza destroçada, o outro levanta a graça decahida. O primeiro não deu a vida aos que tinhão soffrido a morte; o segundo trouxe a graça aos que tinha morto o peccado. Sansão se arranca as portas de Gaza, Jesus Christo levanta a pedra do sepulcro. Os inimigos, que cercão a cidade, não lhe podem suspender a sahida, os guardas, que rodeão a sepultura, não podem impedir a resurreição. Os prodigios de um são filhos do valor; os milagres do outro são obras da Omnipotencia. O propheta sahindo dos mares, encheu a Ninive de penitentes; Jesus Christo surgindo da terra, encheu a Judéa de Apostolos. A pregação de Jonas formou arrependidos; a resurreição de Christo fez martyres. Lasaro finalmente é resuscitado por elle; mas elle se resuscita a si mesmo. Lasaro morre como homem, e, apezar do milagre, como homem é que resuscita: Jesus Christo se morre como homem, resuscita como Deos; porque morre para resuscitar, e resuscita para não morrer mais.

Ha muito tempo que se perdeu o parallelo. Basta. Sim, meus senhores, toda essa encadeação penosa de martyrios, que este homem de milagres supportou nos dias amargurados de sua Paixão sacrosanta; a sua morte mesma não seria um testemunho decisivo e comprovado, capaz de dissipar a nossa perturbação, se elle não resuscitasse, faltando á sua palavra. Se elle não resuscitasse, disse eu? Ah! E que incertezas, que duvidas agitarião então toda a face da terra? Disse pouco. Ellas subirião aos Céos, ellas descerião aos abysmos. Suberião aos Céos para redobrar os ferrolhos eternos: descerião aos abysmos para derramar a desconfiança, e o susto entre aquellas almas bemaventuradas, que ha tanto tempo escondidas na habitação das sombras e do lucto esperavão, que o seu promettido libertador descesse á fazer o seu livramento: descerião para inquietar os santos oraculos, que tão efficazmente tinhão annunciado ao mundo esta resurreição admiravel, e que de lá mesmo, como extasiados e fóra de si, por entre á nevoa do caliginoso futuro, tinhão empregado os olhos neste venturoso instante, que ia decidir por uma vez da sua veracidade. Se elle não resuscitasse, então o primeiro

homem, o nosso pai primeiro, cheio de afflicção, de magoa, lá bem do fundo do seu medonho carcere deixando correr o amargoso pranto dos seus olhos, diria á turba dos Justos, que o rodeava, apontando para o Calvario:

" Não, este homem não é aquelle, que devia compadecer-se do meu destino; este não é aquelle, em cujos hombros a mão do Eterno depositou o peso dos meus crimes; eu ainda arrasto os ferros vergonhosos da minha primeira culpa. Geração, de quem eu fui autor; delinquentes, com quem sou réo; prole infeliz, que eu engendrei no peccado; filhos menos crimininosos do que eu sou, porém talvez mais desgraçados do que eu fui, o cunho da reprovação está pintado ainda sobre vossa face; nós somos escravos. A vossa e minha sorte depende do seu sepulcro. Passou-se o tempo, e elle não resuscitou?.... Ah! Este não foi incumbido do meu resgate. "

Aqui os prophetas envergonhados deixarião correr as lagrimas pelas suas crespas, e enrugadas faces, e a serpente seductora e orgulhosa, ufana dos seus combates, lembrada ainda da sua primeira victoria sobre a raça fragil dos humanos, erguendo o soberbo e temerario collo, encrespando as reluzentes conchas, torcendo e destorcendo a cauda, duas, tres vezes açoutaria a terra, como já segura deste seu ultimo triumpho. Não, monstro astucioso e perverso, não exultes cheio de alvoroço e de jubilo; já se passou o instante vergonhoso da nossa quéda, e a desgraçada epocha do teu vencimento. Reconhece neste grande dia da resurreição de Jesus Christo os triumphos deste meu Libertador Divino, o castigo do teu crime, o fim do teu imperio, o limite do teu poder, tua deshonra, tua desgraça, tua inevitavel ruina. Brami, estremecei, abobadas infernaes; retumbai aos rugidos de Satanaz e dos seus Anjos; vós não vos abrireis mais, senão para os insensatos, que de sua propria vontade se quizerem ahi precipitar.

Aonde, oh morte, esteve até agora a carreira dos teus successos? Já se enervou a força do teu braço? A tua fouce costumada sempre a gottejar o morno sangue de tantas victimas, perdeu a sua crueldade? Quem despedaçou a cadeia magestosa dos teus triumphos? *Ubi est, mors, victoria tua?*

Tu não respeitaste a innocencia de Abel, nem a maldade de Isboseth, a crença de Abrahão, nem a incredulidade de Pharáo; a justiça de Moysés, nem as violencias de Sennacherib; a penitencia de David, nem as desordens de Abrahão; as virtudes de Eleazar, nem os vicios de Abimelech; a pureza de Loth, nem os prazeres de Salomão; o caracter de Onias, nem a dignidade de Antiocho: mas agora que Jesus Christo zomba do teu dominio, e armado da sua Cruz apparece triumphante e vencedor, aonde está a força do teu imperio? *Ubi est, mors, victoria tua?*

Ah! Tu já não tens poder sobre o seu corpo adoravel: a sua resurreição veio atacar a marcha das tuas façanhas; acabou-se o teu dominio, finalisou-se a tua conquista: *Ubi est, mors, victoria tua?*

Sim, meus senhores, a mesma religião não veria tão felizmente erguidos os seus altares, recebida a sua doutrina, dilatada a sua crença, propagado o seu culto, defendidas as suas leis, victoriosos os seus dogmas, completos os seus triumphos, se não fosse a resurreição de Jesus Christo!

E' pois á esta fonte, que ella deve a magestade dos seus ministros, a constancia dos seus heroes, a pompa dos seus mysterios, a força das suas graças, a grandeza dos seus dons, a gloria das suas conquistas, a doçura do seu dominio, a rapidez do seu progresso, a eminencia do seu poder.

Profundemos mais esta verdade: recordemo-nos, portanto, do maravilhoso progresso do christianismo; e que observamos em seus principios?

Os Apostolos.... Ah! senhores, já vistes o regato pequeno e humilde, mas que depois de receber copiosa chuva, já não cabendo em si mesmo, se ensoberbece e trasborda, e rompendo impetuosamente os diques, alaga os campos, cobre os montes, e vai com a precipitada e grossa torrente, não só combater o arbusto rasteiro, como desenraizar o corpulento cedro? Já vistes?.... Pois taes forão os Apostolos. Elles, que erão toscos e humildes em sua origem, timidos, e espavoridos com a morte do Salvador, apenas, segundo a mesma promessa, elle resuscita, e o Espirito Divino em consequencia deste grande mysterio se derrama sobre elles em lingoas de fogo abrasadoras e activas, cheios de uma phantasia mysteriosa, ardendo neste calor divino, fallão todas as lingoas: já não são homens, são nuvens incendiadas, que relampagueão, trovejão, mesmo.

E' tempo.

Emmudecei, oraculo da mentira e do erro. Pedro, um homem, que as praias da Galiléa foram a sua aula, a barca o seu estudo, as redes o seu livro, Jesus Christo o seu mestre; Pedro, o grande Pedro ia descarregar o golpe arruinador sobre a cega e infame idolatria. Elle vae reparar o escandalo da Cruz, levantar os estandartes do Crucificado.... mas aonde? em Roma, Roma, o asylo das paixões, o centro da illusão, o theatro da licença, o berço dos philosophos, a protectora da idolatria, a inimiga dos crentes, a Babylonia carnal, que sustenta em uma mão a taça impura das abominações, e na outra as redeas do universo; aonde o peccado rendia vassallagem ao peccado, a virtude era um crime, e o crime uma divindade; aonde os homens erão deoses, e os deoses até indignos de ser homens: que reunia em si os delirios das nações com a penna dos seus sabios; que tinha por base o despotismo, por lei o capricho, por imitador o mundo, e por modelo a si mesma; Roma, que os loiros, que cingia ufana e vencedora, cortados pela ensanguentada mão da carnagem, ainda mesmo na fronte lhe estavão gottejando sangue.

Que decantado triumpho! Que celebre victoria! Aqui já

se não podem deixar de conhecer os grandes effeitos, que produzio a resurreição.

E ainda, senhores, se não finalisou a serie gloriosa destes vencimentos admiraveis. E' á sua resurreição, que nós devemos à nossa; porque elle mesmo não resuscitou, senão para que nós resuscitassemos com elle. Parece muito, porém não é meu; é do Apostolo: *si resurrectio mortuorum non est, neque Christus resurrexit.* A pallida e enrugada morte, sim, póde empregar em nós o seu furor, póde lançar-nos as suas frias e mirradas mãos, opprimir-nos com as suas pesadas cadeias, machinar a nossa destruição; póde tirar-nos por algum tempo de cima da terra, precipitar-nos nas suas entranhas, confundir as nossas cinzas com as da sepultura; porem o vencedor Omnipotente, cuja victoria celebramos hoje, lhe exigirá de nós uma conta restricta no dia pavoroso do seu tremendo e universal juizo. Elle, elle lhe arrancará das mãos as victimas, sobre que ella descarregou os seus inexoraveis golpes, e nos restituirá um corpo mil vezes mais bello, do que aquelle, de que ella nos despojou: um corpo semelhantemente ao seu, *configuratum corpori claritatis sue.*

A vista, pois, de tudo isto, senhores, deixemos muito embora a emperrada synagoga trilhar os caminhos criminosos da impostura e da cegueira; deixemo-la infelizmente excogitar frivolos pretextos com que procure entenebrecer os mais augustos de todos os mysterios. Embora, muito embora os guardas sobornados digão pelo orgão da inconsequencia e da mentira, que os discipulos roubarão o sacrosanto cadaver, quando elles estavão entregues ao somno. Insensatos! . . . se dormieis então, como vistes? Quando a iniquidade vos suggerio um semelhante pretexto, replica Santo Agostinho aos chefes da synagoga, vós, ainda mais que os mesmos soldados, ereis os que dormieis.

Nós, porem, que no mais profundo do nosso abatimento, persuadidos da grandeza deste relevante mysterio, o reconhecemos e adoramos; que apinhados no templo do Deus vivo, deixando subir em enrolados e grossos trubilhões o vapor suave do incenso, cantamos hoje á face thuricrema dos altares sacrosantos as vantagens, os triumphos do nosso reparador victorioso; que neste alegre dia de consolação e de jubilo vemos esmigalhar-se o enferrujado grilhão da culpa de origem; e que já não somos os desconsolados captivos, que sentados á margem paludosa da Babylonia criminal choravão as lembranças da sua amada Sião, vendo pender dos verdes salgueiros as emmudecidas citharas; devemos por tanto imital-o nos seus trabalhos para participarmos dos seus premios.

Foi necessario que Jesus Christo padecesse para entrar no esplendor da gloria de seu Paė; e não será preciso, que nós soffiramos por gozarmos os fructos da sua resurreição?

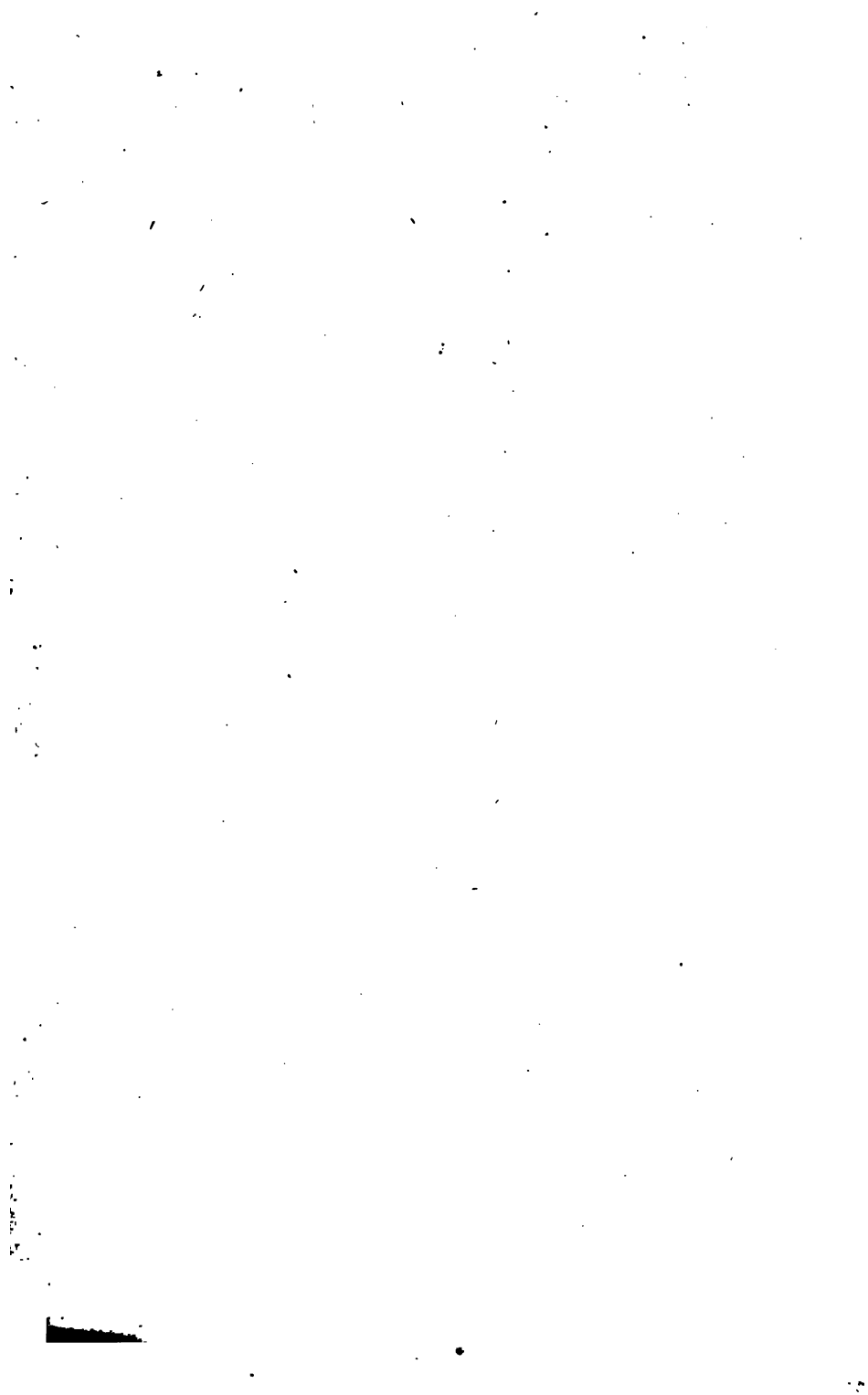
Não passemos os instantes fugitivos da vida lubrica, e mal segura reclinados nos braços da distracção e da ociosidade. E' necessario pelejar para colher a palma da victoria; pois o mesmo Justo não é

tão glorioso no descanso, como nas perseguições, que decidem do seu caracter; por que vencer o inimigo, quando elle não resiste, não é esforço de valor; porém arruinal-o, quando elle accommette, é prova de constancia.

Ser virtuoso, quando não encontro obstaculos, é ser perfeito; porém conservar a perfeição no meio das contradicções é ser verdadeiramente santo.

Job não seria o modelo da paciencia, se não fosse o heróe dos trabalhos.

José antes que fosse o rei do Egypto, já tinha sido o seu escravo. O carcere foi o estreito limite do seu abatimento, antes que o throno fosse o espaçoso lugar da sua exaltação; e as mãos, que sustentavão o sceptro, já tinhão supportado as cadeias.

Trilhae, pois, as veredas dos Santos; e vós caminhareis felizmente á morada celeste, aonde a luz e o prazer existe e dura, aonde a virtude e a luz é sempre a mesma.

EM ACÇAÕ DE GRAÇAS

PELO JURAMENTO DO PROJECTO DA CONSTITUIÇAO

Por occasiao' da solemnidade mandada celebrar pelo senado da cidade do Recife, no 1.º de Dezembro de 1825, na matriz de Sanlo Antonio

In omni.... corde suo juraverunt.... præstitit que eis Dominus requiem per circuitum.

Jurarão de todo o seu coração, e o Senhor lhes concedeo a paz com todos os seus vizinhos.

Paralip. livr. 2, Cap. 15, v. 15.

Se o Brazil tem um dia, em que póde dizer á face das nações—Eu sou independente—é sem duvida aquelle, em que disser tambem aos Brazileiros—Vós tendes uma constituição—Senhor! Se o Brazil tem um dia, em que póde dizer á face das nações—Eu sou independente—é sem duvida aquelle em que disser tambem aos Brazileiros—Vós tendes uma constituição—Embora, muito embora, o genio da conspiração, que, fatigado de estragos e de mortes, folga de resomnar sobre montões de cinzas ainda mornas, meditasse uma vez em sua colera arrancar-nos, por meio de rivalidades e rupturas funestas, da brilhante nomenclatura das nações livres, abafando o grito universal da nossa independencia. Embora, muito embora, senhores. A' seu despeito, e á despeito mesmo do seculo philosophico, que tem deixado o universo ao acaso, eu reconheço, em toda a marcha e concatenação dos nossos successos, essa Providencia reguladora dos destinos do homem. E' depois de uma lucta terrivel, e de barreiras, quasi insuperaveis; quando se julgava mesmo, que tinhamos tocado os ultimos periodos, que nós apparecemos livres, e apresentamos ao mundo dos homens liberaes o titulo pomposo da nossa regeneração politica.

E jámais em alguma outra parte poderiamos encontrar o balsamo suavisador á tantos males, fóra da constituição.

Da constituição, senhores, que é a marca da igualdade civica por sua justiça, a origem da prosperidade nacional por seus funda-

mentos, o correctivo da administração antiga por suas reformas, a vingadora das sciencias pela sua força, a norma da sociedade pelas suas doutrinas:

Da constituição, que é o sustentaculo dos direitos do homem, o epilogo dos deveres da nação, o alicerce da liberdade publica, a defensora dos particulares, o meio termo entre o absolutismo e a democracia pura, a barreira, que divide os poderes do Estado, o centro dos interesses communs, a muralha contra a violencia dos grandes, o apoio dos pequenos, o broquel contra a cabala dos aulicos, o codigo da regeneração dos povos, o titulo do homem livre:

Da constituição, que é a historia da justiça, a vida do corpo social, a manutenção da ordem, a recompensa dos benemeritos, o castigo dos infractores da lei, o chefe d'obra da philosophia, o apuro dos conhecimentos humanos, o equilibrio do monarcha, o esteio dos subditos:

Da constituição, que é o vigor, a estabilidade, a garantia, a protecção, o asylo das leis, do throno, da religião, da moral, dos cidadãos do Imperio....

Penns! Franklins! Washingtons! acabai o resto. Outro pincel despediria traços de morte-cor. Não ha nem palavras, nem tintas. Sente-se, mas não se exprime.

Graças aos Céos, senhores! Graças a mão benefica e providenciadora do Eterno! Um codigo, adaptado ás nossas circumstancias, vem fundamentar o edificio vistoso da nossa liberdade. A maioria das provincias o tem jurado já, e nós acabamos de estender a mão sobre o Evangelho, depositario das verdades do legislador supremo de todos os povos, e jurámos sustental-o, no jubilo expressivo dos nossos corações. O Céo recompensou-nos concedendo-nos a paz com todos os nossos vizinhos. *In omni....corde suo juraverunt.... præstitit que eis Dominus requiem per circuitum.*

Eu vou, por tanto, descrever-vos o estado de desventura, em que viviamos sem uma constituição. Primeira parte. A felicidade, que nos espera, tendo uma constituição. Segunda parte.

Nada de preambulos, nada mais de exordio. Sou Brazileiro, minhas intenções são tambem brazileiras, eu fallo á Brazileiros, (*) nada mais é preciso.

Verdade! Raio de luz! Luz mesma! dirige minhas idéas.

PRINCIPIO

A historia medonha da revolução dos imperios não é mais, do que um montão de atrocidades e de horrores, de que a humanidade

(*) Eu aqui não faço distincções: todos os Portuguezes residentes no Brazil, que tem adherido a nossa independencia, são Brazileiros pela mesma constituição, que nos rege.—Tit. 2, art. 6, parag. 4.

estremece. E quando um destino funesto me obriga a lançar mão do pincel para debuxar-vos o quadro luctuoso das nossas desventuras, a imaginação se me povôa de idéas tristes e pavorosas, que eu não posso proferil-as sem grande perturbação do meu espirito. E' um esforço, é mesmo um sacrificio, que eu faço. As oscillações politicas, as crises perigosas, que continuão a ensanguentar o solo brazileiro, não trazem a sua origem de outra parte, sinão da falta de consolidação de um systema, que reuna em um ponto central os interesses da nação toda inteira. Falta-nos o grande alicerce, em que deve estear-se o edificio.

E em verdade, Senhores, o que tem sido o Brazil sem uma constituição? O Paiz da suspeita e da desconfiança. Vejamo-lo no seu estado interno. As provincias vivem umas receiosas das outras, todas receiosas da côrte, a côrte receiosa do ministerio, e o ministerio receioso da côrte e das provincias. A intriga tem formado entre nós um desses labyrinthos tão vastos e tão tortuosos, d'onde não se póde sahir, ainda tendo nas mãos o sonhado fio de Ariadne. O homem, que se julgava benemerito, passa de repente do applauso á censura, e as vezes da censura ao desterro. Entre nós o signal mais certo de cahir dos empregos é ter subido á elles. Sóbe-se para substituir uma queda, e não se desce sinão por meio d'outra. As autoridades publicas parecem semelhantes ás nuvens, que se ajuntão, que se espalhão, que se dissipão mesmo, segundo a força e a direcção dos ventos. Não ha nada duradouro, nem estavel. A primeirá Assembléa teve a sorte dos primeiros governos. Parece, que por uma metamorphose, por um encanto sinistro fomos arrebatados a esses tempos terriveis dos tumultos da Grecia, aonde não valião as virtudes de Aristides, nem a eloquencia de Pericles, aonde o ostracismo era dado á Solon, e a cicuta offerecida á Socrates. A opinião publica tornou-se em opinião dos partidos, e as vezes é somente a opinião do dia. O vocabulo—Tranquillidade—perdeu-se dos nossos diccionarios. A guerra, e a anarchia excandescerão a physiognomia dos povos. Ha um terremoto politico em todas as partes do imperio. Os partidos formigão de tropel, chocão-se, e succedem-se, destroem-se, e multiplicão-se. A razão decide-se pela força, e o paiz encantado da constituição vai-se tornando no imperio das viuvas, e dos orphãos. Os abusos estão em collisão com as reformas. Destroe-se um crime, e ramificão-se novos erros. Ha um choque estrondoso da liberdade com o despotismo, porém ha outro da licença com a liberdade. Tem-se acreditado por uma illusão terrivel, que um povo só é livre, quando ultrapassa todos os limites, e quasi não se pensa mesmo que é este o methodo mais efficaz de lançar qualquer systema por terra, e de paralysar a prosperidade da nação. Fallemos claro, senhores. O Brazil está bem como esses grandes edificios de uma altura immensa, porem arruinados desde o cume, carcomidos deste lado e daquelle, que não apresentão aos olhos do artifice assombrado, senão paredes aluidas, fendas enormes,

zimborios quasi debruçados, e que não se sabe mesmo, por onde se deve principiar a reforma-los, por que se teme, que se esboroem de um golpe, e deixem esmagados debaixo do seu peso aquelles, que se atreverem a tocar-lhes. Ou se assemelha á um paiz povoado de pantanos, aonde o viajante vai sempre por cima de precipicios com um pé medroso e vacilante, julgando, que se vê enterrado no meio de sorvedouros eternos.

Mas desenganemo-nos: o microscopio politico das nações está fixo e attento sobre nós. A só idéa da nossa prosperidade basta para assustal-as. Teme-se o que nós podemos ser, por esse mesmo nada, que ainda agora somos. A nossa desunião desperta de novo os seus projectos, a nossa fraqueza augmenta a sua força, pouco lhes bastaria de pretexto, e este estado de vacillação e de inconstancia difficulta com justiça o reconhecimento da nossa independencia, e depois disto.... a nossa marcha será o seu thermometro.

E o que temos sido nós, na balança politica da Europa, sem uma constituição? Um povo, que passa de repente dos grilhões para o throno. Mas aonde a prosperidade, a segurança individual, a liberdade civil, não estenderão ainda as suas bases; aonde a educação tem sido victima de um desprezo affrontoso, e até a religião (tão pura em sua origem!) um aggregado de prejuizos funestos, desfigurado pela superstição e pela intolerancia. Um povo sem agricultura, sem commercio, sem navegação, falto de estabelecimentos, indigente nas suas mesmas riquezas, sem relações ainda, sem ter formado o seu espirito de nacionalidade, sem um titulo que affiance a sua emancipação, sem uma potencia, que se decida pelo seu systema, sem um norte fixo, ha pouco escravisado pelo governo absoluto, agora sustentando a monarchia temperada, depois impellido para os abysmos da democracia pura, degollando-se pela liberdade, e sem puder alcançal-a, combatendo pela constituição, e vivendo sem ella, entregue aos furacões da revolta, ensanguentado, e sempre vacillante.... Oh! Meu Deus! E um povo no meio de contratempos tão afflictivos, e tão aterradores póde dizer com singeleza á face da Europa, que lhe tem pertencido o nome de nação? Meu Deus! Eu reconheço em todas as nossas desgraças a força irresistivel da vossa Omnipotencia: sei, que ao mover da vossa portentosa sobrancelha os imperios do mundo gemem no seu abatimento: que ao vosso sopro desapparecem as nações: que os nossos crimes desafiarão vossas vinganças: que os calices da vossa colera tem-se derramado sobre nós: mas o sangue dos Brazileiros tem corrido, suas lagrimas tem innundado o pavimento dos vossos Templos.... Ah! dizei ao anjo destruidor dos imperios—Apaga o archote, que lhes abrasou as provincias; purifica o seu terreno; derrama a serenidade sobre elles; eu quero perdoar-lhes; basta: *Contine manum tuam.*

E com effeito, senhores, os nossos males vão tocando o ponto da sua declinação. A côrte, o Brazil, e a nação toda inteira, conta ainda, no brilhante catalogo dos seus heroes, um homem digno do

jaspe e dos marmores da posteridade. Espirito vivo e penetrante, genio emprehendedor e vasto, coração firme, e generoso. Grande, porque teve a sorte de o ser; benemerito, porque teve a ventura de fazer-se. Catholico, honrando o jugo da religião; politico, pesando as maximas do Estado: superior ás invectivas dos falladores do tempo. Desprezando a calumnia, é semelhante a Frederico. Sem pompa no meio da grandeza, que o rodeia, faz lembrar Pedro Grande. Laborioso e economico no recinto da sua familia. Apaziguado, e reflectido no meio dos tumultos. Elle nem se assombra pelo medo, nem succumbe pelo trabalho. Homem de molde para o seculo das constituições. Popular sem baixeza, valoroso sem ostentação, com a sua presença se dissipão todos os partidos. Nenhuma virtude deixou ainda sem premio, porque é justiçoso; muitos defeitos lhe escapão sem castigo, porque é humano. Tem-se esquecido mesmo de que é principe, para se lembrar de que é homem. Antes quer ser accusado de facil, do que arguido de severo. Tão generoso em perdoar, que os seus inimigos o tem julgado fraco. Ingenhoso nos seus planos, infatigavel nos seus designios, decisivo nas suas emprezas, rapido nas execuções, maduro em seus conselhos, soldado intrepido, chefe incansavel, pai do seu povo, estabilidade e apoio da nação, affavel, benefico, magnanimo.... Eu digo de uma vez. O Senhor D. Pedro I, perpetuo defensor deste imperio. Tal é a sua vida no Brazil, tal será o seu retrato na historia. Os revolucionarios tachão de lisongeiro este quadro, porém aquelles, que o não são, reconhecem nelle o seu original.

E' este, senhores, o heróe, que a Providencia destinou para salvar a nação. O monarcha vio a náo, a grande náo do imperio, entregue á tufões bramidores, no meio de mares grossos e empolados, velejando sem leme e sem governo: observou de perto os escolhos, em que se ia desmantelar de todo. Estendeu o braço, deu-lhe a carta, e lhe apontou o rumo. Os navegantes o seguirão, e já livres da carrancuda tormenta, forcejão unicamente agora para entrarem no porto. A allegoria é bem clara. Os povos estavão nas garras da anarchia. O Imperador offereceu-lhes um projecto. Quizerão salvar-se, e jurarão-no, como constituição do imperio; procurão agora sustental-a para serem felizes. Nós o podemos ser, é esta a-

SEGUNDA PARTE

As leis, que fundamentão os imperios, são as mesmas, que ou levantão a sua gloria, ou cavão a sua ruina. Revolvei, senhores, o pó das antiguidades mais remotas, voai sobre as azas da contemplação até ás primeiras epochas das nações barbaras, ou polidas, e vós encontrareis esta verdade na experiencia e na historia. Thebas docilisou-se pelas instrucções de Cadmo. Creta vivia na moleza e no luxo, e tornou-se virtuosa, quando Minos foi seu legislador, A austeridade é o caracter de Athenas, se recebe suas leis de Dra-

ção. O codigo de Lycurgo é o codigo de Esparta, e ella se torna sobria e circumspecta. O Areopago foi justiceiro com a legislação de Solon. Appareceu Augusto, as artes e as sciencias illuminarão os Romanos. Legislou Mahomet, a ignorancia e as trevas cahirão sobre os sectarios do Alcorão. E é deste modo que os povos são desgraçados, ou felizes, indigentes, ou poderosos, pacificos, ou guerreiros, illuminados, ou barbaros, segundo a sua legislação e o seu governo.

Firmados na estabilidade de principios tão solidos e incontrastaveis, que brilhante montão de imagens! Que galeria magestosa de bens se apresenta ao meu espirito assombrado! Ah! Se o cunho do absolutamente perfeito podesse convir á alguma obra do homem, elle pertenceria sem duvida a monarchia temperada. Dias de gloria, vós ides despontar entre nós. Pela constituição, senhores, a prosperidade do Brazil póde ir além do todo o calculo, e nós não teremos, que invejar os seculos de triumpho, em que os Portuguezes domarão o Oceano, romperão affoitos o Atlantico, vencerão o Mar Ethiopico, assombrarão o Malabarico e Synico, e passando intrepidos por entre as vagas arrogantes do cabo das Tormentas, surgirão muito além do Ganges, cobertos de loiros e victorias. Não. Nossas vantagens, nossos feitos, depois de uma administração, bem regulada, podem mesmo tornar-nos um modelo entre os povos mais illustrados do Globo. Taes serão os futuros destinos do Brazil.

Sim, eu vejo nascer esta nação pela força das armas: eu vejo-a constituir-se á luz da sabedoria. Ao seu nascimento presidio o valor: á sua reforma tem presidido a prudencia. Nas provincias destróe seus inimigos: na capital reforma seus abusos. Ao grito —Independencia—brilhão as armas daquelles que a defendem: ao grito—Independencia—brilha o patriotismo daquelles que a regenerão. Ella tem no seu coração um monarcha emprehendedor: ella terá na successão dos tempos soberanos intrepidos. A constituição disse ao primeiro—Sejamos independentes por justiça—A constituição dirá aos ultimos—Sejamos independentes por constancia—A liberdade servio de base á nação, e isto se executa, quando o imperio começa. A liberdade ha de ser o esteio da nação, e isto acontecerá, quando o imperio dilatar-se. Pedro I firmou a nossa gloria, dando-nos um codigo politico. Seus successores firmarão nossa grandeza, sustentando esta carta da nossa emancipação. A constituição faz do primeiro um monarcha legislador: a constituição fará dos ultimos monarchas inconquistaveis. Com ella ha mais um degráo para a virtude: sem ella ha mais um passo para o crime. Com ella os guerreiros já não passão de heróes: sem ella os pacificos podem ser despoticos. Sem ella o que é justo deseja o bem, e não alcança: com ella o que é perverso quer o mal, e não póde. Um principe, sem uma constituição, não sendo um Santo, é quasi sempre um ty-

ranno; um principe com uma constituição, seja embora um tyranno, elle governará como um justo.

Oh! patria! Oh! minha amada patria!... Oh! patria!... (Repetirei cem vezes o teu nome,) abre os teus olhos desmaiados, e turvos, e fixa-os attentamente na gloria e na prosperidade dos teus filhos. Daqui tu verás o braço robusto do agricultor fatigado arrotear teus campos inuteis e malfadados até agora, e de repente borbulharem os fructos: as pallidas espigas, lourejando em suas hastes, serão agitadas por uma viração suave. Dá mais um passo adiante: no meio desta grande praça, que tu encontras agora desprevenida e solitaria, apparecerá depressa o marmore soberbo, e um padrão magestoso, que se perca entre as nuvens, será erguido á tua independencia: a historia de um povo livre adornará seu pedestal dilatado, e o nome dos benemeritos da patria lhe servirá de base. Sobe comigo ao cume dos teus montes, alonga as tuas vistas, e admira a galeria famosa dos teus edificios soberbos, que alvejão de longe, levantando suas torreadas cabeças. Este lugar, que pisas já está destinado a ser o athenêo consagrado á Minerva: aqui um magisterio respeitavel dará suas lições á mocidade: daqui sahirão teus Xenofontes, daqui mesmo teus Demosthenes e teus Ciceros, que trovejando nas tribunas da patria, hão de sustentar teu renome, e tua liberdade. Daquella parte fica a morada de Astrea, nesse asylo sagrado, que é o santuario da justiça, não apparecerão jamais facinorosos felizes, cobertos com a toga digna dos senadores romanos, e o sexo melindroso, a quem a natureza fez fragil, e a fragilidade faz timido, não virá na sua orphandade ou viuvez soffrer a enfunada carranca do indifferentista, e o sorriso venenoso do lascivo. Deste lado florescerão todas as artes, o merito não gemerá na penuria, o genio medrará á sombra da prosperidade publica, tu contarás teus Homeros, e teus Camões, e a turba canora dos teus Cysnes se escutará nas brancas margens do teu Capibaribe. Desta parte se erguerão o commercio e as fabricas, daquella a navegação, daquell'outra....

Sombras illustres dos nossos maiores! Honrados paes dos Brazileiros! Apparecei-nos agora. Frias entranhas da terra, abri-vos, deixai passar a turba respeitavel dos meus antepassados. Geladas cinzas, carcomidos ossos, que jazeis encerrados no sombrio sepulcro, ah! reanimai-vos uma vez. Sahi do reino tenebroso da corrupção, rompei por entre as trevas somnolentas da morte, levantai as venerandas cabeças fora do vosso tumulo, espalhai brancas flores em torno desta morada de lucto, vinde, sim, vinde testemunhar a nossa gloria. Vêde os vossos filhos, vêde este povo heroico e generoso, a quem o despotismo tinha feito escravo, já entrando por seus esforços na carreira illustre dos povos independentes. Attentai no quadro lisongeiro da nossa prosperidade futura. Vêde, cheios de admiração e de jubilo, já reunido o senado brazilico, contemplai na Assembléa deste povo rei o circulo respeito-

so dos paes da patria: vêde em grupo os sabios da nação.... As côrtes legislativas estão juntas, prestou-se o juramento, o codigo da liberdade está aberto, o patriotismo lhes dirige as pennas, firmou-se agora o primeiro titulo da nossa emancipação. Lêde, somos livres, já não somos colonia—Basta. Sombras dos nossos paes! Nós estamos libertos, voltai contentes outra vez ao sepulcro. Tremei, inimigos do Brazil!

Ah! Eu devia terminar aqui, senhores; mas uma visão repentina ferio agora os meus olhos, e eu vejo um homem venerando, que menos pelos seus annos, do que pelo seu ar de franqueza, sua modestia, e por seu talhe circumspecto parece ter em sua face o cunho da probidade: eu o vejo rodeado de legisladores, e é legislador elle mesmo. Mas n'um tempo, em que o crime toma as côres da virtude, eu temo ainda assim, senhores, não esteja alli o despotismo, e seus satelites. Tal vez seja aquella reunião um desses tribunaes, em cujas forjas, sempre accesas, se caldeião ferros enormes para algemar a humanidade. Póde ser que este homem.... enganei-me, senhores. Aquelle é Washington, está no meio da Assembléa regeneradora dos Estados-Unidos. Eu te rendo minhas homenagens, philosopho inimigo dos despotas! Socio do immortal Franklin, que subio á região dos meteoros, e lhe roubou o raio, desceu ao throno dos tyrannos, e lhes arrancou o sceptro. Eu te saúdo, libertador da patria! Vingador dos direitos do homem! Genio tutelar das republicas! Washington não é pois uma testemunha suspeita: escutai-me portanto. Quando se trata nesta grande Assembléa de deixar ultimamente, depois de discutido, passar o projecto de constituição, como lei fundamental dos Estados-Unidos; um patriotismo exaltado, além das suas balizas, um amor de perfeição chimerica excandesceu a maioria dos representantes de um povo tão heroico. Folhea-se, debate-se, analysa-se o codigo, e julga-se mesmo, que elle não honra a philantropia daquelles, que o fizerão, nem a nação liberrima para quem trabalharão. O enthusiasmo vence a politica, a eloquencia triumpha da razão, as theorias brilhão mais, do que a pratica, o partido mais solido é o menos victorioso, a discordia toma o logar do raciocinio, aproximão-se os votos, e vai-se regeitar o projecto. Washington, o grande Washington, vê de um lance a guerra civil aguçando os seus punhaes, e os abysmos devastadores da anarchia abertos para engulir a patria. Elle toma a força, e o electricismo do raio, desprende sua vóz imperiosa e robusta, e ao brado aterrador do philosopho estremece o collegio politico. Um só raciocinio, uma palavra só, salvou a nação por uma vez.—O absolutamente perfeito (diz elle) não se conhece entre os homens: esta constituição está defeitosa, mas é melhor, que os Americanos a tenhão, do que fiquem sem nenhuma — Brazileiros! O capricho cedeu á força da razão, e o projecto passou a ser desde logo a grande carta dos Estados-Unidos.

Foi com esse mesmo codigo, que se pretendeu regeitar, que os

Americanos firmarão, por uma vez, a sua independencia; que o seu paiz tornou-se o paiz classico da liberdade; que se livrarão dos horrores da anarchia; que sacudirão o despotismo europêo; que elles tem feito a nação mais poderosa do globo; que rivalisarão com os povos mais philosophicos; que concluirão, o que a França não alcançou, e entrarão solemnemente na lista e na alliança das nações. Pelo contrario se elles abandonassem este monumento raro da sua emancipação, destruidos por suas rivalidades, agitados por facções, bracejarião no meio da matança, serião victimas da sua mesma fraqueza, cederião aos planos dos ambiciosos, receberião suas leis do mais forte, arrastarião os ferros de uma escravidão affrontosa, serião revolucionarios, mas nunca independentes; e abafados por uma nuvem caliginosa de vilipendios, deixarião de ser um povo, uma nação, uma republica, e passarião a ser unicamente um punhado desprezivel de escravos macilentos e timidos, retalhados pelo demonio da anarchia, e conduzidos ás cruzes, fogueiras medonhas do despotismo.

Brazileiros! Dir-se-ha, eu me explicarei melhor, tem-se já dito, e vós sabeis quem, que a constituição, que nós acabamos de jurar, não tem esse implemento, esse cumulo *da grande liberdade*, que convém á dignidade do imperio. Se ella fosse defeituosa, era melhor do que nenhuma; e se fosse mais livre do que é, era a mais defeituosa de todas, salvo para os atrabilarios, que julgão, que a melhor constituição de um povo está na guerra civil. Praza aos Céos.... quem me dera agora a vóz do bronze!... Praza aos Céos, que nós a sustentemos!!! Se o concluirmos, seremos Brazileiros, e nunca Portuguezes, e de outro qualquer modo seremos tudo, menos Brazileiros.

Reunidos, pois, n'um só povo e n'uma só familia, derramemos os affectos da nossa alma á face dos altares sacrosantos do Pae Universal das nações, e mandando nossos hymnos com os enrolados turbilhões do incenso, peçamos-lhe a tranquillidade da nação brazileira, a continuação da augusta e imperial dynastia, a estabilidade da constituição e da Assembléa, as luzes para o ministerio, porque nós reconhecemos seu immenso poder, e louvamos sua excelsa grandeza. *Te-Deum, laudamus, Te Dominum confitemur.*

PELO ANNIVERSARIO NATALICIO

DA

PRINCEZA IMPERIAL A SR.ª D. JANUARIA

No Te-Deum na matriz de Santo Antonio, a 11 de Março de 1836 (*)

Habetitis hunc diem in monumentum: celebrabitis eum solemnem Domino in generationibus vestris cultu sempiterno.

Seja sempre este dia memoravel para vós: celebrai-o de geração em geração com uma festa solemne, e um culto perpetuo em honra do Senhor

Exod. cap. XII v. 14.

Se me fosse dado reunir o que o raciocinio tem de mais solido, senhor! se me fosse dado reunir, disse eu, o que o raciocinio tem de mais solido, a eloquencia de mais pathetico, a historia de mais brilhante, a philosophia de mais profundo, as sciencias de mais raro, eu o faria, senhores, nestes apreciaveis momentos. Se me fosse permittido emparelhar com os grandes genios, que nos deixarão, em seus quadros vividouros, marcados os acontecimentos sublimes de seu tempo, eu tomaria as tintas; ergueria o meu braço; e o meu pincel, agitado pelo enthusiasmo, iria de prodigio em prodigio: novas idéas, novos traços, novas cores, novas sombras, um estylo novo deixarião no Brazil, minha patria, um quadro historico deste dia singular, e mesmo extraordinario.

(*) Este pequeno discurso, que deve ser olhado como um improviso oratorio, não pode resistir á severidade da analyse, e sou eu o primeiro a reconhecer as suas incorrecções. Esboçado num espaço brevissimo, entre dissabores, enfermidades e melancolia profunda; no meio de distracções involuntarias e trabalhos de meu ministerio; elle sahe do pulpito para a typographia. Os nossos oradores, em attenção á rapidez do periodo, que se lhes marcou, não se quizerão incumbir de tão grave tarefa, e eu que a regeitei quatro vezes, assim como me resolvi depois a ir pronunciar este discurso, cedo agora á sua vulgarisação. Se, supposta a minha reconhecida nullidade, commetti dous erros; não me resta mais do que a indulgencia dos entendedores.

Ha momentos, em que o homem, verdadeiramente brazileiro, não póde deixar de abrir o seu coração á esperança. Uma alma de gelo sentiria os effeitos do galvanismo, e se poria em acção. Ha objectos tão grandes, tão transcendentes em si mesmos, em suas circumstancias e em suas relações, que os nossos pensamentos correm de tropel para elles, sem esforço e como por um instincto. O heroico motivo, que nos congrega no recinto magestoso do templo, e em torno dos altares thuricremos do Cordeiro virgem, é desta natureza, senhores!

Nada vejo tão importante, tão vasto, tão magnifico!

Celebrar curvados á face do Immortal, que regula os imperios, e destroe, ou renova, á seu arbitrio, a successão dos principes; celebrar, tinha eu dito, os annos virtuosos da innocente filha dos Cezares, da neta de Francisco I, da sobrinha de Maria Thereza, da descendente illustre de José II, do ramo augusto do Bragança e da antiga estirpe dos soberanos da Hespanha, da imitadora das Izabeis e das Mafaldas, da filha do fundador do imperio, da irmã do segundo Imperador do Brazil, da successora da corôa, da herdeira presumptiva do throno, da serenissima princeza imperial, a senhora D. Januaria Maria; é isto, senhores, dar ao universo um testemunho brilhante da nossa adhesão ao Imperador e á constituição do Brazil.

Solemnisar deste modo os seus annos é reconhecer a Providencia na successão dos monarchas, buscar a religião para os tornar felizes; unir os interesses do estado com a santidade do culto, invocar o Eterno para o achar propicio, e referir o bem á origem donde elle dimana.

Solemnisar os seus annos é desejar, que os seus dias se dilatem; que os infortunios não ousem perturbal-a; que a natureza lhe prodigalise suas graças; que a innocencia se ligue com os seus encantos; que a prosperidade a entretenha docemente; que a beneficencia a dirija, a virtude a proteja, a religião a illumine, e o Céo a cubra de benções.

Solemnisar os seus annos é felicitar a nação por uma nova garantia; é dar consideração á familia dos augustos orphãos; buscar a estabilidade das nossas instituições; firmar a dynasnastia imperante; pôr mais um esmalte no diadema do Estado; exprimir os votos dos que amão a nação; sustentar o equilibrio publico; oppor barreira ao crime; promover a prosperidade; banir a anarchia ; manter a justiça, a rectidão, a liberdade, as leis, a paz, o monarcha, a segurança, o imperio, a independencia, a constituição, a ordem, os Brazileiros, a patria....

Faltão-me as tintas, perturbão-se as idéas, eu confundo as imagens, não sei produzir o que penso, a mão treme, o pincel cahe, e o quadro ainda fica imperfeito. Eu disse muito. Eu não disse o que basta.

A' vista, senhores, do esboço ligeiro, que acabo de fazer-vos, eu

irei limitar-me á esta idéa unica. A continuação da existencia da serenissima princeza imperial, os annos desta herdeira presumptiva do throno, serão sempre para o Brazil um signal de felicidade e segurança. Seja, por tanto, este dia memoravel para vós; celebrai-o de geração em geração, dedicando-o ao Senhor com uma festa solemne e um culto perpetuo. *Habebitis hunc diem in monumentum: celebrabitis eum solemnem Domino in generationibus vestris cultu sempiterno.*

Halito do Eterno! Graça vencedora! desenvolve o discurso do orador, e será tua lingua a do ministro.

Excellentissimo e reverendissimo senhor! Illustrissimo e excellentissimo senhor presidente! o objecto reclama por si mesmo a consideração de vossas excellencias, eu a imploro, e

PRINCIPIO

A existencia de qualquer principe, que póde subir ao throno, não deve ser um objecto de indifferença para um povo, que ama a liberdade; e em quanto o vulgo inexperto e insensato se occupa unicamente com applausos estereis, vai mais longe o olho indagador do philosopho; e o cidadão religioso levanta suas mãos ao Céo, e pede ao Immortal, que impera sobre os reis, que esse principe seja justo. (*). Da mesma sorte a successão da dynastia imperante n'um Estado monarchico representativo, como o nosso, é um dom celeste, que se derrama do alto, e que lhe promette prosperidade e segurança.

E' verdade, senhores, que, á excepção da princeza imperial, nós temos outra successora do throno; porém sem mais este penhor, sem termos mais esta garantia, nós receiariamos ainda a fatal destruição da linhagem augusta, com quem se achão ligados todos os nossos destinos. E que estado de perplexidade e de temor seria o nosso, se a mão do Invisivel restringisse unicamente a fecundidade da primeira imperatriz do Brazil á um unico herdeiro? Direi mais: a duração dos principes brazileiros no estado vacillante e tempestuoso, em que se nos apresenta a patria, é sem duvida um rasgo decidido da Providencia, o mais solicito e especial sobre nós; e a serenissima princeza é um desses anneis na brilhante cadeia da successão do imperio. Ah! e que poderiamos nós pensar da alluvião de

(*) La naissance d'un enfant, qui doit regner, est un grande évenement pour une nation. Ce moment décide peut-être si un peuple entier, pendant quarente ans, doit être heureux ou malheureux; et tandis que le peuple, qui n'a jamais que la pensée du moment, entoure avec des beneditions le berceau d'un enfant, le citoyen sage et sensible leve ses mains au ciel, et demande á Dieu que cet enfaut soit juste. (Mr. Thomas.)

desgraças, em que inevitavelmente seriamos submergidos, se o Omnipotente abrindo, e revolvendo os thesouros formidaveis da sua colera, dissesse ao Anjo exterminador ao lampejar do raio: " Desce aos unicos principes da America, o bafo da destruição os toque, entrem para a solidão do sepulcro ? "

Scena espantosa !... Perspectiva medonha !....

Estas reflexões melancolicas, senhores, vierão assaltar-me em cardume, apenas me resolvi a apparecer diante de vós; mas eu hesitava taciturno. Minha alma succumbia ao peso e ao tumulto destas idéas ; e se eu ensaiava minhas expressões para fallar-vos, eu mesmo murmurava um sóm confuso e perturbado, e os pensamentos vinhão expirar sobre os meus labios, sem o auxilio da palavra. Eu receiava exprimir-me, e tinha resolvido firmemente entregar esta materia ao silencio. De subito uma vóz interior, um grito, que se me arrancou do mais intimo, moveo e abalou meu coração. Era a consciencia, a consciencia, que erguia o seu tribunal para accusar-me, e eu estremeci ao seu brado, mais forte e mais medonho, do que o estalo do trovão. " Fraco ! soou aos meus ouvidos, fraco ! Não és tú Brazileiro ? Pódes julgar, que te sejão injustos os homens virtuosos, que terão de escutar-te ? A pusillanimidade entrará na tribuna sagrada, e o ministro do Evangelho será mais timido, do que o mais ignavo e imbelle de todos os homens ? Solta a tua vóz. Deixa o passado, não lhes digas nada do presente, falla-lhes ao menos do futuro. " O rubor cobrio então o meu rosto, e eu me disse á mim mesmo : " Sim, eu farei soar n'um grande ajuntamento a minha vóz, amortecida e quasi extincta pelos trabalhos, debilitada por uma velhice prematura, occulta nos desgostos da solidão e do retiro, e desconhecida, já de muito, nos pulpitos da minha patria. Eu lhes direi duas palavras, e emmudecerei sobre o resto. "

Senhores ! sem o throno deixaremos de ter constituição, sem um, nem outra, deixaremos de ser Brazileiros.

Mas felizmente em quanto as amestradas paginas da historia, ou antiga ou moderna, nos apresentão nações, bracejando no meio da carnagem, arremeçadas ao phrenetico turbilhão da anarchia, desapparecendo da brilhante nomenclatura dos povos livres, o Brazil se conserva, e escapa ainda aos ultimos furores da devastação, á sombra suave e bemfazeja do seu segundo imperador, e da innocente e resumida familia, que o rodeia. Semelhante ao iris multicor, que á vista dos negros e procellosos horisontes levanta sobre as nuvens sua cabeça orvalhada, e forma nos céos um circulo risonho em signal de segurança e de paz, a serenissima princeza imperial é para nós um penhor, que no meio das sombras, que nos abafão, afiança a nossa estabilidade politica.

Perdoai-me, senhores, se contra as regras d'arte, n'um dia, que deve ser todo de jubilo para vós, escaparem ao meu pincel alguns toques, furtados á melancolia. Perdoai-me, se eu particularisar demasiado, e descer á circumstancias, que encherão de amargura o co-

ração da princeza imperial. E' necessario, que algumas sombras avivem o seu quadro, e que eu vol-a represente como ella é em si mesma, terna, humana, affavel, prudente, circumspecta e caridosa, por isso que os seus grandes revezes a tem amadurecido na adversidade, e são para ella um grande livro.

Sem duvida, se o infortunio é a escola das grandes almas; se desastres extraordinarios e impensados podem amestrar os principes, rasgar aos seus olhos deslumbrados pela grandeza o véo do orgulho, ou do prestigio, que os rodeia; humilhal-os em todo o seu esplendor; e, ao travéz dos mantos reaes, fazel-os conhecer, que a humanidade lhes pertence, que elles tem semelhantes; que o ultimo dos seus subditos exige seus cuidados e suas lagrimas; ah! senhores, eu não vejo, eu não conheço pela historia, eu não descubro no meio dos acontecimentos estranhos e terriveis do seculo assombroso, em que nos coube existir, muitas princezas, que recebesssem tantas lições ao mesmo tempo.

Tudo, o que era capaz de a instruir, se tem apresentado ás suas vistas. Cada uma pagina da sua historia vai sendo bordada por epochas, tão novas e tão sentimentaes, que despertão e commovem o coração mais frio.

Ella não tinha completado ainda um lustro, e foi arrancada das caricias e dos braços de uma mãe virtuosa. Os seus primeiros sorrisos se molhão e se misturão com o pranto. Ella vio esconder-se nas noites melancolicas do sepulcro, entre as lagrimas e as benções de um povo generoso e sensivel, éssa mulher de caridade, cujo coração mais sublime, que o throno, era tambem mais amplo, que o universo. Desabrigada das doçuras e do bafo materno, entregue á direcções estranhas... ah! que o lucto dos séus primeiros dias erão o presagio de novos acontecimentos!

Corre mais outro lustro, e um turbilhão politico mais forte e mais terrivel, do que o mar batido e cavado pelo redemoinho voraginoso dos ventos e das tempestades, engolio em seus vortices o fundador do imperio. A augusta princeza em vão buscava nesses momentos seu pae, pelos desertos e solitarios salões de S. Christovão. Em vão perguntava por elle, fervendo-lhe as lagrimas nos olhos innocentes, e com um rosto, aonde começavão a despontar as graças da natureza virgem, mas aonde se pintava a pallidez e o susto. Timida e espavorida, lançando suas vistas errantes para o mar, ella o ia descobrir apenas dos empinados torreões do paço, já no meio das ondas; e vendo fluctuar sobre a náo um pavilhão estrangeiro, que o afastava da America, sua alma, como que se despegava e fugia pelos seus olhos para ir derramar-se toda inteira no coração do illustre fugitivo; e ella só deixou de o contemplar, depois que o lenho, engolphado nas ondas, se divisava apenas, como uma pequena mancha, perdida no horisonte.

No seio de uma familia retalhada pela dor, tudo era extraordinario para ella, tudo mudava de scena, tudo era instructivo.

Abrirão-se-lhes tod os os fastos das desgraças humanas. Aos prestigios da realeza, e ao tumulto dos cortezãos, succedia a expressão do lucto e o silencio dos tumulos. A monarchia era aos seus olhos um cadaver já corrupto, e só coberto por algumas flores.

A' este periodo de afflicção vem unir-se outro bem depressa.

O principe transportado para o velho mundo é semelhante ao meteoro, que inflammado no coração da procellosa nuvem, fuzila, devora e desapparece. O duque de Bragança chega, triumpha e morre. As noticias, que nos trazem suas victorias, são quasi as mesmas, que nos dizem, que elle já não existe.

Desde então senhores, a princeza imperial, esta virgem nascida debaixo da purpura dos reis, instruida por tantas desgraças e abrolhada de tantos infortunios, tem aprendido, por si mesma, a amar os infelizes. Desde então sem ter paes, sem avós, sem protectores, sem apoio, isolada, no meio de uma familia fraca, orphã e rodeada de orphãos, cheia de angustias, minada de temores e de sustos continuos, sem outras armas, que não, sejão um sorriso, ou as suas lagrimas; pertencendo á um sexo, que a natureza fez fragil, e a fragilidade faz timido; na infancia mais tenra e delicada; tão pura, como um anjo, tão debil, como a flor; n'um imperio, que se assemelha em seu gyro e circumvoluções politicas ás ondas de um mar vasto e turbulento; a linda joven não póde achar outro asylo, não tem outro soccorro, que não seja a fidelidade e a ternura desta nação generosa, a quem ella pertence.

Nós somos a sua familia, o seu destino está em nossas mãos: a patria, que nos acolhe, é tambem a mesma, que ouvio bater seu coração, e a sentio respirar pela primeira vez. Nós somos seus irmãos; somos mais, Brazileiros! Esta princeza é nossa filha, estes orphãos, estes pupillos desgraçados, vivem pela nossa compaixão, respirão pelo nosso desvelo. Nós temos de responder pela sua existencia á humanidade, que nos invoca, ao Brazil, que os reclama, á Europa, que nos espreita, á historia, que nos julga, e á posteridade, que nos não perdoa.

Sim, é em prova desta adhesão, desta generosidade, deste amor, que lhes consagrão os povos, que a princeza imperial tendo chegado ao decimo quarto anno do seu natalicio, vai, como successora á corôa e herdeira presumptiva do throno brazileiro, prestar seu juramento a grande carta da nação.

Filha dos principes, a lei vos chama. Herdeira de Pedro II, a Assembléa vos espera. Orphã imperial, a nação vos quer, e vos adopta. Princeza, eu vos felicito. Ide, entrai, no meio dos vivas dos vossos concidadãos e das congratulações da vossa patria, do grito universal do regosijo publico, dos sentimentos de ternura, que exhalão tantos corações sensiveis; entrai no santuario das leis; o circulo venerando dos paes da patria vos applaude e vos corteja. O Evangelho e a constituição estão abertos, estendei vossa mão, jurae... princeza!....

Amais vós os Brazileiros? Elles são meus irmãos, e eu os olho, como meus protectores.

Quereis a constituição? Meu pae foi quem a deo: sua alma está toda inteira neste codigo.

Deus vos escuta! e a sua religião requer de vós um grande juramento!.... Ella tem sido o patrimonio dos meus, e eu lhe pertenço desde o primeiro Affonso.

Jurais fidelidade? ... mas.... a quem? a Deus, ao imperador, á côrte e a nação, princeza?

Retumbe a vossa vóz em todos os angulos do imperio. Penetrem vossas palavras o ouvido de todos os reis. Nós vos felicitamos. Nós vos cobrimos de bençãos. Completai, completai o vosso juramento.

Senhores, esta recordação suave deve banhar-nos do mais doce prazer, e é uma circumstancia, assaz recommendavel, para celebrarmos os annos de sua alteza imperial, a senhora dona Januaria.

E' ella a primeira Brazileira da sua jerarchia e da sua casa, que tem de jurar o pacto fundamental da nação. Não é uma planta exotica, que se traslade para outro terreno. Não é uma entidade ambigua no Brazil, que tendo uma patria, procure adoptar outra, e sobre quem recaião suspeitas e temores.

Ah! E como poderemos nós ser indifferentes á este grande espectaculo?

Abramos o nosso coração á um jubilo, verdadeiramente dôce e fraternal. Nenhum temor, nenhuma sombra perturbe este dia benefico e risonho. Surja, surja muitas vezes sobre os nossos horisontes, e seja sempre para nós, como uma festa de familia.

Tocados dos sentimentos mais puros de gratidão, offereçamos ao Immortal, á face dos altares, canticos harmoniosos.

Sim, supremo sacerdote, segundo Aarão,novo Melchisedech,ungido do Senhor, pontifice de Olinda, não dilateis por mais tempo nossos ardentes votos. Com a pomposa magnificencia das sagradas vestes, revestido dos paramentos santos,curvados ao peso do brilhante humeral, fazei fumegar o thuribulo com o grato perfume do cheiroso thymiama. Confundidos com os grossos turbilhões do vapor do incenso, subão, voem os nossos hymnos ao throno do Cordeiro sem mancha. Embocai o doirado clarim, não para esboroar as fortes muralhas da invencivel Jericó, bem como os antigos Levitas, porém sim para pedir a tranquillidade e a união dos Brazileiros, a continuada existencia da dynastia imperial, a estabilidade das nossas instituições: para confessar a magestade e omnipotencia do Deus dos cultos e Senhor das nações e repetir-lhe com os sentimentos do christianismo em peso:

Só tú és credor de elogios do mortal. A immensidade da tua essencia, a elevação da tua gloria, o brilhantismo do teu throno, a grandeza das tuas obras, a independencia do teu ser, a extensão do teu dominio, a igualdade da tua justiça, o esplendor, que

te cerca, as perfeições, que te adornão, os anjos, que te obedecem, os abysmos, que te temem, tudo, tudo exige de nós os teus devidos louvores: nós te bem dizemos. Ao teu aceno terrivel os Céos estremecem nos seus eixos. Do teu assombroso diadema cahio essa familia de astros; vôas sobre as azas do relampago, e suspendes no ar a tempestade: o teu sopro accende, ou apaga o raio, e aos teus olhos os céos são um atomo, a natureza um ponto, as creaturas um nada. Nós reconhecemos o teu poder, louvamos tua grandeza. Persuadido de tantos prodigios, José exalça o teu nome no Egypto; Abrahão estende-o até Canaã; Moysés celebra-o no deserto; David canta-o na Palestina; Daniel publica-o em Babylonia; Elias prega-o em Samaria; Loth conserva-o em Sodoma; os patriarchas o respeitão; os prophetas o annuncião; e todos nós o confessamos. *Te-Deum laudamus, te, Domine, confitemur.*

Finalisei, senhores; affirmo-vos, que não prego mais. (*)

(*) O orador, apezar da pouca extensão deste discurso, parou tres vezes fatigado, soffrendo faltas de respiração, effeito do seu estado valetudinario; e estas ultimas expressões forão devidas ao seu padecimento.

SOBRE A CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA

(NA IGREJA DA CONCEIÇÃO DOS MILITARES) (*)

Salmon autem genuit Booz de Rahab.

E' do Evangelho presente.

O nome de Rahab, entrelaçado na arvore genealogica da mais augusta princeza, da mais bella e engraçada filha de Israel, senhores! O nome de Rahab, disse eu, entrelaçado na arvore genealogica da mais augusta princeza, da mais bella e engraçada filha de Israel, recorda um acontecimento assombroso e extraordinario, lembra a mais terrivel das nossas desgraças, e pinta ao mesmo tempo com as cores mais vivas e energicas o triumpho assignalado e perfeito de Maria no primeiro instante do seu ser.

Josué, senhores, tentou subjugar Jericó, e ao som pavoroso das trombetas, que os Levitas embocárão, desmoronou-se a cidade: o exercito, talando a praça dos sitiados, degollou então todos os seus habitantes: as chammas devorárão depois o que o ferro deixou de destruir; porém no meio deste horror, deste incendio voraz, deste estrago irreparavel e commum, só o domicilio de Rahab, ella só, e os

---

(*) Esta publicação foi dedicada ao exm. brigadeiro José da Silva Guimarães, então major graduado do estado maior, e ajudante de ordens do commando das armas desta provincia, por meio da seguinte carta:—Illmo. Sr.—*Honrou-me V. S., permittindo, que pronunciasse o discurso na manhã da sumptuosa solemnidade da nossa commum Padroeira, immaculada em sua Conceição; o desprazer, porém, que deverá causar a V. S. a inesperada enfermidade, de que fui assaltado, bem poucos dias antes; o desanimo, que deverá sentir com a minha apparição no pulpito, supposto meu estado de languidez e quebramento de forças, exigem agora, que para suavisar-lhe esse desgosto, de que fui causa involuntaria, tome a liberdade de offerecer-lhe impressa a oração, que recitei. Os professores, que se incumbirão do meu restabelecimento, privarão-me absolutamente do estudo e da meditação; e posso affirmar, que este pequeno discurso fez um ponto notavel na minha carreira oratoria, não por aquillo, que eu disse, mas pelo esforço que fiz para o dizer*

Digne-se pois de dar acolhimento a diminuta offrenda, que consagro a V. S. O orador não é digno de apreço, mas é credor de toda a contemplação o objecto, a que se dirigirão nossos cultos.

Tenho a honra de considerar-me — De V. S.— Capellão muito grato e submisso — Francisco Ferreira Barreto.

que existião com ella, forão isentos da colera e da destruição do vencedor.

Imagem cheia de expressão! Quadro magnifico e fiel.

O clangor das trombetas recorda o momento do assalto e da invasão do primeiro peccado contra o genero humano. A cidade já desmoronada, representa a innocencia do primeiro homem destruida de todo. Josué e seu exercito, apoderando-se de Jericó, figuravão a continuação da culpa de origem, com a torrente de todas as suas desgraças. Os invadidos e os mortos, somos nós, senhores. O domicilio de Rahab é o ventre materno, que encerrou a Maria. Rahab finalmente, salva e illesa do incendio, e da carnagem, com aquelles, que existião com ella, eis a grande virgem, salva, no corpo e no espirito, pura, na massa terrena, e em todas as potencias da sua alma, sem mancha, candida, innocente, intacta, privilegiada, sublime, feliz, bemdita, triumphante, victoriosa, e unica, unica no meio das ruinas e da contagião universal: *Salmon autem genuit Booz de Rahab.*

Nesta passagem se comprehende o homem, a serpente, a tentação, o peccado, a nossa queda, e o triumpho da Graça.

Aqui temos tambem o privilegio inaudito de Maria; Maria, senhores, o abysmo de todas as grandezas, o centro de todos os prodigios, fóco de todas as perfeições, receptaculo de todas as bençãos, mar profundissimo de todas as virtude; Maria, aurora que doira e purpurêa os Céos nos horrores das trevas, terra sacerdotal isenta de tributo, balsamo restaurador das forças e da vida, palma elevada sobre as eminencias de Cadés, terebintho formoso, cedro copado sobre as alturas do Libano, cinamomo virente e florido, formosura do Carmello e do Hermon; Maria, nova Bethsabéa por sua dignidade, Raquel por sua belleza, Abigail por seu esforço, Resfa por seus soffrimentos, Jael por seu valor, Judith por sua victoria, Sunamites por seus encantos, Noemi por sua humildade, Ruth por sua gratidão, Sara por suas virtudes; Maria, Iris de paz, flor de José, arca sobranceira ao diluvio, çarça incombusta, luz suave, empenho da Graça, esforço da Omnipotencia, assombro dos Céos, esperança da terra, pasmo da natureza, epilogo da sabedoria, crystal limpidissimo, mulher suprema, filha augusta, esposa illesa, mãi virgem, virgem a mais santa, protectora zelosa e efficaz, medianeira, triumpho nosso, nosso asylo...

Sustentai minha fraqueza, oh meu Deus!.... Sinto esmagar-me com o peso da materia, enfraqueço com o borbotão das idéas, o pensamento perdeu sua energia, a palavra expira-me nos labios, a fertilidade tornou-me esteril, estancão-se-me as fontes da cogitação, instigo-me, renovo meus esforços, conheço-me exhaurido, e muito a custo posso atinar com o texto: *Salmon autem genuit Booz de Rahab.* Façamos pausa, e meditemos as grandezas, e maravilhas da Graça na Conceição incontaminada de Maria. Eis a qui o meu plano.

Senhor! a vossa luz! Basta um reflexo, e o quadro sahirá perfeito.

PRINCIPIO

Formado o homem, e respirando innocente pela sabedoria daquelle, cuja vóz creadora rompeu o silencio eterno do cáhos, e tirou milhões de entes graciosos dos escuros reinos da noite; formado, disse eu, e logo rebelde ao braço maravilhoso, que o tinha argamassado da terra, ingrato! elle ousa esquecer-se do preceito do Eterno!

Lá se ergueu temerario: a arvore o attrahe, o pomo o encanta, a serpente o espera, a esposa o arrasta, a razão se perturba, a cegueira começa, a innocencia vacilla, o combate se augmenta, a natureza cede, a tentação triumpha, o pomo é devorado, a graça foge, e elle é já peccador.

A morte entrou pelos seus labios, e assentou-se sobre o seu coração.

O raio arremeçado da inflammada nuvem gyra de repente sobre a sua cabeça. Já um passo vacillante e mal seguro o sustem sobre a terra. Debaixo de seus pés se abrem os abysmos. Formiguejão de tropel todos os males juntos, e o aguilhão do remorso, embebido em suas entranhas, conduz, pela primeira vez, o medo ao fundo do seu coração sobresaltado. Esmorecido, já sabe o que são sustos. Brilha em seus timidos olhos o orvalho das lagrimas: encontra na vida um peso, que o desgosta, começa a desconhecer a virtude, e já tem aprendido o crime pelo crime. Pallido, enterrado no abysmo, que lhe prepára o delicto, criminoso, réo, combatido de imagens, rodeado de trevas, já em guerra com sigo mesmo, e entregue ao tumulto das paixões, elle sente uma tempestade negra e repentina, que o abala furiosamente em todos os seus membros: respirando um halito corrupto, vê pintado sobre a sua face o cunho da reprovação, descobre admirado dentro de si mesmo o germen da morte, e escuta ao mesmo tempo a voz assustadora do Immortal, que o chama, e relampaguêa, para lançar de turbilhões sobre elle todos os raios que tinha forjado para a culpa.

Que fará? Ouve, e atemorisa-se: sahe do lugar, que o esconde, e torna a reconhecer-se: elle se apressa, elle pára, continúa.... esmorece.... e é semelhante áquelle, que desviando-se do verdadeiro caminho, acha-se de repente n'um bosque tenebroso e solitario, bordado de precipicios, sem trilho, nem carreira, por entre carcomidos e nodosos troncos, que ameação ruina, contemplando sobre a sua cabeça rochas inaccessiveis e debruçadas, que parecem escorregar da sua base, e escutando, repassado de frio susto, o espantoso bramido de feras indomitas, que volteião, e como que se ensaião á carnagem.

Lance arriscado! Situação medonha!

Mas no meio de tantos infortunios e desgraças, misero escravo, algemado na escura noite do crime, ao carro victorioso do Anjo dos abysmos, quem poderá restituir-lhe a doce liberdade?

Quem será essa creatura feliz e bemfazeja, incumbida de adoçar suas desgraças ?

E' Maria.

Ella apparece emfim.

David, toma em tuas mãos a harpa arrebatadora, vibra as suas cordas, tira novos sons desse instrumento harmonico, e exhala um cantico suave á Conceição daquella, que virá libertar-te.

Israelitas, filhos da escravidão, mas filhos da promessa, exultai em vosso mesmo captiveiro: deixareis as margens melancolicas do Nilo, e o paiz de bençãos vos ha de ser entregue.

Sim, respeitaveis sombras dos prophetas, que habitaes a terra da solidão, cantai os triumphos da vossa Libertadora; levantai do pó as venerandas cabeças.... caminhai....

Concavidades dos abysmos, dai passagem aos justos de Israel.

Maria respira emfim, e ella respira em Graça.

Aqui parece-me estar vendo a Trindade toda, cheia de um immenso desvelo, e mais attenta á esta sua grande fabrica, do que no mesmo instante, em que fez apparecer todos esses corpos de luz, cujas fórmas são tão lindas, e que brilhando com os raios, que sahem da sua face, gyrão em torno do seu throno. Eu me figuro escutar a vóz organisadora do Omnipotente, mais prodigiosa ainda, do que quando fez a terra: " Entes, que eu tirei do nada, diz o Padre; luz, que eu separei das trevas, globos, que fixei nas orbitas, astros tão luminosos, Céos tão elegantes, terra tão florente, esplendor do dia, magestade da noite, mares, homens, filhos da minha gloria, obras do meu poder, creaturas todas, vós ides perder a belleza, que vos adorna, a vista da obra prima da augusta Conceição de Maria ".

" Sem ella, diz o Filho, nem eu serei a victima de expiação sobre a terra, nem a divindade terá um perfeito adorador entre os homens. A sua Conceição faz a minha mesma gloria: e se o poder a tem feito mãe do Creador, antes que a natureza a faça creatura, seja tambem a coredemptora dos homens, antes de viver para o mundo. Para engrandecel-a só me basta ser filho ".

" Eu, acrescenta o Espirito, ornei os Anjos com a pureza, os patriarchas com a fecundidade, os prophetas com a presciencia, os conquistadores com o valor, os reis com a justiça, os justos com a graça, os santos com a perseverança; dei vigilancia a Josué e a Caleb, esforço a Gedeão e a David, sabedoria a Salomão, religião a Esdras, caridade a Tobias; mas eu vou reunir em um só ponto todos, e uma só creatura excederá de uma vez Esdras, Salomão, David, Gedeão, Caleb, Josué. Excederá finalmente os justos e os santos, os reis e os conquistadores, os patriarchas e os prophetas. Excederá os anjos mesmos.

" Façamos, conclue a Trindade toda: *Faciamus.* Derramemos sobre ella toda a enchente do nosso poder. Fiquem, fiquem de uma vez exhauridos todos os thesouros da nossa Omnipotencia. Não passe adiante o infinito. Paremos, se podem haver balizas

para Deos. Deseje a prodigalidade e não encontre mais riquezas. Queira a sabedoria e não descubra mais desenhos. Empenhe-se o amor e não ache mais excessos. A perfeição da obra esgote a sciencia do artifice. Quebrem-se os moldes para ser feita sem elles. Seja esta nova Libertadora dos homens uma singularidade na ordem da natureza; um phenomeno nos thesouros da Graça. Não houve ainda um homem, que deixasse de ser desgraçado: seja a unica desta especie, que não possa ser infeliz: podel-o ser, será uma imperfeição para ella, e um dezar para nós. Seja a creatura de todos os prodigios, ou o prodigio de todas as creaturas. Possa, por privilegio, o que nós podemos por essencia. O ajuntamento de todas as aguas tem o nome de mar; a enchente de todas as graças chame-se Maria. Ou seja feita deste modo, ou deixe de existir. Diga-se finalmente, que esta virgem é tudo, e que só é menos, que Deus, por que Deus deve ser mais, do que ella.

Já, senhores, sobre as azas do relampago voarão as palavras do Omnipotente. O empyreo exulta, e a obra se começa.

Homem! primeiro filho da razão sobre a terra, primeiro homem! tu, que ainda gelado de susto, escutas, tremendo, no fundo do teu carcere o ronco medonho do trovão, e banhando as faces de amargoso pranto, gemes teu enorme delicto, respira um pouco, rompe o melancolico imperio das trevas, sahe do reino tenebroso dos mortos, torna ao fundo seio do teu sepulcro, reanima as tuas cinzas, espalha brancas flores em torno dessa morada de lucto, e vem gozar neste dia, o mais luminoso e risonho sobre a terra, das primicias da tua felicidade.

Que perspectiva sublime! Que multidão de mysterios!

Admirai, senhores.

Apenas se começa a existencia de Maria, a Graça rompe todos os diques. Voão sobre esta Virgem todos os dons e todas as mercês. Sua alma foi a mais bella, que se creou, antes da de Jesus Christo. Seu coração foi abrasado, desde esse momento, do amor mais vivo, e o mais ardente para Deus.

A sabedoria a possue, o conhecimento do futuro a illumina, a revelação lhe é presente, a fé a corrobora, a rectidão a dirige, a caridade a transporta, a ternura a commove, a pureza a enriquece, o reconhecimento a humilha, as virtudes todas a santificão, e todos os conhecimentos juntos se reunem no seu espirito como a luz em seu fóco.

Livre de toda a culpa, ella não respira o bafo impuro e quente das paixões. Reservada no ventre maternal, os Céos tem fixado sobre ella os seus destinos. A natureza a respeita. Seu pé immaculado descansa victorioso sobre a porta do abysmo, e nas suas mãos, que não se podem ainda distinguir, nem perceber, estão depositadas as esperanças do universo inteiro. Imperceptivel no corpo, e immensa na Graça, ella é desde logo a primogenita do Eterno; e segundo o pensamento de um padre, a maior belleza de todas as bellezas, e o ornamento mais bello de todas as cousas bellas.

Assim como a visão intuitiva de Deus communica os seus dons

aos bemaventurados, e os penetra de um jubilo, que se não póde comprehender; assim Maria, animada e socorrida com a presença de Deus, vendo-o, e participando suas graças, no primeiro instante da sua Conceição; foi assaltada deste prazer exuberante e inexplicavel dos comprehensores, e no goso e arrebatamento de tantas perfeições, ella poderia dizer, como o Psalmista: "Todos os meus ossos se convertem em lingoas, e elles vos perguntão: Senhor! quem vos é semelhante? *Omnia ossa mea dicent: Domine, quis similis tibi?*

Legiões angelicas de todas as ordens, santos de todos os seculos, bemaventurados de todas as classes, que vedes o ser Supremo, que o possuis e o gozaes face a face, vós não o comprehendereis nunca, nunca o haveis de amar, como esta Virgem o comprehendeu, como ella o amou, desde o primeiro momento, em que chegou a ter vida!

Oh! grandeza! Oh! gloria! Oh! Conceição! Oh! mysterio! Oh! Maria! Céos! E que mais póde haver? Que tendes vós mais que dar?

Eu vejo aqui, senhores, a serpente, venenosa e maligna, cheia de furor e de raiva, respirando um halito de corrupção e de morte, encrespando as reluzentes conchas, torcendo, e destorcendo a cauda, sangue a bocca medonha, os olhos fogo, erguer o matizado pescoço, procurando botejar contra esta Virgem innocente; porém Maria firmando-se na planta victoriosa, lhe esmaga e tritura a manchada e orgulhosa cabeça: embora, muito embora a serpente se enrosca e desenrosca debaixo do seu pé, e gemendo com todo o peso da intrepida vencedora, arfa e revolve-se, açoitando a terra com a cauda: muito embora. Monstro! não te lembres da minha primeira queda, esquece-te do teu vencimento. Fui tua victima: agora mesmo.... ai! agora mesmo arrasto os teus grilhões; porém tu não terás poder sobre esta abençoada filha do Céo, que apezar de toda a sua grandeza, é ao mesmo tempo minha irmã.

Contemplai a Maria, senhores, sem contrahir essa medonha culpa de origem, que contaminou todos os homens. Os maiores justos levantarão-se do crime, depois de haver cahido nelle; Maria foi sustentada, para que não cahisse. E' a linguagem de S. Boaventura. No momento em que todos nós existimos para a culpa, ella existio para a Graça. O peccado perdeu inteiramente nella o seu cruel e despotico direito: e assim como Deus é impeccavel por natureza e por essencia, Maria o foi por graça e privilegio.

Eis o seu maior triumpho!

Isenção unica, que não podia ser concedida, senão a ella só! Uma das suas maiores prerogativas foi ser pura, tendo nascido de Adão. Se Deus, por um caminho extraordinario, lhe fabricasse um novo corpo, bem como o do primeiro homem, não deveria admirarnos tanto, que ella sahisse das suas mãos mais pura, do que o mesmo Sol. Figura-se-me, que lhe ouço dizer. "Os meus primeiros pais entregarão-me á crueldade da culpa original, e abandonarão-me aos seus terriveis effeitos; porém o Senhor velava com todos os seus cui-

dados sobre a minha existencia, tomou-me nos seus braços e preservou-me do crime: *Pater meus et mater mea dereliquerunt me: Dominus autem assumpsit me.*

Sim, esta Virgem não existia ainda, e já Deus a tinha preservado da culpa. Chegou ao ponto de existir, e a Graça estava á sua espera. Existio, e foi nos braços da Graça, que respirou pela primeira vez. O peccado retrocedeu então, sem a poder tocar; e a natureza, sorrindo, curvou-se cheia de assombro.

Foi o Jordão, que correndo sem cessar sentio-se dividido por um braço poderoso, que o retalhava e suspendia: era o mar Vermelho, que no meio da turbulencia e fluctuação continua das suas ondas, vio-se constrangido a levantar-se em montanhas, sustentando-se immovel, em quanto o atravessavão os que deverião construir o novo santuario do grande rei.

Ide em paz, oh! Virgem felicissima! rompei segura, passai, illesa, pelas ondas do crime; o vosso pé não ficará manchado: a Omnipotencia não tem limites para vós, não reconhece barreira na vossa Conceição.

A Graça não correu para ella, como por degráos; precipitou-se toda inteira, de um só golpe e no seu maior esplendor, disse santo Ildefonso. Esta graça foi immensa, disse santo Epiphanio. Foi ineffavel, disse santo Agostinho. Foi o thesouro de todas as graças de Maria, disse S. João Chrysostomo. A graça, que cada um dos justos recebeu por medida, Maria recebeu-a de uma vez, disse S. Pedro Chrysologo. Tudo o que foi graça, se derramou sobre esta Virgem, disse-o finalmente S. Jeronymo.

Forão as aguas do diluvio, que se confundirão com as do oceano; e tudo então foi mar.

Saiamos por um pouco do mysterio, para tornarmos a elle. Corramos uma parte do circulo maravilhoso da vida de Maria: soffrei a digressão.

Aproxima-se o momento, em que esta Virgem tem de apparecer sobre a terra, ella nasce; e uma esteril é quem a dá á luz. Cresce, e tocando a primeira flor da sua juventude, foi um homem virgem, e que se conservou toda a sua vida, tão virgem, como ella, o que lhe foi entregue para ser seu esposo. Acha-se mãi logo depois, e sua maternidade divina, sem destruir sua pureza, foi a obra mais assombrosa das maravilhas do Immortal. Deu a luz o Reparador dos seculos, e o seu parto foi um parto sem dor, assim como o seu filho não teve pai entre os homens. Depois de uma carreira, bordada de prodigios, sempre novos, e jámais concedidos a nenhum existente, fechou seus olhos á luz; porém este momento foi um aggregado de delicias, um deliquio de amor, um extase suavissimo; e se ella deixou de respirar, recobrou depois a vida, para não sentir a corrupção. Cheia de vida e de immortalidade, vôa sobre as azas dos poderes celestes, e fixa, por uma vez, o seu throno no seio inextinguivel da luz, á dextra de seu filho.

E depois de tudo isto, senhores, só o instante da sua Conceição, aquelle em que ella ia conhecer o que era vida, e que tinha de abrir a sua carreira santissima aos seus grandes destinos; só este momento precioso deixaria de ser para ella um ponto, em que não apparecessem as maravilhas de Deus?

Não o imaginemos.

Ufano, por semelhante abandono, o Anjo dos abysmos soltaria um grito de triumpho: " Pouco importa, elle bradaria sem duvida, que fosse santificada, depois de ter existido: é por isso mesmo, que eu a devo contar no catalogo vergonhoso dos réos, que são hoje meus escravos.... *Exurgat Deus et dissipentur inimici ejus.* Levantai-vos, Senhor! Tomai-a pela mão para a livrar da queda, e seja destruido o vosso adversario ".

Não nos assustemos.

Nenhum justo, nenhum homem, nenhum Anjo, nenhuma creatura, participou ainda, nem participará nunca, da reunião dos dons e das mercês, que inundárão a Maria, apenas concebida. Ella começou na carreira da Graça por onde os mais justos costumão a acabar. Eu o direi melhor: por onde nenhum justo começou, nem acabou jámais. Deus vio-a, depois de a ter creado, e reconheceu nella a mais perfeita de todas as suas obras: parou, e não soube o que lhe havia mais de dar.

Que a maior das intelligencias celestes se achasse, sem o presumir, em um pelago insondavel e inexhaurivel de sabedoria, e de perfeições eminentissimas, assim que se conheceu existindo; que Jeremias depois de contrahir a culpa, fosse santificado, antes de vir a luz; que ao Baptista fosse dado o mesmo privilegio; que Paulo, como arrancado á massa terrestre, voasse ao terceiro Céo, por effeito da Graça; que Agostinho se prostrasse ao seu golpe efficaz e irresistivel; que o mais escondido e descarnado dos anacoretas a conserve entre os penhascos denegridos do Cairo, da Thebaida; que as virgens floresção por ella; que os martyres triumphem nas convulsões do supplicio; nada disto se póde comparar com o primeiro aceno, com o primeiro ensaio, com o primeiro toque, com a primeira centelha de Graça, que Deus fez apparecer em Maria.

Juntai tudo o que vós quizerdes; imaginai o que vos parecer; reuni tudo o que se póde chamar Graça; e vereis, que este reflexo, este primeiro rasgo da Omnipotencia sobre ella apagou de uma vez tudo quanto existio de isenções e privilegios, e tudo quanto houver ainda de existir.

Diante deste esforço da sabedoria corre-se todo o universo; interroga-se a natureza; busca-se tudo o que ha de maravilhoso; desce-se ao seio dos abysmos; registra-se tudo o que respira, tudo o que existe; passa-se da natureza p ara a razão, da razão para a fé, da fé para os Céos, dos Céos para os Anjos, dos Anjos para Deus, e não se descobre, não se devisa mais do que Deus, e Maria: Deus, que a excede, porque não ha ninguem, que o possa

nem ainda mesmo igualar; e Maria, que só podia ser excedida por Deus.

A sua Conceição era um estado de equilibrio, e de paz da natureza com a Graça. Era a innocencia, que se abraçava com a santidade mais eminente, sem ter conhecido nunca, não só o que entre os homens se póde chamar culpa, mas ainda o que entre elles se póde qualificar como imperfeição. Era um estado, que se não póde conceber, nem exprimir, porque ningem o possuio ainda, senão ella. Era um corpo, que não conhecia o peccado. Era um espirito, que só conhecia a Graça. Era a Graça, que não conhecia, senão a Graça mesma. Era a intelligencia anticipando-se á idade. Era a vontade submettida á justiça.

Não era um divorcio do crime, porque não havia o crime.

Era um estado de não possuir, senão o bem, de o amar, excluindo tudo o mais, e de não se querer separar delle. Era a razão, esclarecida pela sabedoria, e ligada com a liberdade: uma, que descobria sem nuvem os attractivos de Deus; outra, que os seguia sem esforço. Erão ambas, que arrastavão com suavidade todas as potencias, sem violentar o livre arbitrio. Era a natureza, sem a suspeita do peccado, porque lhe faltava a malicia; ou que se o julgava possivel, era para ter-lhe horror e desviar-se delle. Era um estado desconhecido de todos os homens, e de todos os Anjos. Era o deposito de todas as mercês daquelle, que possue tudo, para ornar um ente singular e unico. Era a pureza, a quem Deus tinha dado a forma do homem. Era a amontuação de todos os thesouros de Deus em uma só creatura. Era uma excepção, inteiramente nova, na ordem de todas as graças.

As fontes da concupiscencia, depois de terem submergido tudo, por onde havião passado, não podendo ir avante sobre aquelle terreno, recuavão e retrocedião, atemorisadas de o haverem descoberto.

Era um estado.... Ninguem o pinta: não o digamos mais.

Meu Deus!.... vou amplificar, senhores, uma passagem antiga e sempre nova, mil vezes repetida, e que sempre o deveria ser: é o pensamento de um padre. Meu Deus!.... Vós podeis crear um Céo mais formoso, um sol mais brilhante, uma terra maior, um homem mais perfeito, differentes creaturas, diversas maravilhas; porém vós jámais fareis uma Virgem, tão formosa, tão perfeita, tão excelsa, como é mãe do vosso filho: *Majorem mundum facere potest, majorem Matrem non potest:*

Vós podeis inventar novos espaços, semear novas estrellas, encher os campos de novas flores, erguer outros montes, produzir outros mares, dar outra immensidade aos Céos e aos abysmos, outra luz aos dias e as noites, outras producções ás terras e ás arvores; mas vós não fareis outra creatura, tão bella, tão singular como esta Virgem: *Majorem mundum facere potest, majorem Matrem non potest.*

Acenai, e esses castellos de nuvens, que se sustentam nos ares,

irão apinhar-se debaixo dos vossos pés. Emprestai aos ventos o vosso sopro, e elles abalaráõ a terra. Abri a vossa mão, e o relampago se dilatará pelos Céos. Tocai o oceano, e suas agoas petrificadas se tornaráõ immoveis. Dizei uma palavra, e o mundo inteiro entrará para os abysmos do nada. Vós fareis tudo isto, mas não sahirá das vossas mãos uma mulher cheia de tantas excellencias, como aquella que é a mãe do vosso filho; porque se não póde haver um filho igual ao vosso, tambem não póde haver uma mãe, nem mais perfeita, nem mais pura: *Majorem mundum facere potest, majorem Matrem non potest.*

Mesquinho pensamento do homem, encolhe as tuas azas; emmudeçamos: basta.

Adoro, oh! Virgem bella! o instante sublimissimo, que vos abriu uma carreira, inteiramente nova. Quando a noite do sepulcro se fôr derramando em meus olhos; quando o frio da morte comece a enregelar meus labios, e a penetrar as fibras do meu coração; seja o derradeiro movimento da minha lingoa pronunciar o vosso nome, e repetir pela ultima vez áquelles que me rodearem:

Ella não contrahio a culpa, não conheceu o peccado!

Ella foi pura na sua Conceição! (*)

(*) Este panegyrico foi recitado gratuitamente, á instancias do proprio orador, como um protesto á primazia então apregoada em favor do orador portuguez D. Francisco do Coração de Maria Cardoso e Castro, que por esse tempo residio entre nós. Effectivamente o orador pernambucano reivindicou os fóros, de que se desautorava a tribuna sagrada desta diocese, que nelle tinha um legitimo e illustrado orgão, como mais uma vez se revelou neste primor de eloquencia e facundia originaes. Foi um desforço fidalgo.

SOBRE O NASCIMENTO DO PRINCIPE IMPERIAL

D. AFFONSO

(POR OCCASIÃO DO TE-DEUM EM 1845)

Dominus conservet eum, et vivificet eum, et beatum faciat eum in terra, et non tradat eum in animam inimicorum ejus.

O Senhor vigie sobre sua conservação, conceda-lhe uma existencia longa, faça-o feliz sobre a terra, e jamais o entregue nas mãos de seus inimigos.

Psal. XI v. III

Esta lingoagem inculca fidelidade, esta fidelidade suppõe patriotismo, e este patriotismo é aquelle, que a razão recommenda, a politica applaude, e o Evangelho prescreve.

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor. Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.! Esta lingoagem inculca fidelidade, disse eu, esta fidelidade suppõe patriotismo, e este patriotismo é aquelle, que a razão recommenda, a politica applaude, e o Evangelho prescreve. Se por desventura minha, senhores, o halito empestado da incredulidade tocasse o meu coração, que nunca vacillou na crença, eu rejeitaria esses absurdos e emperrados systemas do philosophismo, comtemplando o Brazil. Ha uma providencia, que o dirige; porque ha um Deus, que o governa.

Era um paiz idolatra, e converteu-se em monarchia christã.

Era uma colonia, e tornou-se independente.

Tinha o governo absoluto, foi livre, e constituio-se uma nação.

Perde o seu fundador, vê-se depois como abysmado, e colloca o herdeiro sobre o throno.

Falta-lhe ainda um successor, mas elle o recebe agora.

Que borbotão de idéas se apodera de mim! E' um dia de jubilo, é um dia de enthusiasmo e de salvação para a patria. Perco, senhores, o tino; sou ferido por um clarão, que me deslumbra e me cega.

Emquanto a religião se compraz e exulta com o nascimento dos principes, a anarchia, assombrada e como ferida pela materia

electrica, que se desfecha dos céos, assanha as viboras, que fervilhão em sua cabeça hedionda, e solta convulsa uivos descompassados e horriveis; mas o homem, verdadeiramente brazileiro, e verdadeiramente christão, ergue para os céos as suas mãos, tão pacificas, como os seus pensamentos e como as suas doutrinas, e reconhece neste dom precioso e celeste um ponto de unidade religiosa, um laço de segurança civil, os fundamentos da prosperidade publica, as garantias da nação, o apoio das suas instituições, as bases da sua justiça, o freio da immoralidade, o cordão sanitario das idéas exageradas, a baliza da ordem, o sustentaculo do throno, o distribuidor das graças, e o mantenedor da paz.

Reconhece n'elle um chefe, que não é responsavel, uma entidade necessaria, o grande annel da cadeia politica, a sua autoridade permanente, o que interessando-se por si mesmo, interessa-se pelo estado, o mimo da Providencia, o astro benefico, a estrella polar, o homem da lei, o anjo da constituição, os desvelos da patria, o renovo dos principes, o principe cidadão, um homem de missão augusta, o enviado de Deus, o iris de paz, o filho de bençãos, a corôa, o progresso, a beneficencia, os designios, e o termo das misericordias do Senhor.

Reconhece n'elle....

E que vos direi mais, senhores? Que pretendeis mais de mim? Para onde presumis dirigir-me? Que poderei eu acrescentar?

E' um objecto, que desperta e fere as minhas faculdades; que é consentaneo ao meu pensamento e ás minhas doutrinas; que pode tudo em minha alma, por sua força e por seu magnetismo: porém, não, não é tanto elle que me attrahe, é necessario confessa-lo; sou eu que voluntariamente corro, e me dirijo para elle. Deus conserve o principe, prolongue Deus os seus dias, dilate sua existencia, torne-o prospero e feliz entre nós, e jamais o entregue nas mãos sanguinolentas e sacrilegas dos que forem seus inimigos: *Dominus conservet eum, et vivificet eum, et beatum eum faciat in terra, et non tradat eum in animam inimicorum ejus.*

Indiquemos o assumpto. O nascimento augusto de sua alteza, o principe imperial, é para nós um motivo de prosperidade e segurança. E' este o polo unico, sobre o qual tem de rodar a machina do meu discurso.

Fonte de vida! Origem de todo o movimento! Poder supremo sobre todos os poderes do mundo! Dirigo a palavra do orador, e será tua a lingoa do ministro.

PRINCIPIO

A Providencia, senhores, começou desde já a derramar sobre nós os seus thesouros no nascimento augusto do principe imperial.

Não, o orador sagrado jámais deve pensar com a superstição es-

tupida, e com os delirios grosseiros do vulgo inexperto e ignaro; mas o homem de idéas religiosas não pode desconhecer a causa summa, que tomou em suas mãos as redeas do universo, que marca e dirige os acontecimentos dos imperios, e que, quando lhe apraz, se manifesta de antemão, deixando-nos entrever um futuro infeliz ou risonho, por meio de presagios funestos ou lisongeiros. A historia dos principes verifica muitas vezes este meu pensamento.

Ah! e por ventura a França, illuminada e desprevenida de preconceitos vulgares, não estremecêu diante da catastrophe sanguinaria, e dos successos dolorosos no nascimento de Luiz XVI? Não julgou ella, desde então, que um futuro tristonho e nebuloso, como que estava a espera do infortunado Delphim? E depois destes presagios funestos, não forão justificados estes presentimentos e todas estas conjecturas? Escriptores philosophos e desassombrados das idéas mesquinhas, que martyrisão o vulgo, não apontão esses acontecimentos, como um vaticinio de calamidade para a França? Porem, no nascimento benefico do principe imperial, a Providencia exprimio-se de outro modo.

E' elle, como o iris multicôr que se prolonga nos céos, que descreve um semi-circulo de gloria, e que em signal de amizade e de bonança, levanta sua cabeça risonha e orvalhada, no meio de nuvens negras e medonhas.

Iris de conciliação, é elle o precursor da paz.

Com a sua apparição no hemispherio brazileiro, concluio-se, senhores, essa guerra de devastação e de exterminio para as provincias do imperio. Guerra de limites, que parecia não os ter. Ateada de tempos, e que a intelligencia, a perspicacia, e a força não tinhão podido aniquilar. Sorvedouro espantoso dos thesouros da nação. Arraial de sangue, aonde a morte se havia entrincheirado, e meneando a fouce luzidia da destruição, contemplava, em seu regosijo feróz, as victimas da fidelidade e do amôr patriotico, que alastravão os campos do combate, e de quem o ultimo bocejo era um derradeiro suspiro pela patria, a ultima articulação da saudade por ella. Guerra sustentada pela honra e pelo dever nacional; porem promovida pela injustiça, prolongada pelo egoismo, e algumas vezes pela intriga; que exhauria os thesouros da nação, e enriquecia desleaes, ou prodigos, ou avaros; que o valor não tinha podido concluir, porque a ambição lhe tomava as trincheiras; em que o ouro brilhava mais do que as espadas; em que a coragem dos soldados algumas vezes excedia a dos chefes; em que se procurava o nome de fraco, para escapar a nodoa de trahidor. Duas infamias para occultar um delicto! Em que se compromettia a intelligencia dos ministros, os planos do gabinete, a integridade do imperio, o valor dos Brazileiros, a dignidade do monarcha, e os futuros da nação. Ponto de anarchia em que se firmavão as esperanças dos máos e dos degenerados, acampamento de estrago e de carnificina, em que se denominava prudencia o que era trahição, em que se combatia para

illudir, illudia-se para entreter, entretinha-se para impor; impunha-se para grangear tempo e prolongar os desastres e o opprobrio do Brazil.

Não continuemos mais.

Um traço aniquilador apague por uma vez da nossa historia essa calamidade e seus agentes. Desconheça, ignore a posteridade este facto de sangue, esta manobra de corrupção e de perfidia, que manchou as extremidades do imperio. Não se escreva, não se mencione, não haja historiador que o lembre, e nem registro em que jamais se o commemore.

No entanto, senhores, este flagello, com que o Céo, no ardor da sua colera, ferio as nossas plagas, termina no momento, em que o filho innocente dos Cezares volve entre nós os seus olhos, cheios de graça e de suavidade, e o terreno da Santa Cruz recebe este beneficio assignalado; quando o vê respirar em seu seio.

Ah! Que me não seja permittido, que não possa eu pintar-vos vivamente a passagem mais doce, mais terna, mais suave e mais sentimental, que acompanhou o nascimento do principe? Não é para me exprimir n'este instante, que eu desejava a pompa e o tumulto orgulhoso da eloquencia. E' a simplicidade, é a singeleza núa e sem ornato, desprevenida e chã, que me convem agora. Desprezo n'este momento o arrôjo das idéas, esses vôos de imaginação, e as expressões compassadas pelas regras d'arte.

A natureza, senhores, é sublime em si mesma. Nas grandes paixões, nos grandes movimentos d'alma, é sempre original; ella não imita, não procura modelos, e nem carece delles.

Um instincto rapido a torna magestosa, cheia de expressão e de vigor. Se falla, basta-lhe uma palavra; basta-lhe as vezes um gesto, e é mesmo sublime emmudecendo de todo.

A imperatriz soffre as angustias da maternidade, e o fructo das suas affeições é o fructo das suas dores. Os padecimentos ensinão aos principes a conhecerem, que são homens.

Um signal publico reune a côrte e os agentes das nações alliadas. E' uma solemnidade de etiqueta. São as testemunhas do nascimento do terceiro imperador do Brazil.

E' necessario apresenta-lo a elite, ao circulo dos grandes funcionarios nacionaes e estrangeiros, que o esperão. O monarcha toma em seus braços o seu primeiro filho, e nesses momentos, em que elle sente palpitar-lhe pela primeira vez o coração, e em que vê, que os seus olhos se lhe abrem á luz no terreno, que foi de seus avós, e que é desde já o seu imperio.

Elle o toma em seus braços para o apresentar aos agentes diplomaticos, e nestes instantes de ternura um tumulto interior commove, e abala de um modo estranho o coração do imperador. Ha n'elle uma revolução repentina, ha um choque desusado, ha uma electricidade suave, para me exprimir assim, que o agita, e profundamente o revolve.

E' um momento de tumulto, é uma desordem de sensibilidade, em que a natureza esconde o monarcha, e deixa apparecer o homem. E' o momento, em que a natureza lhe ensina todas as fraquezas de um pai.— E' o teu primeiro filho, dizia-lhe o coração que se lhe comprimia de ternura — E' o herdeiro, são as esperanças do Brazil que sustens nos teus braços, dizia-lhe a politica, e que só por esta vez se unio com a natureza — E' a vergontea dos reis e dos imperadores, explicava-se a gloria, que nem sempre illude os grandes. — E' aquelle, dizia-lhe o interesse nacional, que vem perpetuar sobre o throno tuas virtudes, e tua dynastia.—E' o fructo innocente, é o premio, dizia-lhe o amor conjugal, é o premio, com que a filha dos Cezares acabou de corôar a honestidade, e a candura do thalamo. — E' a metade da tua alma, tua alma toda inteira, dizia-lhe a natureza, — E' o fructo de santidade e de bençãos, explicava-se a religião, alcançado com orações continuas, e com ferventes suspiros, que exhalou a piedade christã.

No meio destes pensamentos, que se amontoão, destes affectos, que ondeão, que se exaltão, e que simultaneamente o opprimem; tocado de uma perturbação, que se não pode exprimir; sustendo o augusto penhor em seus braços paternaes, elle apresenta-o aos grandes funccionarios, que residem alli. Apresenta-o: ouvem-se-lhe algumas palavras, trunca-se-lhe a vóz, começão a borbulhar as lagrimas, forceja ainda para se exprimir, solta mais algumas expressões... quer... e não acaba o resto.

A natureza fez homens, a necessidade é que faz os monarchas. Os paes tem as leis nos corações, e as dos imperios só existem nos codigos. Já não existe o rei, aonde começa o homem. A purpura é de alguns, as lagrimas são de todos. E' necessario ser pai para comprehender bem este mysterio de sensibilidade e de ternura.

Vem, astro benefico, diffunde e dilata, desde o teu oriente, uma luz viva e graciosa, pelos desconsolados horisontes da patria, que fita sobre ti os seus olhos. Vem, e uma longa serie de dias luminosos marque e singularise a tua fausta carreira. *Intende, prosperè procede, et regna.*

Ah! e que seria, senhores, se o Omnipotente revolvendo os thesouros horriveis e inexhaustos da sua colera, ferisse do alto o throno brazileiro com o flagello espantoso da esterilidade? Que seria, se o vivente dos seculos escrevesse em seus registros de bronze: "Pereção os unicos principes da America?" Provincias vastas e desligadas, que podem constituir outras tantas republicas; genios de vertigem, enleados com theorias brilhantes, porém impraticaveis, utopias poeticas, autoridades desprevenidas de apoio, completarião um novo cahos politico, agitando e commovendo todos os fundamentos da ordem. Não me exprimi de um modo conveniente ainda: carecia de uma palavra, que pintasse o pensamento tenebroso e profundo, que concebi agora, e esta palavra, ou falta á nossa lingoagem, ou não

me é possivel descobri-la. Eu o direi de modo simples e ingenuo— a nossa aniquilação era infallivel.

A trombeta da anarchia despediria sons de morte, roquejando em todos os angulos do imperio. O pendão revolucionario fluctuaria nos ares, sustentado pelo braço da discordia. Divididas de todo, as provincias se desprenderião do laço fraternal, que as liga, umas com as outras; e nós teriamos de ver, no ruido deste precipitado fervedouro, nós teriamos de vêr a constituição ferida em suas bases, o despotismo enfeitado com ella, o arbitrio dando a lei, a probidade banida, o commercio moribundo, a agricultura extincta, a industria aniquilada, os estrangeiros sem apoio, os nacionaes fugitivos, e as artes em abandono, as sciencias proscriptas, o Brazil sem alliança, a liberdade confundida com a licença, o ouro supprindo a justiça, a corrupção substituindo o merito, e as recompensas condecorando a corrupção.

Veriamos a opinião dividida, formiguejando os partidos e succedendo-se uns aos outros, multiplicadas as reacções, a infracção nos tribunaes, quebrantada a fé publica, destruida a segurança particular.... Veriamos....

Não, senhores, não profanemos a santidade e a belleza de um dia tão fausto, espalhando nuvens de terror e de agonia, que o tornem melancolico e sombrio. Ah! Para que misturarmos os canticos de Sião com as lagrimas de Babylonia! Paremos, não vamos mais avante. Pelo contrario meu espirito extasiado, cheio tódo de esperanças e de um futuro risonho, embebido nos quadros graciosos da prosperidade, que se me antolha, como que me obriga a transpôr os limites da oratoria sagrada; e uma visão repentina fere vivamente as minhas vistas, e commove o meu coração.

Um rasto de luz se prolonga diante de meus olhos. E' dos umbraes da eternidade, que se inclina e desliza para terra um homem de aspecto venerando. Sua fronte se enrama de louros, uma corôa scintillante se eleva sobre a sua cabeça, que se ergue cheia de magestade. Pende de seus hombros a purpura dos reis, e o sceptro adorna a sua dextra. Sua face é cheia de serenidade, mas vislumbra em seu rosto um ar de meditação e como que concentra um grande pensamento.

Tem vencido os espaços celestes, e elle pousa junto ao berço do recem-nascido. Contempla-o, e seus olhos se humedecem com o orvalho das lagrimas, que se desfião sobre as suas faces.

E' o primeiro imperador do Brazil, que se dirige ao terceiro. O avô diz ao neto—" Aquelle, que regula os imperios, que se corôa de relampagos, e o raio serve-lhe de sceptro; que debaixo dos seus pés cavou os abysmos; que recolhe o oceano em uma mão, e que sustenta na outra o mundo com dous dedos, de cuja face sahiu a aurora; que acenou, e apparecerão as trevas, permittio que eu te desse a primeira instrucção. Apezar da tua infancia, fortificou agora o teu espirito e o teu entendimento. Cresce, prospera, sobe ao throno, e go-

verna. Imita o bem, que fiz; esquece o mal, que me escapou. Não tive os erros da malevolencia, porém tive os da gloria. Os meus projectos erão tão vastos, como o meu coração; porém maiores, do que a minha existencia. Realisei uma parte, e a eternidade absorveu o que faltava. Eu era monarcha, mas conheci, que era homem; que os homens tinhão foros, e que eu os devia respeitar. Sahi fóra da estrada dos reis. Em contradicção com os soberanos da terra, eu não estava com as minhas idéas. Mas eu tive desvios. Fiz o mal, sem o pretender, julguei os homens por mim, e enganei-me. Reformei, e tornei-me a enganar. Creei um imperio, e dei-o. Regenerei uma nação, e não quiz gorverna-la. Dei liberdade a dous povos, e fui o escravo della. Regenerei-os, e tive descontentes. Eu não direi, que tive ingratos. O amor da gloria lançou-me algumas vezes fóra da barreira da justiça. Foi uma consequencia dos meus planos. Eu tinha duas patrias, julguei, que devia sacrificar-me por ambas. Sê justo e digno do imperio, que eu te ergui. Fui o seu fundador, sê tu o seu heroe. Segregado da Europa, pela immensidade dos mares, rodeado de florestas, espessas e virgens, de cordilheiras prolongadas, no centro da fertilidade e da riqueza, repousando sobre o ouro, calcando um terreno marchetado de saphiras, e que scintilla com os diamantes; tu dirás a Allemanha: Respeito a vossa alliança; mas não marcharei debaixo da vossa direcção. Dirás á Russia: Continuai com a vossa politica, que eu conservarei as minhas leis e os meus planos, que bastão ao meu imperio. Dirás a Hollanda: Invadistes o Brazil, por que eu não existia ainda. Dirás a Prussia: E's patria de um grande soberano: se eu não tiver o seu destino, terei as suas fadigas, e não me pouparei aos seus trabalhos, e ás investigações; eu imitaria Frederico, se na minha linhagem não houvessem Manoeis e Dinizes. Dirás a França: Recolherei as vossas luzes, mas depois de depurar vossas doutrinas; seguir-vos-hei, sem seguir vossos desvios. Eu tenho comprehendido, que o falso destroe o verdadeiro. As utopias são brilhantes, porém impraticaveis. Dirás á Italia: Sustentarei a religião, que vos anima, e vos vivifica. Dirás a Inglaterra: Faço justiça as vossas leis, e a vossa actividade, mas fugirei sempre da vossa intervenção. Dirás, a Portugal: Estamos independentes, e nos conservaremos assim.

O monarcha, o legislador, o philosopho, o guerreiro, o grande homem disse e desappareceu. Senhores, a oratoria tem seus enganos, assim como a poesia tem suas illusões.

Ah! Para que se verifiquem as nossas esperanças, para que um novo trilho de grandeza e de gloria se abra á esta tão vasta monarchia, subão aos céos os nossos votos, como o vapor suave da manhã se eleva com os raios do sol. Sim, depois de um beneficio, tão assignalado em si mesmo, depois de tantas graças, que esperamos, tomarei em minhas mãos o psalterio do propheta rei, para cantar, oh! meu Deus! o vosso nome e a vossa magnificencia: *Psalam nomini tuo, Altissime.*

Nós reconhecemos o dedo portentoso da vossa Providencia no fausto nascimento do principe imperial, do primogenito, do herdeiro do solio brazileiro. Senhor! Quem vos é semelhante em poder e em magnificencia? Vós quereis, e ao vosso sopro redomoinhão os mares, elles se revolvem, e revelão suas concavidades. Os fogos do relampago alagão os céos, e o raio se precipita das vossas mãos.

A tempestade abafa os ares, e a bonança volta no mesmo instante. Vós levantaes os imperios, e vós os destruis.

Desapparecem as nações, e o terreno, que as continha, torna-se um deserto árido, coberto de ruinas e de musgo. Ahi mesmo fazeis apparecer outro povo, e dais principio á novas gerações. Quereis a esterilidade, fechais as nuvens, e ella devasta os campos: basta um aceno, e o granizo volta, e se precipita sobre a terra. Os astros compõem o vosso diadema, e os vossos pés discansão sobre a tempestade, que geme segura e comprimida.

Senhor, o Brazil espera as vossas graças! Fortalecei, e dai vigor ao principe.

Que a piedade o prepare, a constancia o corrobore, a justiça o acompanhe, a graça o illumine, a clemencia o governe, o valor o destinga, a prudencia o modifique, a prosperidade o eleve, as nações o applaudão e a religião o aperfeiçôe.

Que elle seja feliz na sua infancia, virtuoso em sua adolescencia, sem mancha em sua longa velhice.

Que elle seja um fructo de bençãos, um menino dado aos povos pelo Céo, um penhor de segurança, uma fonte de doçura e de bondade, inflexivel sem obstinação, intelligente sem orgulho, severo sem injustiça, brando sem ter fraqueza.

Que saiba distinguir o merito do que fôr impostura; que possua o dom de discernimento unido com o dom da justiça.

Que o bem seja o seu instincto, e a virtude se torne o seu costume.

Que renove entre nós os dias dos Davids, dos Josaphats, dos Constantinos e dos Theodosios.

Nós confessamos desde já a grandeza do vosso nome, a elevação da vossa gloria, o estrondo das vossas maravilhas, a rectidão dos vossos juizos, os traços da vossa Providencia, e nós vos exaltamos a face do universo inteiro. *Te-Deum laudamus, te dominum confitemur.*

SOBRE O ROSARIO DE NOSSA SENHORA

(Na Igreja Matriz de S. Frei Pedro Gonçalves em 4 de Outubro de 1846)

Beatus venter, qui te portavit, et ubera quæ et suxistis....
Quinimò beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.

Feliz! bemaventurado ventre, que te trouxe! Bemaventurados os peitos que te alimentárão!... Pois são mais bemaventurados ainda os que ouvem a palavra de Deos e a guardão.

E' do Evangelho Presente.

Não se pronunciou jámais um elogio tão solemne! Jámais se deu uma resposta tão mysteriosa e tão extraordinaria!

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor! Não se pronunciou ainda um elogio tão solemne! disse eu. Nunca se deu uma resposta tão mysteriosa e tão extraordinaria! A mulher das turbas traça o elogio de Maria, e Jesus Christo lhe responde com o elogio da palavra de Deos. Ella exalta e felicita a Maria pela sua maternidade, e Jesus Christo exalta e engrandece a palavra de Deos, pelo seu poder e pela sua efficacia. Sim, a maternidade, separada da graça, é um titulo terreno; e Maria foi mais bemaventurada pela graça, do que por esta maternidade mesma. É Santo Agostinho, que se exprime deste modo. Esta dignidade a fez mãe, segundo a carne, mas a graça a fez digna de o ser, segundo o espirito. A dignidade a faz rainha e soberana dos Anjos, mas a graça a faz mais pura, do que elles. A maternidade fez, que Maria communicasse a Deos o que Deos tem de homem; mas a graça fez, que Deos communicasse a Maria o que Deos tem de Deos. A maternidade a fez instrumento da redempção, mas a graça a fez coredemptora. E' pois Maria, ó pois minha Mãe, disse o Verbo Divino, mais bemaventurada ainda por ter acreditado no Archanjo, por ter obedecido á voz de Deos, e por se ter sujeitado a cooperar com a vontade de meu Pae. *Beatus venter, qui te portavit, et ubera quæ suxisti.. Quinimó beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.*

Se os que guardão a palavra de Deos, senhores, são os mais felizes, e os mais bemaventurados; é sem duvida porque esta palavra é, em si mesma, cheia do maior poder e da maior excellencia. Folheai as paginas de um e outro Testamento, examinai as orações

de Moysés, as supplicas de Ezechias, os hymnos de David, as orações de Salomão, as deprecações de Judith, os canticos de Debora, as acções de graça de Esther, as elevações de Anna e Simeão; nada disto se póde comparar com as preces do Rosario.

Elle abrange, em seu mysterioso circulo, tudo o que é preciso pedir ; tudo o que se pode alcançar.

Que o inferno se enfureça; que os principes se colligem; que os costumes se corrompão; que o erro se propague ; que a verdade se offusque; que as perseguições se renovem; que o dogma se combata; que as seitas se multipliquem; que os altares se destruão; que as nações se debellem; nada disto poderá jámais enfraquecer as graças e as excellencias do Rosario.

Elle é em si mesmo o iris, que afugentou o diluvio, o cordão de alliança na destruição de Jericó, as cinco pedras, que fizerão a David victorioso do gigante, a vara de Aarão, o collar, que ornava o summo sacerdote, o psalterio de dez cordas, a columna de luz que dirigia a Israel, a grinalda, que guarnecia o tabernaculo.

Elle é a corôa mystica, offerecida a Maria, recopilação do Evangelho, resumo dos seus mysterios, uma reunião de lyrios nos valles de Jerusalem, a taboa da Lei, depositada na Arca, o thuribulo, cheio de fragrancias, a vara de Moysés por seus prodigios, linguagem dos crentes, terror das heregias, sustentaculo da fé, esquadrão invencivel nos arraiaes da Igreja, apoio do christianismo, baluarte fortissimo, torre de David, escada de Jacob, devoção universal, hymno de todos os christãos.

Elle é em si mesmo... Domingos! emprestai-me os vossos pensamentos, ou conclui por mim o elogio do Rosario!

Basta de amplificação. As excellencias desta devoção santissima, é este, senhores, o ponto unico que vou submetter á vossa expectação.

Grande Virgem! eu vos invoco, e com a mesma lingoagem do Rosario! *Ave, Maria, gratia plena.*

O vosso auxilio, oh! meu Deos! A fé me diz agora, que vós estaes presente, e o Rosario me ensina, que estaes tambem no Céo.

Pater noster, qui es in cœlis.

PRINCIPIO

Se para traçar o quadro magnifico das excellencias do Rosario me é preciso retroceder a esses tempos tenebrosos, e folhear as paginas ensanguentadas dessa historia de lagrimas e de devastações do seculo XIII; é cheio de commoção e de susto, que eu tomo em minhas mãos o pincel dos historiadores da Igreja.

Entro pelos archivos dessa época medonha, abro os seus annaes, começo a registal-os, perturbo-me, sinto-me atemorisado, e fecho-os ao mesmo tempo. E' preciso um grande esforço d'alma, uma grande

tenacidade de espirito, para observar impassivel o mais horroroso de todos os factos historicos. Recuo diante de scenas, tão monstruosamente novas, tão sacrilegamente singulares! São as portas do abysmo, que gemem sobre os seus eixos, e se abrem: são exhalações empestadas, que rompem em turbilhões dos calabouços eternos, e que derramão por toda a parte a destruição e a morte.

E' da França, que se levanta a nuvem caliginosa e ameaçadora, que tolda e abafa os horisontes da Igreja. Sahio d'Alba, senhores! Cidade iniqua! foi sem reflexão que pronunciei o teu nome á face dos altares! Ferida pelos anathemas da Igreja, erma e solitaria, acabes de uma vez, e a mão solapadora do tempo te lance no mais perfeito olvido, no mais completo abandono!

Foi neste asylo de iniquidade, que a heregia, coroada de viboras, ousou acastellar-se, levantou os seus muros, ergueo seus baluartes e arvorou suas bandeiras. D'ahi, tão precipitada como o raio, ella retalha e devasta as mais bellas provincias da Europa.

Em outros tempos Phocio negou a processão do Espirito Santo; Nestorio insultou a maternidade divina de Maria; Euthiques a pureza desta Virgem; Carlostadio a presença real de Jesus Christo na Eucharistia; os Monotelitas o culto das Imagens; Zuinglio o peccado original, o sacramento da penitencia e o merito da fé; os Manicheos sustentárão os dous principios, do bem e do mal; Mahomet santificou o fatalismo; Berengario, João Scoto o Erigena, todos elles atacárão um ou outro principio, esta ou aquella doutrina, uma verdade, ou um dogma; os Albigenses negão tudo. Elles infestão o Languedoc, e alem dos erros, que havião propagado, reunirão-se aos dos Sacramentarios; erros, que não provinhão do raciocinio, que se desviava da fé, mas que erão o producto doloroso e funesto de um fanatismo barbaro, e do odio sanguinario, que consagravão aos catholicos.

O espirito anti-christão é inseparavel do orgulho, e o espirito de heregia é inseparavel do espirito de revolta. O Evangelho liga os homens, a sua transgressão é que os desune. A fé abraça-se com a caridade, porque não basta crer, quando tambem se deve amar.

Os Albigenses apoderão-se das armas, e procurão defender pela força o que era impossivel sustentar pela razão. Seu grito revolucionario abalou e commoveo a Europa. Armão-se os principes, revolvem-se as nações, o terror e a morte derramão-se por todos os lugares, perseguem-se os sacerdotes, desterrão-se os bispos, prohibe-se o baptismo, escarnece-se da penitencia, profanão-se os templos, arrasão-se os mosteiros, destroe-se o culto das Imagens, nega-se a Eucharistia, proscrevem-se os outros sacramentos, insulta-se a Cruz, zomba-se da resurreição dos mortos; e o Languedoc inteiro arde no fogo da mais ensanguentada de todas as revoluções. Aragão, Tolosa, Armagnac, são os pontos historicos da maior atrocidade. Reune-se um Concilio Ecumenico, Innocencio III o convoca, e o presi-

de; mas o crime vôa das capitaes para os suburbios, de reino reino, e de um imperio para outro.

No meio desta ruina, que é quasi universal nos estados catl cos; por entre estas lavas devoradoras, lançadas pelo vesuvi mais abominavel das seitas, que tem hostilisado a Igreja; quem nhores! quem ousarà desmoronar a impiedade?

Quem será o defensor intrepido da religião opprimida?

A quem será dado decapitar por uma vez a hydra renascent heregia?

Appareceu um homem, em cujas mãos estavão depositado destinos do universo christão. Genio emprehendedor, theolog clarecido e profundo, controversista egregio e luminoso, prég vehemente e persuasivo, novo Abrahão por sua fé, segundo Mo por suas orações, Elias pela actividade do seu zêlo, Elizeo vigor do seu espirito, David por seus combates, e Josué por victorias. Tão extraordinario por seus discursos, como por prodigios. Seus exemplos tinhão a suavidade do balsamo, suas lavras a violencia do fogo. Dos seus labios sahião a piedade raio. Na sua lingoagem resuscitavão os Paulos, e julgava-se ouvi Agostinhos. Lustre de Osma, assombro de Castella e de Ara oraculo dos reis, tão amado entre os catholicos, como temido e os hereges. O Evangelho era o seu patrimonio, e a pobreza f a sua força. Todas as virtudes, eis aqui o seu exercito: todo vicios, eis aqui os seus inimigos.

Ha caracteres, que se não podem confundir com outros, a como ha retratos, que só podem quadrar ao seu original. Eu pronunciei ainda nome algum, e vós sabeis que eu vos fallo de mingos, de Domingos, senhores!

Reanimai-vos, verdadeiros devotos de Maria! Desapparecei, migos da verdade! Religião! é este o teu novo Apostolo! Ro eis o teu sustentaculo! Virgem augusta! os vossos louros estã suas mãos! Triumphos do Rosario, apressai-vos! Cidade in tu cahirás por terra!

Este invencivel patriarcha, senhores, convoca e reune os q conservão fieis, e estabelece o exercicio do santissimo Rosario. sim como o gigante de um só passo abrange terreno immenso, corre n'um só instante de um clima para outro clima; segundo than, leva as palavras de vida a todos os lugares da morte. mão-se as assembléas christãs, e os mysterios do Rosario resoão toda a parte. Apenas os povos pronuncião estas preces divinas, do muda de face. Domingos, o filho de trovão, solta a sua v cahem por terra todas as moles, sobre que o erro se sustenta. O me pára amedrontado no meio de sua carreira. Tudo annun vencimento da Igreja. O herege se perturba e vacilla, prost o libertino, o irresoluto é ferido, a contrição renasce, o peccad converte, compunge-se o infiel, os crentes se felicitão, a Igreja e ta, o inferno treme, e a victoria mais assignalada e perfeita a

por estabelecer e por firmar esta devoção sublime, que sahio do coração de Deos, e se transmittio aos mortaes pelas mãos de Maria. Mas não é ainda aqui, que terminão as excellencias do Rosario.

E seria possivel, que neste dia, um dos mais bellos e insignes nos fastos do christianismo, podesse eu, como orador sagrado, passar em silencio a mais illustre de todas as suas victorias?

Constantinopla! franquea-me os teus muros: eu vou transportar-me a teu recinto, eu te observarei de perto. Sim, lanço os meus olhos atemorisados sobre os teus habitantes, colloco-me nas margens do Lepanto, e a reunião das tuas desgraças obriga-me o voltar involuntariamente o meu rosto: palpita-me o coração, e gélo de frio susto.

Depois de ter devastado o Egypto, subjugado a Grecia, e posto a Palestina em ferros, Selim II, senhores, inimigo feroz e irreconciliavel do christianismo, rompe de um modo perfido a fé e a alliança dos tratados; e marchando de cidade em cidade, e de conquista em conquista, elle pretende agrilhoar a Italia, levando a devastação alem das margens do Tibre: pretende mesmo collocar o nome, outr'ora classico e victorioso dos Romanos, na lista funesta dos póvos escravisados: pretende em fim lançar em estridulos grilhões os seguidores do Evangelho, submettendo-os ao captiveiro mais iniquo.

Desde este momento eu descubro as vastas e tempestuosas planicies do Lepanto coalhadas de velozes e guerreiras náos. As luas othomanas fluctuão em suas perfidas bandeiras, que tremolão aos ventos. Chypre! tu cahiste convulsa e escravisada, nas mãos do vencedor infiel. Cefalonia! tu pertences ao victorioso soldado, que acaba de impor-te o seu jugo, e o Alcorão. Candia! as tuas lagrimas são inuteis, servem unicamente de banhar os teus ferros.

Sim, o invasor temerario não pára, e marcha muito alem; corta ainda as vagas do Mediterraneo, e esta esquadra numerosa, assignalada por tantas conquistas rapidas e terriveis, por tantas devastações, por tantos successos tragicos, vem apoderar-se da Italia. Ei-la arfando soberba em seus mares pacificos e descuidados.

Observai, senhores! observai este espectaculo assustador e digno da mais profunda magoa. O acontecimento infausto voa por todas as provincias, os fieis tremem, cheios de consternação e de angustia. Derrama-se entre elles o medo e a desordem. Um murmurio surdo succede a um grito de dôr, que retumba em todos os angulos do vasto continente. O pranto ensopa as familias. O desalento pinta-se em todos os semblantes.

Já do meio das ondas, inquietas e turbulentas, fuzilão os canhões do inimigo. Ouve-se o trom da sua artilheria, e seus bronzes guerreiros vomitão a destruição e a morte. Enroladas nuvens de fumo, escuros turbilhões, que se levantão dos mares, abafão e escondem os horisontes christãos.

Tudo annuncia a victoria, unida com a escravidão mais barbara e atroz; porém no meio do horroroso estampido, que soltão as galeras

inimigas, as confrarias religiosas sustentão em suas mãos o Rosario, e invocão a sua Protectora. Os póvos, penetrados de susto, barafustão pelas praças, derramão-se pelos templos, e em grandes brados entoão os mysterios santissimos. A este grito unisono, que retumba nos mares, a este grito universal em honra de Maria, responde no seio das ondas a pequena esquadra catholica. É dentro das náos, que defendem o porto; é mesmo dentro das agoas do Lepanto; é ao som dos remos e das bombardas; é no meio do combate, que a tripolação christã entôa e responde ao mesmo tempo aos louvores desta Virgem. Os entendimentos estão postos no Céo, os olhos estão fixos nos contrarios, os braços dirigem as manobras, os corações pertencem a Maria, os labios entoão o Rosario, o dia é este que celebramos hoje, e a hora, senhores, a hora é talvez esta mesma, em que vos estou fallando. Desiguaes no numero e na força, os combatentes christãos são superiores pela Fé.

Já, em grande parte, as quilhas infieis, rotas e destroçadas, se submergem e abysmão. Vogão as antenas e os mastros a discrição das ondas: trinta mil cadaveres boião e fluctuão, ensanguentando os mares: dez mil prisionieros entregão-se á mercê dos vencedores catholicos, e quinze mil christãos, escravos e acorrentados, recobrão neste dia a liberdade e a vida.

Salve!....Oh! Virgem feliz e bemditissima! Predilecta de Deos! entoarei teus hymnos de triumpho, celebrarei o teu Rosario! Salve!..

Accumulemos a tudo isto um pensamento ainda. Levemos mais longe as excellencias desta devoção singular. Supponde, que um monarcha compassivo e virtuoso, sabendo, que um tyranno ousava disputar-lhe o imperio, e que opprimia seus subditos, desce do throno, e acompanhado unicamente da sua clemencia, debella o inimigo, e o extermina para longe; que se dirige depois aos carceres e observa inumeraveis infelizes, rojando enormes cadeias, mirrados de negra e macilenta fome, proximos ao ultimo bocejo; e que penetrado de ternura, lhes extende a mão benefica e poderosa, lança-lhes a purpura; que os conduz ao seu mesmo palacio; que os adopta, como filhos, e que depois de tudo isto, querendo mais e mais derramar sobre elles a sua beneficencia e as suas graças, lhes assigna um memorial, promettendo-lhes, que lhes concederá tudo o que pedirem, e unicamente debaixo da condição suave de lhes serem fieis; poderá este monarcha, virtuoso, como elle o é, faltar á sua gratuita palavra? Pois o monarcha é o filho de Deos. O tyranno é o principe das trevas. Os opprimidos são os homens. A purpura é a estolla da graça. O palacio é o reino dos Céos, e o memorial, senhores, o memorial é o Rosario.

Aqui extasiado com tantas maravilhas, eu me apodero do pensamento, e da lingoagem do Propheta, que invoca todos os seres, para o ajudarem no seu cantico: elle anima e dá voz a Natureza! " Céos! diz elle, exaltai o Senhor, porque derramou as suas misericordias! Saltai de jubilo, extremidades da terra! Montes, florestas dilatadas

e sombrias, fazei que retumbem seus louvores! Elle resgatou a Jacob, e Israel ficará sendo um povo glorioso: " *Quoniam redemit Dominus Jacob, et Israel gloriabitur.*

Interrompei por um momento esta scena de jubilo, e transportai-vos ao Golgotha. É uma nuvem, é um toque de melancolia, que se faz preciso ao nosso quadro.

O Filho do Invisivel, erguido sobre o patibulo medonho, volve seus olhos, arrasados de angustias, ancêa, agoniza, desfallece, e achando-se como envolvido no negro véo de peccador, contemplando sobre seus hombros as iniquidades do universo inteiro, volta-se para o Arbitro da natureza, e queixa-se do desamparo horribilissimo, que o rodea; mas responsavel por todos os delictos das gerações transgressoras, elle não se resolve a chamar seu Pae áquelle a quem se offerece, como victima, e apenas lhe chama Deos: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*

É tal o poder, é tal a efficacia das orações do Rosario, que por ellas, sendo nós realmente peccadores, não só se nos concede, e se nos manda chamar Deos, como tambem Pae: *Pater noster, qui es in cœlis.*

Eu paro e emmudeço de todo.

Virgem bella! que Escoto celebre e que defenda a vossa conceição; Bernardo preconise a vossa maternidade; que Jeronymo se transporte, vendo que sois apresentada no Templo; que Anselmo se torne extatico na contemplação das vossas dores; que Dyonisio exalte o merito e a virtude da vossa vida amabilissima; que Pedro Damião derrame lagrimas de ternura, julgando-se presente á vossa morte; que Ireneo pareça perder-se nos seus extasis, descrevendo a vossa elevação aos Céos; que o immortal Agostinho não ache em seus labios expressões para louvar-vos; eu me ligarei a toda essa torrente dos Padres Gregos e Latinos, para celebrar vossas grandezas, e reconhecer a vossa exaltação; porém hoje, reunido a Domingos, eu acharei no Rosario o resumo das vossas graças, e o epilogo dos vosos mysterios; tudo o que se disse de vós, tudo o que a lingoagem dos homens, e dos Anjos, houver de dizer ainda. Aceitai as nossas homenagens, acolhei os nossos hymnos.

ORAÇÕES FUNEBRES

10

NAS EXEQUIAS

DA IMPERATRIZ D. MARIA LEOPOLDINA JOSEPHA CAROLINA

MANDADAS CELEBRAR

Pelo corpo militar de primeira e segunda linha da guarnição da cidade do Recife, em 30 de Abril de 1827, na igreja da Concelção dos Militares.

Et erat hæc in omnibus famosissima, quoniam timebat Dominum valde, nec erat, qui loqueretur de illa verbum malum. (*)

Ella adquirio um nome assás illustre, porque temia grandemente ao Senhor; e não havia uma só pessoa, que dissesse mal d'ella.

Judith cap. VIII v. VIII

Reis !.... Instrui-vos. Um sepulcro se vos abre por ultimo. Apenas lançados nesta morada de horror, fria cinza, hediondo pó, carcomidos ossos annuncião de perto toda a vossa fraqueza. Desapparece a vossa gloria, como o ligeiro relampago, que fuzila da nuvem. Uma pedra, e mais nada ! suppre a extensão dos vossos dominios, o luxo e a vastidão dos vossos palacios. A enfermidade vos abate, a morte vos humilha, a sepultura vos recebe, a terra vos desfaz, o tempo vos insulta, o mundo vos esquece; e na cerrada e profunda escuridão do tumulo se abafa e se extingue de uma vez para vós o tumulto das côrtes, o elogio dos grandes, o cortejo dos aulicos, a humilhação dos pretendentes, a vassallagem dos povos, o apparato da guerra, o estrondo das victorias, o grito das nações, o

---

(*) Este mesmo thema, que a 28 de julho de 1780 foi felizmente applicado pelo erudito frei Joaquim Forjás a Sra. D. Marianna d'Austria, rainha de Portugal e irmã do terceiro avô de S. M. a Imperatriz do Brazil, é o que muito de proposito escolhi para esta oração funebre. A nossa augusta, descendente da casa d'Austria, bem como a digna consorte do Sr. D. João V, tinha alli o mesmo titulo, e unida, como ella, a casa de Bragança, talvez, patenteou maiores virtudes. Ligadas pela patria, pela natureza, pela religião, semelhantes até, em parte, pelos seus destinos, ellas fizerão felizes e nunca tiverão descontentes; e se iguaes nos corações deixarão as mesmas saudades, porque não lhes tributaremos os mesmos elogios ?

turbilhão das honras, os prazeres, a pompa, e eu direi mesmo, a vaidade.

Reis!.... Ha só um meio de vos immortalisardes: sêde virtuosos. Não conteis com o solemne elogio da posteridade, se vós não fordes justos.

Que imagem tão aterradora, tão cheia de expressão, nos congrega no recinto magestoso do templo!

Que instrucção, senhores, tão viva para os grandes!....

Meu Deus! Na flor dos annos, na estação dos prazeres, rodeada das graças e dos attractivos do seu sexo, no seio mesmo das delicias, no centro do fausto e da sumptuosidade de uma sorte soberba, ao lado de um esposo, que tem na historia um caminho não trilhado ainda e atado sobre a sua cabeça o diadema brilhante de um imperio magnifico e vasto, grande na Europa, maior ainda na America.... a archiduqueza d'Austria.... eu estremeço, senhores!.... a augusta descendente de Carlos VI, a filha de Francisco I. a neta de Fernando IV, a sobrinha de José II, a mãi da segunda Maria de Portugal, a consorte do imperador e rei, a imperatriz do Brazil, foi arrebatada dentre nós por uma morte imprevista e quasi subita.

Ah! uma dôr pesada, uma tristeza eterna se imprima sobre a nossa face! Porém que, senhores? Não é sobre a lagem sepulcral do virtuoso, que deve correr o pranto. As lagrimas devem só derramar-se sobre a campa funebre do perverso, porque elle fez o mal não pode mais remedial-o. (*)

O tumulo do justo é um monumento levantado á virtude.

Sim, eu não venho espalhar sobre a sepultura de S. M. a imperatriz as negras flores da lisonja. Isto seria perturbar o seu repouso sagrado, manchar e revolver com mão temeraria e sacrilega as suas cinzas illustres, sem respeitar o venerando e silencioso fundo do seu sepulcro. Banir a verdade do seu elogio é commetter um sacrilegio. Longe, bem longe de mim, senhores. Ella foi virtuosa, vós o confessaes; e para fazer o seu retrato de uma só pincelada, basta applicar-lhe o encomio sublime, que as paginas sagradas tecerão a mais recommendavel das Hebreas: " Ella adquirio um nome assaz illustre, porque temia grandemente o Senhor; e não havia uma só pessoa, que fallasse mal della. „ Et erat hæc in omnibus formosissima, quoniam timebat Dominum valde, nec erat, qui loqueretur de illa verbum malum ".

Portanto eu vou fixar-me nesta idéa unica

A imperatriz, na bondade do seu coração, deu a maior prova do seu temor de Deus. Tal é o elogio, que á face do lucto dos altares,

---

(*) Je ne viens pas pleurer sur sa cendre; il ne faut pleurer que sur celle des méchants, car ils ont fait le mal, et ne peuvent plus le reparer. (M. Thomas, no elogio de Marco Aurelio).

á vista deste mausoléo sombrio, no meio das lagrimas e da consternação publica, eu venho, cheio de susto e de saudade, consagrar a memoria de S. M. imperial, a muito alta, muito poderosa, pia e orthodoxa Sra. D. Maria Leopoldina Josepha Carolina.

Verdade augusta! Eu te invoco! Empresta me o teu pincel e dirige o meu braço.

PRINCIPIO

Só a religião é o berço da verdadeira grandeza, porque é o berço da santidade e da justiça.

E' desta origem sagrada, que a archiduqueza d'Austria derivou o esplendor, que transluzio em toda a sua vida e que se observou na rectidão dos seus costumes.

Que ella abrisse os seus olhos nas mantilhas dos imperadores e dos reis, dos guerreiros e dos conquistadores, dos sabios e dos heróes, cuja nomenclatura apparatosa a historia tem conservado em suas paginas; que o phantasma da opulencia gyrasse vivido em torno do seu berço; que ella extendesse as suas vistas pela galeria sublime dos seus illustres avoengos, descobrisse em laminas de bronze os seus antigos retratos; visse por toda a parte monumentos e padrões talhados pelo artista á immortalidade dos seus nomes e respeitados pela mão voraz e solapadora do tempo; encontrasse um montão brilhante de mantos reaes, de sceptros e de palmas, cujas bases ião esconder-se na affrontosa revolução dos seculos; que se achasse, por ultimo, n'um imperio vastissimo, que tem imposto ao globo, tanto por sua antiguidade como por sua politica, escudado de muito pelas allianças das potencias e das personagens mais celebres da Europa e que até mesmo na extensão dos seus dominios deixou ver os venerandos restos da magestade romana; ella se não deslumbra com prestigios e phantasmagorias brilhantes. A religião dissipa aos seus olhos toda esta nuvem, todo este apparato vão e mundanal. O temor de Deus a possue, o Evangelho é o seu codigo, e ella conhece o seu nada, apezar da sua jerarchia. Taes são as luzes, que ella recolhe no regaço da piedade e da crença, apenas a sua razão alvorece por entre as trevas da infancia.

Destinada, senhores, segundo a orbita em que a Providencia a tinha collocado, para ser um dia o esmalte do throno e da nação, que houvesse de possuil-a, restava polir o seu entendimento e aperfeiçoar o seu espirito.

Francisco I floresce aos desvelos da sua educação. Um principe sem instrucção e sem pericia é um homem sem merito, pelo menos. Não disse tudo ainda. E' muitas vezes um volcão destruidor, que rebenta sem esperar-se, e que devora em suas gargantas inflammadas um povo todo inteiro. Da ignorancia para o despotismo só falta um degráo: do despotismo para todos os crimes não resta nem um passo.

Desde então ha uma imagem, que por toda a parte rodea, que segue por toda a parte a inclyta filha dos Cesares: é a gloria e a prosperidade do Estado. O seu nome na Europa, a sua representação politica entre nós, forão o signal mais certo da nossa independencia. Os seus destinos se amalgamárão com os nossos. Ella tinha a sua patria, aonde se firmava o seu throno.

Se é preciso passar da côrte para uma das provincias, ella se abandona aos mares e affronta todos os perigos. Aonde se multiplicão os trabalhos, ahi se redobra a sua actividade. Se o imperador deixà a capital, arrosta os furacões e as tormentas, e vai repellir os rebeldes; a imperatriz toma o seu lugar nos conselhos, preside com doçura ao governo e rege o leme do estado.

O imperador torna o Brazil respeitavel no gabinete dos reis, a imperatriz o faz digno de inveja no circulo dos sabios. Se aquelle o sustenta pelo seu valor, esta o conserva por suas orações. Um o prospera pela sua politica, a outra o edifica com os seus exemplos. Um lhe abre os trilhos da gloria, a outra os da religião. Um o regenera, outra o illustra. Este é o seu garante, aquella o seu adorno. Este medita e emprehende, aquella combina e aconselha. Este traça a independencia, aquella fortifica o plano. Este faz a guerra, aquella clama ao Céu pela paz. As nações, que olhão com respeito para o descendente dos Henriques, dos Manueis e dos Dinizes, se enchem de admiração ao mesmo tempo pela filha dos Othões, dos Leopoldos e dos Maximilianos.

E, por ultimo, o Brazil lhe arranca o seu primeiro filho, o Brazil afasta d'ella o esposo. Teve a dôr de ver morrer o primeiro, não tem a consolação de acabar nos braços do segundo. Digamos de uma vez, ella foi uma victima consagrada ás agitações, ás alternativas, aos sustos, ao estabelecimento, á sorte, á representação, á grandeza, á prosperidade, ao lustre, ao esplendor e a celebridade da nação.

De todo o modo se dilata por ella o renome do imperio. Deixa-lhe successores, que perpetuem na carreira dos seculos a imperial dynastia e do terreno americano, do solo brazileiro.... oh! Gloria!.. Uma princeza em flor, tão linda, como a aurora, vai subir ao throno do primeiro Affonso, ao throno portuguez, ao throno das Isabeis e das Marias.

Mas era a bondade, que tinha verdadeiramente aperfeiçoado o genio e formado o caracter da augusta imperatriz. Esse dom precioso apparecia nos seus discursos, derramava-se nas suas acções e existia no seu rosto. Seu coração era o templo, em que esta virtude vivia recerrada.

Grande sem apparato, sublime sem orgulho, discreta sem ufania, terna sem fingimento, sensivel sem excessos, compassiva sem jactancia, tolerante sem fraqueza, devota sem distracções, affavel com dignidade, docil com prudencia, ella encanta ao mesmo tempo por sua singeleza, conforta por sua erudição, admira por sua modestia,

toca por sua generosidade, attrahe por sua doçura e edifica por suas orações.

Circumspecta na côrte, industriosa na solidão, magnanima nas adversidades, firme nas tribulações, moderada nos prazeres, virtuosa em todo o tempo ; esposa, mãe, soberana, christã, ella preenche a lettra todos estes deveres. Prostrada diante dos altares e abysmada na contemplação pasmosa do Arbitro supremo, ella faz reviver a memoria das Pulcherias no Oriente, das Helenas em Roma, das Cunegundes na Allemanha, das Isabeis em Hungria, das Edwiges na Polonia, das Sanchas, Joannas, Therezas e Mafaldas.

Aonde apparece a indigencia, ella diffunde a caridade. Não é preciso pedir-lhe, quando sabe, que se necessita. Previne, ella faz mais ainda, concede ao desgraçado o soccorro e as lagrimas. Os limites dos seus redditos são os da sua liberalidade, posto que não sejão os do seu coração; e se ella não pode fazer leis, pode derramar beneficios.

Descei a esses lugares melancolicos e sombrios, aonde a indigencia e a miseria extendião o seu imperio funesto ; aonde a pallidez da fome e a imagem da morte gritava em todos os semblantes; aonde vacillava a honestidade da virgem; aonde definhava o pupillo; aonde o pranto humedecia o rosto da viuva modesta; aonde o ancião, acabrunhado com os gelos da idade, vivia arquejando nas garras da penuria; aonde o pai de familia tinha em seus proprios olhos o quadro horroroso da desesperação: descei a esses logares medonhos, e vós encontrareis uma nova scena ahi mesmo. Vós achareis ahi o balsamo, o remedio, a consolação, a caridade, a imperatriz. Se eu tenho faltado á singeleza; se degradei o meu ministerio; se julgaes, que eu desfiguro a verdade; eu paro desde já, emmudeço por um pouco, e vos peço, que me contradigaes. Victimas desgraçadas da indigencia ! a gratidão e a dor vos arrastarão até o seu sepulcro ; vós tendes lavado com o vosso pranto o marmore frio, que cobre o seu cadaver; vossas lagrimas fallão, e são o seu elogio.

E que prova mais decisiva da benevolencia sem limites da augusta soberana, do que a consternação dos leaes Fluminenses nos dias peniveis da sua enfermidade ?

Quando uma nação tem a desventura de ver sobre o seu throno máos principes, só a dependencia e o temor lhe podem arrancar elogios. A verdade perseguida e errante vai murmurar em segredo, e o odio, essa paixão, que muitas vezes não perdoa á virtude, mas que nunca perdoou aos tyrannos, véla sem descanso no coração dos póvos. E' um volcão subterraneo, que só procura romper em lavas horriveis, e extender a destruição ao longe. Se o infortunio ameaça um soberano perverso; se a enfermidade annuncia a sua queda; se a morte se lhe aproxima; não espereis, senhores, que se exhale um gemido, e nem que se derrame uma lagrima. Pelo contrario, as maldições publicas, as pragas da nação fervem so-

bre elle em cardumes; fazem-se votos occultos pela sua destruição;
ajuiza-se mesmo, que o ultimo suspiro, que se lhe escapa dos labios
um bafejo celeste, que traz a liberdade. Mas quaes são os sen
mentos, os ternos, os cordiaes sentimentos, que animão a capital
Brazil nos ultimos e preciosos instantes da virtuosa imperatri
Admirai, senhores.

Já de muito a sua saude, as graças do seu rosto, a sua anti
serenidade parecião perturbadas e murchas; e bem depressa os p
meiros annuncios do barão de Inhomerim derramão o terror e o su
to na capital inteira. Ao rumor funesto da sua enfermidade a côr
estremeceu e julgou-se em perigo com ella. Uma nuvem de affli
ção e de tristeza abafa o coração dos Brazileiros e todos se olhár
ameaçados por um desastre terrivel, e por uma desventura public

A' esta primeira sensação, á este primeiro tumulto succedem m
mentos lisongeiros. A morte, zombando da nossa credulidade e
nossa esperança, surge e desapparece por vezes, combate e ced
assalta a sua victima e foge. Noites de anciedade e de dôr traze
instantes tranquillos e serenos. A razão mistura-se com o deliri
A saude ensaia-se e desanima ao mesmo tempo. Uma esperança
contrastada por um incidente. A natureza resiste para succumb
de novo. A arte se applaude algumas vezes; mas a sua illus
prova a sua fraqueza. E no seu estado perigoso de gravidação
soberana perdeu um filho, o throno uma columna, o Brazil um p
tector e as nações um heroe.

Entretanto o espectaculo mais enternecedor e tocante se ap
senta as nossas vistas. Reunem-se no seio de todas todas
familias votos os mais vivos pela saude da imperatriz.
tabelecem-se preces publicas, e as orações particulares une
se ás da igreja. Ardem os lumes sagrados diante do Sen
dos reis e dos imperios. Os sacrificios se repetem e os altare
curvão com o peso das oblações e das victimas. O cortezão e o gr
de geme, e ora com o pequeno. Borbulhão as lagrimas. Os s
ços sobem aos Céus no meio dos turbilhões do incenso. Multiplic
se as procissões e os canticos. Redobrão-se as supplicas mais fer
rosas e ternas. Os pobres, conhecendo que podem ser mais
graçados ainda, formigão em tropel de todos os lados, e pergun
tremendo, pela sua bemfeitora. Sahe-se das casas para correr
templos, sahe-se dos templos para voar á S. Christovão, sahe-se
S. Christovão para encher as ruas e apinhar as praças. A c
desolada parece uma familia de pupillos. O estrangeiro mesmo
ca-se da nossa situação e admira-se de sua propria sensibilidade.

Ha um lucto pesado, um desconsolo publico. Ha em toda
classes, em todas as corporações um só entretenimento, ha um u
motivo, um cuidado unico — as melhoras da imperatriz, a v
da imperatriz —.

A pezar de tudo isto, o Céu tem outros destinos sobre
Medicina, tuas combinações serão inuteis, não valem teus afo

mos e teus calculos! Morte inimiga sanguinaria e cruel, filha do delicto e da perseguição funesta dada pelo crime, tu acabaste por arrancar a vida de um filho tenro e innocente, que era mais um penhor da estabilidade do throno, e que seria as delicias da nação; tu não consentiste mesmo, que seus olhos se abrissem a luz e que respirasse entre os vivos, passou do ventre para o tumulo; e pouco satisfeita ainda, tu aguças de novo o punhal sanguinolento, e te apromptas para descarregar um golpe barbaro sobre a mão virtuosa!

Sim, os suspiros, os votos da nação não podem impedir, que o gelo da morte desça ao coração da illustre moribunda; mas os ultimos instantes da sua existencia são os mais sublimes da sua vida.

A religião, que lhe deu o berço, lhe prepara o sepulcro. Um sacramento lhe abrio as portas deste mundo, outro sacramento acaba de as fechar. A resignação está pintada sobre a sua face.

Ella ajunta o resto das suas forças fugitivas e exhorta os subditos, que a rodeão, á fidelidade ao chefe da nação. Volta-se depois para os tenros penhores do throno, e a vista dos innocentes e mimosos filhos, que já considera orphãos, a natureza desperta ainda no seu coração meio gelado, e seus olhos, quasi extinctos, se arrasão de um pranto maternal e doce. Da-lhes uma nova mãe e exige mesmo, que a respeitem.

Já o bafo da destruição murchou o seu semblante, e a noite vai-se derramando em seus olhos. A natureza desfallece de todo. No meio de um suor frio, quasi vem aos seus labios o ultimo bocejo. A voz balbuciente, exhausta se lhe prende nas fauces. Ouvem-se ainda duas palavras truncadas.... "Deus...." e o meu esposo...." Fecha os olhos.... e sobe ao Céo.

Golpe medonho!.... Perda irreparavel, senhores!.... Os que velão junto do leito imperial, se olhão amedrontados em silencio, como feridos de um raio; mas de repente a dor se communica e lavra; e desde o empinado torreão de S. Christovão até a ultima cabana do Brazil retumba, como o estalo medonho do trovão, este grito doloroso e terrivel — a imperatriz é morta, morreu a imperatriz.

Portas da eternidade abri-vos! " Occurrite, angeli Domini. " Anjos do Senhor! Correi a recebel-a. Meu Deus! Sede vós o seu esposo e o seu imperio.

Adoremos aqui, senhores, o braço poderoso e invisivel, que reduz os soberanos a pó, e arrasa os imperios até os alicerces. Não interrompão nossas lagrimas inuteis esta ceremonia venerauda.

Extinguirão-se de uma vez os padecimentos dolorosos dessa alma benefica, desse coração magnanimo, suas angustias, sua enfermidade terrivel no leito da afflicção e da morte. Terminou-se mesmo esse fundo de desgosto e de amagura, essa revolução continua, que se achava no seu proprio coração, porque se acha no coração de todo o homem, seja qual for o seu ponto de sublimidade e de grandeza.

Ah! Os reis não são os mais felizes. Observai-os de perto. Passai a través desses salões brilhantes. Procurai-os na solidão de seus gabinetes; e aonde desapparecer o rei e encontrardes o homem, vós os achareis ahi mesmo devorando em segredo os amargores da myrrha. A angustia os perturba no throno, e a purpura muitas vezes é banhada de pranto.

Só a immensidade de Deus póde encher a immensidade do espirito do homem.

Continuemos pois a funebre liturgia.

O sangue do Cordeiro virgem, o sacrificio de expiação, que acabámos de offerecer pela imperatriz extincta, purificará suas faltas.

Os justos as tiverão.

Conceda-lhe o Senhor, pela hostia pacifica, esse repouso eterno, que se não acha entre nós, essa luz perenne, que não teve principio, nem se acabará nunca. “Requiem æternam dona ei, Domine, et lux perpetua luceat ei.”

NAS EXEQUIAS

DA CONSORTE DO CAPITÃO JOSÉ GOMES LEAL

(NO CONVENTO DO CARMO A 11 DE MARÇO DE 1842)

Maria optimam partem elegit, quæ non auferetur ab ea.

Maria escolheu o melhor de todos os logares, e não haverá quem lh'o possa tirar.

S. Luc. v. XLII.

Cinzas e despojos da morte, eu traço o vosso elogio; mas eu vos não profano!

Por ventura, senhores, a vida simples, as virtudes pacificas, a solidão e o retiro não deverão ter jámais, nem historiadores, e nem panegerystas?

E poderia crer-se, que a religião fosse tão injusta, como os homens?

Não será mesmo um triumpho para a caridade entrar pelo afastado recinto das familias christãs, extender o braço generoso, e arrancar dos escondrijos e das trevas domesticas o nome daquelles, que ahi mesmo souberão conhecel-a?

Depois dessas virtudes estrondosas, que deixão por longos annos sobre a terra um som estrepitoso, que se assemelha ao choque das ondas, quando se cruzão fervendo e se quebrão umas sobre as outras; não serão tambem uma belleza religiosa essas virtudes dôces e suaves, que se deslisão e escapão brandamente, como o regato crystalino, que serpenteia sem violencias, sem ruido e sem esforço?

A imaginação abrasada dos enthusiastas exulta com as imagens fortes, com os relampagos de um heroismo falso ou verdadeiro, e sente todo o desgosto da indifferença, se encontra nos ermos e nas solidões algumas flores, que, de espaço em espaço, se agitão docemente e como cheias de timidez por entre as palmeiras e os cedros. Mas o philosopho christão contenta-se de deparar a virtude na virtude mesma; e ás vezes a simplicidade o toca e o penetra, ainda mais do que mesmo a pompa e o fulgor.

A religião tem seus matizes, assim como a natureza tem os seus. Agostinho foi um colosso de sabedoria e de grandeza; Monica foi um prodigio de humildade e de abnegação. O christianismo, que consagra os triumphos do primeiro, recommenda e perpetúa a aniquilação da segunda.

Fallar da singeleza, da simplicidade, da modestia, da beneficencia e da religião, escondidas, e como abafadas nas reclusões da vida domestica,, é traçar o quadro da filha terna e submissa, da esposa fiel e desvelada, da mãe laboriosa e infatigavel, da mulher penetrada de piedade e devoção; é escrever, ainda mesmo sem o presumir, uma pagina da vida religiosa e tranquilla da illustrissima senhora dona Maria Antonia da Conceição Seve Leal. Sim, pelo fiel desempenho de suas obrigações, ella escolheu nos Céos como christã, a piedade o ensina, o logar do seu perpetuo descanso, que jámais lhe poderá ser tirado. *Maria optimam partem elegit, quæ non auferetur ab ea.*

Cinzas e despojos da morte, eu traço o vosso elogio; mas eu vos não profano!

Meu Déus! Vós sois a verdade, e vós sabeis tambem que eu a digo.

PRINCIPIO

Quando, senhores, eu agito o pincel, para desenhar-vos o quadro religioso de uma mulher christã, entregue aos deveres sagrados, que lhe traçou a mão da Providencia, jámais poderia eu prescindir da sua educação. Porém ousarei pronunciar esta palavra em um seculo, que, por uma singularidade philosophica, tem posto um particular estudo em transtornar os vocabulos e as cousas?

Chamarei eu educação feliz a este aferro ás crenças religiosas, lançadas em o nosso coração desde o berço? A esta moral severa, que nos afasta dos envenenados prazeres da dissolução? A este retiro domestico, e a esta pratica suave de tantas acções bellas?

Ah! se o seculo, em que vivemos, conserva outras idéas, o Evangelho, que será sempre o codigo de todos os seculos, não nos prescreve outras.

Maximas, ou mais antes os preceitos religiosos da maior importancia, formarão e desenvolverão, desde os primeiros dias, o espirito da illustrissima senhora dona Maria Antonia da Conceição Seve Leal. A religião fez o primeiro patrimonio de seus paes: elles lh'o transmittirão. A religião fará sempre a base de todas as suas acções, e ella o demonstrará. A sua infancia é, desde então, o mais seguro e fiel prognostico da sua juventude, assim como a sua juventude annuncia qual será o seu termo.

A Providencia determinou em seus conselhos, que ella percorresse uma carreira mais ampla.

O thalamo a espera.

Unida ao que tinha de ser seu esposo pelos laços do sangue, ella o foi tambem pelos da religião. Esposa, e logo depois mãe, ella se entrega aos maiores desvelos para transmittir aos seus filhos o deposito sagrado, que recebeu de seus paes, uma moral sem mancha.

E' a religião o primeiro agente, que ella põe em movimento pàra formar o espirito e o coração dos sens filhos. Os elementos religiosos começão, por me exprimir assim, a balbuciar com elles. Mãe prudente e cautelosá, espreita a natureza nestes fructos de benção, fomenta e desenvolve suas inclinações felizes e reprime seus defeitos e suas paixões nascentes. Entretem, ás vezes, seus brincos e suas illusões de infancia, para aperfeiçoar sua moral. Oppõe aos seus enfados, ás suas inconstancias momentaneas, uma doçura, que lhes ensina a paciencia. Mistura-se em seus entretenimentos para corrigir suas faltas. Palavras de severidade são contrabalançadas por outras de ternura. As admoestações unem-se com a prudencia, e as caricias adoção a correcção. O castigo custa ao seu coração, naturalmente brando, e será sempre o seu derradeiro esforço. Ora ella mesma, e os ensina a orar.

E' um jardineiro, aperfeiçoando plantas.

E' um esculptor, burilando o marmore, para dar-lhe a elegancia de uma estatua.

E' um philosopho, purificando a moral.

E' uma christã, que conhece a necessidade de inspirar, e de dirigir á virtude.

Este ar de benevolencia, que a distingue para com os seus, concentrada em sua familia, é o mesmo que se descobre em sua face para os desgostos e anciedades da indigencia alheia. Seu coração benefico palpita, e parece rasgar-se aos primeiros gemidos do afflicto.

Nascida nos braços da prosperidade, longe dos dissabores e dos tormentos da penuria, ella não acha, apezar disto, em sua alma a sequidão desdenhosa e ingrata da indifferença e do orgulho, que petrificão, ou bronzeão as almas, que não conhecem a magestade da pobreza. Suas mãos vertem a caridade no seio da miseria, seus labios emmudecem depois da beneficencia, e só as suas lagrimas são as unicas que tem o poder de trahil-a.

Ella sabe, que a caridade morre, quando começa a jactancia.

Fiel em seus deveres, exemplar em suas obrigações, vigilante e desvelada em prolongal-as, ella as extende até ao ultimo dos seus subditos. Mas no centro destas virtudes, que se vão deslisando, a natureza começa a desenvolver este fermento de destruição, que tarde ou cedo terá de descerrar-nos as portas da eternidade.

Assaltarão-na os primeiros symptomas.

Ao aspecto de uma enfermidade, que parece ligeira, ajuiza-se que a saúde voltará bem de pressa. A illusão apodera-se do homem em seus prazeres, atormenta-o na desgraça, e só o desampara no tumulo. Porém nem os ares desempeçados e livres, nem a mis-

tura proficua e salutar de eleitos vegetaes poderão estorvar o progresso da morte, que lavra surdamente em suas veias.

Sim, o momento aproxima-se.

Essa faculdade benefica, ás vezes perigosa, mas sempre necessaria; que tem errado muito, para acertar muito pouco; que tem visto resurgir a saúde, quando esperava pela destruição; e que algumas vezes suppõe vida aonde não existe, senão morte; que póde tudo o que Deus quer, e sempre menos do que ella mesma presume; a medicina, senhores, perde-se nos seus cuidados, nas suas combinacões e nas suas formulas. Se a natureza lhe empresta os seus reinos, a razão os seus calculos, a arte as suas regras; a Providencia lhe prescreve os seus limites.

O verme devorador da existencia é dado com a vida. A destruição é a partilha de tudo quanto existe. O primeiro momento, que o homem acabou de respirar, já deixou de ser delle; e a morte lhe tem marcado o ultimo.

A natureza, assim como desenvolve por toda a parte o germen da vida, é ao mesmo tempo uma successão de mortes. As flores que murchão; as folhas que se precipitão; os troncos que se abatem; a corrente que foge; os rios que seccão; as trevas que abafão a luz; a noite que destróe o dia; um passaro que vôa e que se some; o relampago que fuzila e que desapparece; os prazeres que nos abandonão; uma respiração que corta a outra; tudo, senhores, tudo nos desenha a morte, e nos ensina, que a devemos esperar.

Estas idéas, estas imagens, estes pensamentos estavão, como n'um grupo, apinhoados em sua alma. Ella sabe, que o melhor meio de enganar a morte é viver esperando-a.

A enfermidade, finalmente, illude todos os planos e todos os mysterios d'arte. Parão assustados os raciocinios daquelles, que se incumbirão de a observar, e de restituir-lhe a saude.

São os abysmos da eternidade, que começão a abrir-se, e que a reclamão; porque já lhes pertence.

E que lhe resta, senhores? Uma palavra, que lhe diga aquillo mesmo, que ella principiou a penetrar. Mas ninguem ousa fazel-o.

A humanidade torna-se ás vezes criminosa á custa de ser benefica, e nestes casos já não é, senão a crueldade da beneficencia.

Quem levará esta palavra funesta, esta articulação de dor ao ouvido, já meio escasso e remisso da paciente victima?

A' consternação e o desanimo estão na face de todos aquelles, que a contemplão. Escapão lagrimas furtivas, soluços, que se abafão. Interrogão-se em segredo uns aos outros. Apinhão-se em torno do seu leito, consultão seus movimentos e seu semblante, e retirão-se mudos e estupefactos, adevinhando o resto.

Quem levará este desengano funesto, esta articulação de dor á paciente victima?

A pessoa que talvez nos pareça de menos valor para o effectuar. — Minha filha! ... é sua mãe, que se lhe aproxima, pedindo a re-

ligião emprestada uma coragem, que a natureza lhe negou. Minha filha!.... e ella parou para concertar sua voz tremula, e supprimir suas lagrimas, quando eu vos dei a luz.... Não: vós não tinheis ainda apparecido sobre a terra, e eu vos tinha offerecido a Deus. E o que é preciso agora? Entregar-vos outra vez a elle. E não me entendeis vós?

—Sim.... e quem não conhece a morte?

A resignação lhe inspirou esta resposta: e no mesmo instante, com as supplicas mais vivas, ella exige todos os soccorros que a religião reserva aos crentes nos derradeiros periodos. Ella os exige, ella os aceita e os recebe. Ella edifica pela candidez da sua ama; attrahe por sua piedade; admira por sua contrição; exemplifica por sua fé; assombra por sua esperança; instrue por sua humildade; commove por sua doçura; arrebata por sua resignação; encanta por sua paciencia; compunge por suas preces; maravilha por sua serenidade; e arranca lagrimas por seus colloquios, e por sua ternura.

Resta-lhe ainda um dever.

A Providencia, que a tinha constituido christã, a constituio filha, esposa, mãe, e a fez tambem senhora. Faltar a um destes deveres no ponto extremo dos seus dias, era faltar á religião e a si mesma. Ella reune em torno do seu leito de morte sua familia em pranto. Extende uma mão tremula para supplicar a ultima benção de seus paes.

E' esposa, e esta recordação comprime a sua alma prestes a fugir-lhe. Seu coração já tocado pelo gelo da morte, recobra uma energia e um vigor, que a natureza não conservava em si, mas que o amor é quem lh'o empresta. Seus olhos attentão no objecto dos seus cuidados, solta algumas palavras, e balbucia o resto. Acolhe, desfallecida, seus filhos; e a expressão da saudade se pinta no seu rosto: exhorta-os, abençoa-os, entrega-os e recommenda-os aos cuidados e religiosos desvelos de sua terna mãe.

E' senhora, mas o conhecimento do seu nada a humilha; e ella já não vê senão irmãos. A morte é o imperio da igualdade: a politica promette-a; mas a sepultura é que a dá. Ella se exprime pela voz da supplica, e implora a indulgencia e o perdão daquelles mesmos, a quem tantas vezes os soube conceder.

E que lhe resta? Alguns instantes mais de padecimento e de expiação.

Parece, senhores, que a morte mesma, se enche de timidez, quando assalta a innocencia.

Parece que ella não ousa arrancar a sua victima de um golpe.

O prolongamento dos males e das dores é, ás vezes, uma homenagem terrivel, que ella é constrangida a prestar-lhe. Sim, a morte ensaia-se para cortar, quasi em flor, os dias da virtuosa enferma; ensaia-se e recúa; assalta, porém foge; acommete e deixa ainda longos intervallos; multiplica depois os seus golpes, e concede-lhe instantes de repouso. Um ar de serenidade toca então, ligeiramente, o

rosto desanimado da paciente victima. Seus olhos tornão a conhecer a doçura de se fecharem, seja embora antes ao lethargo, do que ao somno.

Esta lucta, estas illusões da natureza, que procura enganar-se a si mesma, derramão todavia sobre a illustre moribunda uma tranquillidade apparente, que bem depressa é perturbada e revolvida por novos incidentes.

Quando emfim os ultimos accessos lhe desconcertão essa physionomia suave, que conservou em todos os seus dias; quando o seu coração palpita no meio de repetidas convulsões e crueis anciedades; quando o sopro da vida se acha proximo a extinguir-se, e semelhante á luz attenuada e debil, que se curva, ou que se extende, que se eleva, ou que se abate, fugindo e resvalando, para resistir á compressão do vento; então seus labios, tremulos e enregelados, forcejão para soltar uma voz, quasi extincta, e acompanhão ainda assim as preces do ministro sagrado com um murmurio surdo, que mais se interpreta, do que mesmo se entende.

Então seus olhos incertos e vacillantes procurão, vagando de objecto em objecto, encontrar-se com a cruz, e com as chagas do Salvador. Ao fixarem-se sobre a face do Deus crucificado, todo em sangue, e que do alto da cruz parece extender-lhe os braços, a natureza, como por um prodigio, faz uma pausa repentina. Ha uma dyalepha em seus padecimentos. Um relampago de alegria, que se não póde exprimir, brilha em seu rosto destruido, e um sorriso de amizade, ou de supplica, esmalta pela derradeira vez esta physionomia de morte.

Então de seus olhos, que repousavão docemente sobre o rosto do Salvador, desfiarão-se algumas lagrimas, tão puras, como o orvalho da manhã, depositado sobre a flor dos campos.

Ao vel-a, já sem voz, quasi sem movimento, juntando o resto das suas forças fugitivas, para as empregar sobre a cruz; ao vel-a, como em uma suspensão, quasi absoluta, de todas as suas funcções vitaes; ao vel-a, como n'um extase, julgar-se-hia, que era na profundidade do lado aberto e ensanguentado do Reparador do universo, que ella procurava depositar e esconder seu espirito, que me parecia escapar pelos seus olhos, embebidos sobre o coração de Jesus Christo.

Ella por si só se me figurava nestes momentos um santuario aberto, em que repousava a graça. Sinto-me agitado por um estremecimento interior. Commove-se o meu espirito. Observei eu mesmo, sorprendido e assombrado, este phenomeno religioso; observei-o, e ficará impresso na minha alma, porque abalou vivamente todas as minhas faculdades; e ainda agora, como que extingue as minhas forças.

O leito do christão moribundo é a escola do christão peccador.

Meu Deus! que lição para um seculo, que forceja para vos não conhecer!

Que lição para esses miseraveis orgulhosos, que traficão com as

sciencias, sem que aprendão a salvar-se, excluindo-vos, absolutamente, dos seus raciocinios, dos seus estudos e dos seus corações!

Uma mulher os instrue!

Ella vos conheceu até o fim. Seu ultimo suspiro foi uma exhalação suave, que correu para vós, como o effluvio, que se eleva do botão da rosa, attrahido pelo sol. Extendei-lhe vossos braços. Perdoai-lhe suas faltas. O céo tem suas nuvens, assim como o sol tem suas manchas. O justo mesmo é sempre um peccador.

Sorrindo-se para aquelle que a chama, é que ella deixa de existir.

Sim, já não pertence aos vivos. Existe o cadaver, já não é ella a que existe.

Alma feliz! Outros climas, outra habitação, outros paes, outro esposo, outros irmãos, outra familia, outros seres, outros dias, outra luz, outras graças, outra recompensa. Alma feliz! Vôa do Libano ao empyreo. Descansa e vive em paz. Receba-te o Senhor, que acabou de chamar-te. *Suscipiat te Christus, qui vocavit te.* AMEN. AMEN.

NAS EXEQUIAS

DO

COMMENDADOR JOSE' RAMOS DE OLIVEIRA

(NA MATRIZ DA BOA-VISTA, A 13 DE JULHO DE 1846) (*)

Melius est nomen bonum, quam divitiæ multæ : super argentum et aurum gratia bona.

Val muito mais adquirir bom nome do que possuir muitas riquezas: a estima e a amizade são mais dignas de apreciar-se, do que a prata e o ouro, que amontoarmos nos cofres.

PROVERB. CAP. XXII. V. I.

Opulencia mundana, está marcado o teu limite! Não mais avante! Basta: não mais avante! E' preciso, que recues; aprende hoje, e retrocede.

Sonho, que nós chamamos vida, como ainda poderás illudir-nos?

Ouro, miseria brilhante, producto da afflicção, filho importuno de calculos e de suores, que pódes tu na eternidade?

Oh! eternidade, o que es tu? Principio, que não póde acabar; um dia que começa, e que não tem occaso; gyro successivo; sorvedouro de todas as idades juntas; abysmo, tão immensuravel, como o seio de Deus; um ponto imperceptivel aos seus olhos; um

---

(*) *Os improvisos são indispensaveis as vezes, e, por este lado, elles podem merecer indulgencia. Se compraz ao censor illustrado exercitar o rigor da analyse, nas composições de espaço; devem tambem força-lo á um sorriso de complacencia os saltos e os martyrios do genio, nos que o tem, obrigado a desmentir-se a si mesmo, e a achar-se em luta com os preceitos, que elle conhece, e com as transgressões, que elle não póde evitar. Os improvisos são um meio de medir a intelligencia, posta em agitação, e forçada a revelar-se em desordem, com a intelligencia pacifica, senhora de si, do tempo, da meditação e das regras. Este discurso, que foi um improviso necessario, foi um sacrificio, devido á memoria de um homem, que honrava seu paiz, e que pensava em seus melhoramentos. Para que esconder o que repeti em publico? Sou fiel, e o entrego á luz, como eu o recitei.*

espaço sem medida e sem termo, para aquelles, que deixárão de existir.

E é para esse abysmo, senhores, tão conhecido, porém sempre tão novo, tão estranho e tão incomprehensivel, que eu dirijo agora mesmo os meus passos! E' para elle, que vós estaes em marcha, e que, talvez, muitos de vós tenhais uma das vossas mãos já extendida sobre as suas portas de bronze!

Aonde existe o homem, que lamentais agora? Em que parte? Nós o tinhamos visto, quasi que podiamos dizer, que hontem mesmo! Eu vio-o hontem! Nós o tinhamos visto, cheio de energia e de acção, n'uma idade que promettia vigor, e como que a saude lhe resumbrava na face.

Consagrado aos deveres de uma vida laboriosa e activa, elle predispunha seus planos patrioticos de melhoramentos para o seu paiz natal. Em sua imaginação fertil, affeita ás grandes concepções, que algumas vezes trazem a sua origem de uma fortuna colossal, designios vastos gyravão em sua alma, que, postos em pratica deverião engrandecer e aformosentar sua provincia.

Como por um effeito involuntario, cego pela illusão, volto ainda agora o meu rosto para o procurar e descobrir entre os vivos; porém vós.... e o seu mausoléo.... e este lucto.... e estes lumes sagrados.... e estas paredes mesmas.... tudo me annuncia, tudo me diz, que elle já não existe. Sua consorte em pranto, seus filhos, toda a sua familia desolada, os seus amigos, os desvalidos, que participarão suas graças, a Associação Commercial, a patria, que acaba de o perder, ligão e confundem suas vozes, e tudo me diz a grandes brados: Elle já não existe.

Existe, oh, meu Deus!

A eternidade é vossa, os mortos não acabam para vós, e vós os possuis.

Não é, senhores, este mundo de dor e de inconstancia a verdadeira patria do homem. O homem não é mais sobre a terra, do que um viajante infeliz, que percorre atemorisado um continente extranho, ferido pelos estragos da peste, cheio de precipicios e de areaes estereis, e aonde através de mares turbulentos, de reinos devastados, tropeçando e perdendo-se no meio de cadaveres e de ruinas, colhe apenas, entre fructos amargos, algumas flores, bem poucas! em seu ligeiro e perigoso transito.

Não, não procuremos mais aqui o homem favorecido dos Céos o poderoso cheio de modestia, o negociante illustrado, o cidadão proficuo, o amigo probo, o consorte fiel, o pai terno, o christão exacto o Brazileiro digno deste nome.

Não, não procuremos mais entre nós o senhor consul da Dinamarca, presidente da Associação Commercial, presidente do Conselho Deliberativo do encanamento das agoas, director do Theatro publico desta Cidade, tenente-coronel de milicias, e commendador da Ordem de Christo.

Não, não procuremos mais entre nós o illustrissimo senhor José Ramos de Oliveira.

E' nos Céos, que a piedade christã o crê, e a religião o considera.

Sim, vereis, que em sua carreira publica, elle trabalhou por adquirir um excellente nome entre os seus compatriotas; porque elle sabia, que a estima e a consideração dos nossos semelhantes são mais apreciaveis, do que a prata e o ouro, que amontoarmos nos cofres: *Melius est nomen bonum, quam divitiæ multæ: super argentum et aurum gratia bona.*

Escutai, portanto, o ligeiro e improvisado bosquejo de suas acções patrioticas e religiosas. E' este o ponto unico, que vou offerecer e consagrar a sua memoria, e á vossa expectação.

Silencio do tumulo, torna-me eloquente! Reino dos mortos, franqueia-me os teus mysterios! Cruz, signal da redempção, collocado sobre o panno mortuario, que cobre o seu sepulcro, ensina-me a verdade!

O ministerio do Evangelho, o orador dos mortos, não deve ser jamais o orgão da lisonja.

PRINCIPIO

O elogio dos que deixarão de viver é uma instrucção para os que vivem.

O elogio dos mortos, pronunciado da tribuna sagrada, é uma homenagem, que a religião, sempre justa e caridosa, tem consagrado ao merito e a virtude; é uma recordação solemne, é um estimulo vivo e efficaz, que inspira um respeito natural por aquelles, que se tornão credores desta commemoração religiosa; é uma recompensa da benevolencia christã.

O homem, cheio de imperfeições, reunião extravagante e fragil de sublimidade e de baixeza; aggregado funesto e inexplicavel de contradicções; rodeado em sua vida, não só de emulos, como de verdadeiros inimigos, não póde ser justificado, se não depois que seus olhos se recerrão á luz, e seu espirito, desprendido desta massa inerte de corrupção e de miseria, vôa para o seio de Deus.

Acaba o reino da injustiça, e começa o da imparcialidade.

A luz frouxa, vacillante e quasi moribunda, que broxolea sobre a sepultura, não póde ferir e molestar os vivos, como esses clarões fortes e intensos, que, rompendo pelo meio das trevas, deslumbrão e incommodão.

Depois da morte, ha um momento de tregoas, e a injustiça parece, que se envergonha de continuar a ser iniqua. Poupa-se e perdoa-se de bem grado a uma sombra inerte, que vaga e como se esvaece sem sensibilidade nem acção; que não acommette nem pode defender-se. Porém isto mesmo não poderia applicar-se ao cidadão prestante, que deploramos extincto.

A voz publica, que em toda sua vida, nesses bellos dias de sua existencia pacifica, se levantava unisona e cheia de respeito, para traçar seu elogio, é a mesma, que continúa a consagrar-lhe, depois da sua morte, um grande tributo, uma grande homenagem, e, eu o direi mesmo, um grande reconhecimento.

Contemplemo-lo desde a primeira madrugada da sua existencia, desde o primeiro alvor dos seus dias.

Elle abrio os seus olhos no meio da abastança. Contava ainda pouco mais de um lustro, e seu pai o fez educar e instruir em um dos collegios da Europa. E' na Inglaterra, que elle recebe todos os seus principios litterarios. Ornado com os preliminares indispensaveis, para dirigir de um modo luminoso e methodico os valiosos interesses e as innumeraveis transacções da casa paterna, elle é ainda transportado á Lisboa. Decorre mais um lustro, e elle completou alli todo este periodo debaixo das vistas e da opportuna administração de um homem respeitavel, por sua probidade christã, pela extensão de suas riquezas, assim como pela multiplicidade e segurança de suas transacções commerciaes.

Era já tempo: o joven Brazileiro deveria reverter um dia á sua patria.

Affeito a contemplar o aspecto e a physionomia dos paizes europeos; affeito á esses prodigios d'arte, á esse aggregado singular de torres, de castellos, á esses jardins, traçados pelo compasso d'arte, do luxo e da prodigalidade, á esses theatros magnificos e voluptuosos, á colossos gigantescos, e á todos esses monumentos, emfim, que attestão a civilisação, ou a loucura do homem; affeito ainda a escutar expressões estudadas e brilhantes, mas desprevenidas quasi sempre de singeleza e de ingenuidade; era preciso, que elle voltasse á sua patria, e que o seu espirito, como opprimido e afadigado, com a grandeza dos objectos, que o rodeavão então, viesse descobrir um contraste na simplicidade e desalinho do seu mesmo paiz; que respirasse no seio desta natureza negligente, porém cheia de belleza e de encantos.

Era preciso, que elle tornasse para os seus, e que por sua moral severa, pelo seu porte grave, pela circumspecção da sua conducta e de sua reputação illibada, recebesse aquelle cortejo de benevolencia e de respeito, que os Pernambucanos probos souberão sempre tributar-lhe.

Restituido aos lares paternos, correspondendo aos trabalhos e aos desvelos, á que o havia consagrado o seu progenitor, elle se achou inteiramente habil, para que podesse interessar-se em sua grande casa de commercio.

Se tantas diligencias lhe procurárão fortificar o espirito, com os preliminares indispensaveis, que o podessem collocar de um modo illustre e importante na carreira esplendida, para que o havião destinado, foi por isso mesmo, que elle estava reservado para que appa-

recesse um dia, como á frente do grupo venerando dos mais illustres capitalistas deste paiz, que entretinhão incalculaveis riquezas.

E que resolução poderia haver mais importante e transcendente para nós?

E' do commercio, é dessa associação proficua, que resulta o esplendor e a prosperidade dos imperios. Os mares gemem assombrados com o peso de farfantes e empavesadas quilhas, que affrontando os tufões e as tempestades, rasgão temerarias o seio turbulento das ondas, e velejão por entre syrtes e cachopos, para que levem a abastança e as luzes ás regiões afastadas. A America extende suas mãos, e recebe o abraço de fraternidade, que lhe dá o velho mundo.

O commercio, que não póde deixar de unir-se com a navegação, e que sem ella deveria tornar-se apouquentado e mesquinho, attrahio e irmanou os povos, fazendo do universo uma familia de amigos. Por elle o imperio das sciencias dilata suas balizas, ramificão-se as artes, trocão-se todos os conhecimentos humanos, e os genios mais illustres, destacados por distancias immensas, achão entre si um ponto de contacto. Tyro e Babylonia, o Egypto e a Grecia, o Brazil e a Nova Zelandia, os paizes que nos ficão mais proximos, e os que nos são mais longinquos, saudão-se, cumprimentão-se, communicão-se, e mutuamente se auxilião.

Os Estados assentão e repousão nesta base immensa, neste manancial perenne da prosperidade publica; e os thesouros dos particulares, dirigidos com arte, fazem a magnificencia dos imperios, e augmentando seus cofres, os collocão muitas vezes na categoria das maiores potencias.

Julga-se de um povo por aquillo que elle póde.

Mas negocios transcendentes chamão á Londres o vigilante pai do illustrissimo senhor José Ramos de Oliveira, e é nas mãos deste filho tão activo, circumspecto, que elle deposita de bom grado toda a gerencia da casa. Porém o que? elle parte para não voltar jámais. A morte o esperava alli. E' preciso, que nós peregrinemos as vezes, para que vamos tomar conta do nosso sepulcro.

Existe além de largos mares este deposito funesto? Terá mais força do que o iman, eu irei procural-o.

Existe em uma região desconhecida? Ella se revelará aos nossos olhos. E' lá, que encontraremos o pó, que tem de destruir-nos.

E' no seio das ondas? Vós correreis o oceano, e suas vagas insaciaveis estarão como a espera; ellas terão de erguer-se para vos receber e engulir.

São as feras que devem devorar-vos? Ellas sahirão dos bosques, ou vós correreis para elles.

O momento infausto, em que o Sr. José Ramos de Oliveira perdeu essa pessoa, que lhe era mais chara sobre a terra, foi tambem o momento, em que a sua fortuna, já desmesurada, começou ainda mais a accumular-se por suas bem calculadas e previstas combinações,

elevando-se a uma eminencia colossal para o nosso paiz. Um inci dente augmenta, e redobra ainda o seu vasto thesouro.

Esta provincia, senhores, contava em seu seio um homem pres tante, generoso e benevolo. O destino lhe aplanava os caminhos, a prosperidade lhe extendia o seu braço. O seu nome valia tanto como a sua palavra. Inimigo do fausto, no meio dos thesouros, elle era tão singelo, como a simplicidade mesma. Seus baixeis, vele jando em largos mares, penetravão em todos os pontos do nosso globo. Aonde existião transacções commerciaes, ahi se conhecia a sua firma, e se respeitava a sua probidade. Elle sabia unir esta vida de complicação e de embaraço com a religião, e é por isto que a indi gencia não escapou jámais á sua vigilancia, e nem as suas dadivas. Lia-se as vezes a distracção no seu rosto, mas nunca se lhe descobri o orgulho. Bemfazejo por seu coração, elle o não sabia ser por sys tema. Fazia o bem, só pelo prazer de o haver feito. A patria, que elle havia adoptado, foi um objecto de grandes sacrificios para elle. Magnanimo, sem querer que o suppozessem, parecia que atê se o cultava de si mesmo. Fiel aos seus deveres, industrioso, modesto homem proficuo, cidadão prestante, religioso....

Não repeti ainda o seu nome, e vós sabeis que eu açabo de tra çar o retrato do illustrissimo senhor coronel Bento José da Cos— Desceu ha muito para o sepulcro, mas o seu renome não soffreu ain os estragos da morte, nem a voracidade do tempo: vive, e é digno de prolongada existencia.

Foi na familia deste homem benemerito, que se ligou pelo con sorcio o illustrissimo senhor José Ramos de Oliveira. Alliança fe liz, e muito mais porque era virtuosa: alliança, que contribuio assaz para o seu esplendor, e para o augmento e estabilidade da sua nota vel fortuna.

Seria preciso observal-o no seio modesto da sua recatada familia para recolher ahi os deveres do esposo e os desvelos do pai: verieis a bondade ligada com a prudencia, e a ternura unida com o discerni mento.

Ah! e se como particular elle preenchia a risca tantas obriga ções, como homem publico, em sua situação feliz, elle nutria gran diosos projectos, que deverião, em breve, dar uma physionomia nova ao nosso paiz.

Sim, agitavão-se e fervião em sua alma, verdadeiramente patrio tica, pensamentos gigantescos, que tinhão de remir-nos, em parte, do nosso estado de perfeito abandono e vergonhoso deleixo.

Elle dilatava suas vistas, familiarisadas com as maravilhas da Europa, e observava com magoa o entorpecimento e o atraso deste ponto do globo, que habitamos.

Depois do encanamento dos rios, para que havia concorrido com o maior apoio e com o maior enthusiasmo, e á cuja associação presi dio sempre de um modo tão distincto, elle meditava no proficuo tra balho dessas estradas de ferro, e pretendia realisar este utilissimo

projecto, não só da capital para Olinda, como tambem para o interior da provincia. Occupava-o ainda um banco de descontos e de dinheiros á premio, semelhante ao das nações commerciaes que povoão o velho mundo. A erecção tambem de algumas fabricas era o objecto de sua meditação profunda, e de seu zelo patriotico.

Mas, que tenho eu feito? Indiscreto! Porque razão passei tão largo espaço a enumerar projectos e trabalhos humanos, que mesmo sendo uteis, não são mais do que vaidade e afflicção de espirito? Amontoei factos de uma vida terrena, fallei de estabelecimentos publicos, fallei de commercio, fallei de transacções e de vantagens sociaes, e nenhuma cousa fiz até agora, senão apresentar-vos o cidadão laborioso e infatigavel, sem que vos tenha instruido com o homem catholico. Insensato!.... como pude afastar-me do meu dever sagrado!.... Querereis por ventura....

Não, senhores, a religião não exclue a sociedade, pelo contrario ella a fórma, ella a estabelece, ella a instrue, ella a protege e dirige. Aquelle, que de um modo licito consagra suas fadigas e seus suores á sua patria, cumpre um dever religioso; e o senhor José Ramos de Oliveira, não só se dedicou ao paiz, em cujos braços respirou pela primeira vez, como tambem deu largas e positivas provas de seu amor á humanidade, pela mais heroica de todas as virtudes, a caridade christã.

Familias desgraçadas, victimas da indigencia! Afflictos e oppressos pelos revezes do infortunio, aquelle que no escondrijo e nas trevas da modestia, recatou as suas mais bellas acções de caridade, não póde mais extender a sua mão compassiva para remir-vos da indigencia! Borbulhe, e corra ao menos de vossos olhos uma lagrima suave, espremida pela gratidão mais viva.

A lagem sepulcral esconde o vosso bemfeitor, mas o grito do vosso reconhecimento rompa o silencio ingrato do tumulo, e abale esse marmore cruel, tão pesado, tão somnolento e tão surdo, como a morte.

Os ultimos momentos da existencia do senhor José Ramos de Oliveira forão marcados por um bello movimento da caridade christã. Elle abrio suas mãos generosas de um modo digno da religião, que elle sabia praticar com pontualidade, e arrancou das garras ensanguentadas da afflicção e da penuria um pai de familia, a quem um destino acerbo e imprevistos contrastes havião perseguido, e deste modo adoçou em grande parte os amargos dissabores daquelle, que depositou nelle toda a sua esperança.

Se a mocidade estudiosa, mas por desventura indigente, o buscava, como seu asylo, ella o descobria, e erão suavisados esses dissabores terriveis, inimigos implacaveis do genio, que empecem os seus primeiros vôos, e que definhão os laboriosos ensaios dos investigadores das artes e das sciencias.

Ah! quanto nos edificaria, senhores, todo esse tropel, toda essa multidão de acções importantes, de reconhecida e provada beneficen-

cia christã, se o homem modesto, e resguardado em si mesmo, não os tivesse querido esconder e sepultar em seu coração generoso, que não soube nunca manchar-se com a vileza da jactancia, que envenena e destroe o beneficio !

As confrarias religiosas, as solemnidades, o culto, são outras tantas lingoas, que pronuncião pela minha bocca o seu tão solemne panegyrico.

Que disse eu, senhores? Ah! que a verdade é simples, e é uma! élla tem suas provas, e por isso mesmo a sua evidencia. Aqui, sim, é aqui mesmo, que produzirei um testemunho. Eu o invoco, e elle me responde.

Templo augusto! morada de Adonai, recinto magestoso, aonde agora se derramão, pelo teu ambito sagrado, os meus accentos de dôr, que retumbão pelas tuas abobadas! Templo! elevada montanha de Sião, aonde repousa o tabernaculo do Cordeiro virgem, dize, sim, dize-o tu:

Não participaste tantas vezes das homenagens e das oblações da sua verdadeira piedade?

Homens, que me escutais, eu não tenho prostituido, nem a minha razão, nem o meu ministerio; respeito a uncção sagrada, que me constituio ministro em Israel. A lingoa, que pronuncia e propaga o Evangelho, saberá conter-se a vista do sepulcro.

Sigamo-lo ainda.... porém como? e para onde?

Eis padecimentos dolorosos, eis momentos rapidos, eis a consternação, eis o assombro, eis o susto, eis o terror, eis a luz que se extingue, eis a vida que foge, eis o espirito que vôa, eis o tumulo que se abre, a saudade que se prolonga, e aonde e em que parte existirá a victima?

Volvo meus olhos.... procuro.... indago.... Descubro amontoados todos estes thesouros, fructo da opulencia, e vejo ao mesmo tempo a noite da solidão, que começa a occupar esses aposentos, tão frequentados, e onde gyravão a meditação e a industria. E em que lugar, em que parte existirá a victima?

No mesmo momento em que eu faço esta pergunta, parece-me, que se levanta um murmurio surdo e confuso, semelhante ao rumor de uma tempestade, que começa; e que eu escuto a voz dorida e perturbada, dos que o virão expirar; e que elles me respondem todos juntos: Na eternidade... na eternidade... para a eternidade!...

Esta morada abrio-lhe as suas portas, e elle desappareceu.

Medicina! illusão dos que soffrem! a saude não carece de ti, e a morte não reconhece tuas leis, nem respeita o teu dominio.

Meditemos um pouco sobre a sepultura deste homem acerca da instabilidade da vida!

O momento, em que acabamos de respirar não é nosso, e o que temos de respirar ainda, póde ser que tambem não seja nosso. Acabou aqui o que somos, para começar o que temos de ser.

O sacrificio do Altar, o sangue do Cordeiro sem mancha, alague

as aras sacrosantas para a expiação das faltas, que este homem commetteu em sua carreira mortal.

Filhos enfermos da dor e do peccado, envoltos neste fardo de iniquidade, qual de vós se poderá julgar puro e innocente! Aos olhos de Deus não ha mais do que uma geração de transgressores.

A hostia de expiação, elevada ao alto pelo ministro sagrado, purifique e apague esses defeitos, partilha mesquinha da natureza humana. Repouse em Deus, em Deus, que é a caridade, em Deus, costumado á indulgencia e ao perdão.

Luz eterna! penetra seu espirito, veste-o com o teu esplendor, arrasta-o, sim, arrasta-o para ti: goze do repouso, goze do descanso. O mundo podia dar-lhe seus thesouros, mas não podia dar-lhe a paz, porque não a conhece, porque não a possue. Torna-o feliz, porque é só no teu seio, que se não achão desgraçados. *Requiescat in pace, Amen.*

NAS EXEQUIAS

DO DR. ANTONIO JOAQUIM FERREIRA DE SAMPAIO

(Na Igreja Matriz de S, Frei Pedro Goncalves a 19 de Dezembro de 1846) (*)

Erat autem....senex....et Dominus in cunctis benedixerat ei.

Achava-se na velhice, e o Senhor o havia abençoado em tudo, que lhe dizia respeito.

GENES, CAP. XXIV. V. I.

Lei de morte! Lei de separação Lei terrivel, porém lei necessaria!. Lei amarga e dolorosa, porém lei de verdadeira igualdade, porque é lei de verdadeira justiça! Lei de destruição, repugnante á natureza corrupta, porém lei ineffavel, lei de recompensa para aquelle, que reconhece e teme a eternidade, antes de entrar para ella! Mysterio augusto e cheio de magestade, para o homem religioso! Segredo venerando, que arrebata e absorve as meditações do philosopho christão!

Como se póde effectuar, senhores, este transito assombroso! O homem respira, sente, conhece, distingue todos os objectos, que o rodeão, soffre toda a energia do pensamento, acha dentro de si mesmo um ponto, uma causa de vida, recorda-se do passado, conhece o presente, antevê, e ate prognostica o futuro, germinão em seu coração as esperanças e os desejos, quer e resolve-se, ama e aborrece, abraça e regeitá, goza e abandona, concerta novos planos e descobre novos motivos, novas exigencias; e no meio desta actividade sem pausa, de todos os prazeres, ou, para o dizer melhor, de todas as angustias, que provão com a maior força da evidencia as illusões e os sonhos, a embriaguez e os delirios da vida, uma causa ignota,

---

(*) *Illustrissimo senhor Luiz Carlos Augusto de Sampaio.—E' nas mãos do amor filial, que o reconhecimento vai depositar esta homenagem funebre, que não é mais, do que uma violeta, lançada sobre o tumulo do bemfeitor. Eu sou do modo mais ingenuo—De V. S.—Amigo muito reconhecido e muito fiel.*—FRANCISCO FERREIRA BARRETO.

uma tempestade tumultuosa, solta-se e relampaguêa sobre a sua cabeça; e elle já não existe.

A dor e o pranto reunem, em torno do seu leito de morte, a sua familia e seus amigos, assombrados com a inconstancia e fugacidade da vida.

Elles o observão, repetem o seu nome; mas a palavra desamparou a sua lingoa para lhes não responder mais. O ultimo suspiro supprimio a ultima articulação, e os labios entre-abertos, pelo derradeiro esforço da vida, parecem respirar ainda. Rodeão-no, tocão-no e o lamentão, abração-no, e se evaporão em lagrimas e gemidos; mas o seu ouvido, ingrato, por necessidade, aos prantos e ás commoções da agonia, ganhou a estupidez do marmore e a insensibilidade do ferro. Os seus olhos são tão cegos como a noute tenebrosa e profundissima. O seu coração, aonde se tumultuavão as paixões, é mais frio, do que o gêlo, derramado no cume das montanhas, e elle nem conhece os seus amigos, e nem sabe que teve uma familia.

A corrupção começa a tomar conta desta sua propriedade, e desde esse momento principia a demolir o edificio, que pertenceu á vida. Laivos hediondos e lividos tingem o cadaver pallido e desfigurado; e as palpebras, tomadas de um torpor sem medida, conservão-se immoveis e cerradas para sempre.

Todos sabem, que o espirito foi em busca de outras regiões, mas todos ignorão o paiz, que o encerra.

Oh meu Deus! e a vida foi dada para isto? E o homem o vê e elle o vê todos os dias, observa-o todos os instantes, e conserva-se criminoso, petrificado e insensivel?

Assim desapparecem os individuos e as familias; assim as classes e as gerações, que povoão a superficie do globo que habitamos e assim no meio deste sorvedouro espantoso, desta voragem, deste redomoinho precipitado e infatigavel, desappareceu tambem o cidadão proficuo á sua patria, o serventuario probo da sua nação, esposo fiel, o pae terno, o amigo generoso, o homem benemerito, christão exacto, o illustrissimo senhor doutor Antonio Joaquim Ferreira de Sampaio. Contava longos dias de vida, e elle os vio correr em paz, porque a Providencia o havia abençoado. *Erat autem... senex... et Dominus in cunctis benedixerat ei.*

Ha uma virtude, senhores, que o seculo philosophico parece ter como usurpado aos seculos religiosos, e como que faz della um arremedo: é a caridade. O philosophismo, astuto em seus principios e caviloso em suas palavras, muda os nomes, quando se vê obrigado a conservar as cousas; a caridade é substituida pela philantropia, e ao implemento dos deveres religiosos civis, chama alguma vezes probidade. Ministro do Evangelho, eu hei de conservar as palavras, e as cousas em sua genuina accepção: usarei da lingoagem religiosa, e em vossa presença serão expostos os rasgos mais caracte-

risticos de caridade, que constituirão a vida do homem, que deploramos extincto.

Tal é, senhores, o tributo solemne de amizade, tal é de minha parte o tributo de reconhecimento, que eu tenho de offerecer á vossa expectação no elogio funebre, que, penetrado de viva e de pungente saudade, vou consagrar á memoria do illustrissimo senhor Antonio Joaquim Ferreira de Sampaio, bacharel formado em direito canonico, antigo capitão-mór da praça, ex-juiz de fóra, e cavalleiro professo na ordem de Christo.

Monumento funebre! Sarcophago elevado, symbolo e expressão da saudade religiosa, erguido no recinto magestoso do templo á memoria de um homem christão! o pávor sagrado, que me inspiras, será o mesmo que resguarde a minha lingoa de resvalar para a lisonja.

Cruz benefica do Redemptor divino, erigida sobre este mausoléo sombrio! tú, que presides ás preces dos moribundos, que expirão no Senhor, povoa a minha alma desses pensamentos tenebrosos e cheios daquella santidade, que convém ao ministerio sacrosanto, que exercíto em teu nome.

PRINCIPIO

O dia da morte é melhor, do que o dia do nascimento. Quando esta palavra rompesse unicamente dos labios de uma philosophia mundanal, ella constituiria, sem duvida, uma verdade da maior evidencia; mas esta expressão sublime é filha da revelação, e sentinella entre os pensamentos de Deus, entre as maximas consignadas nesse codigo de vida, escripto pelo dedo immortal do Legislador invisivel, que dictou seus preceitos e seus oraculos para todas as gerações e para todos os seculos. *Melior est dies mortis, die nativitatis.*

O nascimento abre ao homem um circulo vasto de afflicções e de angustias, lança-o sobre este pelago agitado, que remoinha revolto e turbulento, bordado de escolhos e penhascos medonhos, assombrado por uma atmosphera negra e inflammada, batido pelas ventanias e procellas das paixões em tumulto, ao mesmo tempo que a morte termina todos os trabalhos e dá por acabada essa carreira infausta, esse desfiladeiro de dissabores continuos, essa viagem de destruição successiva, que nós, os insensatos! ousamos chamar vida. *Melior est dies mortis, die nativitatis.*

Porém como, senhores, esse dia, em que cada um de nós cerra para sempre os seus olhos á luz, é por ventura um periodo de felicidade e de repouso? Ah! que a morada dos justos, o asylo incontaminado da innocencia e da virtude, não abrirá suas portas ao transgressor perverso, que dirigio seus passos pelos caminhos obli-

quos e tortuosos do crime, e que esgotou o calis da sensualidade nos prazeres do mundo.

O homem que faz hoje o objecto das supplicas da Igreja, e pelo qual a victima de expiação, offerecida nas eminencias do Golgotha, apparece sobre os altares impollutos, conservou em sua carreira mortal virtudes recatadas, que elle soube cultivar em segredo, porque o tumulto e a celebridade erão uma violencia para elle.

A modestia as vezes não parece virtude, á custa de se resguardar e de esconder-se; ao mesmo tempo que o crime só se esconde, quando receia ser punido.

A Providencia, que marca e registra, em suas paginas eternas, os destinos do homem, e lhe faz percorrer os traços indeleveis, que lhe tem assignalado na carreira da vida, deliberou, em seus inexcrutaveis decretos, que o illustrissimo senhor doutor Antonio Joaquim Ferreira de Sampaio apparecesse entre nós, e no seio de uma familia christã e virtuosa.

Seu pae, o senhor doutor Miguel Ferreira Guimarães, possuira em seu tempo, os vastos conhecimentos dessa faculdade benefica que desde as primeiras epochas do universo consagra á humanidade paciente e soffredora suas indagações, suas tentativas, seus calculos, seus principios, suas fadigas, suas vigilias e seus suores; dessa faculdade, que parece abranger e fechar, em seu imperio scientifico, a naturéza inteira; que serve á humanidade, ainda quando a destróe; que apezar da lei prescripta para a dissolução do genero humano, se se occupa em reparal-o; que estuda a natureza para a tornar profícua; que estuda o homem para suavisar suas dores, e prolongar sua existencia, eivada desde a sua origem, com o fermento surdo e inextinguivel da destruição; que para se aperfeiçoar é preciso, que se illuda; que para ser benefica, lhe é necessario ás vezes ser cruel; e que deve os seus maiores progressos aos seus maiores erros. Fallo da medicina, senhores. Eu a conheço muito, porque lhe devo muito, e não lhe posso parecer ingrato, porque não sou, senão sincero.

Um homem consagrado ás lettras, votado, desde os seus mais tenros dias, a estudos escabrosos e difficeis; affeito a meditações profundas; rodeado ao mesmo tempo de commodidades e de bens; não poderia jámais convir, que vegetasse na ignorancia o filho unico, que a Providencia havia concedido aos seus trabalhos e solicitude paternal. Então elle o entrega aos preliminares, que deverião abrir a sua carreira litteraria.

Da mesma sorte a mais desvelada e virtuosa das mães, a illustrissima senhora dona Isabel Joaquina de Sampaio, empregou os mais restrictos cuidados em aperfeiçoar este fructo de bençãos, no recatado e escondido recinto da sua familia: ella o ensaia no espirito da religião, sem o qual são infructiferos todos os trabalhos e todas as lições.

Mas o illustrissimo senhor doutor Antonio Joaquim Ferreira de Sampaio tinha de percorrer uma carreira mais ampla, e quando

o procuro á sombra e ao abrigo das herdades paternas, eu já o não encontro senão ás portas da universidade de Coimbra.

Este grande estabelecimento, desfigurado e decahido do seu primitivo esplendor, pela ignorancia e barbaridade dos tempos, acabava de surgir, coroado de gloria; e era um monumento soberbo, no gremio da Europa culta e scientifica.

O seu reformador foi um homem extraordinario. Meio subdito e meio monarcha, elle dirigia então os destinos da nação portugueza, e para o dizer de um modo mais preciso, elle era o rei diante do povo, e só foi subdito diante do rei. Seus projectos erão mais vastos, do que a sua nação. Elle amava o terror, ou porque não apreciava muito os homens, ou porque conhecia bem os tempos. Se não se fazia amar, fazia-se obedecer ; e a politica exige antes a obediencia, que o amor. A sua penetração era de um sabio. Conheceu o talento, e empregou-o; conheceu a impostura, e sempre a repellio. Governou como politico, e por isso mesmo governou algumas vezes como despota. Nunca deixou o merecimento sem premio, e nunca lhe escapou o delicto sem castigo, e ate o julgavão mais severo, que indulgente. Da sua administração sahirão a ordem, as riquezas, a prosperidade, a paz e o descontentamento. Consorciou algumas vezes a justiça com a violencia; mas se lhe podemos chamar absoluto, nunca lhe chamaremos egoista; e se teve alguns defeitos, fez á sua nação grandes serviços. No seio da Europa era equiparado a Colbert, e o poderião denominar o Pitt portuguez. Foi orgulhoso, mas teve grandes talentos. Governou a seu modo, e por isso mesmo é que fez tanto. Quasi sempre quando se governa como querem os outros, nem se faz aquillo, que se quer, nem aquillo, que se deve. A justiça não póde ser condescendencia, porque a condescendencia destróe a rectidão. A França o apreciava, porque reconhecia o seu merito; e a Inglaterra, que o honrava com o seu odio, honrou-o tambem com a sua admiração.

Eu não louvo os desvios do Marquez de Pombal, porém sei, que grandes homens tiverão grandes defeitos ; e descubro no estadista portuguez, apezar dos tropeços da sua administração, o homem incorrupto, o ministro de amplas concepções, o politico perspicaz, o calculista exacto, o cidadão laborioso, cheio de patriotismo e sempre infatigavel.

Os contemporaneos julgão os homens, sem julgarem os factos: a posteridade é a unica, que examina bem os factos, para poder julgar os homens. O presente é inimigo do presente; e se fosse possivel que não existisse futuro, não existirião heróes. Portugal faz agora ao seu grande ministro o elogio, que lhe negou em outros tempos; e o porvir continuará a respeital-o, e a conservar seu busto e o seu nome. Sejamos imparciaes, para que sejamos justos.

Foi uma digressão: perdoai-me.

O marquez de Pombal, senhores, tinha reformado a Universidade de Coimbra, este estabelecimento scientifico tornou-se aos olhos

da Europa litteraria uma reunião de sabios. E' emfim no seio da athenas lusitana, que o alumno brazileiro deve percorrer o estadio afanoso das lettras, traçado á mocidade dos dous mundos.

Completa esta judiciosa e celebre reforma, foi que o senhor doutor Antonio Joaquim Ferreira de Sampaio teve ingresso na Universidade de Coimbra; e lá, gyrando n'um circulo de mestres e de alumnos tão distinctos, se consagrou com esmero e afinco ao estudo do direito canonico, em que recebeu o gráo de bacharel formado.

Terminada ali a sua carreira, e finda a sua missão, elle procurou dilatar ainda os seus conhecimentos, e não quiz voltar ás risonhas e curvas praias do seu paiz, sem que viajasse por todo o Portugal.

Seu espirito indagador e atilado, ahi recolhe novos productos, que vivificão a sua intelligencia; e eil-o depois sobre as brancas margens do pacifico e preguiçoso Capibaribe, saudando estes sitios amenos e pittorescos, cheios de vida, de reminiscencias e de recordações suaves de sua infancia, sitios de encanto, aonde se deslisarão seus primeiros sorrisos, e começarão a desenvolver-se as primeiras illusões da sua juventude.

A patria, que o esperava, extendeu-lhe seus braços, e depositou immediatamente em suas mãos benemeritas, que erão as da probidade sem mescla, o encargo venerando de distribuir-lhe justiça. Foi-lhe dada uma das varas, e elle preencheu todas as suas funcções sagradas com a mais esclarecida intelligencia, e com a mais perfeita integridade.

O monarcha o faz numerar na antiga e memoranda ordem de Christo, e pouco depois um lugar de gravissima importancia lhe vai ser confiado.

Em suas mãos forão collocadas as chaves do thesouro publico da sua provincia.

Rara vez, senhores, bem raras vezes se desenvolvem, em uma só pessoa, tantos talentos e tantos requisitos juntos; para um emprego de transcendencia tal! Intelligencia, actividade, accordo, discernimento, zelo, circumspecção, amor de ordem, fiscalisação exacta, dexteridade no serviço, economia, bom regimen, fidelidade, vigilancia extrema, tudo, senhores, tudo concorria no funccionario publico e abonava a escolha do Brazileiro fiel e illustrado, assim como lhe grangeava o conceito dos seus concidadãos, e o tornava credor das boas graças do monarcha. Depois de largos annos de porfiados trabalhos, a custo, bem a custo, pôde elle obter uma demissão honrosa, demissão, que havia reclamado muitas vezes.

Era, portanto, indispensavel retribuir serviços tão relevantes, e tanta integridade. Um novo emprego lhe foi então confiado. Lugar, sem duvida, de gravissima recommendação, nas epochas em que foi exercido. O soberano impoz-lhe o onus de aceitar o encargo ponderoso de capitão-mór da praça. Elle o aceitou, e elle o exerceu com aquella pontualidade extrema, com que sabia honrar os seus empregos, acreditar a sua escolha, e bem servir a sua patria.

No meio, emfim, do vortice tumultuoso, e das circumvoluções politicas do seu paiz; rico de experiencias; amestrado com as desgraças publicas; affeito á exactidão do calculo em todos os seus raciocinios; presentindo novas borrascas, que estrepitavão ao longe; de uma alma perspicaz e attingente, que se arrojava e embebia afouta pelos nevoeiros e pelas trevas do futuro; e que de lá desentranhava a verdade, escondida nos penetraes sombrios, a que ella se havia refugiado; dirigido sempre em seus passos pela dexteridade da prudencia; no meio de tantos embates politicos da sua patria; do arruido de tantas opiniões desencontradas; de intrigas surdas, e injustas; de interesses oppostos; de collisões violentas, e algumas vezes, é preciso confessal-o, no meio de reacções e de atrocidades sanguinarias; elle pôde preservar-se das febres da revolução, conservar uma attitude moderada e pacifica, vivendo no descommercio das paixões exaltadas, porque os mares da rebellião e da anarchia erão innavegaveis para elle.

Não era o egoismo, nem a capitulação com o crime; não era o manejo iniquo de uma alma dobre e sinuosa, para torcer os seus principios, illudir, e escapar ás ondulações e incertezas dos partidos, que se espreitão, que se debellão, que se estrangulão, e que se não perdoão; era a razão, arrefecida e illuminada pelo archote brilhante da experiencia; era o prumo dos annos; erão o espirito e o coração cheios de paz, que amavão o bem, e que para o alcançar só empregavão o bem. Era o homem, que tinha estudado o homem.

O comedimento do seu porte, a gravidade da sua conducta, a sua vida, reservada e simples, suas virtudes civicas, os gelos da idade, que coroavão sua cabeça veneranda, lhe havião grangeado as affeições de todos aquelles, que o tinhão conhecido. Em sua face resumbrava a prudencia.

Nesses periodos das nossas eleições constitucionaes; nesse revolvimento desabrido de paixões ardentes e despiedadas, ás vezes sanguinarias; nesse rodopio phrenetico, em que o merito é quasi sempre esmagado pela intriga; elle mereceu constantemente o suffragio dos seus concidadãos. Elle foi eleitor. Ainda mais, senhores. No começo da nossa emancipação politica, o seu nome era tão classico entre nós, tão respeitado nos annaes do verdadeiro merito, que foi collocado na lista triplice dos senadores por esta importante provincia.

Vós sabeis, vós vos recordais da chronica espantosa, das manobras injustas, das malversações, dos torcicollos, do desfiladeiro de iniquidades, que os aspirantes empregão, quasi sempre, nestas horriveis lupercaes: pelo contrario, depois de ter sido eleito senador, com as mais brilhantes e recommendaveis qualidades para preencher o seu augusto destino, elle empregou na capital do imperio a valiosa influencia, o poderio dos seus prestantes amigos, elevados ás primeiras dignidades da nação, para que o seu nome se conservasse no

olvido suave, na escuridão e no dôce esquecimento, a que volunta riamente se havia abandonado; e elle o conseguio.

Lição viva e importante, perdida para este seculo de interes e de egoismo, seculo da frivolidade, das illusões e dos romances!

Verdade extreme e singular, mas que parece uma ficção.

Eu queria, se me fosse permittido, reunir aqui os aspirantes planistas ambiciosos, corroidos e gangrenados pela ambição e p sordidez; e eu lhes bradaria—" Envergonhai-vos, e aprendei!"—

Não, este traço de modestia christã não é o unico, que nos commenda a existencia apreciavel do homem, cujo elogio funeb prorompe dos meus labios. A caridade, essa virtude generosa, e halação de Deus, aroma que escapa do seu seio, balsamo suavisado lançado sobre as ulceras do mendigo e do infeliz, foi para elle un dever no meio da abastança, que a Providencia lhe havia accumulado, desde o primeiro alvor dos seus dias. As suas mãos não sabião fechar-se á indigencia, nem ao grito da verdadeira oppressão; porém elle, que conhecia a caridade, ignorava a jactancia.

A jactancia não póde ser beneficencia, porque a beneficencia é virtude. Se o desconhecimento é a partilha dos ingratos, a revelação dos beneficios é o tropeço dos vaidosos e dos indiscretos.

A caridade vive, se nós a occultamos: é como as essencias aromaticas, que se exhalão e deixão de existir, assim que são expostas ao ar.

Não basta ser benefico, sabel-o ser é mais, do que tel-o sido, porque a vulgarisação do bem, que se faz, offende a delicadeza daquelle, que o recebe, e o muda em desgosto. Um beneficio occulto é uma graça; descoberto é um peso, e algumas vezes um insulto. O silencio daquelle, que dá, augmenta o reconhecimento daquelle, que recebe. Dá duas vezes aquelle, que emmudece, depois que acabou de dar.

O Evangelho, que recommenda a caridade, condemna o orgulho, que a denuncia, e que a publíca.

Ah! e para que recolher factos, e mendigar exemplos! Victimas do infortunio, não, eu não irei hoje, tenteando as trevas, que vos escondem, perturbar o vosso asylo sagrado, aonde se recolhem a dor, e a miseria: deixar-vos-hei em paz. O hediondo albergue, aonde repousais, ou gemeis, não será commovido e abalado pelo meu grito infausto e indiscreto, que vos annuncie a morte do homem, que aligeirou vossos destinos amargos. Não, eu não preciso de vós, porque eu me tenho a mim mesmo.

O reconhecimento, senhores, só envergonha os ingratos.

Se a caridade é a primeira de todas as virtudes, a gratidão é o primeiro de todos os deveres, e o agradecimento é tão sublime, como é o beneficio. Ha generosidade da parte do que dá: ha tambem singeleza naquelle, que recebe, e que o confessa.

Corações mesquinhos e amassados no fel, sabei que se esta lin-

goagem vos parecer extranha, se a julgardes uma humilhação, eu honro-me com a vossa censura.

No leito da morte, quasi despegado do universo, lutando com as angustias da enfermidade e com os contratempos da penuria, eu percebi, que o cofre da amizade se me abria, e que o sorriso da benevolencia se misturava com as dadivas.

Oh! como sou eu feliz, quando, no dia acerbo e doloroso, em que pronuncío o seu elogio funebre; no dia, em que começa o esquecimento para aquelles, que acabão de existir; posso, em pleno auditorio, do alto da tribuna sagrada, á face dos altares, dentro da minha patria, no seio da minha mesma parochia, e por mim mesmo, prestar-lhe um testemunho solemne do meu reconhecimento!

Oh! que Deus me escute! Que a minha voz atravesse as regiões da luz! Que retumbe pelas abobadas celestes, e que vá expirar, conduzida pela gratidão, junto ao solio radiante e justiçoso do Vivente dos seculos! Que neste momento, se o não aconteceu ainda, a caridade, abraçada com a fé, lhe abra e escancare essas portas de saphira, que dão entrada para o reino de Deus!

Mas eu o procuro ainda entre os vivos, e eu o vou descobrir no silencio do tumulo.

A morte, como ultrajada com a longevidade dos seus dias, aguça o punhal sanguinolento, e no meio de padecimentos rapidos, mas acerbos, abrio-lhe as portas do sepulcro com as da eternidade.

O anjo da destruição apontou-lhe para o centro da luz, e sua alma, semelhante ao meteoro inflammado, que rasga insoffrido o coração da nuvem, que o encerra, escapou-lhe dos labios, e foi prostrar-se diante do julgador dos vivos, e dos mortos.

Perdão!... A indulgencia, oh meu Deus! foi ensinada por vós aos que podem vingar-se. Exercitai-a, concedei-lhe o perdão. Os ceos são uma graça, ainda mesmo para os justos: dai esta graça ao peccador. A justificação é graça: concedei-lhe esta graça. No oceano de tantas misericordias, não lhe possa causar damno a justiça. Encontre nesses umbraes celestes, na claridade desse dia sem noute, aquella paz, que não pôde achar entre os homens.

Afflicto e fatigado desde o berço até o tumulo, seja-lhe dado o repouso no asylo da felicidade perenne. *Requiescat.* Descanse.

Nasceo nas fachas, e nas mantilhas da opulencia, a sua infancia não conheceo privações, a sua juventude foi rodeada dos encantos da prosperidade, as honras espalhárão algumas flores sobre elle em uma idade mais provecta, a sua vida foi longa, e a sua velhice recebeu os cortejos da venerabilidade; mas elle não se podia julgar feliz, porque era homem, e a felicidade está em vós. Recebei-o, e sereis o seu termo, o seu repouso. *Requiescat.*

Descanse dos dissabores deste mundo, das revoluções do espirito, da turbulencia das paixões, das iniquidades dos homens, das inconstancias da vida, e ache um ponto, e descubra um limite na eternidade imperturbavel, que habitais. *Requiescat.*

Descanse em vossa presença, sem nuvem, que o eclipse, sem dores, que o agitem, sem angustias, que o perturbem, sem contradicções, que o embaracem, sem inimigos, que o censurem, sem calumnias, que o opprimão, sem injustiças, que o transtornem, sem afflicções, que o alterem, no vosso osculo, e na paz, que é, por si mesma, o vosso imperio e a vossa recompensa. *In pace.* Na paz, no seio da luz, na reunião dos immortaes, na habitação dos justos, no centro de todas as delicias, na profusão dos dotes e das graças, na sempiternidade feliz, que não começou jamais, e que não póde acabar nunca. *In pace.* Na paz. *Requiescat in pace.* AMEN.

ALLOCUÇÕES ELEITORAES

NA REUNIÃO PARA ELEITORES

DA

PAROCHIA

De S. Frei Pedro Gonçalves do Recife, em 16 de Outubro de 1836

Ut omnes provinciæ scirent, et pararent se....

Para que todas as provincias o soubessem e se acautelassem.

Esth. cap. III v.. XIV.

Para que vos reunis, senhores ?

Porque motivo fazeis vós intervir esta religião sagrada, toda espiritual e toda pura, em vossos ajuntamentos politicos ?

Imaginareis acaso, que o apparato religioso, que a voz, as preces e o sacrificio do ministro do altar, não são mais do que uma ceremonia esteril, que a sagaz philosophia dos tempos enxertou arteiramente em vossas reuniões ?

Presumis, com effeito, que a religião preside a vossa consciencia ?

Téndes chegado a penetrar-vos bem, de que essa augusta filha do Céo influe no nosso estado social ; e de que é absolutamente indispensavel invocar o auxilio do Arbitro das nações, que fecha em suas mãos o destino dos povos ?

Ah !... se o credes, pois, tremei a vista da vossa terrivel commissão ! Vós estaes em um templo, povoado de seres invisiveis, que volteão e se curvão diante do throno do Cordeiro sem mancha. O olho do Immortal está attento sobre vós e penetra o mais remoto escondrijó do vosso coração ; esquadrinha e recolhe o ultimo e o mais abafado dos vossos pensamentos : o seu ouvido está como a espera da vossa palavra e por seu mandado o anjo deste imperio toma em sua mão o livro da verdade eterna e se prepara a marcar os votos, que a condescendencia e a injustiça houverem de arrancar-vos hoje.

A' voz da religião se une igualmente a do Brazil, desta patria batida por facções, retalhada por desavenças, repartida entre aventureiros, subjugada pelos mais habeis, entregue á ignorancia de al-

guns, á cobiça de muitos, á malignidade de inumeraveis, e ao indifferentismo de todos; que vê degollar seus filhos pela liberdade, sem poder gozar della; que ouve troar os canhões da anarchia de uma a outra extremidade; que quando escapa de um pelago de sangue, é para se abysmar n'um pelago de intrigas; que amamenta, e nutre ingratos e depredadores, que com o germen de tanta prosperidade só vê desenvolver-se o da sua ruina; que entretida por sonhos e promessas de visionarios e febricitantes politicos não tem chegado ao que ella podia ser e nem deve chegar ao que alles querem que seja. Desta patria, que levantando apenas sua cabeça vacillante e quasi moribunda, derrama suas vistas por todos os lados, procura melhoramentos e só encontra tributos e periodicos; chama por homens de governo e não lhe apparecem, se não ambiciosos e harpias; busca suas riquezas e só lhe entregão papel, dizendo-lhe, que é dinheiro; que opprimida e entalada n'uma multidão de empregados, de personagens, de autoridades, de tribunaes, de codigos, de resoluções, de decretos, de leis, nem encontra segurança, nem espera alcançal-a. Patria, aonde as melhores esperanças se convertem em puras illusões; aonde as palavras supprem as cousas, a destruição denomina-se reforma, e a immoralidade toma o ar de philosophia.

E sobre quem, senhores, pesa a responsabilidade deste estado doloroso e violento?

Sobre aquelles, que ou são indifferentes aos males, que nos dilacerão, e o seu voto é uma mera formalidade para preencher a lei; ou sobre os que se nutrem das desgraças publicas, e folgão por seus fins particulares com o transtorno da ordem.

Em uma nação em que desde o regente até o ultimo dos vereadores é quasi tudo feito por eleição popular; é unicamente o povo, que se pune e que se flagella a si mesmo, quando elle não é bem governado. A obra é sua, e quando elle escolhe como deve, é governado como quer. Pode-se, apezar de tudo ser illudido algumas vezes, mas nem tanto, e nem sempre. Os nossos votos tem fabricado os nossos ferros; mas é porque as nossa escolha tem-se desviado da rectidão e da justiça.

O que deve ser um eleitor?

Um homem de juizo são, imparcial e probo. Um homem, que está certo, que quando elle dá o seu voto, a religião deve dirigir seu pensamento, e que a sua patria o deve olhar, como um máu cidadão, se elle, prostituindo a sua consciencia, chega por fim a votar contra a sua convicção.

Quando vós acertaes em escolher um eleitor, penetrado destes sentimentos, vós tendes feito um serviço relevantissimo a patria. Elle será patriota sem ser enthusiasta, será livre sem ser declamador, philosopho sem ser libertino; obrará como politico, sem pretenção de o ser e conservando a inteireza de Aristides, terá ao mesmo tempo a inflexibilidade de Catão.

Se seus amigos, extraviados e importunos, que as vezes não

são poucos, lhe vierem dizer a favor de um perverso — Elegei este homem—elle responderá—Eu vos amo, mas eu não o elejo—Se lhe disserem outros, mortificados pela emulação, e movidos pela intriga—Pois que? Vós vos animaes a apresentar em vossas listas o nome de um cidadão, que eu tenho excluido das minhas? — Elle lhes tornará —Sim, eu tenho esta coragem; a patria precisa delle, julguei-o com imparcialidade, e vós vos illudis: eu não o riscarei jamais— Reuni-vos a nós, dir-lhe-hão; *cabalemos*, ó termo da moda. Sois tão indocil, que não quereis consultar-nos? Presumis tanto de vós, que desprezaes o conselho?—A consulta não carece da cabala. Se vós vos servis della contra a patria, os outros hão de servir-se della contra vós. Se trataes de dividir a opinião por meio de ajuntamentos, autorisaes um mal; porque então pondes em necessidade a parte sã de reunir-se tambem; e aquillo que de sua natureza não é bom, torna se absolutamente necessario. O conselho não tira a liberdade. Eu sou o primeiro a procural-o. Mas vós quereis homens-machinas, e eu não sou, nem automato, nem escravo. Ver, pensar, emittir votos com os orgãos de um partido, e muitas vezes máu partido, sem reflexão, sem exame; escolher por condescendencia, guiar-me por intrigas; excluir o merito de proposito; elevar o crime; divergir das opiniões, quando ellas são justas; espalhar boatos mentirosos; tornar odioso o homem probo; supprimir com calumnias o que não se encontra nos factos.... Ah! Eu tenho uma patria: e quando eu o não soubesse, a religião me ensinaria, que ella existe.

Brazileiros! Se os vossos eleitores marcharem deibaixo destas vistas, estai seguros, que vós sereis menos desgraçados, do que em realidade tendes sido.

Os seus votos dar-vos-hão verdadeiramente deputados, e vós não vereis com facilidade entupidas as vossas assembléas de miseraveis cabisbaixos, cujas gargantas, geladas pela estupidez, apenas entoão em quatro annos inteiros, cinco ou seis apoiados.

Vós não as vereis, cahindo no extremo opposto, atulhadas de palradores importunos, encasquetados de sublime politica, sem sobriedade, nem regra em seus discursos, eternizando questões inuteis, e acabando de afogar o Brazil n'um montão de projectos, de indicações, de emendas e de artigos additivos.

Não as vereis povoadas de mendigos politicos e apegados desalmadamente a representação nacional, como essas plantas parasitas, que se agarrão as arvores para lhes devorar a substancia.

Não as vereis possuir em seus seios alguns talentos, habeis é verdade, mas em grande parte funestos à sua patria, e que se assemelhão aos arbustos de morte, que só dão succos e extracções venenosas.

Sim, vós não vereis as vossas assembléas tornadas n'um amphitheatro de gladiadores, desapparecendo a modestia do recinto augusto das leis, e os mesmos, que as fabricão, humilhando-se todos os dias com invectivas, com animosidades e injurias pessoaes.

Não vereis o throno do orphão imperial, victima infeliz! por que te coube existir neste seculo? abalado com projectos horriveis de desterro; ameaçada a Igreja pelo schisma e a religião divina, ancora dos estados, freio de todos os crimes, terna companheira do infeliz, que consola o homem opprimido, que enxuga as lagrimas d'aquelle, que as derrama na consternação e na miseria; esta religião suave, filha do Céo, vendo erguer-se, no meio mesmo do corpo legislativo, uma mão temeraria, e eu diria salpicada de sangue, que apresenta o decreto, que a deve extinguir de uma vez e para sempre no Brazil.

Não vereis....Enganei-me, senhores! Vós tendes de ver tudo, se os vossos votos não sahirem da vossa consciência.

Se os nossos eleitores, delles depende todo o nosso destino, não forem religiosamente escolhidos, eu e vós seremos responsaveis pelos males da patria; e com os das outras provincias, nós o seremos pelas desgraças do Brazil inteiro.

As lagrimas do orphão, as angustias do pobre, a miseria das familias, os suores do agricultor, o desamparo do commercio, a justiça dos particulares calcados em seus direitos, o infortunio publico e o sangue, que se derramar pelo punhal da anarchia, se levatarãõ, em ondas até os Céos contra nós, e clamarãõ vingança. A humanidade nos encherá de pragas, nós as mereceremos, e Deus as confirmará.

Envolvidos na desgraça geral, não presumamos escapar ao diluvio. O nosso destino será o dos nossos concidadãos. Teremos enthusiastas em vez de legisladores, e ferros em lugar de assembléas. A voz da rebelião virá acordar-vos dentro dos vossos leitos. Querereis subjugar os partidos, e bem pode ser, que seja tarde! Julgar-vos-heis innocentes e a obra será toda vossa. As provincias procurarãõ outro centro e só acharãõ novos senhores, a guerra as terá estrangulado. Divididos e fracos, sem outra manobra, que as intrigas, sem mais apoio, que os partidos, sem outro ponto, que a revolução mesma; fatigados da nossa carreira, pranteando o que fomos, já sem lagrimas para chorar o que seremos.... Então o estrangeiro.... então suas náus.... então seus exercitos.... então seus ferros.... então suas leis.... seu despotismo....

Não continuemos mais, meu Deus! Basta de vida, Senhor! basta já de existencia. Se vos apraz, mandai antes, que a minha sepultura se abra, e eu irei contente repousar na eternidade comvosco.

Cidadãos! Eu vos disse a verdade.

A hypocrisia não falla deste modo: a linguagem dos fanaticos não é esta. Perdei, ou salvai o Brazil.

A minha consciencia está livre e está em paz.

NO COLLEGIO ELEITORAL

REUNIDO NA MATRIZ DE PAGEU' PARA A ELEIÇÃO DE DEPUTADOS

GERAES E PROVINCIAES

(a 17 de Janeiro de 1841)

Que marcha tem sido pois a nossa? Em que se tem passado, senhores, mais de tres lustros de meditações e de fadigas? Ah! quaes tem sido os fructos de tantos e tão penosos sacrificios nossos?

Depois de assombrarmos o velho mundo com a immensidade das nossas reformas, por ventura nos envergonharemos hoje dos nossos planos e da nossa attitude social?

Eramos escravos, mas de repente soltamos um grito de liberdade, e o mundo inteiro pareceu assustar-se com a nossa audacia e com o nosso valor.

Sejamos livres—dissemol-o, e fomos livres!

A Europa assombrou-se com a immensidade do nosso projecto, e o absolutismo desorientado por este écho terrivel, que reboou em todos os angulos do Brazil, fugio espavorido desta grande parte do globo e foi agazalhar-se ainda nas antigas regiões, d'onde havia sahido.

Novos dias, novas instituições, novas leis, novas épocas, um pacto, um imperio novo, um novo principe, surgirão, como por encanto, sobre as ruinas de um governo emperrado e caviloso.

O redomoinho politico deslocou em um instante todos os baluartes e todas as machinas da velha monarchia.

Eis-nos emfim, senhores, os genios da liberdade; eis-nos constitucionaes, philosophos, legisladores e politicos. Eis uma patria inteiramente nossa; deputados, assembléas, tribunaes, ministros, gabinetes, legislação, codigos e reformas. Mas depois de todo este apparato, depois de todos estes grandes successos, de todos estes monumentos alterosos da nossa coragem e do nosso patriotismo, teremos nós cahido na languidez e na apathia?

Acaso, como assombrados da magnitude e arduidade dos nossos mesmos trabalhos, meditaremos abandonar a nossa obra?

Não o parece menos!

Se ajuizarmos do nosso patriotismo pelos nossos successos, dir-se-ha com justiça, que entregamos ao acaso a nossa existencia politica. Quando o homem pensador, livre e desasombrado de preoccupações e de partidos, reflecte com imparcialidade philosophica so-

bre os destinos da patria, não percebe, não vê, não descortina c
dos os lados, se não necessidades e ruinas.

Lançai, senhores, (sede justos um dia, não me tacheis de e:
rado) lançai a vossa vista sobre esta porção feliz, em que a
reza (e eu dissera melhor, a Providencia) vos fez abrir os olhos
primeira vez ; e vós não encontrareis mais do que um campo d
do ás vossas meditações, talvez ás vossas lagrimas.

Não ha um estabelecimento, um emprego, que não exija
vissima reforma ; e algumas vezes até os mesmos individuos i
mados são aquelles, que mais precisão de o ser.

Vede uma agricultura escaça, sem estimulo, sem direcção
systema, filha de uma rotina barbara destituida de braços, de
venida de instrumentos, onerada de tributos, quasi murcha e
rante, ainda no meio dos mais vivos cuidados do colono o ma
dustrioso : um commercio irregular em suas operações ; agora
lante e cercado de embaraços, que se oppõem ao seu desenvolm
logo depois accumulando capitaes excessivos nas mãos d'um m
polista calculador e avaro, que illude a seu sabor as autoridade
leis ; outras vezes favoneando a ambição e os planos do estran
sagaz, que se farta e se sacia da nossa substancia, e que pare
unicamente a mira na nossa indigencia, e na nossa fraqueza.

Alongai as vossas vistas sobre as nossas minas, vede esses v
e recatados depositos em que a natureza concentrou os seus e o
sos thesouros : vede-as, entregues as repetidas explorações dos
tureiros da Europa, fazendo-nos isto acreditar, que ha um pro
tenebroso e surdo, uma combinação malevola e occulta, para es
gular o Brazil : vede um thesouro, que se pode dizer exhaur
que com a maior difficuldade se vai equilibrando no meio d'um i
truoso dispendio ; um systema extravagante de administração
finanças, que o mesmo Dedalo attonito se perderia n'este nov
byrinto, se tivesse a audacia de o querer penetrar ; um system
que a prata e o ouro, que corrião abundantemente pelas nossas i
parecem fugir atemorisados de nós, procurando esconder-se nas e
nhas da terra donde os haviamos tirado : uma divida externa,
missima e quasi mesmo insoluvel, não tanto pela nossa falta de n
quanto pelo desleixo administrativo daquelles que nos governão

Vede a França que nos insulta, e a Inglaterra que arteiran
nos affaga e nos espreita.

Vede um paiz, a terra da promissão sem duvida, po
fecundidade ; o paraizo da America, na phrase d'um celebre ge
pho ; um paiz ameno, de um clima doce, ornado pela nature
situações pittorescas e poeticas, mas ainda na infancia e ao
braço do homem e o dedo d'arte apparecem a furto ; vede-
mais bellas provincias, sem aquelles estabelecimentos, que cost
dar ás grandes cidades um aspecto e uma physionomia naci
a instrução publica sem o impulso conveniente, as artes e as s
cias (por assim me exprimir) nos seus primeiros ensaios ; os ma

extravios no empregado corrompido, a impunidade maior em todos os infractores da lei....

Ah! e quasi tendes, senhores, um quadro, que pode bem envergonhar-nos, mas que eu o não exagero; pelo contrario eu tomo a liberdade de invocar aqui mesmo o vosso testemunho.

Eis a historia resumida e singela dos resultados das nossas assembléas e suas legislaturas.

No meio de todos estes grandes desastres, notai as fadigas, a anciedade, o afan, a lucta, os torcicolos, as manobras, as artimanhas, a impertinencia e crueldade dos partidos. Apenas se vai aproximando o mal agoirado e doloroso periodo das nossas eleições, uma chusma de aventureiros e parasitas de todas as condições barafustão de todos os lados, e se nos apresentão como personagens importantes, e como os unicos, que podem salvar a patria.

Que popularidade estudada nos condidatos, e nos seus agentes!

Que *zumbido constitucional* se lhe escuta!

O povo, a soberania do povo, os direitos do povo, as liberdades do povo, a escravidão do povo, e as precisões do povo, rompem a cada instante dos seus labios, esfomeados e hypocritas. Elles não tem nem outro alphabeto, nem sabem outra arithmetica. Curvos, cheios de zumbaias diante do aturdido e credulo eleitor; não fallando, se não em planos de prosperidade e de reforma; elogiadores infatigaveis, e eternos da Constituição, que elles quebrantão, e prostituem todos os dias; nós diriamos ao escutal-os, que resurgirão os genios da mais abalisada politica, e que nos tinhão vindo visitar do outro mundo os pais da humanidade opprimida e escravisada, esses Guilhermes Tells, esses Penns, e esses Washingtons.

Ah! se homens, taes, como os que eu vos descrevi agora, amão tanto a sua patria, porque não vão elles alistar-se nos seus aguerridos batalhões? Não temos nós, infelizmente agitados, e em guerra cruenta, alguns dos pontos do Brazil? Porque não vão estes planistas incansaveis libertar-nos? Um soldado é o cidadão mais proficuo á sua patria, quando ella está em armas. Porque motivo só nos fallão estes indigentes politicos de deputações e de assembléas?

Mas para castigo das nossas illusões e da nossa credulidade, nós os descobrimos bem depressa *abarracados* n'assembléa geral, á custa dos nossos votos e dos nossos suores; e lá os vamos encontrar ou mudos, e encolhidos, ou gaguejando projectos extravagantes e ostentando (o que é peior ainda) uma verbosidade sonora e enramalhetada, em que senão descobre (permitti-me, senhores, deixai-me aventurar esta expressão rasteira mas, fiel) uma verbosidade, em que senão descobre mais do que as *missangas*, e os *cascaveis* da eloquencia.

Então arrancados, em grande parte, da sua completa nullidade, pelo nosso desaccordo e inexperiencia, elles nos impõem de lá o seu jugo, e zombão do alto do seu eminente lugar daquelles mesmos, que forão a causa da sua salvação. Desappareceu aquella urbanidade,

emprestada, que os adoçava, ha pouco : já não são os homens do povo, que se reunião, que se fraternisavão com elle ; que parecião sentir pelos mesmos orgãos, e que raciocinavão com os mesmos principios : são notabilidades de suprema importancia, são os interpretes da nação, os eleitos da patria, novos Ciceros, collocados por seu merito e por suas luzes, na tribuna parlamentar, e arengando-nos dalli em uma phrase inintelligivel ás vezes.

Ah ! já os não afadiga e esfalfa a sua popularidade. Ah ! já não conhecem mais do que individuos. Não é a grande massa, não é já o Brazil : são elles e suas familias, elles e seus consocios, elles e seus interesses, elles e seus planos, elles e suas negociações, elles e suas vistas peculiares, elles.... mas a patria ? Sim, tambem a patria, porém exhaurida por elles, exhaurida por seus crueis estratagemas.

Taes os tem achado, quasi constantemente, as provincias, que os elevão, que os nutrem, que os enriquecem e que não encontrão por fim outra cousa, mais do que a illusão e a desgraça de os conhecer muito tarde.

Senhores ! sejamos Brazileiros um dia, sejamos hoje.

O pleno conhecimento dos males nacionaes vos colloca na situação vantajosa de prestar o remedio: o piloto habil triumpha pela sua pericia, no furor da tempestade : atravez do clarão do raio e do furor dos tufões, elle sabe tentear os mares, e conduzir a náo ao abrigo do porto.

A historia tem amestrado as nações, e *um desastre vale uma lição.*

Um povo que conhece o infortunio por sua mesma experiencia deve instruir-se a custa das suas mesmas desgraças. Aprendamos, senhores ; sejamos cautos, e sabios. A nossa escolha seja a mais restricta, e a mais religiosa.

Um deputado é em verdade o funccionario mais importante da nação. E' preciso que o escolhamos com todo o rigor do calculo e com toda a santidade da consciencia. A imparcialidade mais pura, e mais fiel nos é indispensavel. Vós sabeis o que é uma assembléa ; sabeis, que preponderancia exercem estes grandes corpos : se elles aberrão da sua orbita politica, vacillão e ondeião com elles os fundamentos da ordem social.

Aquelles, que formão semelhantes reuniões, devem ser probos, desinteressados, e instruidos, do contrario teremos umas vezes theoristas excandescidos por seus systemas, e por suas paixões, e estonteados pelo calor de uma philosophia turbulenta ; outras teremos enthusiastas, que não respeitem o equilibrio legal, e que ou invadão o poder executivo, ou vão de mão armada ao paiz judiciario.

Ah ! meus charos concidadãos ! hoje, mais do que nunca, se nos fazem indispensaveis os vossos esforços. Coadjuvemos as rectas intenções do anjo do nosso imperio, do joven innocente, que ha pouco collocamos no throno do Brazil. Não, não o deixemos só : não lhe vamos dar homens corruptos, que tornem odioso o seu governo,

fabricando leis absurdas e inexequiveis. Elle é Brasileiro, como nós, e fraco, como os da sua idade. Rodeêmo-lo.

Pedro II ! filho e herdeiro do fundador do imperio! Tu, e a Constituição. Eu não prostituirei aquelle voto, que eu devo consagrar á carta, e ao meu principe. Pedro II! Eu te serei fiel.

NA REUNIÃO PARA ELEITORES

DA

PAROCHIA

De S. Frei Pedro Gonçalves do Recife, em 24 de Julho de 1842

Se na escabrosa carreira politica, que, ha tanto tempo, percorremos, existe um dia, que deva ser para nós de confraternidade, é aquelle, senhores, em que vos reunis em nome da religião e da lei para dardes á nação brazileira o testemunho mais valioso e authentico do vosso patriotissimo.

Sempre que este dia magnifico ergue sua face luminosa sobre o nosso horisonte, elle é por si mesmo uma divisa de gloria para toda á nação.

Um povo rei exerce seus direitos á luz deste sol benefico, que se derramà sobre o nosso hemispherio. Mas se por um lado recordações de grande momento no-lo apresentão como um signal da nossa emancipação politica, e como um dos mais robustos sustentaculos do pacto fundamental, que nós havemos jurado; por outro, não o podemos negar, todo o seu esplendor é como obscurecido por um aggregado terrivel de circumstancias funestas, e elle parece mais um periodo de destruição, do que uma das nossas mais bellas garantias.

Nas mãos do homem tudo se transforma em ruina, e se converte em instrumento de morte.

O homem, esse colosso de vaidade e de orgulho, folga de pertubar a sua felicidade mesma, e tem como um instante de prazer aquelle, em que elle derrama a duvida, o embaraço, o tropeço sobre as cousas mais planas e singelas, e ainda mesmo sobre as que lhe são as mais uteis.

Nós observamos.

Ha um momento de enthusiasmo, que se apodera das nossas faculdades. Tudo forceja para sahir da languidez e do torpor. Todas as classes, todos os cidadãos recobrão uma nova especie de vida e se agitão, desde a floresta mais remota e inculta até a cidade mais florente e polida.

Os póvos existem como undulações.

Tudo annuncia uma causa de interesse commum. Tudo pa-

rece estreitamente ligar-nos em um ponto. Todas as entidades do Imperio conspirão para um fim.

Ha um espirito publico.

A massa das opiniões leveda, e fermenta.

Cada um de nós se acha, como prenhe de um futuro....

Eleições!.... Eis a palavra de movimento e de electricidade. Eis o genio de vida para o imperio todo.

Mas que importa?

Bem depressa esse oceano de pensamentos, e de idéas começa a ouriçar-se e a revolver-se, e toma um aspecto medonho.

E' já uma tempestade.

Desvairão os espiritos.

A injustiça, a parcialidade, a intriga, as ambições despertão de todo os lados, e tomão o lugar da rectidão e do patriotismo. E' a luta dos partidos, e o furor das facções.

Affectos immoderados vão substituindo os movimentos de um enthusiasmo, que verdadeiramente honrava o cidadão, e a patria.

E que observamos no meio deste redomoinho, deste confuso e precipitado sorvedoro?

Que secnas para um genio costumado a contemplar gravemente as miserias humanas! Que multidão de factos! Que provas exuberantes da fragilidade da nossa especie! Oh! meu Deos! Que reuião extravagante de tantos elementos contrarios a ordem para firmar a ordem!

Se fosse possivel, que nos tomasse pela mão algum desses genios invisiveis, que a ingenlosa antiguidade soube inventar tão destramente; se tambem invisiveis, como o nosso conductor, penetrassemos com elle as reuniões de familia, mesmo os clubs, e todos esses ajuntamentos, em que as cabalas tomão corpo; em que ellas respirão, se agitão, se desenvolvem e se exprimem; em que uma metade conspira contra a outra; em que uma porção inventa, e a outra propaga; em que para haver calumnias basta haver quem as espalhe; nós recolheriamos, senhores, as particularidades mais interessantes, e teriamos a mais singular e curiosa compilação de anecdotas, que farião perder o azedume e a habitual melancolica ao mais intratavel e azedo de todos os misantropos.

Um sorriso involuntario roçaria os comprimidos labios desse homem, o menos risivel dos nossos semelhantes.

Em verdade, pelo mais incomprehensivel de todos os segredos parece, que o mais bello dos nosssos periodos politicos, esse das eleições derrama sobre nós um não sei que, e como que abre uma nova fonte de immoralidade! Provem isto do abuso, mas existe este abuso, existe e elle se renova de tempos a tempos, e tanto mais se repetem estas scenas, quanto a corrupção se augmenta, se desenfreia, se perpetua, e toma o mais amplo elasterio.

Apinhão-se nos templos, invocão o auxilio do Céo e o mais tremendo e sacrosanto de todos os sacrificios é offerecido ao Immortal,

que vela do centro da luz sobre as nações e seus destinos; é ao Arbitro dos povos, que se dirigem todas as nossas preces. Mas, ao mesmo tempo, o voto de cada um, aquelle voto, que deve ser a expressão da virtude, o voto salvador da patria, é arredado de toda a inspiração divina. Ainda mais : é opposto algumas vezes á fraternidade christã, opposto mesmo á convicção do bem e á politica do estado.

E' um voto de parcialidade, dado quasi sempre sem exame e sem discernimento ; é um voto de partido, ou de rotina ; é uma formalidade, porque a lei o exige ; e o que obra ainda assim, é esse o menos criminoso.

Pelo orgão do ministro sagrado interpondes vossas supplicas, é elle o canal e o interprete entre Deus e os homens ; porém vós, que o fazeis apparecer nos altares ; que pareceis empenhal-o para com o Céo, não mudaes de opinião e nem de lista.

A inspiração e a graça, vós a presumis em vós mesmos, e talvez reputareis como um auxilio do Céo, o mesmo empêrro nas vossas opiniões.

Uma grande parte dos cidadãos, como que se avilta e quebra a sua dignidade pessoal nesse doloroso periodo. Uns abaixão-se á importunidade de pedir e outros a prometter e a faltar, o que ainda é peior.

Parece, que nestes carnavaes politicos suspendem-se as garantias do bom senso.

Illudem-se mutuamente uns aos outros e encontrão-se logo depois em turma, e n'um dia aprazado e n'um lugar positivo, os que pedem com aquelles, que faltão.

Parece mesmo, que se não reunem, se não para que zombem uns dos outros.

A intriga toma todas as côres, põem em manobra todos os artificios; mas isto que é uma iniquidade, chama-se politica. Fazem-se ajustes, estabelecem-se condições, formão-se pactos, trocão-se e baldeão-se individuos de umas listas para outras, e chamão a tudo isto transacção.

Não ha desvio, não ha iniquidade, que não receba um nome honesto, excogitado para occultar o crime ; mas este subterfugio é o mesmo, que o revela.

Ha um diccionario, que não é o da lingua, e uma logica, que não é a da razão.

Eliminão-se homens probos, excluem-se de proposito pessoas benemeritas por seu saber, algumas por sua virtude, por seu caracter e por sua posição social, e vão procurar-se homens com a natureza de vimes, que se dobrão e se torcem para todos os lados.

E' preciso, que se faça delles tudo, e por isso mesmo é necessario enxertal-os e têl-os á mão para tudo.

Virá ainda um tempo, em que o mais benemerito será aquelle, de que ninguem se lembre, ou mesmo aquelle que todos o recusem ;

mas esta repulsão nunca será um ultraje, porque será um triumpho para o cidadão virtuoso.

Prenhes de papel, ha homens ambulantes, que estão como impregnados de nomes e que sem injuria se lhes poderia chamar— homens listas—.

As avenidas da cidade, os lugares mais publicos, ainda os mais remotos, estão innundados por esta alluvião, por esta nova confraria de agentes piedosos, que se dão á caridade de impingir-nos esta nomenclatura esteril.

Depois destas scenas grutescas e tão extraordinarias aos olhos da razão, desenvolvem-se outras ainda mais dignas de lastima aos olhos da crença.

Os templos, estes asylos da caridade christã, estes novos calvarios, aonde o Homem-Deus é todos os dias immolado ao Pae invisivel pelas iniquidades do genero humano ; aonde a presença real de Jesus Christo põe em silencio e em tremor as cohortes e legiões innumeraveis dos cherubins e dos poderes celestes ; estes mesmos templos retumbão com a grita feróz, ou antes com os uivos semiselvagens da irreverencia e da despiedade.

Tornão-se n'um amphitheatro de gladiadores.

São um ponto de contestações.

Uma algazarra estrepitosa, resoa nestas abobadas sagradas, profana estas paredes venerandas, interrompe os mysterios pacificos, e perturba o respeito e a serenidade destes Altares impollutos, em que repousa todos os dias o sangue do Cordeiro virgem ; estes importunos sonidos abafão a terna e doce voz dos ministros e se desencadeia algumas vezes em expressões e phrases, que mutilão abertamente a caridade christã ; e que derramão as affrontas e as ameaças sobre alguns dos nossos mesmos irmãos.

Ah ! depois de delirios e desacatos taes, não nos admiremos, senhores, que a colera do Céo desfeche sobre nós seus horriveis flagellos.

Não nos assombre, que algumas provincias soltem o grito espantoso da revolta ; que abalem e rompão a integridade do imperio ; que o sangue se misture com as nossas instituições ; que o corpo legislativo se extravie em tantas leis absurdas ; e que um futuro medonho comece como a desenvolver-se e a desdobrar-se aos nossos olhos. Não nos sorprenda, que o pendão sanguinoso da revolta fluctue em alguns pontos de imperio ; ou que as nações estrangeiras nos hostilisem e pareçam preparar-se para lançar-nos nas voragens da guerra e do infortunio.

Oh ! meu Deus ! e aonde é que a licença e o escandalo poderião ir mais longe !.... Tremo ! ... rasga-se-me o coração !.... Tremo ! Vós me penetraes, Senhor ! e vós bem vedes, que a amargura se embebe no meu coração.

A censura, com que desapprovo altamente estes excessos ; a minha voz, já sem força, destruida pela enfermidade, mas que ainda

assim se eleva aqui mesmo contra estes horriveis sacrilegios, é um signal do respeito, que eu vos consagro ; e de que eu o exijo em vosso nome dos meus parochianos, sim, delles que me escutão.

Oh ! nunca, nunca mais, senhores, nunca, meus bons filhos, meus bons parochianos e meus fieis amigos, nunca mais rompão de vossos labios, dentro deste sacrosanto recinto, em que se derramão as graças e as misericordias do Senhor, essas palavras de desaffeição e de descaridade, sejão para quem for.

Lançai-me fóra, se vos agrada, afastai-me dos limites da vossa parochia, despedi-me, voltai contra mim a vossa colera, e eu buscarei, sem me queixar de vós, a solidão, que me receba e que me esconda. Eu irei em paz occultar alli este resto de dias, já tão dolorosos para mim ; irei, mas sem ser espectador de tantas indecencias, commettidas á minha vista neste sanctuario.

Aprouve ao Immortal tomar-me pela mão e collocar-me desde a minha infancia ás portas da Jerusalem sagrada, para que eu vellasse como sentinella fiel. Não permittirá elle, que eu defenda mal o meu posto.

A minha lingua conserva ainda a palavra.

As admoestações fazem uma parte do meu ministerio ; e se eu não tenho armas, tenho supplicas e tenho a missão sagrada, que me foi conferida com o sacerdocio e com a imposição parochial : conservo o direito de repellir-vos pela doçura.

Vós que me tendes amado, tanto e sempre, e de quem tenho recebido as maiores provas de benevolencia e caridade, não erguereis vossa vóz para repellir barbaramente a um sacerdote, encanecido no seu ministerio, que se lança aos vossos braços para pedir paz e fraternidade ; aquelle que vos diz, que a casa de Deus é o lugar do recolhimento interior, do silencio e do perdão das injurias ; que um máu pensamento aqui é um grave delicto ; que a palavra, unida a este pensamento, é ainda mais grave ; que o facto ligado ao pensamento e á palavra, é uma profanação, é um excesso, que se lhe não sabe dar nome.

Espero, que vos lembreis, que sois christãos ; que respeiteis e ouçaes a autoridade secular, que nos preside e que compõe a mesa.

E' o poder delegado pela constituição, é o homem da lei, que exerce funcções sagradas : nós lhe estamos sugeitos.

Espero, que vos recordareis, de que Deus está presente ; que tendes de lhe responder de um modo rigoroso, por vossos votos e por vossas intenções ; jámais devereis esquecer-vos, que para ser fiel á patria é necessario ser fiel a Deus,

---

NO COLLEGIO ELEITORAL

Reunido para eleição de deputados geraes, na Matriz de Santo Antonio, a 15 de Agosto de 1842.

Estremeço, senhores, e sinto dolorosamente apertar-se-me o coração, quando dilato a minha vista sobre este venerando circulo!

Salvaremos nós a patria?

Eis o murmurio surdo, eis o grito interior, que se levanta e rompe, como involuntariamente, do fundo da minha alma.

Acaso esta reunião meditará oppôr uma barreira aos males horriveis, que pesão sobre nós, e que mais e mais se vão agglomerando sobre as nossas cabeças? Nós, que em grande parte fechamos em nossas mãos os destinos do imperio, seremos talvez os mesmos agentes do seu desmoronamento e completa destruição?

Ah! que o instante funesto, em que alguem conceber um pensamento de ruina contra o seu paiz, seja este instante para elle uma época de opprobrio, assignalada na carreira dos seus dias!

Condemnação e vilipendio ao infiel, que não fôr de todo Brazileiro.

Merecerá, porém, com justiça este nome aquelle, que se extraviar hoje em suas votações?

Estes suffragios gangrenados, e recolhidos com tantas fadigas e sacrificios dos nossos concidadãos, e com tantas formalidades, acabarão de abrir o tumulo da patria?

Viremos hoje para ensaiar-lhe os canticos de sepulcro?

Que poderemos esperar d'esses futuros eleitos, se por véntura não os escolhermos nós mesmos com a imparcialidade mais restricta, e a mais religiosa?

Ignoramos a delicadeza e o apuro da nossa situação politica?

Examinemo-la por um instante.

Uma familia de reis, mas uma familia de orphãos, collocada em um dos pontos mais amplos do nosso globo, segregada, e fóra da atmosphera politica de qualquer outra monarchia, e que se assemelha a um grupo solitario de estatuas elegantes, que escapou ás torrentes de um diluvio, ou á voracidade de um incendio; rodeada de republicas, umas florentes pela energia do seu patriotismo e da sua união, e outras retalhando-se, e reagindo, sem algum inimigo mais, do que a liberdade mesma; um principe, meio principe e meio cidadão, assaltado de recordações funestas e de impressões dolorosas de infancia, que algumas vezes só se extinguem no tumulo; sem os amargores da experiencia; entregue, no primeiro verdor de seus

dias, á simpleza do seu coração e aos descuidos da sua idade; rodeado, talvez, de um homem ou dous, que o querem soberano, e de quasi todos os outros, que apenas o desejão cidadão; entre o luxo e a miseria de uma côrte faustosa, que recorda por um lado a molleza, e a lubricidade d'Asia, e por outro a ruina dos povos corrompidos em uma fluctuação perenne, e n'um continuo vai-vem de ministros, que sobem ao poder, porém já certos delle, e que, depois que descem, sabem tambem, que devem logo subir; mas que rolando neste circulo vicioso, ou lhes escape o governo, ou tornem logo a empolgal-o, fazem sempre da ultima ascenção o que fizerão da primeira, isto é, elevar-se e nada mais, sem que deixem nenhum monumento, nenhum vestigio, que marque, e recommende na historia do Brazil seus nomes e sua administração (eu guardo aqui as excepções devidas e respeito a decencia oratoria); uma côrte, aonde a corrupção augmenta o luxo, o luxo multiplica a indigencia, e a indigencia multiplica os prazeres; aonde as condecorações provão quasi sempre o patrocinio, e raras vezes o merito; aonde a dívida publica e a miseria nacional são como abafadas e esquecidas, com o repetido trom das artilherias, com as flamulas marciaes, com o esplendor e louçania dos cortejos e dos espectaculos; aonde, mal podendo descobrir-se notas no gyro do commercio, não ha senão notabilidades; aonde não existe politica pela innumeridade dos politicos; uma côrte, aonde os magistrados, aonde os tribunaes.... paremos.

Ora é de ajuizar, senhores, que o côrpo legislativo em uma nação constitucional é a maior barreira, que ella póde ter aos seus excessos, e á sua decadencia. Este corpo sobrevem em apoio da dynastia reinante; firma o seu poder sem destruir o da lei; cercea os embaraços, que se oppõem á sua força, ao seu prestigio, e ao seu esplendor; vela em sua estabilidade, e reconhece na sua mesma existencia a existencia da nação.

A independencia e a liberdade destes corpos, as discussões e os debates eloquentes e corajosos, que se renovão em seu seio todos os dias; a censura desassombrada e livre dos actos da administração; o grito patriotico, que rompe do recinto das leis, para reprimir os excessos e os abusos; a vivacidade e o fogo com que são repellidas as aggressões ministeriaes; o auxilio, que elles prestão ao governo; os tratados, que se submettem ao seu exame e á sua deliberação; a preponderancia e a influencia, que elles exercem na nação inteira; e além de tudo isto, as leis, que elles fabricão, e o equilibrio, que elles conservão com os outros poderes; nos provão bem ás claras, que estes corpos constituem o mais elevado e o mais forte baluarte á estabilidade da nação.

Se os individuos, porém, que o compozerem, forem mal escolhidos por nós; se votos arrancados pela parcialidade, ou pela intriga forem submettidos a esse escrutinio fatal; se a ligeireza, se a irreflexão, houverem de presidir-nos, parece-me, senhores, que uma nuvem sombria se espalhará sobre o nosso horisonte politico.

Dai, portanto, de rosto a esses homens importunos, cujo merito só consiste na audacia; deixai-os revolver em sua obscuridade; elles estão já pagos com a idéa estrondosa, que concebêrão de si.

São entidades nullas, que por um arrojo incomprehensivel, que fere a decencia e a gravidade da nação, traçárão o inaudito projecto de se metterem de permeio em nossas legislaturas.

Em verdade, não passão de mendicantes, que tomárão a peito o peditorio politico.

Que coragem extraordinaria lhes não era precisa, para que no meio das desgraças e convulsões da nação, que exigem todos os esforços, todos os desvelos da probidade e da sabedoria, se apresentassem na força da sua reconhecida nullidade como homens, que devem sustentar em sua dextra o timão da republica!

Medito, profundamente, sobre este prodigio de arrojo e de temeridade, e procurando a origem de phenomeno tão espantoso, só a posso descobrir na corrupção e immoralidade dos tempos.

Homens, nos quaes se não descobre um só vislumbre dos elementos litterarios, que balbucião e gaguejão em uma perfeita infancia de tudo o que é illustração, apresentão-se nestas épocas, por suas intrigas, ou por suas humiliações, e disputão palmo a palmo o terreno ao cidadão do maior merecimento.

Mortificados por uma consciencia tenaz, que os aguilhôa e que lhes abre interiormente o mundo da sua ignorancia, e lhes revela a sua mesquinhez e o seu nada, mas irritados ao mesmo tempo pelo orgulho, que os revolta contra o merito alheio, e o conhecimento proprio; ou mesmo pungidos pela ambição, elles se arremessão de Norte a Sul, e apparecem como esses cometas, que o povo chama de ruina ou como uma caravana, que atravessa sequiosa os desertos da Arabia.

Elles empenhão tudo que a intriga póde suggerir e a humiliação lhes póde dar: digressões, romarias, zumbaias, importunidades, calumnias, promessas, compras, illusões, tudo se põe em exercicio.

Mas que almas desta tempera dêem tão amplo elasterio ás suas faculdades; que excogitem; que emprehendão e ponhão em pratica todos esses delirios, que podem concorrer para a sua elevação; não deverá isso encher-nos de grandissimo pasmo. Parece, que não poderia ser se não assim, por que emfim é este o sublime do ridiculo. Mas, que visionarios desta especie encontrem em sua desorientada carreira a coadjuvação do cidadão modesto, é esta uma desgraça digna das mais sérias reflexões.

Estes factos, senhores, nos quaes transluz a evidencia, são expendidos em toda a sua singeleza; não é o amargor da satyra, nem o furor da invectiva. Respeito o meu ministerio. São verdades palmares, que nós as presenciamos.

Reflictamos, pois, sobre nós mesmos; reflictamos sobre a nossa situação; reflictamos sobre o Brazil e suas necessidades.

O nosso estado interno apresenta por si só circumstancias de tão grande momento, que ellas bastarião, para que concorressemos com todos os nossos esforços á sua reparação; mas se estes desastres exigem nossos auxilios, o nosso estado actual para com as outras nações ainda mais o exige.

Existe um povo de costumes e de leis singulares.

Encravado no seio das agoas, elle fórma um contraste notavel com os outros povos da Europa, e conserva no seculo da civilisação e da philosophia restos incultos da sua barbaridade primitiva, e guarda um respeito sagrado para estas reliquias de seus antigos tempos.

Forte, por seu patriotismo e suas leis, por seu aferro ás suas instituições, e ainda mais forte por sua situação local; coroado de tempestades, e protegido pela turbulencia dos ondas, que lhe formão barreiras invenciveis, elle zomba do seio das suas nevoas e dos gelos, que vitrificão seus mares, das invasões dos seus vizinhos.

A sua ilha é o seu ponto de reparo, e o seu baluarte.

Certo do que elle póde por sua posição geographica, elle conhece tambem o que elle vale por sua representação politica. Extendendo um braço sobre os mares, lança o outro sobre o gabinete dos reis e das republicas, e quando lhe falta a justiça, elle a encontra na força, ou sabe descobril-a na intriga. Orgulhoso com aquelle, que é fraco, condescendente e contemporisador com o que é forte, a sua politica tortuosa irrita-se, ou se apasigua, eleva-se ou sorpeia, segundo seus calculos, seus interesses e suas eventualidades.

A sua protecção custa ás vezes mais aos povos, do que a sua repulsa e o seu abandono. A sua logica só lhe ensina a tirar conclusões para si. O seu commercio aniquila o dos outros. A sua philantropia é uma cousa, que elle só exige dos mais.

Elle vende tudo aquillo, que dá.

Aonde existem homens, ahi fluctua o seu pavilhão, e elle até o vai buscar aonde tem sonhado, que os poderia fazer.

A' custa de prégar a humanidade, tem-se esquecido della.

Os desertos são registrados por sua artilheria.

O direito de intervir extendeu mais e mais as suas pretenções e deu-lhe um novo ponto de apoio.

Elle medita, desenha, executa, invade, conquista, revoluciona, divide, opprime, vence, trafica, commanda, prospera.....

Eu não direi o seu nome. Nós o sabemos por nossas revoluções e por nossas desgraças. Devemos-lhes uma parte da nossa liberdade, e receiamos hoje dever-lhe outra da nossa escravidão.

Este povo, esta nação, senhores, espreita os nossos movimentos, folga com a nossa imprevidencia, e nós carecemos de legisladores prudentes e corajosos, que opponhão uma certa barréira ás suas idéas e ás suas pretenções exageradas e injustas; e nós os não acharemos, se acaso não formos justos.

Quando emfim o paiz, aonde abrimos pela primeira vez os nos

sos olhos, existe, como em collisão, em suas mesmas relações externas, será crivel, que abandonemos o governo ás medidas e deliberações de uma camara desprevenida de senso e de patriotismo?

Que o entreguemos ao silencio e ao gêlo da estupidez, ou ao calor e á irreflexão de espiritos exaltados?

Excluiremos das nossas votações a probidade, a sabedoria, a madureza e a prudencia?

Seremos indifferentes ao merito?

Acaso lhe faremos guerra de exterminio, para elevarmos a corrupção, ou a ignorancia ao seio da representação nacional?

Não saberemos por ventura distinguir entre os nossos o aventureiro e o intrigante do homem modesto e illustrado, credor dos suffragios da patria?

Mancharemos nossa consciencia com a nomenclatura esteril de casquilhos boçaes, noviços no pensamento, e na palavra?

Daremos voga á impostura, que se lançou de rastos, e foi, coberta de vilipendio e de pó, implorar o soccorro daquelles mesmos, que a deverião repellir?

Que pretendemos nós, quando nos reunimos?

Que se sustentem nossas garantias; que se conservem nossos fóros; que se fabriquem novas leis; que se cumprão as que existem; que se derroguem as que nos são perniciosas; que se perpetuem nossas immunidades; que se defendão nossos direitos; que se melhorem nossa relações; que se respeitem nossos tratados, que se firme a nossa politica; que a constituição se torne inabalavel; e que o imperio avulte e floreça.

Poderemos vangloriar-nos de obter todos estes grandes resultados, que em realidade são da maior magnitude, se os que houverem de representar-nos se acharem circumscriptos no acanhado circulo de sua perfeita nullidade? Ou se nutrirem idéas destruidoras da ordem publica?

Por outro lado, a nação acaba de ser espectadora de uma medida extraordinaria do governo, e que poderia, por infelicidade nossa, acarretar-nos as maiores desgraças, lançando-nos em um pelago de perturbações, de desavenças e de sangue. A camara temporaria foi embaraçada em sua reunião, e dissolvida. O governo, como assombrado com o futuro medonho, que se lhe preparava, abalançou-se a um golpe energico e imprevisto, que poderia reverter sobre elle.

No meio deste estremecimento, a nação, como estupefacta, fitou os olhos em si mesma; contemplou os abysmos, que começavão a revolver-se e a entreabrir-se debaixo de seus pés; chamou em seu auxilio os elementos da ordem; e oppoz, em sua consumada prudencia, uma barreira ás pretenções menos politicas.

Que resta ainda, depois deste estrondoso successo?

Commetter as mesmas illegalidades? Pôr em scena os mesmos embaraços? Excitar, e repetir as mesmas duvidas? Manter as mes-

mas cousas? Reduzir o governo a outras novas medidas? P em oscillação a segurança do imperio? Rasgar o seio da nação estrangular o Brazil?

Jámais o fariamos, senhores.

Occorre ainda, que esta legislatura é a primeira, depois maioridade do monarcha; e é tambem por isto mesmo, que ella de aplanar o seu governo, e marchar em soccorro do principe, que, primeira flor da sua juventude, quiz tomar em seus hombros a eno me e gravosa fabrica do imperio.

Se vedes, n'um ligeiro rascunho, resumidas as nossas precisõe perdereis vós o Brazil?

Ah!.... corramos em sua salvação. Não tenhamos partido tenhamos consciencia.

As desaffeições, se são injustas, são sempre criminosas; mas ellas nascem da realidade e da convicção, é preciso mantel-as, se ferir a caridade.

Sejamos de um espirito fraternal e doce, mas de rectidão mesmo tempo.

Se algum dos vossos concidadãos, sem virtude, nem merito li terario, precisa de melhorar seus destinos, voltemos para elle o nos rosto, abramos nossas mãos, dêmos-lhe esmola; mas não lhe dêm votos.

Sim, a convicção e a imparcialidade são as ancoras, que p derão salvar-nos. Basta, que resvalemos do verdadeiro trilho, pa nos lançarmos em tropeços terriveis.

Filhos do imperio da santa Cruz, aproximai-vos!

Em nome della, erguei o vosso braço, lançai na urna a expre são de vossos sentimentos. Sede tão singelos, como os nossos ca pos, e tão puros, como esses céos de anil e de crystal, que se desd brão, e se extendem sobre as nossas cabeças. Votai, e o Invisive cheio de benevolencia, acolherá o testemunho da ingenuidade e d crença.

Vós nos dareis legisladores, e com elles a patria, o monarch e a constitução.

Perdoai-me.

———

NA REUNIÃO PARA ELEIÇÃO DE ELEITORES

Da parochia de S. Frei Pedro Gonçalves, a 22 de Setembro de 1844.

E TORNASTE ?

E appareceste sombrio, como d'antes, coroado dos mesmos negeiros ?

Rompeste assim vestido de todas essas nuvens negras e ameaçadoras, que tantas vezes tem parecido arrazar-se em grossas tempestades sobre as nossas cabeças ?

E surgiste, oh dia 22 de Setembro de 1844! escoltado ainda de todo esse tenebroso cortejo, tão funesto ás nossas plagas innocentes e risonhas?

Nós precisamos de ti; fazes um ponto fixo na historia importante da nossa regeneração; abriste, é verdade, abriste, uma carreira singular aos nossos destinos politicos; mas para que retrocedeste? Ou mais antes, porque razão não nos tens renovado esses primeiros periodos de luz scintilante e benefica, que soubeste trazer-nos, quando raiaste pela primeira vez entre nós ?

Contemplei-te em tua primeira apparição, e vi, que o jubilo alagou os valles e os montes da ridente e graciosa Olinda; tornaste depois, e teu fulgor já não era tão vivo; continuaste á visitar-nos, e então a vacillação e o susto forão os teus precursores.

Nós te desejamos, porém nós te tememos.

Fazes em grande parte a nossa estabilidade, teu gyro é necessario, é preciso que voltes.

A anxiedade se apodera do homem brazileiro, que procura saudar-te: és um periodo nacional; entras na historia do presente e do futuro; ligas a patria ás bellas theorias do seculo. Tu lhe dás uma attitude e um caracter philosophico; marcas a sua importancia politica; e vens pôl-a ao nivel dos povos, que articulão a palavra—liberdade,—e sabem apreciar a extensão de seu vasto dominio, e seu progresso electrico em todos os espiritos. Mas á par destes bellos pensamentos, destas realidades mesmas, somos obrigados a considerar-te com olhos timidos, e entre os receios, que nos causas, e os bens, que nos conferes.

Em verdade, senhores, descubro sempre cousas incomprehensiveis nos entes da minha especie, nos homens e nas sociedades que elles organisão, e compõem.

O homem é tão inexplicavel, como são os mysterios, ou para o

dizer melhor, elle mesmo é um mysterio, e é por isso que se torna inexplicavel.

Elle quer a liberdade, e elle a combate, e a destroe.

O nome de escravo é uma affronta para elle. Misero! e é em ferros, que elle vive, e que elle morre! E' escravo, se ousão lançar-lhes algemas; e elle mesmo as fabrica para si, se não encontra quem o subjugue.

Destroe aquillo, que elle procura, e que elle ama; e é então que faz juizo da sua liberdade, e que sabe verdadeiramente, que é livre.

Um sentimento interior, que brota e ferve em sua alma; que o agita; e que o revolve, lhe diz com toda a força de que são capazes a natureza e a razão.

Tu és livre!

Elle inclina a sua cabeça por alguns momentos, reflecte nesta voz, e sahe uma palavra de seus labios, que elle não quer, e nem sabe reprimir.

Eu sou livre, diz elle.

Depois deste raciocinio, lhe grita, bem depressa, o senso intimo

Se és livre, tu pódes ser feliz.

Torna a reflectir, e conhecendo a energia desta verdade palmar e sem replica, responde a este segundo sentimento:

Eu posso ser feliz.

Desgraçado! não serás nem livre, nem feliz. Tu te farás escravo, e sendo escravo, poderás ser ditoso? Liberdade, que serve de acorrentar-te, e que te agrilhôa, porque te desvia do bem, não será mais, do que escravidão para ti; salvo se és tão caprichoso e tão louco; ou se ferido por um orgulho descommum, folgares em teus ferros, e perdendo todas as idéas, que subministra a recta razão, tão simples e singela, como o Supremo autor, de quem ella dimana, confundires todos os sentimentos, e todas as noções.

Não desvairo, senhores! e por mais que vos pareça extraordinario, talvez intempestivo, o discurso, que vos dirijo agora, eu vos affirmo, que elle é o resultado de uma meditação profunda e philosophica, meditação aturada dos principios legislativos, que nos governão, e do constante e solemnissimo abuso, que se tem feito delles.

Uma sociedade, bem estabelecida, suppõe as regras da justiça; a justiça é a ordem, a ordem firma-se na lei; mas a lei exige a pratica. A pratica requer costumes, e sem costumes jámais poderáõ ser proficuas as leis, que se nos derem, a justiça que se estabelece, a ordem que se exige, e a sociedade em que nos reunimos.

Parece-me, senhores, que um genio malfazejo tem forcejado para lançar-vos fóra destes principios vitaes para todos os povos cultos, que procurão a sua perpetuidade entre as nações do globo. Demos um passo generoso, e ao nosso primeiro grito commoverão-se, e ondearão as alpestres e empinadas montanhas do Brazil. A voz—Independencia—alargaráõ sua barreiras o Amazonas e o Prata; e tan-

tas florestas virgens estremecerão com o grito prolongado, que atravessava, victorioso, as fileiras desses troncos annosos e soberbos.

Quem poderia resistir ao rebombo, ao estampido fragoroso, desta palavra electrica, que, semelhante ao raio, feria as cordilheiras mais dilatadas e remotas do Brazil?

Diversos homens, diversas indoles, diversas familias, diversos habitos, diversas circumstancias, diversas situações, se reunirão em um ponto e não havia mais, do que um só pensamento e uma palavra unica—Independencia—. Houve outra, que se lhe reunio—Constituição.

Aquelle, que escora as bases do seu throno na sempiternidade, e que antes de tudo quanto existe, disse ao *nada,—Faça-se, e tudo se fez*, disse ao Brazil, que fosse livre, e elle o foi.

Basta. Não passemos além.

Foi este o nosso periodo de gloria.

O quadro terminou aqui.

Porque razão hei de eu ir mais avante? Passar além destes limites, é traçar a historia das nossas desgraças.

Ah! que as funcções do orador sagrado são difficeis ás vezes! O ministerio da palavra, em algumas occasiões, é pesado ao ministro! Mas a sociedade fez-me cidadão, e a religião constituio-me sacerdote. Embora, muito embora. A patria exige a verdade daquelle, que é seu filho, e a religião impõe o dever de annuncial-a ao que for seu ministro.

E se eu tenho a missão de transmittir a verdade aos povos extranhos; porque razão a occultarei dos meus compatriotas?

Se como homem as minhas opiniões são conhecidas; esconderei aquellas, que eu devo á santidade do sacerdocio?

Não o presumaes, senhores, o evangelho fez a coragem dos apostolos, e a recompensa dos martyres. Disse á uns: Sou a verdade, propagai-a—. Disse a outros.—Repeti-a, e morrei por ella.

Ouvi-me, homens, que me escutais: redobrai vossa attenção.

Se tendes patria; se conheceis o que ella seja; se tendes consciencia; se presumis que ha Deus; se temeis seus juizos; se esperaes suas graças; empregai todas as vossos forças para remir vosso paiz dos males, que o ameação. O parapeito mais robusto, a maior barreira dos governos constitucionaes, a sua melhor garantia, são as suas assembléas. Para as haver são necessarios eleitores; e para haver eleitores é preciso o vosso voto.

Este voto será um voto de lagrimas, um voto de proscripção, um voto de sangue; será um voto de morte, se for dado pela negligencia e pelo deleixo, suggerido pela condescendencia e pela injustiça, arrancado pela intriga e pelo soborno, promovido pela parcialidade, e pela desaffeição. Ah! não, não extendais a vossa mão sobre a urna; recolhei esse escripto fatal; ide, não profaneis o escrutinio. Ide, o olho immenso do Vivente dos seculos vos segue, e vos espreita; retrocedei, e deixai-nos em paz; bastão tantos grilhões, que nos oppri-

mem; voltai, não engrosseis o cardume de tantas desgraças nossas.

Quem vos chama a este augusto recinto?

A lei, respondeis vós.

E que lugar é este, em que se firmão os vossos pés?

Estamos em um templo.

Sabeis por ventura qual é o Deus que reside debaixo destas abobadas venerandas e sombrias?

E' o Deus de nossos paes, vós repetis ainda.

Mas que Divindade é esta, que lhes merecia tantos cultos?

Elles, e nós somos christãos.

Então vós adoraes o evangelho, rendeis homenagem a cruz, seguis os preceitos do reparador dos seculos, sua doutrina, sua moral, sua lei.

Sim nós os seguimos.

Meu Deus! vós sois o primeiro, que os não acreditaes; se elles desmentem tudo isto, e o fazem agora mesmo.

Se são os primeiros quebrantadores e refractarios da religião, que elles inculcão, podereis vós dizer que elles são vossos seguidores? Homens, que me escutaes, se sois fieis ao evangelho, séde fies á vossa consciencia. A vossa patria não vai bem, e vós mesmos augmentareis hoje o seu transtorno, se lhe sois infieis.

Deputados inhabeis, empregados corruptos, leis absurdas, tributos enormes, despachos injustos, graças immerecidas, despezas superfluas, concessões perigosas, tractados iniquos, o desconceito do governo, a humilhação de Brazil, a guerra que devasta o sul, o descontentamento que lavra nas provincias, a impunidade dos delictos, o luxo que nos destroe, as ambições que nos rodeão, a corrupção que dos empesta, as intrigas que nos dividem, o cadurme de todas as nossas desgraças e de todos os nossos males provém dos nossos votos.

Não acertamos ainda.

Quem é, senhores, que povôa as nossas assembléas?

Essas reuniões não são feituras nossas?

Não é da vossa eleição, que surgem os eleitores?

Não são elles que nos dão os deputados?

Se os eleitores forem perversos, que poderáõ eleger os que se regularem por principios iniquos?

Teremos deputados infieis e assembléas injustas, leis perniciosas e nenhuma segurança.

Eu descubro o descontentamento por toda a parte.

A murmuração escapa de vossos labios; rompem as increpações, que se misturão com as pragas.

Os prélos gemem com azedas e multiplicadas censuras, reflexões amargas, libellos famosos; e por ultimo a miseria publica, unida com a particular, parece de algum modo justificar tantos excessos, que a razão desapprova, a moral proscreve e o evangelho condemna.

Mas qual será o antidoto de desgraças tão profundas, tão vivas, tão conhecidas e tão solemnes ?

Novas eleições, peiores do que as ultimas.

Ah ! ouvi-me e parai em vossa carreira inexperta e mal segura. Escolhei a virtude. Votai, mas seja o vosso voto a expressão do vosso entendimento.

Longe causas estranhas.

Escolha escrupulosa, probidade sem mancha, patriotismo sem excessos, sinceridade acompanhada de justiça, intenções rectas e desprevenidas, imparcialidade perfeita, a patria como vosso norte, a religião servindo-vos de apoio.... Melhorareis os nossos destinos e preenchereis vossa missão.

Basta.

Tendes resolvido, que obrareis deste modo ?

Deus o permitta, mas eu o não espero.

NO COLLEGIO ELEITORAL

REUNIDO NA MATRIZ DE SANTC ANTONIO PARA ELEIÇÃO DE DEPUTADOS GERAES

(á 20 de Outubro de 1844)

Se o philosopho christão, senhores, esclarecido em seus raciocinios pelo archote brilhante do Deus das revelações, extende suas vistas pela natureza inteira; se contempla depois as nações, que povoão o globo, que habitamos; elle reconhece a Providencia, vigiadora e solicita, que toma em suas mãos as redeas dos imperios, e que preside á conservação e estabilidade dos povos.

Embora uma philosophia, estonteada e ardida, pelo calor de suas paixões insolentes, entregue o uuniverso á estupidez do acaso.

Philosophia inerte e de humilhação, que cercêa as mais dôces emoções do coração humano!

Não, o homem não appareceu sobre a terra sem origem e sem destino. O *nada* é improductivo e infecundo; e a creação, que precisava de materia, requeria quem a podesse produzir, e demandava intelligencia.

A ordem constante e invariavel suppõe do mesmo modo leis fixas e indestructiveis; e taes phenomenos só pódem resultar de uma causa motriz, cheia de poder, cheia de acção, de força e de vida, toda ordem, e toda sabedoria.

Deus existe!

Esta palavra dissipou todas as duvidas, e respondeu a todas as objecções.

Ha uma causa, que produz; uma intelligencia, que dispõe; uma justiça, que regula; uma Providencia que conserva; uma vida, que se communica; uma vontade, que determina; uma ordem, que se perpetúa; uma regra, uma lei, uma norma, emfim, á quem todas as cousas se entregão, se curvão, e se submettem.

E' pois, senhores, a este principio summo de todos os seres, que devemos os acontecimentos imprevistos pela razão attenuada e mesquinha do politico orgulhoso, que se preza de calculista, e que abrindo o compasso philosophico, imagina abranger o futuro em suas mesquinhas dimensões. Deus, que aplainou os mares ao primeiro navegante, abateu tambem as ondas diante da primeira quilha, que emproou com o Brazil; e o Braço invisivel, que entregou á conquista esta porção do nosso globo, arrancou-a depois aos seus conquistadores, e deu-a toda inteira aos que gemião conquistados.

Sim, a larga escravidão desappareceu n'um só dia, e sobre os castellos do despotismo, amassados com sangue, surgirão e fluctuarão os estandartes de um imperio já livre.

Appareceu uma constituição, e houve uma assembléa.

Ainda mais, senhores: o filho do absolutismo, aquelle, que herdou com o throno de seus antepassados, de seus avós e de seus paes, o principe, representante da casa de Bragança, foi, sem que elle o pensasse, mandado pela Providencia ao Brasil, para que nas margens do Ypiranga rompesse de seus labios, com assombro de todos os reis do mundo, o primeiro grito da nossa independencia.

Facto virgem na historia dos povos, e dos reis!

Não fez tudo ainda.

Elle extendeu o seu braço, abrio a sua mão, e cahio della o codigo, que nos emancipa. Subtrahio-nos ao dominio da Europa, e cortou por uma vez aos principes de Bragança todos os designios e todas as pretenções ao Brasil.

Se por ventura, senhores, ouso recordar-vos um facto, que, talvez, considereis extranho, e como segregado ás funcções, que vos reunem agora, eu o faço muito de proposito, para que mediteis, que se a Providencia obrou tudo isto em vossa emancipação, vós não devereis entregar á indolencia e ao acaso os destinos do vosso paiz, depois de regenerado, para que elle passe victorioso e illeso, sobre as azas das idades e dos tempos.

Eis os instantes de firmar ainda mais a sua constituição, de proteger o seu governo, e de adoçar as nossas desgraças. Mas seriamos nós uma nação, destruido o pacto fundamental, que nos rege? E poderemos dizer, que havemos de ter uma assembléa, se ella não fôr mais, do que uma reunião de especuladores emproados, que se curvem cegamente ao poder por transacções ignominiosas? Ou por outro lado, uma reunião de visionarios politicos, acommettidos pela febre revolucionaria, inimigos da ordem e da estabilidade?

Observai, senhores, esse grande corpo da sabedoria collectiva da nação.

Estudai-o, reflecti profundamente nos caracteres de alguns desses personagens mysteriosos, que vós mesmos pozestes em scena.

Contemplai a vossa obra!

O ponto mais plano, mais simples, mais singelo, a questão mais reduzida, é para elles um redomoinho interminavel de duvidas. Um pensamento, um aforismo, um axioma, uma palavra, uma intergeição, uma syllaba, uma lettra torna-se n'um labyrintho inextricavel de contestações, de respostas, de ameaças, de prolixos e fadigosos discursos.

Ah, senhores! Um deputado sabe tudo, excepto o que seja andar depressa. E ainda assim, o menor mal, que elle nos faz, é fallar muito, mesmo quando elle falla muito mal.

No entanto, ao zumbido de tantos homens labiosos, dormem e

resomnão largamente os grandes interesses da nação. Projectos de summa utilidade jazem abafados de umas legislaturas para as outras, e o ouro das provincias escôa-se, pagando sons perdidos, em tantas expressões estudadas.

Carecemos de obras, basta já de palavras!

Deixarei agora de produzir meus raciocinios, para fazer ouvir a vóz de Deus,em uma passagem communissima das Escripturas santas.

Quando não fosse mais, do que um facto humanamente historico, elle o seria de maior transcendencia.

O universo, sahido então das mãos beneficas da sua primeira causa, do supremo Motor de todos os entes; sequestrado, bem depressa, da sua innocencia primitiva, lançado no fervedouro de suas paixões ignobeis e de todos os crimes, apresentava um espectaculo de dor, que manchava a creação do Ente supremo e bemfazejo, que dera vida e movimento a natureza inteira.

Era preciso conter os criminosos, e pôr um termo aos seus desregramentos, por meio de um castigo severo e exemplarissimo.

Deus levanta a sua dextra, e então os vapores se condensão, obscurecem-se os ares, amontoão-se as nuvens, rasgão-se os céos, fuzilão os relampagos, retumbão os trovões, descem os raios, precipitão-se as torrentes, alagão-se os campos, dilatão-se os mares, confundem-se os rios, abatem-se os montes, somem-se as torres, desapparecem os edificios; os peixes resvalão pelos bosques e pelas cidades; os quadrupedes rolão pelos oceanos; os passaros voão, cansão e precipitão-se nas aguas; os homens nadão, resistem e se abysmão: ha céos, e não ha terra; é tudo mar, e não ha praias; mas existe um justo e uma arca, que sobrenada illesa, e o conserva com os de sua resumida familia.

O genero humano, que parecia extincto, encontrou nestes restos felizes uma segunda origem, por assim me exprimir, que se não foi o principio de sua existencia, foi o motivo da sua conservação.

Supposta a corrupção dos nossos costumes, senhores, e o desmantelo da nossa politica, o nosso diluvio parece inevitavel; e se por ventura o tivermos, não esperemos pela arca, porque ella não existe, e nem haverá quem a constrúa; e se alguem se lembrar de ser Noé, pode ser que se afogue mais depressa, do que nós. O nosso diluvio, Deus o afastará, senhores; deve ser de outra especie: é verdade, que será uma inundação politica, porem, se chegar a realisar-se, produzirá desgraças tão notaveis, como as que soffreu o universo inteiro, nessa epocha de verdadeira angustia e verdadeira desgraça.

O meio de o evitar é dar legislaturas de verdadeira equidade.

Mas quantos embaraços! Que terribilissima immoralidade!

Ha nestes funestos dias de eleições um revolvimento em todas s provincias.

Os ricos ficão tão pobres, que pedem e importunão ainda meso aos que vivem na maior indigencia.

A suspeita liga-se com a fraude, e toma a côr e a lingoager da simplicidade e da innocencia.

Ha uma cruzada, levanta-se uma nuvem de vagabundos poli ticos; e o lugar da sua peregrinação é todo aquelle paiz, em que elle descobrem o seu Deus, que é novo, e será sempre novo entre c christãos, porque chama-se—Voto.

Pobre voto! Vive sempre ás escuras, e só lhe acendem a alam pada em dias de eleições!

Este voto, senhores, adquirio uma força e uma elasticidade, uma preponderancia e um prestigio, que elle por si só obra e regula tudo: e por uma especie de contradicção, por uma singularidade, que se não sabe explicar, obra o bem e o mal ao mesmo tempo.

Liga os inimigos, e separa os amigos uns dos outros.

Em seu nome promette-se e falta-se, elogia-se e satyrisa-se, per segue-se e afaga-se, prende-se e solta-se, castiga-se e perdoa-se, pro tege-se e desampara-se.

Voto!

Que divindade contradictoria e turbulenta!

Eu queria antes ignoral-a, e morrer sem prestar-lhe o meu cul to! E comtudo, senhores, a lei me trouxe agora, e devo tamber pagar o meu tributo: eu vou dar o meu voto.

Tremo interiormente! Deus o sabe!

Erremos embora, porque emfim o erro é a partilha do homem mas não erremos de proposito.

Pensemos, reflictamos, combinemos.

Indague-se, discuta-se, regeite-se, approve-se; mas não haja par tido. Haja sinceridade, porem não haja intriga: a patria é mãe, não escrava; somos seus filhos, não somos seus assassinos: os seu empregos não são de todos, são do merito.

A riqueza não exige o saber; algumas vezes basta-lhe a usura Mas as leis exigem sabedoria e probidade.

O legislador é o homem do povo, é o homem da nação. Um voto pernicioso é um crime, de que sois responsaveis, á vós, ao Brazil, á posteridade e á Deus.

O vosso nascimento, a vossa propriedade, os vossos amigos, os vossos filhos, a vossa familia, vossos empregos, vossas relações, os motivos da vossa ternura, os encantos da vossa existencia, vossos pensamentos, vossos desejos, vossos cuidados, vossos trabalhos, vos sas esperanças, vossas recompensas, vossa religião, tudo está no Brazil, tudo é vosso, e tudo está em vossas mãos.

Perdei tudo isto, senhores, se tendes animo; se não tendes con sciencia, negai á vossa patria um voto de justiça.

Atraiçoai-a, se podeis, porem dizei-lhe ao menos, que não nas cestes em seu seio. Depois de a terdes negado, ide, e votai então como quizerdes.

Ah! Não! Vós não obrareis deste modo.

NO COLLEGIO ELEITORAL

REUNIDO NA MATRIZ DE SANTO ANTONIO PARA ELEIÇÃO DE DOUS SENADORES

(a 18 de Maio de 1846)

A patria, senhores, reclama os nossos esforços; e a religião intervem para os abençoar.

O dedo de Deus, que dividio os povos, marcou-lhes a sua estabilidade politica; e a ordem presidio ás nações.

A natureza inteira, desde o primeiro momento, em que existião os seres, deu o maior testemunho de unidade e de ordem.

Dividida e subdividida, porém sempre ligada, appareceu formosa; e nesses anneis, docemente engrasados uns com os outros, existio todo o seu equilibrio e toda a sua segurança.

Viajão os astros pela immensidade do espaço; rolão os mares pela superficie do globo, que habitamos; e nem essas grandes massas de fogo se precipitão das suas orbitas; e nem o immenso volume das agoas se adianta um só passo, além das margens, em que o abarreirou o dedo providente, que traçou o seu curso. *Usque hic venies.*

Ha modificações nas especies, porem existe a immutabilidade no genero; e esta immutabildade é ordem. Ou o universo se apresente aos nossos olhos, debaixo das suas leis physicas; ou nós o contemplemos, povoado de seres, filhos da razão, subjugados por principios moraes; nós não descobriremos em tudo isto senão uma ligação extrema.

As necessidades ensinarão ao homem, que devia buscar no mundo politico o que não lhe era dado encontrar no mundo physico; que a forma social era unicamente a que deveria reger a sua especie, porque era impossivel, que elle podesse viver de outro modo.

A natureza prestava-lhe o alimento, mas não lhe podia dar a segurança. Elle poderia livrar-se do leopardo e da panthera, mas não podia fugir dos outros homens.

A razão era muitas vezes uma arma contra a mesma razão.

Era preciso subjugal-a, era preciso dirigil-a, e fazel-a voltar aos seus principios, já perdidos, de rectidão e de justiça primitiva, quando ella se desviava de si mesma.

O mais forte escrevia com sangue a sua lei, e o mais fraco a recebia com lagrimas. Então só a autoridade poderia resistir pela

força; mas esta força seria uma violencia tambem, senão fosse regu-
lada pela justiça.

Era, pois, indispensavel uma regra, uma repressão, e por isto
mesmo erão indispensaveis as leis; mas ainda assim estas leis care-
cião de um promulgador e de um sustentaculo.

Ellas o tiverão.

Eis aqui a origem do poder e de toda a autoridade legiti-
ma; a origem das sociedades humanas, que tendendo para um esta-
do feliz, forcejavão para sahir ao mesmo tempo do embrutecimento
e da miseria.

Mas o amor da perfeição atormentava o homem.

Descontente de si e dos outros; cheio de precisões, que devião
satisfazer-se; dotado de imaginação para inventar, e de liberdade
para escolher; fecundo e inquieto, elle organisou diversas formas
de governo, segundo sua localidade, suas precisões, seus differentes
costumes, seu clima e a indole da sua nação.

Não esperemos que elle fique estacionario.

Passando por vicissitudes politicas, construio e reconstruio,
marcou os inconvenientes, e melhorou o seu edificio social.

As viagens e o commercio trouxerão-lhe a civilisação, e com
ella novas exigencias, novas theorias legislativas, e novos melhora-
mentos.

As sociedades são como os corpos humanos.

A' inercia, aos sonhos e ás illusões da infancia, succedem bellos
dias de enthusiasmo, de calor, de movimento e de realidades, que
embriagão a juventude; assim como á esta vida de vigor e de pai-
xões, succede uma epocha de inacção e de gelo, em que uma exis-
tencia passiva se dá a conhecer, pela attenuação das faculdades,
pelo soffrimento e pelo desamparo da razão.

Era impossivel, que occupando nós um ponto no universo, dei-
xassemos de ter a nossa historia entre as nações; que não passasse-
mos tambem pelas nossas phases politicas; que não tivessemos nossa
infancia, nossa juventude; assim como teremos a nossa velhice, se
por ventura, e quem o sabe? não temos já chegado aos seus ulti-
mos periodos.

Fomos uma conquista, e tivemos dominadores.

Fomos invadidos pela Belgica, e sacudimos gloriosamente o se[illegible]
jugo.

Continuamos Portuguezes, mas o grito de gloria, dado pelo gran-
de homem nas margens do Ypiranga, reboou por todas as concavi-
dades selvagens do Brazil, e nos constituio Brazileiros.

Tivemos patria nesse dia, porque tivemos independencia.

Fomos uma nação, porque nos emancipamos; e o Brazil, erguendo
seu braço, apresentou na sua grande carta um monumento [illegible]
sua audacia e da sua gloria á Europa assombrada e attonita, que
pela vastidão e temeridade do projecto, presumio, que um access[illegible]
de delirio se havia apoderado de nós.

Somos livres! nós o dissemos.

Livres, nos responderão os rochedos; as florestas o repetirão; e os mares, por entre o sussurro das suas ondas agitadas, por entre seus tufões e suas tempestades, deixarão passar illeso o nosso grito de triumpho, que depois de atravessar o Atlantico, foi retumbar na Europa.

O Tejo recuou e bramio; bramio e tornou a recuar.

Apezar disto; a Lusitania não nos pôde dar credito; porém reconheceu bem depressa, que se havia illudido, e que era impossivel apagar a chamma, que se tornou electrica, tão veloz e tão precipitada, como o raio, tão poderosa, como elle, e tão indestructivel, como o coração de Deus, d'onde havia sahido, e aonde residio sempre com a liberdade, que elle guardou para seus filhos.

Rompeo então uma era toda nova, para os que tinhão aberto os seus olhos á luz neste vasto continente: desmantelarão-se as complicadas machinas, e todos esses artefactos, que o braço do homem europeo havia levantado.

As arcadas e os velhos baluartes da prepotencia e do arbitrio vacillarão, ruirão por terra; e o seu baque, o estrondo horrivel e assustador do seu baque, ferio ainda o velho mundo, e o desenganou de todo. Desappareceu emfim esse edificio gothico, e com a mesma presteza com que desapparecem essas exhalações aereas, que brilhão e se apagão, esses phenomenos, essas auroras boreaes, que inflammão algumas vezes os céos.

A constituição, senhores, trouxe reformas, e concedeu direitos; fixou uma baliza de gloria, e disse aos Brazileiros:

Continuai a reunir-vos, formai uma assembléa, e sustentai-a!

E' nesta ultima palavra, que se encerra toda a nossa vida politica. Não basta a independencia, não basta o codigo da nossa emancipação, é preciso, que elle exista para sempre; que exista intacto, sem que as facções lhe arranquem uma pagina, e nem lhe destruão uma letra.

E como será possivel conservar toda essa reunião de bases sociaes, todo esse complexo de tantos direitos, se aquelles, que se incumbirem da magestosa tarefa de fabricar as leis, não forem dotados de principios generosos, e de um patriotismo verdadeiro e energico?

Posto, senhores, que as funcções de um deputado sejão as mesmas, que as de um senador; todavia ha uma grande differença entre estes dous funccionarios da nação.

Um deputado exerce as funcções legislativas no estreito periodo que se lhe tem prescripto. Não é assim o senador. Elle as exerce em toda a sua existencia, breve ou dilatada, benefica ou mal fazeja.

Se um deputado salta as barreiras da sua commissão; se elle prostitue seus raciocinios e seus votos ás exigencias inopportunas do poder; ou se de qualquer sorte resvala em sua carreira politica,

as pragas e as murmurações dos povos chovem sobre elle em card me: o desprezo publico afasta e repelle seu nome das urnas eleit raes. Sim, o desprezo dos seus concidadãos é um ferrete indelevel, que imprime profundamente em sua alma todos os martyrios e todas as anciedades do remorso. Mas o senador é permanente em seu emprego; se a probidade o não escolta e sustenta, nós o veremos zombar, acastellado em seu posto eminente, de todas essas provincias, que por sua precipitação e incuria o collocarão na cadeira veneran da da patria, devida á sabedoria e a probidade sem mescla.

Senhores, o senado brazileiro forma o grande circulo dos gran des homens, e das grandes notabilidades do imperio.

E' este o pensamento, que deverá occupar-nos.

Ha entre nós alguma cousa de justo, de honesto, de marav lhoso e de sublime?

Nós o devemos suppôr no senado, ou nós o devemos collocar n senado.

O que é pois uma assembléa legislativa?

Um aggregado, um complexo de cidadãos virtuosos, de legisl dores sensatos, em quem reside a justiça e a sabedoria collectiva d nação.

Se em realidade uma assembléa legislativa deve ser tudo ist a sua parte mais interessante, e, digamol-o assim, mais vital deve sem duvida ser a camara dos senadores. Accresce ainda, que elle são perpetuos, e esta perpetuidade n'um senador ignorante, ou co rompido, e de intenções hostis á sua patria; a continuação dest existencia legislativa, é a vida do tigre. Quando mesmo a bond de se agazalhe, e resida no coração do senador, se o seu espirito nã for illuminado pelo pharol da sabedoria,elle não fará mais do que ve getar, como as plantas; e a sua vida será como a estupida existen cia da pedra.

Neste sacerdocio politico é preciso o abraço fraternal da mo deração com a probidade, e da instrucção com a virtude.

Quando contemplo o salão venerando, aonde os anciãos do Bra zil se entregão ás suas funcções legislativas; quando penso nesse porticos augustos, santificados pela sabedoria e pela magestade da leis; quando reflicto no circulo de tantos homens benemeritos, curvados com o peso dos annos e do serviço publico; e os vejo em penhando o resto de suas forças debeis, e já fugitivas, em legisl para a sua patria, o meu coração, já murcho e como definhado, re cebe um novo vigor, e eu me digo a mim mesmo.

Não morremos de todo! Ha sempre alguma cousa de impo tante entre nós!

No meio de uma politica tenebrosa, incomprehensivel ás vez tão embaraçada, como o cahos, tão impenetravel, como os mysterio neste rumurejar de tantas tempestades; neste vaivem de tant opiniões desencontradas, restão-nos ainda algumas esperanças su ves: ha um throno, e nós temos o senado.

As constituições physicas,e as affecções moraes, não são as mesmas, e nem produzem os mesmos effeitos em todos os homens.

Cada um de nós encara os objectos mais ou menos, segundo as suas paixões e o seu temperamento.

O homem sombrio viaja quasi sempre pelos paizes da melancolia, e faz estrada pelas florestas e pelos lugares mais recatados e desertos. Eu devo á natureza um certo pendor para os pensamentos melancolicos.

Os dissabores e os annos tornão-me sobremaneira previsto e cauteloso. Semelhante á Pascal, e só nisto,descubro sempre um abysmo debaixo dos meus pés; resta illudir-me, como elle.

Olho para o Brazil, e só encontro males.

E é imaginação, senhores?

Bem póde ser que o seja. Mas não existe para os Brazileiros, senão prosperidade? dias de abastança e de esplendor? Se é assim, fixai de algum modo por vossos trabalhos, por vossos cuidados e por vossos serviços eleitoraes, esta idade de ouro, que eu suppponho uma idade de ferro.

Mas vós conheceis, que nós luctamos, e que o imperio soffre em todos os seus angulos.

Minorae, quanto poderdes, a nossa situação.

Escolhei por tanto os vossos senadores, mas vós só os encontrareis aonde não barafustarem comvosco os ambiciosos e os importunos.

A virtude é modesta, é timorata e desconfia de si

Quando se trata de eleïções e de votos, aquelles, que os procurão, que os solicitão, que os arrancão, aquelles que os arrebatão, são os que menos os merecem.

Ah! se fosse possivel, que os mendigos todos se ajuntassem, para celebrar uma festa, nós poderiamos chamar a isto as eleições! Não se ouve mais, do que a voz sumida e labiosa, dos que pedem; porém é maior o numero dos que promettem, e que faltão, dos que mystificão, e illudem uns aos outros.

Immovel e petrificado, submerso na estupidez do silencio, eu observo na minha patria este phenomeno espantoso! Cubro-me de rubor, e desconheço os costumes do meu paiz!

A natureza honesta repelle este desdouro, esta affronta: a razão a desapprova, a lei a prohibe e a religião a condemna; mas que importa, se a corrupção a exerce e a propaga?

Quando observo este redomoinho politico, este rodopio, estes correios visiveis e invisiveis, que se encontrão, que se cruzão, que se espreitão por toda a parte, julgo ver uma cidade invadida, e uma praça em assedio.

Que pretendemos nós?

A felicidade do Brazil?

Para fazel-a basta, que sejamos sinceros, e que sejamos christãos.

Careceis de eleger dois senadores?

Aonde existir entre nós a sabedoria e a virtude, ahi achareis c candidato.

Desprezae esta roupagem negra, esses atavios de lucto, de que a intriga se adereça tantas vezes. Se achardes que o vosso mesmo inimigo póde ser proficuo á vossa patria, sede generosos, e não lhe negueis o voto.

Esta generosidade será um triumpho do vosso patriotismo: se não fosse este o evangelho de Deus, seria o evangelho da razão

Não devo vingar-me, como cidadão, das injustiças que receb como homem.

Se os da vossa maior predilecção e sympathia podem ser infensos á prosperidade publica, não conduzaes á urna o seu nome: uma profanação, é um crime, é um sacrilegio perfeito aos olhos da consciencia e da moral.

Não mancheis a santidade do escrutinio.

Vós estaes em um templo, estaes á face dos altares; reflecti n importancia das vossas funcções.

Seja o vosso voto a expressão da probidade christã.

Se vos não julgaes Brazileiros; ou se tendes coragem para vo desmentirdes deste nome, erguei então a voz, e repeti n'um tom d segurança:

Eu quero algemar este paiz; eu lhe darei hoje mais dous adversarios. O meu voto o porá em ruina!

Que! Sinto uma extranha commoção!... Nunca, senhores nunca! Dos vossos labios não poderião sahir jámais estas expressões de aviltamento e de opprobrio.

Votae, como quizerdes, porque eu sei, que votareis com a vossa consciencia; e deste modo a religião abençoará vossos trabalhos.

Fazei isto: vós acertareis, e nós seremos felizes.

NA REUNIÃO

APRA

ELEIÇÃO DE ELEITORES

QUE TINHÃO DE VOTAR EM DOUS SENADORES

Na Matriz de S. Frei Pedro Gonçalves a 19 de Setembro de 1847

O homem vive engolphado em seus sonhos de felicidade, e réceia a cada instante, que o venhão despertar de suas illusões ; mas quasi sempre é elle mesmo o que transtorna estes momentos, que imagina suaves, em sua mesquinha e rapida existencia.

Por uma fatalidade, que se não póde jamais comprehender, elle procura o bem e o destróe, depois de o ter procurado.

Julga-se escravo, ou em realidade o é, e reune suas forças para reivindicar seus fóros e conquistar a liberdade, que lhe havia escapado ; já livre, ufano de seu assignalado triumpho, embriagado com a felicidade, que lhe sorri, como que se fatiga de ser feliz e busca logo depois os meios de entorpecer e de enervar esta liberdade, que elle adora e que persegue ao mesmo tempo ; que alcançou a custa de fadigas incriveis, e que deixa esvaecer-se por espontanea vontade.

Correu e precipitou-se para reconquistal-a e rehavel-a ; gosou-a, e o flagello da indifferença veio murchar este viço, e diminuir este ardor, que obrarão tantos prodigios, para que elle fosse livre.

Sim : vós, senhores, tendes em realidade feito grandes esforços para a vossa independencia politica ; vós tendes mostrado uma grande adhesão aos principios philosophicos da vossa emancipação ; porém no meio de tudo isto, como que vos tem faltado, na escolha dos primeiros agentes da vossa grande obra, alguma cousa, que se póde chamar essencial.

Nem sempre nos periodos das vossas eleições o verdadeiro merito tem presidido á vossa escolha.

Amigos importunos, solicitações imprudentes, desaffeições injustas, sympathias falsas, caprichos violentos, partidos exagerados, machinações perniciosas, os excessos e a indifferença, a seducção e a cabala, tudo, senhores, tudo se arma e conspira para tolher-vos a

razão e embaraçar a plena liberdade, que deve regular-vos, quando se trata do ponto grandemente vital das nossas eleições politicas; quando se trata de apresentar pessôas virtuosas e habeis, em cujas mãos depositemos os votos, que devem prolongar, ou destruir o nosso estado de verdadeira segurança.

Armai-vos pois de inabalavel coragem ; repelli, de maneira religiosa, todas as seducções.

As doçuras da vida social devem merecer-vos muito ; porém as necessidades da patria devem merecer-vos ainda mais.

Os amigos devem exercer um grande poderio sobre a nossa vontade; porém a patria é mais amiga, do que elles.

Se a consorte é a metade do vosso coração, a patria é a vossa alma toda inteira.

Os filhos podem quasi tudo sobre vós, porque elles são filhos; mas a patria os excede, porque, se elles são filhos, ella é a unica, que lhes tem sabido ser mãe.

Escolhei, do modo o mais religioso, os que devem ser os vossos eleitores.

E' desta escolha, senhores, eu vo-lo direi sempre, que dependem a inteireza e rectidão daquelles, que fizerem as leis, porque são as leis o primeiro baluarte da segurança social. Eleitores iniquos escolherão aquelles, que lhes são semelhantes ; porque os perversos amão-se e conhecem-se uns aos outros.

Máus eleitores dar-vos-hão máus deputados.

Não deverei, porém, terminar sem uma reflexão, que vem em soccorro do ministerio, que exerço e da missão augusta, que me foi dada sobre a terra.

Por mais violentas, que sejão as paixões, que acommettem e rasgão cruelmente o coração do homem ; por mais violentos, que sejão estes estragos, que ellas produzem no nosso espirito e na nossa intelligencia ; vós reconheceis, senhores, que a voz da religião é mais poderosa, é mais energica do que estes grandes estimulos, que nos agitão e revolvem ; vós reconheceis, que a voz da religião é a unica, que estabelece de um modo duradouro e perfeito um imperio de paz e de fraternidade, de justiça e de união, no meio mesmo das maiores contradicções e das mais acerbas desavenças.

Ao écho vigoroso da augusta filha do céo, á sua voz clamorosa e penetrante, que percorre, e que retumba em todos os seios d'alma ; á sua palavra sonora de harmonia e de conciliação, fogem as murmurações, terminão as ameaças, recuão as animosidades, desvanece-se a suspeita, desarma-se a prevenção, extinguem-se os odios, cahem por terra os manejos iniquos, cessão as intrigas, a caridade recobra seus direitos, fraternizão-se os homens, triumpha a natureza honesta ; e a selvatiqueza feroz, o tumulto sanguinario, a grita, a celeuma das paixões hediondas e loucas desapparecem de todo.

Ouvi, portanto, esta vóz, ouvi-a ; e ella deverá merecer-vos todo o credito, não só pelo que ella é em si mesma ; não só porque sabe

dos labios do ministro de Deus; como tambem porque é a linguagem simples e pacifica de um homem, que tem fugido ao vortice arrebatado e tumultuoso dos partidos; que está fóra desta atmosphera inflammada, fóra desta turburlencia, deste conflicto, deste redomoinho das opiniões do dia; e que procura hoje, como uma expiação aos desvios de uma idade desapercebidá, salvar o seu ministerio, quanto póde, de occurrencias, que lhe devem ser extranhas e que lhe são sempre funestas.

O sacerdote é cidadão, porém elle é o sacerdote.

O ministro de Deus faz mais pela doçura, do que as baionetas obrão pela força.

A mansidão faz amigos, a violencia faz escravos, ou hypocritas.

O Evangelho não tem armas, tem exemplos; e a caridade triumpha pela paz.

E' o Evangelho, e é a caridade, que nos oppõem uma barreira, fazendo–nos seus ministros, e recommendando-nos, que sejamos submissos, quando a submissão for um dever, e não poder ser um crime.

O homem turbulento poderá ser elogiado, mas nunca será bemquisto.

A politica aproveita os serviços dos incautos e dos máus, quando lhe são necessarios; mas despreza-os, quando não carece mais delles.

Um ministerio de paz exhorta, porem não offende.

Os excessos não podem ser virtude, porque elles são excessos.

A religião não se extendeu pelo estrepito das armas, firmou-se pela paciencia do martyrio.

Se os que transgridem a lei são os mesmos, que a destroem; o que faz o que deve, tem preenchido a lei, e é alguma cousa preenchel–a, quando muitos a illudem e quebrantão. Não se presuma, que eu confundo o dever com o egoismo, porque um destroe o outro.

Se a perfeição é indispensavel nos ministros de Deus, elles não podem ser perfeitos, senão fazendo aquillo, que o seu estado exige delles.

Os excessos não podem ser virtude, porque elles são excessos.

Arredado desta effervescencia e deste revolvimento, que se apodera dos animos; entregue as doutrinas e meditações pacificas; estudando o homem, e aprendendo delle no leito dos moribundos; apontando-lhes para a eternidade nas ultimas exhalações da vida; exhortando-o á paz e á conciliação no tribunal da penitencia; costumado a estas praticas de suavidade e mansidão; em uma idade, em que as illusões não podem já ter dominio, e que, se por acaso apparecem, são como esses corpos phosphoricos, ou como essas exhalações fracas, que scintillão na atmosphera, e se extinguem no mesmo instante em que brilhão; que outra cousa poderia eu dizervos?

Vós, senhores, sois a porção escolhida, que me foi entregue por

Deus, no momento em que a Providencia collocou o meu nome na lista dos pastores de Israel.

A verdade, que é um dever em todo o homem, é nos ministros do altar a obrigação mais rigorosa, mais indispensavel, a mais solemne e a mais sagrada.

Omittil-a seria um dezar, seria um crime, seria mesmo um sacrilegio.

Ah! reflecti e tremei!

Em que lugar vos achaes, senhores? Medítai por um pouco!

Que terra é esta, em que se sustentão e firmão vossos pés?

Mortos, cadaveres mirrados, ossos aridos, espalhados por este terreno de santificação, reanimai-vos uma vez! Recobrai a linguagem, dizei-lhes, bradai-lhes vivamente, do profundo e somnolento seio destas medonhas sepulturas resôe a vossa voz, como o murmurio de muitas aguas juntas, ensinai-lhes a respeitar a morada do Todo Poderoso.

Dizei-lhes:

Esta é a terra dos suffragios e das benções. Nós vos esperamos aqui. Olhai com estremecimento para as nossas cinzas, derramadas e dispersas por estes subterraneos, minados pela corrupção; mas em primeiro lugar curvai as vossas cabeças e reverenciai a casa de Deus, que ergueu seu tribunal, exercitou seu juizo e que nos tomou contas. Elle vós punirá, se trouxerdes a irreverencia e o desacato ao recinto do seu templo!

Basta.

Levantai, senhores, erguei os vossos olhos, derramai em redor as vossas vistas....

Eis os altares venerandos, eis as aras sacro-santas, que se curvão todos os dias com o peso da victima impolluta, que offerece pelos vossos delictos o seu sangue, espargido nas ignominias da Cruz e nas angustias do Golgotha!

Eis os bustos sagrados das virgens, dos penitentes, dos confessores, dos martyres, dos athletas, que compõem o circulo e o cortejo do Vivente dos seculos!

Eis os bustos, eis as imagens da mais bella das princezas de Sião, da rainha, da imperatriz, da soberana universal, que, collocada á dextra do Omnipotente, extende o seu dominio desde o ponto mais elevado dos céos até ás concavidades mais remotas dos abysmos!

Isto não é tudo: escutai-me ainda. Ali naquelle santuario, naquelle altar, sobre aquella urna, dentro daquelle tabernaculo, depositado naquella pixide, está o Filho de Deus, Deus Vivo, Deus Immortal, Deus de Justiça, Deus, que está presente, Deus, que vos vê, Deus, que vos ouve, Deus, que vos observa, Deus, que vos espera, Deus, que tem de julgar-vos e que saberá punir-vos, se fordes irreverentes. Porém não, vós sois fieis, vós credes e sabereis respeitar a casa, que é de Deus!

NO COLLEGIO ELEITORAL

REUNIDO NA MATRIZ DE SANTO ANTONIO PARA ELEIÇÃO DE DOUS SENADORES

(a 20 de Setembro de 1847)

A lei nos chama, a patria exige o nosso voto e a religião o consagra.

A lei nos reune como subditos, a patria nos emprega como filhos, a religião nos exhorta como christãos.

Como subditos, devemos ser obedientes; como filhos, cumpre-nos que sejamos gratos; como christãos, temos obrigação de ser fieis.

A lei nos chama em soccorro da patria, e a religião vem em auxilio de ambas.

Taes são, senhores, as circumstancias que se nos apresentão agora.

Tal é a santidade do acto magestoso e solemnissimo, que exige o nosso comparecimento, dentro deste portico sagrado.

Não, não é um apparato esteril e sem significação o que nos conduz á face dos altares impollutos do Vivente dos seculos.

Um objecto importantissimo reclama hoje as nossas mais puras homenagens, e as nossas mais ardentes supplicas ao supremo Legislador de todos os povos, de cuja dextra portentosa e magnifica pende o sceptro, que rege a natureza inteira.

Emquanto o philosophismo, soberbo e insensato, umas vezes suppõe o universo entregue á estupidez do acaso, e outras vezes, quando muito! aos cuidados de uma Providencia cega e inactiva; o verdadeiro crente, folheando, cheio de respeito e de fé, as paginas sagradas, que são as mesmas da revelação, descobre em toda a serie e em todos os movimentos da natureza physica, ou da ordem moral, o dedo invisivel, que traça e estabelece todos os successos.

E' pois este culto de verdadeira homenagem, esta religião de reconhecimento, que dirigio nossos passos, e que, fallando á nossa consciencia, ordena que lhe sejamos fieis; e nós o deveremos ser.

Temos, portanto, senhores, de corresponder á santidade das funcções, para que somos chamados.

Nós temos de dar dous senadores á assembléa geral do Brazil; mas é preciso formar uma idéa perfeitamente constitucional, ou mais antes religiosa, deste emprego importante.

Um senador deve ser um homem amadurecido pelos annos, pelo saber, pela moral e pela virtude; um philosopho pratico, alheio á esses ardores e desregramentos da mocidade.

Se a camara electiva, transpondo os limites da verdadeira justiça, tomar uma attitude hostil contra o governo, o senado deverá neutralizar e arrefecer por sua prudencia e madureza os actos legislativos, que assim partirem dessa primeira camara.

A mocidade, senhores, é em si mesma a estação do calor e do enthusiasmo, o ponto mais energico da vida.

Um moço de idéas tardias e languidas, de pensamentos monotonos, de uma imaginação gelada, desprevenida de vigor, de uma prudencia toda de calculo, sem sofreguidão, sem esses fogos electricos, que algumas vezes são precursores de horriveis tempestades, é um velho antes de tempo.

O amor do maravilhoso, os pensamentos romanticos, as situações poeticas, as theorias arduas, e mesmo impraticaveis, as irregularidades, os delirios, e as afoutezas de todo o genero, pertencem, como exclusivamente, á essa porção da nossa especie, na mais doce primavera, na embriaguez e nos sonhos lisongeiros da vida, nesses dias ardentes de encanto e volubilidade, que se deslisão por entre o sussurro das paixões, dias tão apreciaveis para o mundo, porém sempre de lamento e de lagrimas para a religião.

A inconstancia e a falta de accordo são tambem outros escolhos funestos, contra os quaes se abate a desapercebida juventude.

De idéa em idéa, de theoria em theoria, de systema em systema, de flor em flor, de novidade em novidade, ella abraça e despreza, escolhe e regeita, quer, abandona, compõe, e desorganisa ao mesmo tempo; e o seu universo é todo de um momento, como são as suas apprehensões e as suas mais bellas phantasias.

E' verdade, senhores, que a instrucção corrige a natureza, assim como o antidoto preserva do veneno; mas quantas vezes se nos tornão quasi inuteis os trabalhos e os esforços da sabedoria contra as tendencias e o pendor de um temperamento tenaz, que na qua[illegible] dra mais tempestuosa da vida résiste ao bem, e se rebella con[illegible] tra elle !

Quantas vezes o nosso triumpho é tardio e doloroso !

Só sabe vencer-se o que aprende a subjugar-se; e isto não [illegible] pouco, porque muitos triumphár[illegible] de si.

Se a mocidade, pois, tão cheia, por outro lado, de concepções [illegible] de prodigios; tão capaz de tentativas e de descobertas espantos[illegible] como impertinente em seus caprichos, e seus habitos, não parece ve[illegible] dadeiramente asada para os exercicios de gravissima reflexão, [illegible] aturada e nunca desmentida prudencia; nós acharemos na longa [illegible] rie dos annos uma razão pacifica e circumspecta, a lentidão da gr[illegible] vidade, e aquelle arrefecimento, que raras vezes se descobre na fl[illegible] dos nossos dias.

A natureza toda é ordem, e assim como na creação dos seres se desenvolveu em classes, soube tambem separar os tempos e dividir as idades: marcou as funcções de cada um dos periodos da existen-

cia do homem ; e o que ella fez na ordem physica, é o mesmo que se reconhece em toda a ordem moral.

Se esta ardencia, se esta febre, que tão inquieta e vivamente aquece e revolve a juventude, é como a enfermidade dos nossos mais bellos annos, a natureza parece arrepender-se, depois de nos haver sacrificado, de expor-nos á tantos riscos, de abandonar-nos á tantas irreflexões, de entregar-nos á tantos tropêços; e ella principia a emendar uma idade de illusão e de sentimentos demasiadamente vigorosos, por outra idade, què se póde chamar por excellencia a idade do raciocinio, a idade do verdadeiro sentimento, da ordem e da regularidade em todas as cousas.

Aquella acção violenta e precipitada, que, revolvendo o coração, reflectia sobre o entendimento; que o impellia para o desvio do bem; perde pouco a pouco essa energia criminosa, e traz ao homem a época da circumspecção, e do comedimento.

Se por ventura o ente pensador, o animal rei, chegando ao termo do declive dessas paixões tempestuosas, desses grandes delirios, persiste algumas vezes, e se conserva com elles; é isto o mais doloroso de todos os seus desvios; é isto uma renitencia, que se póde chamar excepcional, e, para exprimir-me como eu o comprehendo, é uma aberração e um salto; é um esforço, é uma violencia, que o homem faz ás suas faculdades, e ao seu mesmo estado physico.

Tendes, emfim, de eleger dous senadores, cidadãos importantes pela solemnidade do seu emprego, e que devem ser mais eminentes ainda pelas suas virtudes.

Quanto nos é grato, senhores, contemplar o circulo magestoso desses homens probos, cuja venerabilidade apparece em suas cans virtuosas, e na pausa de suas palavras, que o gêlo dos annos tornou sentenciosas e de inteiro documento!

Não imagineis, que, quando o meu dever me conduz, como orador evangelico, a ser o interprete das necessidades do meu paiz, que procura exprimir-se pelos meus labios, fracos e desanimados; não imagineis, que eu vos recommende a eleição de um homem, que, por sua idade diuturna, se conserve indolente e apathico, para bem servir a sua patria; pelo contrario eu reclamo de vós, em nome do evangelho, que me constituio seu ministro, que a vossa escolha seja, de todo o modo, a mais adaptada ás nossas circumstancias, a mais fiel, a mais perfeita, e a mais religiosa.

Se vos advirto, que não confiraes este emprego á leviandade, não é certamente para aconselhar-vos, que o depositeis nas mãos vacillantes e entorpecidas da indolencia e da decrepitude.

Uma reflexão convém fazer ainda, e ella me parece indispensavel.

Os novos eleitos tem de substituir no senado brazileiro a dous homens recommendaveis, que este imperio recolhia em seu seio.

O primeiro era de verdadeiro siso, de extrema probidade, de amestrada expériencia, de grande merito; e em suas mãos repousava

o prumo da moderação. Affeito, de largos annos, ás meditações e aos trabalho de gabinete, elle pensava, reflectia, e executava depois.

Independente por sua situação social, elle era mais independente ainda por sua indole e por seu mesmo caracter.

O segundo era uma dessas notabilidades, que já tinha dado o seu nome á historia do Brazil, e que pertencia á posteridade, antes de entrar para o tumulo.

Era o genio da Paulicéa.

Sabio, e de uma familia de sabios, elle se tornava credor da nossa contemplação, ainda mesmo por suas imperfeições, deixae-me exprimir deste modo, que erão, n'um pelago de luz, essas pequenas manchas, que o audaz e importuno telescopio do astronomo tem esquadrinhado no sol: provinhão do conhecimento, que elle tinha da sua superioridade.

No inverno da existencia, em que os outros homens apenas vivem, elle era todo enthusiasmo, todo fogo; e se eu posso arriscar uma expressão, que me parece exacta, elle tinha vida de mais.

Um borbotão de pensamentos profundos e de phrases magestosas se precipitava de seus labios, aonde a eloquencia havia tomado o seu assento, e relampagueava.

Memoria vasta, prodigiosas reminiscencias, erudição matizada, e mesmo encyclopedica, imagens fortes, contrastes imprevistos o assignalavão na tribuna.

O orador ligava-se com o poeta, e as bellezas de Cicero, perdoae-me neste logar, e por esta vez, senhores, a accumulação de alguns nomes profanos, e as bellezas de Cicero se entrelaçavão com os traços amargos de Juvenal.

Purificado e suave na dicção, como Jacintho Freire; ardente e insoffrido, como Mirabeau; grave e desassombrado, como o grande Maury; energico e tumultuoso, como La Martine, elle conservava uma linguagem florida, mas que nunca se desmentio da linguagem dos classicos, e cujo vigor o igualava aos mais celebres oradores politicos.

Uma logica cerrada e incontrastavel, fortalecida as vezes com as sorprezas e com os assaltos da invectiva, cuja reunião poderiamos chamar a tempestade da eloquencia, annunciava nelle a força da razão, a independencia de caracter, os prodigios do genio, e a consciencia do que elle valia.

Todo Brazileiro, como elle o era, não amava, e nem podia amar, senão a sua patria; e foi sem duvida este amor desmedido, que o arremeçou a alguns dos seus extasis politicos, que muitos desejarião têl-os!

Erão visitas perigosas, que elle fazia ao paiz da extrema perfeição.

Emquanto os reptis andão de rojo e caminhão a custo, as aguias levantão-se, voão, e perdem-se entre as nuvens.

As barreiras fizerão-se para os homens mediocres, os grandes homens não as tem.

O habito, em que elles se achão, de vencer tudo o que é possivel, lhes traz o pensamento de realisar tambem aquillo, que o não é.

Audacioso e planista, em sua juventude, nutria em sua mesma velhice esses arrebatamentos, esses vortices, essas lindas chimeras, esses sonhos brilhantes, que só o desampararão no sepulcro, e que erão o brinco e o matiz de sua imaginação fecunda e patriotica.

N'uma idade de torpor e de destruição, era semelhante a alguns corpos odoriferos, que quanto mais são macerados e desfeitos, tanto mais exhalão vapores vivos, e rescendem.

A electricidade da sua alma fulgia, e scintillava em seus discursos.

Dividido entre suas utopias, que lembravão nelle o philosopho, e o dever, que recordava o cidadão e o legislador, pareceo, por isto, inexplicavel as vezes; mas de qualquer modo descobriamos nelle o homem sabio, demasiadamente leal, e trahido por sua mesma ingenuidade.

Os fracos e os hypocritas são os unicos, que se escondem.

O Brazil, que o admirou sempre, lamenta a sua perda, sensivel por todos os lados, emquanto a Europa não lhe perdoará jámais o delicto é eu o direi mesmo, a aggressão da nossa independencia.

Fomos livres, e pouco importa, que lhe chamassem rebelde.

A escravidão proveio do peccado: a liberdade vem de Deos.

De proposito quiz retratal-o, como eu sei, que elle era ; e se o fizesse de outro modo, deixava de ser ingenuo, e lhe desagradaria agora mesmo.

Tal he, senhores, o genio, o grande genio, a quem um dos novos eleitos tem de substituir no senado.

Esta escolha, por tanto, deve ser o producto da vossa intelligencia, e do vosso patriotismo. Attendei ainda ao aggregado de graves e ponderosas circunstancias, que nos apresentão as actuaes eleições.

A capital do imperio e as provincias, que nos rodeião, conservão suas vistas fixas sobre nós, e estão em verdadeira expectação.

Que as rivalidades cessem, que a intriga desappareça, que a boa fé reuna os nossos suffragios, que a prudencia nos abra o escrutinio, que o merito não seja excluido, que sejamos patriotas, porém sem ser injusto.

E' só deste modo, senhores, que seremos fieis á nossa consciencia, e que poderemos ser fieis á Deus.

Concluí.

---

dez dos vossos semblantes, o palpitar convulso dos vossos corações, e exultará com as vossas agonias. Farto de estragos, resomnará então apaziguado e tranquillo, no meio dos destroços; è todos esses gritos, que vos forão arrancados pela angustia e pela dôr, elle os receberá em troco dos gritos de vilipendio e de escarneo, e da enguerezia sacrilega, com que o ultrajastes dentro da sua propria morada.

O poder das trevas está hoje em vossas mãos.

Estão depositados nellas os thesouros da iniquidade, e todas as riquezas do peccado; porém o dia da vingança foi registado nas paginas eternas, e Deus é immutavel.

Em verdade, senhores, não é ja compativel o silencio e o esmorecimento dos ministros do altar com as profanidades continuas, que o gangrenado espirito dos tempos tem posto em pratica, e que com especialidade se renovão nestes periodos aziagos e tumultuosos das nossas eleições politicas. De todos os angulos do Brazil deveria romper dos labios, dos que vigião ás portas da Sião sagrada, um clamor unisono contra os abusos monstruosos, praticados nos templos.

Por ventura a grande carta, o codigo fundamental da nação, que em cada uma das suas paginas garante a estabilidade das leis, a existencia dos tribunaes, as formulas da justiça, a inviolabilidade do asylo do cidadão, a segurança dos povos, a firmeza do throno, a integridade do imperio, não é a mesma que proclama, que reconhece, que protege, que afiança e sustenta a religião do Brazil? Não é esse codigo um dos primeiros sustentaculos do culto, desse culto unico e santissimo, que nos legarão nossos paes?

E como é crivel, que esta religião de pureza e santidade seja exposta, e com tanta frequencia! ás irrisões e aos motejos do desenfreio e da licença, em todos esses dias dolorosos, em que os votos da nação procurão reunir-nos?

Em todas as epochas do christianismo, senhores, a profanação dos templos fez recahir sobre as nações irreverentes horriveis flagellos.

Não busqueis nunca outra origem ás gravissimas calamidades, que affligem este imperio; outra origem a este murmurio surdo de pragas e de maldições contra os agentes do poder; a esta falta de equilibrio entre aquelles, que mandão, e os subditos, que obedecem; a este descontentamento, que lavra em todas as classes; a estas aggressões; a estes odios de familia; a estes sustos; a estes temores; a esta accumulação de desavenças e de animosidade dos cidadãos uns para os outros; a esses libellos famosos, que circulão em tantas folhas volantes; a estas faltas de submissão aos que governão; a estas faltas de confiança na lei; a estas rupturas; a estes choques; a estas reacções; a esta gangrena de costumes; a esta corrupção inaudita, que se contempla, com profunda magoa, nas cidades e nos campos;

e a esse futuro, sim, a esse [illegible] nebuloso e carrancudo, que está á nossa espera.

O que não respeita a Deus, não póde respeitar os homens.

O asylo do cidadão é inviolavel: diz a lei, e vós o repetis.

E não será inviolavel a casa, que é de Deus?

Haverá poder, haverá autoridade para aquelles, que desconhecem a fonte e a origem de tudo o que é autoridade, e de tudo o que é poder?

Haverá ordem aonde subsiste a confusão?

Mas que imaginais, senhores? Presumis por ventura, que eu desvairo? Presumis, que tenho excedido a missão, que me fez apparecer entre vós? Que me afasto, e que confundo o solemne objecto, de que sou o interprete, com os delirios da epocha espantosa, em que nos coube existir?

Não! de proposito quiz exprimir-me deste modo.

Era preciso, como christão, como sacerdote, como vosso pastor, dar uma expansão religiosa aos sentimentos de piedade, que se apoderárão de mim.

E' isto effeito da oppressão e do desfallecimento do meu espirito assombrado.

E' isto de minha parte uma reparação exigua aos desacatos, que ha pouco se perpetrárão aqui.

Vós o presenciastes, senhores.

Clama, disserão as inspirações do alto, clama; e a tua voz se derrame pelos ambitos do templo, que elles polluirão, e retumbe como os sons fortes e agudos da trombeta, e penetre deste modo o coração daquelle que se denomina meu povo, para que reconheça a enormidade dos crimes, que se commetterão na minha habitação: *Clama, ne cesses, quasi tuba exalta vocem tuam, et annuntia populo meo scelera eorum.*

Possuidos, por tanto, deste espirito de religião e de fraternidade, cheios de acatamento na presença do pae universal dos povos e do Senhor dos imperios, vós devereis depositar hoje no escrutinio um voto pacifico, um voto de salvação para o vosso paiz.

Não descubro entre vós, senhores, um só homem, que não conserve no fundo da sua alma o amor mais puro, mais fiel, e o reconhecimento mais vivo e mais profundo, a esta amena e deliciosa provincia, aonde a Providenaia solicíta determinou, que respirasseis pela primeira vez.

Se levantais os vossos olhos ao alto, descobris os céos da vossa infancia, que despertarão, tantas vezes, na quadra da innocencia, a vossa admiração, que se desenvolvia abraçada com a fé.

Se dilatais a vista a outra parte, antolhais esses montes, coroados de relva e de flores; deparais com esses campos, cheios de belleza e de vida, esmaltados, pela graciosa mão da natureza, de arbustos e de rios; deparais com esses sitios de ternura ou de melanco-

lia, que vos excitão recordações e s[illegible]des, e aonde se deslisarão docemente tantos momentos de encanto.

Aqui tendes uma familia, ali numerosos amigos; deste lado estão as herdades dos vossos antepassados; daquelle os edificios, que se erguerão pela vossa industria e pelo vosso trabalho.

Os empregos, os encargos da nação pertencem-vos igualmente; e tudo isto exige de vós adhesão fiel e sincera, e verdadeiro amor de patria.

Mas prezais vós tudo isto?

Interessais-vos pela conservação destes bens?

Desejaes por ventura, que o bafo salutar e vivificante da prosperidade reanime o paiz? Que adeje e descanse sobre elle a paz, branda filha do céo, emanação de Deus, mãe prodiga e fecunda do commercio e da abundancia, principio animador dos povos, fonte inexhausta de bens e de segurança?

Ah! fazei então, quanto poderdes, para que tenhamos boas leis.

Escolhei eleitores prudentes e previstos, homens probos e virtuosos.

Guiados por uma consciencia recta, persuadidos da santidade das suas funcções, elles nos darão legisladores sabios, ligados á importancia e gravidade do seu emprego, e que correspondão, com a maior exacção, aos encargos sublimes, para que forão eleitos. Não é crivel, que os nossos destinos corrão sem protecção, e vão mesmo ao acaso, se a escolha dos nossos representantes fôr o producto da nossa intelligencia e da nossa boa fé.

Os eleitores são os unicos responsaveis pela escolha, que fizerem.

Seria-nos mais proficuo, se elles deixassem de votar, do que se votassem mal.

Suppondes inexequiveis alguma das leis, que nos governão? Nós as devemos a quem escolheu os deputados.

Existirão, no circulo dos legisladores, homens sem tino, despidos de circumspecção e de prudencia? Os eleitores o collocarão na assembléa.

A ignorancia, que algumas vezes é mais sagaz do que a sabedoria, conseguio entrincheirar-se no recinto das leis? Os eleitores a condecorarão, e lhe derão salario.

Existem homens sem verdadeiro merito, que pelos manejos sinistros da intriga, e pelos esforços da cabala se converterão em fabricadores de leis? Os eleitores lhes prestarão apoio, e os conduzirão ao seio da representação nacional.

Ha outros, que descobrirão nas legislaturas a duração do infinito, e lá existem collados? São os eleitores os que fazem tudo isto.

Ah! e poderá maravilhar-nos então, que nós não vamos bem?

Quantas vezes um eleitor, pessoa tão importante, tão recommendavel na lei, quantas vezes apresenta elle mesmo uma lista, que outros acabarão de emprestar-lhe?

Quantas vezes deixa elle mesmo de emittir um sò voto, quando todos absolutamente lhe pertencem?

Neste caso um eleitor è um correio.

Houve já quem o escrevesse, e eu repito esta verdade vergonhosa e cruel.

Reconheço a vossa illustração, respeito a vossa probidade e vossos principios de verdadeira moral; sei que sois virtuosos; que apreciais as necessidades do vosso paiz; que a religião preside aos sentimensos dos vossos corações.

A vossa escolha, portanto, será filha da vossa consciencia, e a vossa consciencia fará, sem duvida, a base e o complemento dos vossos deveres.

A lei tocará os seus fins, e Deus não exigirá mais do que isto.

NA REUNIÃO PARA ELEITORES

DA

PAROCHIA

De S. Frei Pedro Gonçalves, a 5 de Agosto de 1849.

Riscai das vossas listas o cidadão honesto; não entre nellas um só homem virtuoso.

A patria é unicamente um nome vão, não é uma realidade.

A theologia das eleições é a theologia dos partidos; e a theologia dos partidos não é a da religião.

O mais benemerito é o que mais cabala; e o que mais promette, é o que mais illude.

Não escolhais cidadãos, escolhei partidarios.

O meio para alcançar qualquer triumpho é fazer tudo para nunca o perder.

A calumnia é por ventura um crime?

Que importa, que ella o seja, se podeis vencer por esse meio?

A perseguição é a mais poderosa de todas as armas, e é preciso perseguir, quando é necessario triumphar.

Ha uma reputação, que possa ser incommoda e funesta? Manchai-a, e ella se perderá confundida com o descredito e com a ignominia daquelle, que é perverso.

Nas eleições buscão-se listas, não se procurão homens.

O mais escravo é o melhor eleitor, e o mais honrado de todos os partidos é o que dá mais votos.

Mas existe uma lei, podereis responder-me. Uma lei! Que illusão! Quando foi, que essa lei se poz em pratica? Porém a probidade, replicareis ainda? Sim, ella vale muito; mas quando se trata de eleições, é quasi sempre a cousa em que menos se falla, e a que mais se despreza.

Quem não respeita o evangelho, póde respeitar a lei?

Póde haver probidade civil, sem probidade christã?

Meus Deus! Quantas maximas, quantos principios absurdos vejo reproduzir nestes tempos! Quantas blasphemias!

Que origem de anarchia e destruição para qualquer das sociedadas humanas!

Se por desgraça abusais da santidade do voto, que se assemelha a santidade de um grande juramento, vós o reduzireis a uma especulação politica e a uma farça constitucional.

Que aggregado de principios tenebrosos !

Parece impossivel que haja um povo, constituido em sociedade alguma, e ainda mais em sociedade christã, que abrace, que exerça, que promova e pratique principios tão perniciosos e tão horriveis !

E todavia, senhores, isto mesmo, que parece sorprender-nos agora, e que nos enche de horror, não é por ventura aquillo, que ha tantos annos, e por tantas vezes, todos nós temos visto praticar debaixo destas abobadas sagradas, dentro destas paredes venerandas, á vista destes altares impollutos, destes bustos adoraveis, na presença destas imagens sacrosantas, e debaixo dos olhos do Ser incomprehensivel, que enche a magestade do templo ?

Para este lugar tremendo tem marchado a intriga de collo altivo e soberbo, e com toda a segurança, que lhe dá a impunidade e a corrupção dos costumes, tem vindo depositar no escrutinio um voto de destruição.

Para aqui o suborno, conduzido pela seducção, tem acarretado votos, que se comprárão e extorquirão.

Para aqui a indifferença tem arrastado nomenclaturas ociosas de cidadãos inuteis, que nada signifiĉão no paiz.

Para aqui o insulto, unido com a irreverencia, tem commettido o desacato, para não dizer o sacrilegio, de escrever os nomes respeitabilissimos de cidadãos honestos e conspicuos, a par de injurias atrozes.

Para aqui reservão-se as explosões do odio, as ameaças, as animosidades, os termos e a linguagem immunda, que seria um crime proferil-os, ainda nos espaços mais solitarios e remotos.

Para aqui, finalmente, se tem guardado vinganças particulares, e espera-se por este periodo violento e sanguinario, como por uma época de desaffronta e de desforra.

Sois christãos ? Podereis responder-me que o sois ?

Credes, que Deus está presente ? Presumis, que este templo seja em realidade a sua morada ?

Que esta morada seja toda de santificação para vós, e de acatamento para elle ?

Que elle vos vê ? Que vos escuta ?

Confesso-vos, tenho a repugnancia maior em repetil-o, confesso-vos, que ou não credes, ou fazeis de Deus uma idéa absurda e injuriosa, que o destróe. Se credes, não o conheceis ; e se o conheceis, eu não descubro uma expressão, uma phrase, uma palavra, que pinte o vosso delicto e a enormidade do vosso sacrilegio.

Ah ! depois de irreverencias taes, envergonhai-vos á vista dos Judeos em suas synagogas, dos Mahometanos em suas mesquitas, dos Bramines em seus pagodes e dos Protestantes em suas igrejas ; não vos chameis catholicos.

E' desta origem, meus charos parochianos, é desta origem terribilissima, que tem surgido e formiguejado todo esse tropel, esse cardume todo de tantos desastres nossos.

Ha no Brazil um periodo certo e resguardado para as offensas de Deus, e estas offensas são tambem resguardadas e certas para se commetterem na casa do Senhor, na sua mesma presença, e debaixo dos seus mesmos olhos. Escancárão-se as portas do abysmo, e ha dias de peccados, estabelecidos e prefixos, e os templos são os lugares designados e predispostos para estas solemnidades do crime.

Uma sociedade de atheus não obraria mais, e ainda estes poderião allegar, que não crião.

E' por isto mesmo, é desta origem funestissima, que rebentão, e se reproduzem as nossas desgraças. Daqui as intrigas, que nos retalhão e despedação; as autoridades, que nos desamparão e abandonam; as guerras, que nos dividem e ensanguentão; os sustos, que nos perturbão; as lagrimas, que se derramão; as mortes, que se perpetrão; os cadaveres, que lastrão os nossos campos e boião sobre os rios; o grito de revolta, que retumba e repercute em todos os angulos do imperio; as doutrinas de rebellião; os escriptos incendiarios; a immoralidade da imprensa; a indigencia do estado; a fraqueza das instituições; o descredito das leis; as queixas e os prantos dos particulares; as depredações do thesouro; a miseria publica; a juventude, que se corrompe; a velhice, que se deprava; os tribunaes, que se prostituem; a justiça, que se vende; a revoluçao, ora tardia e mansa, ora precipitada e feroz; o estado em fim de convulsão, de horror e de desmoronamento social, em que nos achamos.

Tudo, senhores, tudo isto provém dos desacatos, das injurias, dos vilipendios e dos abominaveis sacrilegios, que se commettem nos templos do Brazil inteiro, sem reserva de uma só das provincias, porque em todo o imperio ha um dia designado para offender-se a Deus, e dentro da sua mesma habitação.

O meu dever, senhores, me obriga a dizer-vos estas verdades dolorosas. Arranco-lhes todo o véu, que as possa esconder a vossos olhos.

Vós as presenciaes.

Vós vêdes, que eu não sou exagerado.

Foi-me imposto o ministerio de instruir-vos, e eu tenho de responder por vós e de velar ás portas desta Sião sagrada.

As pedras deste santuario ultrajado se erguerião em montão, e se levantarião contra mim, para me arguir e accusar-me, se eu emmudecesse no dia terribilissimo das contas, e o meu silencio agora faria então a minha condemnação perpetua.

Bastão-me tantas infracções! Bastão-me tantos delictos!

Nesse dia de julgação, nesse momento de verdadeiro terror, vós mesmos fitareis sobre mim os vossos olhos; levantareis todos juntos em grita e em tumulto as vossas mãos ao alto, para me apontardes, então na presença de Deus, como um sacerdote condescendente e pusilánime, como um pastor degenerado e corrompido, que nem ao menos me animava a reprovar os alaridos da impiedade e os uivos da irreligião, dentro da casa do meu Deus, dentro daquella mesma

casa, que elle me entregou por um vinculo espiritual, para que eu a regesse e amparasse.

Infeliz de mim ! Não, eu não emmudecerei jamais.

Profanadores ! o raio cahirá sobre vós ! Fartai-vos de vilipendiar aquelle, que tem de julgar-vos; e vós lhe respondereis por cada um destes ultrajes no dia do susto e da tribulação.

Vós sois chamados, senhores, para votar nos eleitores de parochia : se os elegerdes máus, tereis máus deputados ; máus deputados farão leis que sejão más ; leis más tem de consagrar costumes máus ; e deste modo acabar-se-ha de abysmar este imperio, descontente, abalado, e já em parte insurgido.

Reparai, senhores, nas circumstancias peculiares do Brazil, que não se nos figura mais, do que um terreno vasto, porém contaminado e balofo, cujas entranhas estão prenhes de ruinas e semeadas de abysmos ; nós seremos sorvidos e afundados ; nós desappareceremos da lista das nações, se a rebellião, se a anarchia, se tumultos continuos se reproduzirem e perpetuarem entre nós.

Se por desgraça abusais da santidade do voto, que se assemelha á santidade de um grande juramento, vós o reduzireis a uma especulação politica e a uma farça constitucional.

Se tivermos eleitores virtuosos e intelligentes, teremos legisladores cordatos e sabios, cheios de patriotismo, e cheios de religião.

Salvemos o paiz, se queremos salvar-nos !

COMPOSIÇÕES DIVERSAS

ELUCIDAÇÃO DO DIREITO

COM QUE PROCEDERÃO OS PAROCHOS, QUE, NOS IMPEDIMENTOS DE AUSENCIA, NÃO QUIZEREM COMMETTER O REGIMEN DAS SUAS FREGUEZIAS AOS SEUS COADJUTORES; POREM SIM A OUTROS SACERDOTES, QUE O ORDINARIO APPROVAR PARA ESSE FIM.

Je n'aipoint tiré mes principes de mes préjugés, mais de la nature de choses.

MONTESQUIEU.

Dirigio-se á mim uma pessoa do meu conhecimento, e perguntou-me: Se poderia um parocho ausentar-se por longo tempo de sua freguezia, deixando na regencia d'ella outro sacerdote, que não fosse o seu coadjutor? Respondi affirmativamente. Mas se é assim, replicou, de que serve a provisão, na qual os coadjutores são designados *verdadeiros parochos coadjutores?*

De cousa alguma para o caso, tornei eu.

Não produzindo, porém, nesses momentos algumas das razões, em que me firmava, por que nem eu e nem o sujeito, que me havia procurado, nos podiamos nessa occasião demorar, desagradou minha resposta; e eu julguei conveniente, como parocho, provar o meu dictame em um negocio, que por sua natureza tem toda a relação com o meu ministerio.

Póde um parocho, no seu impedimento de ausencia, deixar outro sacerdote no governo da freguezia, que não seja o seu coadjutor, apezar de ter este uma provisão do ordinario?

Eis aqui a questão.

Para respondermos circumstanciadamente, é indispensavel, que se note quantos e quaes sejão, em relação aos parochos, os coadjutores estabelecidos por direito canonico e os officios, á que são destinados. Feitas estas distincções, conheceremos, sem excessivo trabalho, á que classe pertencem aquelles, que os parochos, pelo concilio de Trento, são constrangidos a tomar, por causa do demasiado serviço e população das freguezias; conheceremos tambem, se á taes coadjutores pertence, por direito, a direcção das parochias no impedimento dos seus proprietarios.

São tres os coadjutores, que tinhão antigamente o nome de *vigarios*, palavra esta, que significa o que faz as vezes d'outrem: *vicarius dicitur ille, qui vices alterius gerit.* Ruff. Lib. I. Tit. 28.

Leamos Gibert, o auctor de tantas obras illustres, o annotador de Van-Espen, e o canonista mais laborioso e consultado, que houve em toda a França, *le canoniste du royaume le plus laborieux et le plus consulté.* Diz um dos escriptores da sua vida :

" Os vigarios, escreveu Gibert, ou são instituidos nas parochias para coadjuvação dos que exercitão a cura d'alma; *e estes vigarios chamão-se coadjutores*, segundo a congregação interprete do concilio de Trento; ou são instituidos para fazer as vezes d'aquelle, que se acha impedido temporariamente de exercer esta cura, e então chamão-se vulgarmente *provigarios*, isto é, pro-parochos, ou encommendados; ou o são para exercer esta mesma cura em logar d'aquelle, que o não póde fazer, por impedimento perpetuo; e neste caso denominão-se simplesmente *vigarios.* " Taes são os proprios termos do canonista citado. *Parochiarum vicarii, vel constituuntur ad juvamen alius, qui actu animarum curam exercet, et hi vocantur coadjutores à congregatione concilii interprete, vel constituuntur ad gerendas vices alius, qui ex causa temporali impeditur, ne animarum curam exerceat; et hi dicuntur vulgò provicarii.... Vel constituuntur ad animarum curam illius loco, qui ex causa perpetua exercere nequit; et hi appellantur simpliciter vicarii.* Gibert in corpor. jur. canonic. tom. 2 tit. 18 sec. 18 regul. prim.

Ferraris aos coadjutores denominou tambem " coadjutores vigarios " *permissum est eis* (parochis) *ut per vicarios coadjutores possint officio suo fungi.* Ferr. in verb. paroch. articul. 2 § 9.

Basta uma vista d'olhos sobre a doutrina expendida por Gibert para perfeita intelligencia, de que esta especie de coadjutores não tem direito algum de reger as parochias, durante o impedimento dos proprietarios, se estes os não quizerem deixar incumbidos de semelhante trabalho.

A' que classe, pois, das tres mencionadas pertencem taes coadjutores?

São elles postos nas freguezias, para que supprão as faltas do parocho, que temporariamente se achar impedido do exercicio do seu ministerio?

Não, de certo; porque os parochos, que existem vigorosos, só os tem por isso que *o Tridentino os obriga a tomar*, pelo excessivo trabalho nas freguezias populosas. E quando os coadjutores fossem postos para semelhante fim, então se denominarião *pro-parochos*, ou *encommendados*, e não coadjutores, conforme o estabelecimento em direito.

Serão postos para supprir o impedimento perpetuo dos parochos?

Tambem não: e nesse caso serião simplesmente *vigarios*, segundo o mesmo direito.

São, portanto, estes coadjutores concedidos aos parochos, para que os coadjuvem, e façam suas vezes *no serviço commum e diario da freguezia.* E para que se não imagine, apezar de tão claros e palmares principios, que é isto uma illação extravagante, que se pre-

tende tirar, consultemos ainda Gibert, e descobriremos mais outra differença, que elle põe entre os coadjutores e os encommendados.

“ O *Provigario*, diz elle, distingue-se nisto do *coadjutor vigario*: este serve no ministerio parochial debaixo das ordens do reitor, ou cura d'almas, a quem deve dar contas; aquelle serve *immediatamente* debaixo da inspecção do bispo, a quem deve responder: *Ab coadjutore vicario præcipue differt provicarius in eo, quod ille animarum curam sub rectore, vel vicario exercet, eidem rationem redditurus: provicarius veró illam immediaté exercet sub episcopo, cui de illa rationem reddere debet.* Gibert. Tom. 2. tit. 19 sec. 19 regul. 3.

Gibert declara mais: Que a creação dos encommendados não exclue, nem destroe o emprego dos coadjutores, e que os parochos os devem conservar, ainda tendo encommendados, por isso que o poder destes é mais amplo, que o dos outros, e a sua autoridade necessaria em certos casos. Donde se conclue, que póde em algumas igrejas, por motivos, que occorrão, dar-se que hajão parocho, encommendado e coadjutor. O que prova igualmente, que o coadjutor póde não ser proposto para o logar de encommendado.

Isto é bem claro, e só resta transcrever a passagem, em que me firmo. Eil-a.... *Unde sequitur quod ex canonibus, quibus præcepitur, ut provicarii constituantur pessimè inferretur, tempore quo con-[illegible]ti sunt, parochos coadjutoribus caruisse; cum ut dictum est, plenior sit provicarii potestas quàm coadjutoris, atque in prædictis casibus provicarii auctoritas necessaria judicari potuerit; cumque propter similes rationes similibus casibus provicarii etiam constituantur, etsi plerique parochi hujusmodi coadjutores habeant.* Gibert. de ecclesia, tom. 2. tit. 19 regul. 4.

Não é só deste canonista, que se collige, que os coadjutores, de que tratamos, não são postos nas igrejas para preencher inteira e absolutamente o ministerio parochial; o autor, que vamos citar, fallando sobre os coadjutores em geral, isto é, sobre os dos bispos e parochos, se expressa deste modo:

“ Geralmente fallando, a obrigação do coadjutor é coadjuvar o proprietario; fazer as suas vezes, e supprir os seus officios *n'aquellas cousas, para que foi dado.* Mas para saber-se em particular para que é, que foi dado, será preciso attender á fórma da sua collação, ou ás lettras, que o confirmão, como dizem os auctores. “ *Generatim loquendo, coadjutoris officium est coadjuvare coadjutum, ejusque vices, et munia supplere in iis ad quæ datur. Porro quænam in specie sunt illa ad quæ quis alteri datur coadjutor, colligendum est ex forma collationis, seu ex litteris dationis ejus, prout notant auctores.* Ruff. lib. 3 tit. II de Cleric. Ægrot. num. 77.

Se para saber-se os officios, para que os coadjutores são dados, é necessario attender á fórma da sua collação, ou ás letras, que os confirmão, isto é, ao seu titulo; é evidente, que esta especie de coadjutores não tem o direito, que se imagina; por isso que a sua carta

ou provisão, na qual se lhes determina e aponta as suas obrigações e regalias, e se lhes diz, para que é que são dados, nenhuma cousa estabelece sobre a regencia das parochias, nos impedimentos de ausencia dos seus proprietarios.

Consultemos a provisão. " Diga missa aos seus freguezes em todos os domingos e dias santos de guarda, e nos mais, em que elles a devão ouvir, ouvindo-os de confissão, absolvendo-os de todos os seus peccados, excepto dos reservados, declarados nas nossos constituições e pastoraes.... e lhes administrará todos os sacramentos e suffragios.... com subordinação ao verdadeiro parocho; e residirá dentro dos limites da mesma freguezia; e fará tudo o mais, que ao seu officio pertencer, ensinando a doutrina christã; e com esta haverá os próes e precalços, que direitamente lhe pertencerem.... servirá por tempo de um anno.... se antes não mandarmos o contrario. "

Aqui temos todas as prerogrativas e distincções destes coadjutores, extrahidas das suas mesmas provisões, sem que se lea nellas, que devão ficar substituindo os parochos na sua ausencia; o que era impossivel, que deixasse de constar, do modo o mais claro e expresso, por isso que seria esta a sua mais honrosa, mais importante e delicada funcção; mas era impossivel tambem, que viesse na provisão uma clausula, que se oppõe ao determinado no concilio de Trento como em seu logar notaremos.

Uma analyse bem entendida desta mesma provisão dispensava todo o apparato de canonistas e citações, e bastaria para que os coadjutores conhecessem, que elles não tem o direito, que inculcão.

A provisão marca-lhes a principio as cousas, para que é dada como acabamos de vêr.

Depois de ter feito isto, lhes estabelece, que possão haver os benesses, que são os próes, e precalços.

Depois o tempo, que elles tem de servir.

Depois, não havendo mais nada que explicar-lhes, finaliza cominando penas aos parochianos, que forem desobedientes.

" E mandamos, debaixo das penas por direito impostas, aos freguezes da dita igreja, hajão e reconheção ao dito padre por seu verdadeiro parocho coadjutor. "

E acrescenta por fim.

" E como a tal, lhe obedeção *no que a seu officio pertencer.* "

Que é o mesmo, que dizer-lhes com esta ultima clausula: Obedeção-lhes n'aquellas cousas, que já lhes ficão mencionadas por nós.

Aonde, portanto, existe a lei ou a resolução, que determine aos parochos, que nos seus impedimentos de ausencia deixem os seus coadjutores na administração e total regimen das parochias?

O concilio Tridentino é a fonte e a legislação nesta materia, d'elle partem os canones, que a regulão, e por elle são modeladas as constituições dos bispados; e em tudo isto não sei, que se descubrão motivos, que possão apadrinhar as pretenções de alguns coadjutores.

No concilio nenhuma cousa se estabeleceu, que os podesse pro-

teger. Se ali se trata de *obrigar os parochos* a tomar coadjutores, apresentando-os ao ordinario, quando o serviço das matrizes for demasiado, e os pastores não bastarem por si sós; ajunta-se ao mesmo tempo, que o parocho póde tomar tantos sacerdotes, quantos lhe forem precisos: *Tot sacerdotes ad hoc munus adjungere; quot sufficiant ad sacramenta exhibenda, et cultum divinum celebrandum.* Concil. Trident. cap. 4 sess. I de reformat.

O mesmo diz a constituição deste bispado: " E mandamos aos vigarios, *que nos apresentem coadjutores*, que sirvão por aquelle anno " liv. 3 tit. 26 num. 527.

Ora, tantos coadjutores, quantos forem necessarios ao parocho, serão estes padres em turma, que hão de reger uma igreja na ausencia dos proprietario?

Qual d'entre elles representará o parocho?

Na Bahia os coadjutores são mais de um em algumas freguezias, e todos elles tem provisão do ordinario.

Claro fica, que as pretenções neste particular são exorbitantes em direito.

Se no concilio se trata da ausencia dos parochos, que faz o fundamento da questão actual, nenhum apoio se descobre á doutrina contraria.

Ou esta ausencia é temporaria, ou é perpetua; se é temporaria e excede os trinta dias prescriptos na constituição do bispado, liv. 3 tit. 30 num. 543, o parocho apresenta por escripto um sacerdote idoneo, para que o ordinario o approve. *Vicarium idoneum ab ipso ordinario approbandum.* Concil. Trident. sess. 23 cap. I de reformat. Se pois a ausencia é perpetua, os bispos collocão por si mesmos nas parochias as pessoas, que julgão convenientes. Mas não achamos em todos estes logares do concilio um só, que determine, que taes coadjutores tenhão direito de substituir os parochos em sua ausencia temporaria.

A constituição do arcebispado da Bahia, que é a nossa, e que, depois do Tridentino, deve ser a norma em semelhante materia, exprimio-se unicamente por estes termos: " Um sacerdote idoneo " que segundo o *Parocho Instruido*, Part. I cap. 10 num. 12 ", *é um sacerdote capaz de servir a parochia pelo tempo da ausencia.*

O mesmo existe na constituição de Lisboa, o mesmo na do Porto.

Antes a mencionada constituição do bispado allega o direito, e o concilio de Trento, que determinão, que mesmo na *ausencia* dos parochos, ou em outro qualquer impedimento, os ordinarios provejão logo as egrejas de *encommendados* liv. 3 tit. 28 num. 535.

E assim, encommenda muito o direito e sagrado concilio Tridentino, que todas as vezes, que as igrejas parochiaes curadas tem necessidade de serem providas de encommendados *pela ausencia*, enfermidade, insufficiencia, ou qualquer impedimento dos parochos

os ordinarios provejão as igrejas dos taes encommendados. " Ma não se diz, que sejão estes os coadjutores, aonde os houver.

Além do que fica exposto, deve attender-se muito, que a apre sentação dos coadjutores ao ordinario, nas occasiões em que elle são necessarios, *é um direito claro e incontestavel dos parochos.* O a nomeação de um coadjutor seja feita para o serviço commum ou seja para supprir a ausencia dos trinta dias, marcados na consti tuição do bispado; ou seja para a ausencia de dous mezes, ou d mais; o concilio e as constituições tem reconhecido e respeitad sempre este direito dos parochos, e pode-se affirmar, que não ha un só canonista, que se lembrasse de o pôr em duvida.

São todos unanimes sobre este objecto.

Privar o parocho desta nomeação, em qualquer dos tres casos, e obrigal-o a receber um coajutor, que elle regeita, seria destituil-o de uma das suas melhores prerogativas; seria uma violencia manifesta contra o concilio Tridentino, e contra a constituição, que rege este bispado, por que são ambos positivos e terminantes, quando se trata destas apresentações.

E' de absoluta precisão, para o andamento do serviço e bem espiritual das freguezias, que o parocho empregue nellas pessoas de sua escolha, e com quem viva em harmonia; este direito extende-se igualmente á nomeação dos outros seus serventuarios. Do contrario resultarião grandes desavenças e escandalos em uma igreja, toda a vez que servissem, debaixo do mesmo tecto, dous homens inimigos com relações mutuas entre si, em estado de sustentar suas intrigas e caprichos, por serem independentes um do outro.

As provas, de que os parochos tem o direito de apresentação dos seus coadjutores em todos os casos, que indiquei ácima, são a seguintes:

Apresentação dos coadjutores para o serviço commum da igrejas. Concil. Trident. sess. 24 cap. 4 de reformat. *episcopi... in omnibus ecclesiis.... in quibus populus ita numerosus sit, u unus rector non potest sufficere... cogant rectores.... sib tot sace dotes ad hoc munus adjungere, quot sufficiant.*

Constituição deste bispado. " E mandamos aos vigarios, qu até o ultimo dia do mez de Julho, nos apresentem coadjutores, qu sirvão por aquelle anno " Liv. 3, tit. 26 num. 572.

Constituição de Lisboa. " Dispõe o sagrado concilio Trident no, que os bispos.... constranjão os parochos.... a terem coad jutores... quando a multidão dos freguezes for tanta, que nã baste o mesmo parocho, mandamos, que sejão constrangidos a terem um, ou mais coadjutores.... os quaes elles apresentarão. " Liv 3 tit. 9 § 1.

Constituições, manuscriptas, do bispado de Pernambuco pelo se nhor D. Thomaz da Encarnação Costa e Lima. " *Os vigarios co lados, que costumão ter coadjutores, nomearão estes cada anno,* qu

sempre começará do primeiro de Agosto, conforme o costume da diocese. "

Esta constituição, que existe na livraria dos senhores bispos de Pernambuco, é de 1776. Foi feita, e ordenada por especial mandado de D. José I, rei de Portugal, como consta da carta regia de 16 de Maio de 1774, que se acha á frente do indicado manuscripto. Como não foi levada ao tribunal competente, nem recebeu a sancção, não póde ser citada, como lei: se apresento este e mais outro artigo, é para comprovar a uniformidade de doutrina sobre esta materia.

Constituição do Porto. " E por que conforme o mesmo direito, e sagrado concilio Tridentino, se deve dar coadjutor ao parocho, quando elle pela razão do grande numero dos freguezes.... por si só não baste.... ordenamos, se informe do sobredito,.... e achando ser assim, mandamos, que sejão constrangidas as pessoas, a quem pertencer, terem um ou mais coadjutores, *os quaes ellas apresentarão* " Liv. 3 tit. 5 const 16.

Barbosa, de offic. et potest. paroch. part. 2 cap. 23 num. 12. *Propter auctam populi numerositatem, providendum est parocho, seu rectori de coadjutore.... Neque episcopus in vim concilii Trident. Sess.* 21 *de reformat. cap.* 4 *potest erigere coadjutorium, sed utique cogere debet rectorem ad jungendum sibi tot sacerdotes, quot sufficiant ecclesiis in sacramentis ministrandis.*

Schram, Liv. 1 de person. Ecclesiast. § 253. *Si in aliqua parochia populus adeo numerosus existat, ut unus rector non possit sufficere ecclesiasticis sacramentis ministrandis, et cultui divino peragendo, statuit Tridentinum sess.* 21 *cap.* 4 *de reformat. ut episcopi etiam tanquam sedis apostolicæ delegati cogant rectores, vel alios, ad quos pertinet, sibi tot sacerdotes ad hoc munus adjungere, quot sufficiant ad sacramenta exhibenda, et cultum divinum celebrandum : qui proinde sunt vicepastores, et capellani parochorum, quibus cura animarum cum subjectione tamen ad parochum incumbit.*

Van-Espen " Sendo os coadjutores dados em auxilio dos parochos, para que fação as suas vezes, e sendo por isso seus vigarios, não póde deixar de pertencer aos mesmos parochos a sua nomeação, assim como pertence ao bispo e aos outros prelados a nomeação dos seus. " *Et sané cum vice-pastores in subsidium parochorum destinentur, eorumque vices suppleant, et ipsorum consequenter vicarii sint; non minus ipsis defferenda eorum electio, quam episcopo, aliis que prœlatis suorum respective vicariorum.* Lib. 1, cap. 2 de pastorib. et vice-pastorib.

Temos ainda dous exemplos.

O vigario Ignacio Alvares Monteiro, collado em Santo Antonio do Recife, e que falleceu em thesoureiro mor da cathedral de Olinda, e o senhor Luiz José de Albuquerque Cavalcanti Lins, actual vigario dessa mesma igreja, forão em duas diversas epochas, esbulhados deste direito de nomeação pelo ordinario da diocese,

e obtiverão, por um recurso á coroa, sentença á seu favor, sendo expellidos das coadjutorias os intrusos, para entrarem aquelles, que os parochos tinhão nomeado.

O segundo recurso foi interposto e sentenciado em 1822.

O parocho perde tão somente o direito desta apresentação, se por omisso deixa de nomear um sacerdote idoneo no prázo, que lhe é concedido. Const. do bispado Liv. 3 tit. 26. " *E não o apresentando até o tal dia*, que vem a ser até o ultimo de Julho *o nosso provisor o nomeará.* Isto mesmo acontece, morrendo o bispo de uma diocese, se depois de oito dias o cabido não nomeia um vigario capitular, ou se não nomeia idoneo; porque então fica devolvido esse direito ao metropolitano, segundo o concil. de Trento.

Vejamos agora o direito de nomeação, no impedimento de trinta dias. Deriva-se unicamente da constituição do bispado. " Mandamos, que nenhum parocho se possa ausentar em cada um anno, sem licença nossa, por mais tempo que trinta dias continuos, ou interpolados, para a qual ausencia lhe damos licença pela presente constituição, *com tanto que deixe na igreja sacerdote actualmente approvado, para exercitar a cura d'almas.* " Liv. 3 tit. do num. 542.

Vejamos o direito de nomeação, na ausencia de dous mezes, ou de mais. Concil. Trident. sess. 23 cap. 1 de reformat. *Relinquat vicarium idoneum ab ipso ordinario approbandum.*

Contituição deste bispado. " E quando, o parocho, tenha justa causa para se ausentar por mais tempo, que os ditos trinta dias, nos dará conta della, e sendo bastante lhe damos licença pelos dous mezes no concilio declarados, ou pelo tempo, que nos parecer justo: a qual licença haverá sempre por escripto, e de outra maneira não valerá. Antes de se ausentar *nos apresentará por escripto sacerdote idoneo*, que com licença nossa, ou do nosso provisor, fique servindo durante o tempo da ausencia. " Tit. 30 num. 543.

Constituições, manuscriptas, para o bispado de Pernambuco " E nenhum parocho podererá ausentar-se de sua igreja mais de dous mezes, sem licença nossa *in scriptis*, havendo justa causa conhecida por nós, e approvada, ficando sacerdote idoneo, que faça as suas vezes, por nós tambem, ou pelo nosso provisor, approvado. Tit. 12 dos paroch. E assim a torrente dos canonistas, Barboza, Abreu, Ferraris, Van-Espen, Gibert, Selvagio, Schram etc. etc.

Esta doutrina foi ainda corroborada por uma provisão, da Rainha dona Maria I, de 5 de Dezembro de 1785, registada na chancelaria da ordem de Christo, e dirigida ao bispo de S. Thomé á favor do padre João da Silva Borges, violentado em seu direito de apresentação pelo seu ordinario. Esta provisão não só declara o direito de nomear coadjutores e outros serventuarios, mas determina, que aquelle parocho em sua ausencia para a corte, possa deixar na administrçaão da freguezia a pessoa que quizer. " Sou servida mandar, são os termos da provisão, que o dito padre João da Silva Borges se recolha á sua igreja a exercer as obrigações de

dita igreja e da vara, de que injustamente foi tirado, *declarando-vos, que nem a vós, nem á quem fizer as vossas vezes, e nem ao cabido em sede vacante compete a nomeação de coadjutores e sachristães, mestres de capella, mas á elle dito vigario, conforme a constituição deste bispado, tocando-vos somente, ou a quem vossas vezes fizer, a approvação dos que o mesmo vigario nomear......* e finalnalmente vos ordeno, que sendo-lhe preciso vir a esta corte por causa de seus requerimentos, não o impidaes, *deixando no seu logar quem elle eleger, para que na sua ausencia exercite o seu emprego.* "

Não resta a menor duvida do direito, que tem os parochos de apresentação dos seus coadjutores nas tres circumstancias, que apontei; e de quanto este direito têm sido sempre respeitado.

Não encontrando, porém, fundamento algum esta causa, nem no concilio de Trento, nem nas distincções do direito ecclesiastico, nem na constituição deste bispado, e ainda nas de outros; poderão os coadjutores firmar sua doutrina nas provisões, que os senhores bispos lhes concedem?

Tambem não, como nós temos visto.

Mas d'onde deduzirão semelhante direito?

Dessas mesmas provisões.

Aqui temos a clausula, que elles citão, em que se esteião, e com que argumentão. " E mandamos, debaixo das penas por direito impostas, aos freguezes da dita igreja tenhão, hajão *e reconheção ao dito padre por seu verdadeiro parocho coadjutor.* " Aqui temos as palavras da provisão, e o baluarte unico, com que elles se amparão.

Passemos a ver, se apezar desta causula, tem elles o direito, que presumem.

Assim como, para conhecermos o que são os actuaes coadjutores, foi preciso estabelecer as tres especies, que os canonistas, mencionão; da mesma sorte, para sabermos o que sejão *parochos coadjutores*, é indispensavel,que definamos o que se entende por *parocho*, e examinaremos então, se aquelles augmentão com este nome alguma cousa á sua jurisdicção e á sua dignidade. " Parocho é um sacerdote, que tem poder espiritual ordinario, e subordinado ao bispo, sobre uma parochia, na qual está collado irrevogavelmente. " Paroch. Instr. Part. I § 2.

Terá o *parocho coadjutor* poder espiritual ordinario?

Será subordinado immediatamente ao bispo, como o parocho?

Será como elle irrevogavelmente collado (1)?

Não haverá quem o affirme.

---

(1) Não vem á questão presente, se os coadjutores collados tem, ou não, jus ao governo das parochias, na ausencia dos proprietarios, por isso que só tratamos dos coadjutores de provisão; se viesse ao caso, mostrariamos, que a collação lhes assegura tão somente a perpetuidade do beneficio.

E que incremento lhes podem dar as provisões com a denominação de *parochos coadjutores*?

Elles ficão sendo, por tanto, o mesmo, que erão d'antes: ***vigarios coadjutores***, segundo Gibert; *sacerdotes, que os parochos* ***são constrangidos a tomar para o serviço diario das parochias que forem populosas***, conforme o Tridentino; e chamão-se coadjutores, diz Ferraris, porque coadjuvão. ***Coadjutor a coadjuvando sicut tutor á tuendo.*** Ferrar. in verb. coadjut. num. 10.

As mesmas palavras, que se achão na provisão " E lhe encarregamos a coadjutoria.... ***com subordinação ao seu verdadeiro parocho*** " bastarião para os desenganar, porque não ha parochos subordinados á parochos. E teriamos pela conclusão, que talvez pretendão deduzir, dous parochos em uma mesma igreja; o que é contrario á ordem e legislação ecclesiastica.

Os mesmos curas incumbidos da administração de uma freguezia, na ausencia ou vacancia de um parocho, não são parochos. " Ainda que os curão sejão estabelecidos para governar as almas, lê-se no Parocho Instruido, quando os parochos titulares estão impedidos ou a parochia está vaga, ***e ainda que elles fação todas as funcções pastoraes, não são parochos***, porque as fazem só por delegação. " Tom. I cap. 8 part. I § 2.

Ouçamos Van-Espen: " Assim como um parocho não póde ser de duas freguezias, da mesma sorte não deve uma igreja ser governada por muitos sacerdotes " ***Sicut nullus duabus potest, profeci ecclesiis; ita nec convenit, uni ecclesiæ plures profæci sacerdotes.*** Van-Espen, comment. ad. secund. part. gratian. caus. viges.

Ouçamos Barboza. " Assim como uma mulher não póde ter dous ou mais maridos, e nem um corpo ter duas cabeças, excepto se foi um monstro; da mesma sorte em uma igreja não pódem haver dous ou mais parochos. " ***Sicut una mulier non potest duos, vel plures sponsos habere, nec unum corpus duo capita, quia esset monstrum; sic nec ecclesia duos, vel plures parochos.*** Barboz. De offic. et potest. paroch. part. I cap. I num. 4.

Ouçamos tambem o auctor das *Instituições dos parochos*, que se expressou do mesmo modo: " Constituida a parochia, escreveu elle, e criada a matriz, todo o seu regimen é entregue unicamente á um sacerdote, o qual se chama parocho, *plebano*, reitor ou cura, pois semelhantes nomes são synonimos, e tomão-se uns pelos outros, para que administre naquella igreja o baptismo e os mais sacramentos; e bem como um corpo não póde ter duas cabeças, sem uma grande monstruosidade, não podem da mesma sorte em uma igreja haver dous ou mais parochos. " ***Constituta autem parochia, et erecta in ea parochialis ecclesia, tota cura uni tantum sacerdoti committur, quia vocatur parochus, plebanus, rector, seu curatus (Hæc enim nomina tanquam synonimá variantur, ita unum ponatur pro alio) ut in ea baptismum, et reliqua Sacramenta ministret. Nam sicut idem corpus non potest habere duo capita sine monstruositate,***

sic nec eadem ecclesia duos, vel plures parochos. Abreu, Instit. Paroch. lib. I cap. I § 7.

" Donde resulta, continúa o mesmo autor, que em uma parochia se estabelece um sacerdote unico para o governo das almas, e este o exercita em seu nome, e não juntamente com outros; porque se no ministerio parochial forem postos muitos sacerdotes, não se podem chamar parochos, porém sim coadjutores dos parochos; e é por este motivo, que o tribunal da Rota considera duas cousas, para que possa haver semelhante titulo: a primeira, que um sacerdote exercite, por si mesmo e em seu proprio nome, o emprego parochial: a segunda, que tome por si só, e tambem em seu nome, e não com outros, o governo da igreja. *Unde in una ecclesia unus est sacerdos, qui curam habet, et suo nomine, et non simul cum aliis præficitur. Quare si plures præficiantur qui munia ad curam spectantia exerceant, non dicuntur propriè parochi, sed parochi adjutores. Et ideò Rota duo considerat, ut quis dicatur parochus, alterium, ut sacerdos curam exerceat nomine proprio: alterum ut suo nomine singulariter, et non cum aliis ad regimen parochialis assumetur ecclesiæ.*

Barboza diz o mesmo, no lugar já citado, num. 44.

Parece-me que se devem esvaecer as esperanças dos coadjutores, que argumentão com a phrase da provisão—e o reconheção por seu verdadeiro parocho coadjutor. Bastava que reflexionassem, que ser *verdadeiro parócho coadjutor*, é ser sempre coadjutor; e que em nenhuma parte da provisão se lê, que elles devão substituir o proprietario em sua ausencia.

Mas supponha-se um momento, que a clausula da provisão os queria constituir propria e verdadeiramente parochos; por ventura elles o ficarião sendo?

Como poderia uma deliberação, ou medida particular, destruir o que é de direito commum e geral?

Como é que darião os senhores bispos aos coadjutores dos parochos o poder de verdadeiro parocho coadjutor, nas suas provisões, para que com este titulo ficassem autorisados a supprir as ausencias de longo tempo, quando as houvesse, se o concilio determina, que toda a vez que os parochos hajão de ausentar-se apresentem um sacerdote idoneo, para que o ordinario o approve?

Se dizem os canonistas, que os parochos não podem deixar, durante esse impedimento nas freguezias, *ainda mesmo os seus coadjutores*, sem apresental-os ao bispo e receber a approvação por escripto, porque o concilio deliberou que houvesse esta apresentação?

Occorre ainda, que os bispos podem não approvar os mesmos apresentados, se os não julgarem idoneos, e dizer aos parochos: Este tem tal, ou tal inhabilidade; apresentai outro, que seja idoneo, e eu o confirmarei.

Certo dos principios expendidos, é que os senhores bispos man-

dão aos freguezes de cada uma das igrejas, que reconheção e obedeção aos coadjutores, debaixo das penas impostas por direito, *como a seus verdadeiros parochos coadjutores ;* isto é, como a pessoas, que na coadjuvação do serviço parochial representão o parocho ; porque desobedecer-lhes *nas cousas para que são dados*, ou mesmo, segundo a provisão, *no que a seu officio pertencer*, é desobedecer e desconhecer a autoridade do legitimo pastor, que os nomea e conserva ; é desconhecer e desobedecer a autoridade episcopal, que os confirmou com provisão.

Temos ja visto, por direito, o que é esta especie de coadjutores ; vejamos agora, por um facto, que juizo faz das regalias, que os revestem, o mesmo ordinario de Pernambuco, que lhes dá as provisões.

O parocho da matriz de Cabrobó dirigio-se ao cabido, por um requerimento em 1784, pedindo-lhe um coadjutor ; e rogando esclarecimentos sobre a jurisdicção, que competiria á esse seu serventuario ; e tambem se lhe deveria dar o terço ?

Transcreveremos o despacho do cabido. " Passe a provisão ao reverendo supplicado, nomeado pelo seu reverendo parocho supplicante, com declaração, *que as obrigações parochiaes não as exercitará sem subordinação ao seu proprio parocho, porque os coadjutores são dados*, note-se bem esta expresão, que é tomada na const. do bispado, liv. 3 tit. 30 num. 539, *para o ajudarem em parte do seu trabalho* e no que pertence á porção, que o reverendo parocho deve dar ao seu coadjutor, é voluntaria por ser já um caso julgado por sentença. Olinda, em cabido aos 28 de maio de 1784. Assignados—Nobrega—Borges ".

Advirta-se, porém, que o cabido não disse uma só palavra sobre o jus, que tinhão os coadjutores de governar nos impedimentos de ausencia. Mas é preciso, que reflictamos, que se o parocho deliberar, què fique o coadjutor, não só o deve apresentar por escripto ao ordinario, como tambem receber deste por escripto a approvação ; e nesse caso, não como *parocho coadjutor*, mas como encommendado ; não como *vigario coadjutor*, mas como *provigario*, ficará na direcção da igreja.

Assim o encontramos em Abreu. " Se o parocho, diz elle, se apartar por longo tempo da igreja, isto é, além dos dous mezes, havendo uma causa justa conhecida pelo bispo, e approvada por elle, não pode deixar em seu lugar, *ainda mesmo o seu substituto idoneo*, e approvado na diocese para a administração dos sacramentos, sem apresental-o ao bispo, por isso que o concilio de Trento servio-se d'estas palavras : Deixe um vigario idoneo, que o ordinario approvar, " *Si parochus discedat ad longum tempus, v. c., ultra duos menses ex justa causà ab episcopo cognita, et approbata, non potest substitutum etiam idoneum, et admissum in diœcesi ad sacramentorum administrátionem loco sui relinquere, inconsulto episcopo, dicente concilio : Vicarium idoneum relinquat ab ordinario*

probandum. Abreu, Instit. Paroch. lib. 3 de resident. paroch. cap. 8 § 62.

Antes delle o tinha dito Barboza. *Nullo modo potest parochus, vicarium, seu substitutum etiam idoneum, et admissum in illo episcopatu pro administrationem sacramentorum, relinquere ad longum tempus, inconsulto episcopo ; nam dicitur in conc. Trident : Vicarium idoneum relinquat ab ordinario approbandum.* Barboza, de offic. et potestat. paroch. parte I cap. 8. num. 52.

E' evidente, que se o coadjutor fosse posto na freguezia, não só para o serviço commum, que o parocho não podesse fazer, mas tambem para supprir as ausencias deste, não seria preciso apresental-o ao ordinario e esperar, que fosse ou não approvado por elle; não seria necessario, que o parocho lhe deixasse faculdade para fazer os casamentos, porque isso ficaria entendido, logo que o parocho se ausentasse.

Cumpre-me agora refutar as passagens, que se produzirão de alguns canonistas, e com as quaes se tem procurado argumentar.

Não convém confundir neste negocio as qualidades, que tem, ou devem ter, os coadjutores com o ponto fixo da presente questão.

Aqui não se discute, se os coadjutores são ou não pessoas *dignas e habeis*, dadas aos parochos para fazerem as suas vezes ; o ponto essencial é outro. O ponto vem a ser, se estes coadjutores communs, dados para o serviço diario, tem ou não direito á regencia de uma igreja, quando se ausenta o parocho, uma vez que elle os não incumba d'esse mesmo serviço.

Eis aqui verdadeiramente o objecto da questão.

Portanto não vem ao caso a citada definição de Rieger, inst. jurisprudent. ecclesiast. part. 3 lib. 3 decretal. Gregorii 9 tit. 6 § 31, na qual se acha o seguinte : *Est ergo coadjutor persona ecclesiastica digna, et habilis, quæ beneficiato canonicé instituto, in exercitio autem curæ animarum pro ratióne beneficii, vel ad tempus, vel ad dies vitæ legitimé impedito ab ecclesia eum in finem substituitur, ut eum adjuvet, vicesque ejus gerat e suppleat in ministerio, et servitio sacro.* Esta definição pertence aos coadjutores em geral, e por isso não é a que convem áquelles, de que nós tratamos.

Da mesma sorte não é applicavel a autoridade, com que se argumenta de presente, e que se allega, de Van-Espen, part. I tit. 3 *de pastoribus, et vice-pastoribus.* Os coadjutores, que se mencionão ali, são aquelles, que se concedem aos parochos, para supprir os impedimentos de ausencia, e taes coadjutores são *provigarios*, conforme a linguagem de Gibert, e vulgarmente *encommendados.*

Não se deve argumentar tambem, como se acabou de fazer, das preeminencias dos coadjutores dos bispos para ás destes coadjutores dos parochos, porque são cousas inteiramente diversas entre si, e que não podem entrar em parallelo.

De balde se aponta em Gmeineri o logar, que nós vamos transcrever. " Os direitos e prerogativas dos coadjutores, diz elle, dos que pertencem aos bispos, são os seguintes: 1.· Gozão na sua igreja das mesmas distincções, de que gozão os coadjutores. 2.· Achandose estes impedidos, em nenhum outro mais poderáõ delegar suas funcções, se não no seu mesmo coadjutor. 3.· O coadjutor tem direito á sua congrua sustentação, que deve provir dos fructos da diocese, á que foi dado. 4.· *Este coadjutor não póde todavia ingerirse no exercicio dos pontificaes e das jurisdicções dos bispos*, se estes não o permittirem. " Gmeineri, instit. de jur. ecclesiast. de episcop. titular et coadjut. episcop. cap. 6 § 179. *Jura et prærogativæ coadjutorum sunt hæc*: Igaudent in sua ecclesia eadem proedria (2), qua *adjutus; 2 Dum adjutus impeditur, nequit functiones alteri, quam coadjutori delegare; 3 coadjutori debentur alimenta congrua ex proventibus ecclesiæ, cui datus est; nequit tamen; 4 coadjutor se immiscere in exercitio pontificalium, aut jurisdictionalium, quibus perfungi potest, et vult ipse episcopus, etc.*

Ora, os coadjutores dos bispos, de que falla Gmeineri, lhes são dados para fazer as suas vezes, ou por causa de enfermidade, ou de velhice, ou por outra qualquer inhabilidade, que tenhão para o governo da diocese, como o mesmo autor confessa. Instit. jur. ecclesiast. cap. 6 de episcop. titular. et coadjut. episcop. § 176. *Is qui episcopo, morbo, aut senio confecto, ad vices ejus gerendas datur, olim proepiscopus hodie coajutor appellamur.* Cavallari disse tambem.... *Usque a primis seculis instituti sunt coadjutores, qui impotentium antistium vicem sustinerent.* Instit. jur. canonic. cap. 14 § 1. Tambem o disse Schràm. *Quod si episcopus ob impedimentum aliquod fiat minus habilis ad regendam suam diœcesim, nón*

---

(2) *Proedria.* Significa o primeiro assento, o primeiro logar. Talvez se possa entender metaphoricamente por dignidade ou preeminencia; e neste sentido traduzí pelas *mesmas distincções, de que goza o coadjuto.* Nem sempre os coadjutores dos bispos são bispos. Cavallari. instit. jur. canonic. tom. 1 part. I cap. 14 do coadjutor. " Datur vero successio coadjutoribus, vel sola electione, et designatione *ita ut ordinario post impotentis episcopi mortem celebretur;* vel ab initio etiam episcopus consecratur: quo casu, duo ni eadem ecclesia sunt episcopi. " Ainda mesmo os coadjutores com futura successão que não são permittidos em direito, se não por alguma causa gravissima, e que nesse caso são bispos, não podem entrar na cidade *pontificalmente:* não podem usar da cruz *in divinis*, nem nas funcções pontificaes: só se servem do mantellete e do roquete, ausente o coadjuto: só abençoão o povo na cidade se lh'o permitte o coadjuto, e não tem faculdade para conceder indulgencias. Barboza de Offic. et potest. episcop. part. 3 alleg. CXIX.

Não parece por tudo isto, que os coadjutores na sua igreja gozem do mesmo assento (*eadem proedria*) principalmente, se não forem bispos, e se acharem na presença do seu coadjuto. Por estas razões trasladei aquelle termo latino para o vocabulo *distincção.*

st removendus a suo officio, ne afflictio addatur afflicto, sed datur Ui coadjutor, qui eum in administratione, seu regimine suæ diecœsis adjuvet. Schram de person. ecclesiast. § 242.

Mas os coadjutores, de que tratamos, não são dados para suprir os impedimentos desta natureza.

Os parochos, que não são imperitos, devassos, irregulares, dementes, ou dissipadores, e que se achão em seu perfeito estado de igor e saude são obrigados a tel-os, só porque o Tridentino determinou, que os houvesse nas freguezias populosas.

Não ha, portanto, paridade entre os coadjutores dos bispos e quelles, que os parochos tomão por um anno, no fim do qual ou os omeião outra vez, ou os despedem, como bem lhes parece (3); ao iesmo tempo, que os coadjutores dos bispos lhes são dados, em uanto dura o impedimento, que algumas vezes é por toda a vida do npedido.

Accresce ainda, que os bispos tem doutrina marcada e estabeecida, para que não possão delegar, se não no seu coadjutor; e o ue se acaba de vêr em Gmeineri bem o prova. Mas sobre estes

---

(3) Em alguns logares os paroccbos tem recebido estes coadjutores com litteral condicão de os dimittir, quando lhes approuver.

Martinho Clavero Corbeia, parocho de uma das igrejas da diocese de Toledo, tomou posse do seu beneficio e elegeu para seu coadjutor o padre João Alvares, que foi approvado pelo ordinario, fazendo-se eleição, e confirmação debaixo da expressa clausula de que o coadjutor seria removido á nero arbitrio do parocho. Passado algum tempo, Corbela significou ao ordinario os motivos, pelos quaes despedia o seu coadjutor; e apresentou outro que o substituisse. O padre João Alvares interpoz então um recurso debaixo do pretexto, de que era removido do seu emprego sem causa justificada, e instou pela reintegração; mas havendo sentença contra, appellou para o tribunal da nunciatura. O auditor baixou um acordão, pelo qual ordenava, que se justificassem as causas da remoção. Corbela julgando-se aggravado, por esta deliberação, em que se affirmava não ser costume na Hespanha despedirem os parochos os seus coadjutores, sem um motivo claro e justificado, dirigio representações á sagrada congregação dos cardeaes, e a congregação fez, que o cardeal Beluga, seu secretario, a instruisse com o seu parecer. O cardeal foi de voto, que a representação do parocho era justa, mas insinuou, que na sagrada congregação se propozesse e debatesse: Se para semelhantes remoções erão precisas declaração e justificação de causa; por quanto se se resolvesse, que não erão precisas, o pleito estava terminado; e se pelo contrario se reputassem necessarias, então o exame da causa e sua justificação serião feitos no tribunal da nunciatura.

Propoz-se, e debateu-se o ponto, e a sagrada congregação resolveu á favor do parocho Martinho Clavero Corbela, segundo o parecer do cardeal Beluga, secretario.

O texto é mui longo para ser transcripto; indicaremos unicamente o logar, d'onde extrahimos este facto, que é copiado á letra. Question. canonic t moral. Benedic. XIV, tom. I. Quest. CCCCLXXI.

outros coadjutores dos parochos nada existe, antes por toda a parte se descobre o direito de nomeação e de escolha, que tem os proprietarios, e as distincções, que fazem os canonistas de taes coadjutores.

Em Gmeineri mesmo, de que se extrahio a citada passagem, nenhuma cousa se depara, que diga respeito aos coadjutores dos parochos, e relativamente aos dos bispos, ahi se acha, *que se não podem ingerir nos pontificaes, e nas jurisdicções episcopaes*, salvo se lh'o permittir aquelle, a quem elle coadjuva; o que bem testifica, que essa jurisdicção, tão plena, como ella parece, não é de todo ampla, uma vez, que se lhe faz aquella restricção, e as outras que se achão em Barboza.

Parece-me, que tenho tocado no essencial da materia, mas reservei para o fim uma objecção, que bem póde ser que se faça, sobre a interpretação, que se deu á palavra *vigario.*

Se o termo *vigario* significa aquelle, que faz as vezes d'outrem, *vicarius dicitur ille, qui vices alterius gerit*, e por isso se applica aos coadjutores, como existem *vigarios*, que são verdadeiramente parochos?

A resposta acha se em Barboza, em Ferraris e outros, e bem clara a teremos no já citado Abreu. "Outros parochos chamão-se *vigarios*, não porque exercitem a cura d'almas em logar de outra pessoa, porque os que assim o fazem, não são parochos, porém sim coadjutores: *a razão vem a ser porque o titulo do beneficio parochial foi extincto por alguma união*, e por este motivo todo aquelle, que é instituido cura d'almas, chama-se *vigario*, e é verdadeiramente parocho se as cura em seu proprio nome." *Alli dicuntur vicarii non quia pro alio curam exerceant, hi enim parochi non sunt, sed coadjutores; sed quia titulus beneficii extinctus est per aliquam unionem. Unde qui præficitur animarum curæ, vicarius dicitur, si proprio nomine curat.* Abreu, Lib. 1 cap. I, § 4.

Fiz ver as especies de coadjutores, dados aos parochos em direito ecclesiastico; fiz ver a que classe pertencião os coadjutores, sobre os quaes se tem suscitado a questão actual; provei, que segundo a ordem e classificação, em que que elles se achavão, não tem direito algum ao governo das parochias, na ausencia dos pro prietarios, se estes os não empregão nesse mesmo governo; que o direito dos parochos nas nomeações dos seus coadjutores era claro, e que não poderião ser esbulhados delle, sem manifesta invasão das leis canonicas; quanto erão frageis os fundamentos, que se procuravão deduzir das provisões, concedidas aos coadjutores, só por que são designados nellas *parochos coadjutores*; refutei os argumentos e passagens, que se forão tomar em Rieger, Van-Espen e Gmeineri, para estabelecer uma doutrina contraria mostrando, que erão inapplicaveis á questão presente; por ultimo respondi a objecção, que se poderia fazer á palavra *vigario*, dando-lhe a solução que se colhe dos canonistas.

A' vista dos autores, que allеguei, e das razões, que produzi, deve-se bem suppor, que o meu modo de encarar este negocio não póde ter outra origem, que não seja a convicção, em que eu mesmo me acho, pelo effeito da leitura e reflexão sobre esta materia. Taes doutrinas e tão solidos fundamentos, parece-me, que respondem muito bem á quanto se tem objectado agora.

DISSERTAÇÃO

SOBRE OS

NOMES QUE SE DEVEM IMPOR AOS BAPTISANDOS

AO ILLM. E REVM. SR. JOÃO EVANGELISTA LEAL PERIQUITO,
CAVALHEIRO DA ORDEM DE CHRISTO, VIGARIO DA VARA NA VILLA
DE PAJEHU DE FLORES, E PAROCHO
COLLADO NA IGREJA MATRIZ DA MESMA VILA.

DEDICATORIA

Illm.º e Revm.º Sr.—Lançado, por uma enfermidade, perigosa e tenaz, sobre estas amenas e aprazíveis ribeiras, onde imaginei, que a salubridade do ar concorreria para o meu restabelecimento, eu tenho encontrado em V. S. e nos seus bons parochianos o mais terno agasalho.

Posto que entregue á melancolia inherente ao meu estado physico; abhorrido, e como já despegado do universo; cumpre ainda uma vez, que eu saia destes espaços de langor e de tedio, para offerecer-lhe, em signal da minha profunda gratidão, este pequeno escripto.

Ultimei-o no mesmo terreno, que tem sido testemunha da benevolencia de V. S.; e é por isto que eu me apresso a lh'o offerecer.

O generoso acolhimento, que por V. S., e pelo seu amigo e benemerito prefeito desta comarca, o Illm.º Sr. Francisco Barboza Nogueira Paz, se me renova todos os dias, exige de mim esta confissão solemne.

Digne-se, pois, de acolher o ligeiro rascunho, qne vou entregar ao prelo. Se nenhuma attenção elle póde grangear, pelo pouco, qne vale, conservará todavia o merito da boa vontade, que tive em consagral-o a V. S.

De V. S.—

Capellão, collega e amigo muito obrigado.

FRANCISCO FERREIRA BARRETO.

———

ADVERTENCIA

Ainda mesmo pessoas, que se não pódem dizer empestadas pelo sopro libertinagem, deixão-se ir com o espirito dos tempos, e conduzem seus fil á pia baptismal, exigindo que o ministro sagrado lhe imponha um nome bitrario, escolhido de proposito por uma affectação frivola, e como em despr dos innumeraveis de tantos santos, illustres no christianismo por suas r vantes virtudes.

Dar aos que se baptisão um nome exotico, e desconhecido na igrej hoje em muitas familias o commum.

Tem já acontecido, que o sacerdote de consciencia timorata, fortific com a leitura dos theologos e dos canonistas, e amestrado em seus deve recuse impor esses nomes, que lhe são dictados pela ignorancia, pelo ca cho ou pela moda, e até pela impiedade mesmo, e o resultado de tão mode e religiosa repulsa tem sido a renitencia dos paes, e dos padrinhos do baptis do, e isto ainda mesmo nos actos mais solemnes! chegando ao ponto de desprezarem todas as admoestações do ministro, conservando-se firmes não mudar o nome irreligioso, que havião escolhido.

Se o temor se apodera do sacerdote; se elle fluctua entre a santidade rito, e os respeitos humanos; se lhe falta aquelle gráo de energia, que profanar a gravidade das funcções, que exercita, o devem constituir inab vel nestes momentos arriscados, que reclamão sua coragem; se a turma espectadores, que parece pendentes dos seus labios, o apouca; o result funesto e deshonroso para o seu ministerio.

Um nome, desconhecido na igreja de Jesus Christo, é imposto ao vai ser nesse momento introduzido na assembléa dos santos, e que appar desde logo com um caracteristico, que o deve tornar como suspeito aos s irmãos de crença.

A primeira palavra, que rompe dos labios do ministro de Deus no a do baptismo, é uma infracção das ceremonias e dos ritos santos. Elle com pela fraqueza, e acaba pela profanação.

Estas considerações, filhas da experiencia, fizerão com que eu dêsse á este pequeno escripto, que poderá servir para animar o zelo dos minist do baptismo, e póde tambem contribuir para tornar mais doceis e razoav os que imaginão que qualquer nome póde ser imposto áquelles, que receb o primeiro e o principal sacramento da igreja.

DISSERTAÇÃO

A corrupção destes tempos anti-religiosos propaga de dia em dia um grande abuso, em detrimento dos ritos e costumes estabelecidos na igreja, ha seculos immemoriaes; e vem a ser a imposição de nomes profanos aos que se baptisão.

Dar-me-hei por isto ao trabalho de provar a seguinte proposição: *Os ministros do baptismo não pódem impor ao baptisando nome algum, que não seja o de um santo canonisado, ou beatificado.*

Antes que apresentemos as provas convenientes, releva que façamos algumas reflexões.

Cumpre saber-se, que na igreja e no exercicio do culto nenhuma cousa se pratíca e observa, que não seja estabelecida por uma razão muito particular, congruente e positiva; que ha, quasi em tudo isto, um costume immemorial de tradição apostolica, que nos conduz aos primeiros dias do christianismo; costume sanccionado pela autoridade dos padres, decisões de concilios, de congregações sagradas, e de escriptores respeitabilissimos.

Basta lançar a vista sobre a santidade das ceremonias do baptismo, e attender ás applicações mysticas, que lhe dá a igreja, e que se contém em cada uma dellas, para conjecturar-se, que não fica ao arbitrio do sacerdote, do baptisando, de seus paes ou padrinhos alterar, omittir, acrescentar, desprezar, ou abolir algumas das formulas e praticas prescriptas para aquelle sacramento.

No baptismo tudo é santo e digno do seu instituidor divino.

A agua, exceptuando os casos de necessidade extrema, é consagrada pelos exorcismos, pelas bençãos e pela infusão dos oleos. Estes mesmos oleos são sagrados pelo bispo com toda a pompa e solemnidade em um dos dias mais memorandos do christianismo.

O sal é bento.

As ceremonias não são unicamente instituidas para ornato e conveniencia exterior do acto; são outros tantos symbolos mysteriosos, que encerrão idéas allegoricas, pelas quaes o homem christão se eleva a uma contemplação toda pura e toda espiritual.

A igreja, além de outros motivos, exige que hajão padrinhos, para que estes sejão testemunhas presenciaes das solemnes promessas dos novos admittidos á fé, (Parocho Instruido.)

O baptisando era posto fóra das portas do templo, para significar, que pela culpa de origem ficou sugeito ao imperio de Satanáz, fóra da communhão dos eleitos, sem que lhe fosse permittido o ingresso na igreja, em quanto, por si, se era adulto, e por seus paes, ou padri-

nhos, se se achava na infancia, não promettia abjurar a servidão do inimigo commum. (Theologia Lugdunense.)

Interroga-se ao baptisando no seu proprio nome, para que as renunciações, que elle faz do demonio, suas obras e suas vaidades, recaião sobre uma pessoa certa, e não seja no ultimo dia do mundo redarguido o supremo juiz. (Baruffaldo.)

Estas renunciações são instituidas pelos apostolos. (Baruffaldo.)

O sacerdote exorcisa, e sopra sobre a face para expellir o poder do demonio. (Santo Agostinho.)

Impõe-se o signal da Cruz sobre a fronte, para que o baptisando por seus costumes e conducta religiosa nunca se envergonhe de a professar publicamente. (Tournely.) Nos olhos, para que o não perturbe e obscureça a cegueira espiritual, e tenha como cerrados os seus olhos ás vaidades mundanas. (Tournely.) No peito, para que a profissão da sua fé não seja feita só com os labios, mas conserve os fundamentos em seu coração. (Tournely.)

A imposição das mãos sobre a cabeça, que foi d'um uso frequente entre os antigos, (Van-Espen,) significa que a victima, arrancada a Satanaz, é consagrada a Deus, e posta debaixo de sua tutela e protecção. (Tournely.)

A igreja lhe communica o sal, purificado pela benção, para significar, que o christão, pela excellencia de suas obras, integridade de sua vida, sàbedoria de suas palavras, é como o sal da terra. (Theologia Lugdunense.)

São tocados os ouvidos e o nariz com a saliva, para que o baptisando escute as palavras de salvação, e receba a fragrancia, que respira a piedade. (Santo Ambrosio.)

A palavra *Ephata*, que acompanha esta ceremonia, quer dizer *abri-vos;* o que Jesus Christo disse, tocando os ouvidos e pondo a saliva sobre a lingua de um surdo e mudo. (Exposition de la doctrine chretienne.)

Unge-se com o oleo dos cathecumenos, nos peitos em primeiro lugar, e depois entre as espaduas, para que, sendo regenerado por este sacramento, se torne puro nos pensamentos, nascidos do coração, e cheio de fortaleza pelas suas obras. (Innocencio III.)

A imposição do *linteolo* candido sobre a cabeça, em lugar da veste branca, demonstra a innocencia, que se confere no baptismo, o nascimento espiritual e a resurreição futura. (Baruffaldo.)

Depõe-se a estola roxa, e toma-se a estola branca, para indicar com esta mudança, que as primeiras ceremonias dizião respeito ao cathecumeno, no qual a culpa original não estava apagada, sendo ella a causa de todas as desgraças, de todo o lucto, de todo o pranto e dor. (Baruffaldo.)

A entrega de uma vela ardente designa a luz da fé, a chamma da caridade e a elevação da esperança, com que se deve ir ao encontro de Jesus Christo nos Ceos. (Tournely.)

Todas as outras ceremonias, que omitto, contém outros tantos mysterios, dignos do mais serio e reflectido respeito.

Ha, pois, uma obrigação restricta nos ministros do altar da plena observancia dos ritos sagrados. " E' preceito da igreja, que se pratiquem as ceremonias estabelecidas ou na celebração da missa, ou na administração dos sacramentos, e por esta razão conclue santo Thomaz, que omittil-as é um delicto grave. " *L'eglise ordonne d'observer les ceremonies prescriptes, soit dans la celebration de la messe, soit dans l'administration des sacrements.* (Dicc. des Sciences Eclesiast. Ceremonie.) " E' um grande peccado, diz o insigne Habert, omittir as ceremonias da igreja, sem uma causa urgente. " *Grave peccatum est cæremonias omittere, nisi urget necessitas.*

Quando sobre este assumpto não fossem innumeraveis as decisões de autores recommendaveis, seria sufficiente o canon 13 do conc. Trident. na sessão 7 sobre os sacramentos. " Se alguem disser, assim se exprime o concilio, que os ritos recebidos e approvados pela igreja na administração solemne dos sacramentos se pódem desprezar, ou omittir a arbitrio dos ministros, sem peccado; ou que se pódem mudar para outros novos pelos pastores das igrejas; seja excommungado. " *Siquis dixerit receptos, et approbatos ecclesiæ catholicæ ritus in solemni sacramentorum administratione adhiberi consuetos, aut contemni, aut sine peccato a ministris pro libito omitti, aut in novos alios per quemcunque ecclesiarum pastorem mutari posse; anathema sit.*

Finalmente Paulo V, na bulla que vem á frente do seu ritual romano, determina aos patriarchas, arcebispos e bispos, aos que fizerem as vezes destes, assim como aos abbades, aos parochos e a todos os mais a quem pertença. " Que usem do mencionado ritual nas funcções sagradas e administração dos sacramentos, *e que observem inviolavelmente o que a igreja prescreveu em materia de tanto peso*, e o que por ella determinou tambem o recebido e constante uso da antiguidade "...... *Constituto rituali in sacris functionibus utantur, et in re tanti momenti, quæ catholica ecclesia et ab ea probatus usus antiquitatis statuit, inviolate observent.*

Taes são as doutrinas sobre a administração dos sacramentos em geral: escutemos ainda alguma cousa do que existe em particular sobre o baptismo. " Jámais aconteça, brada o doutissimo Tournely, que omittamos os ritos e ceremonias do baptismo. " *Ne ritus, seu cæremonias baptismi prætermitamus.* " As ceremonias, que se devem praticar, achão-se no ritual, e os parochos as devem observar com a maior exacção, quando, exceptuados os casos de necessidade, baptisarem solemnemente, porque ainda que não pertenção á essencia do baptismo, encerrão todavia grandes mysterios, e são de preceito ecclesiastico, como determinou o Trident. " *Quæ (cæremoniæ) sunt in usu habentur in rituali, quas parochus observare curabit cum solemniter, extra casum necessitatis, baptisaverit: quia licet non per-*

tineant ad essentiam baptismi, continent tamen magna mysteria, et sunt in præcepto ecclesiæ, ut satis inuit Trident. (Abreu, etc.)

A mesma recommendação se acha em Barboza. " As ceremonias do baptismo, eis as suas palavras, de que usa a igreja catholica existem desde o tempo dos apostolos, o que se collige do quarto concilio Maguntino, c. 83, e é por esse motivo, que taes ceremonias, assim como o rito dos outros sacramentos, não se pódem mudar, ou omittir, nem pelos ministros particulares, nem pelos bispos, segundo o concilio de Trento, sess, 7 de sacrament. canon. 13 " *Baptismi cæremoniæ, quibus nunc utitur ecclesia, fuerunt ex tempore apostolorum: conc. Mogunt. 4, cap. 83: unde baptismi cæremoniæ, et aliorum sacramentorum ritus mutari, aut omitti non possunt, nec a privatis personis, nec ab episcopis.* Este canonista torna ainda sobre o mesmo assumpto, e cita Benedicto XIV. Os ritos, e ceremonias prescriptas no ritual para administrar o baptismo, não se omittão, sem um motivo poderoso, e omittindo-se, supprão-se com toda a brevidade. *Baptismi conferendi ritu et cæremoniæ, sine gravi causa non omittantur, vel suppleantur.*

" Já fizemos ver, lê-se no Diccionario do Direito Canonico que a igreja estabeleceu ceremonias para a solemnidade do baptismo e estas ceremonias jamais se devem omittir, uma vez que haja tempo para as observar. " *Nous avons deja remarqué que l'eglise a etabli des cérémonies pour la solemnité du bapteme: elles ne doivent jamais être omises, quand on peut les observer.*

Tendo nós visto, que no baptismo tudo respira santificação; que tudo contém symbolos e mysterios; que as ceremonias em geral para todos os sacramentos são de preceito ecclesiastico; acabando de notar a doutrina corrente, que existe em particular sobre as do baptismo; poderemos julgar, que seja indifferente á igreja a imposição de nomes aos seus novos discipulos, e seguidores?

A imposição desse mesmo nome não designará alguma cousa de particular?

Não será ella uma das ceremonias do baptismo?

Não terá uma applicação mysteriosa?

Deverá este nome ser inteiramente arbitrario, profano, vasio de sentido e fóra de inspecção da igreja?

Não o é, certamente.

Ouçamos o grande arcebispo de Milão, o cardeal S. Carlos Borromeo. " O baptisando é chamado pelo nome, que seu pae lhe impõe, diz este sabio prelado; o que demonstra, que todo o que se inicia na fé pelo baptismo, se consagra aò serviço do Senhor, por isso que a imposição do nome denota uma acção de dominio: é por esta razão, que Deus querendo que Adão conhecesse, que se achava constituido principe de todos os animaes, fez que comparecessem diante delle, para que lhes imposse os nomes. " *Nomine denique quod parentes imponi volunt, appellatur, quod ostendit eum qui baptismi initiatur Christi Domini servituti addici: cum nomini*

impositio signum sit dominii, quam ob causam cum vellet Deus docere. Adam, eum principem et dominum esse omnium animantium ad eum illa adduxit ; quibus nomina imponeret. (S. Car. Act. p. 4.)

Este mesmo santo ordenando no seu quarto concilio provincial, que se não dessem aos baptisandos nomes, que não fossem de santos, deu as razões disto.

Primeira, por não trazer um Christão viva e impressa a memoria de um pagão impuro, e indigno della.

Segunda, para mostrar, que não communica com elle, logo na entrada desta vida.

Terceira, para que os meninos se excitem á devoção e imitação daquelle santo, cujo nome os honra.

Quarta, para que confiem, que este mesmo santo se dará por obrigado a amparal-os e defendel-os nos perigos d'alma e do corpo.

Antes de S. Carlos Borromeo temos a autoridade de S. João Chrysostomo, que reprehendia no seu tempo áquelles, que punhão aos seus filhos nomes dos seus antepassados, não sendo nomes de santos; e pondera a piedade com que os antigos impunhão aos seus filhos nomes, que os incitassem á virtude. *Non solum enim hinc parentum monstratur pietas, sed et magna erga pueros diligentia et quomodo statim et a principio erudiebant pueros, qui ipsis nascebantur ; admonentes appellationis, quas illis imposuerant, ut virtutem exercerent. Et non sicut nunc, fortuito et absque causa, nomina fiunt. Dicunt enim : juxta nomen avi vel ab avi nominetur puer. At prisci non ita : sed omnem operam adhibebant, ut talia natis imponerentur nomina, quœ non solum illos, qui nomina sortiebantur in virtutem adducerent, sed et alios omnes, qui sequentibus sæculis futuri sunt, nullam non sapientiam docerent.* (Joan. Chrysost. homil, 21 in Genes).

Eis as razões, porque a igreja impõe os nomes do baptismo.

E' esta imposição, portanto, um symbolo de submissão e consagração do baptisando ao serviço e dominio de Deus. E se a imposição tão sómente do nome abrange estas idéas, será o nome que se impõe a cousa unica pertencente ao baptismo, em que não entrem as intenções e juizos da igreja ?

E' pois o nome, que se dá aos baptisandos, uma das ceremonias respeitabilissimas na administração do primeiro e principal sacramento, sendo determinado do modo mais claro e positivo, em innumeraveis autores, que esse nome seja sempre o de um santo.

Comecemos pelo que escreveu Tournely. " E' a segunda ceremonia do baptismo a imposição do nome ; porém nunca profano e extrahido do gentilismo, mas de um santo, a quem o baptisando imite, como exemplar, respeite como padroeiro, e implore como intercessor. " *Secunda (cœremonia) impositio nominis non profani et gentilis, sed sancti alicujus, quem baptisatus sequatur, ut exemplar, veneretur, ut patronum, deprecetur, ut intercessorem.* (Tournely, tom. 4 Tract. de Baptism. cap. 10 de Cœremoniis).

" E' a terceira ceremonia, diz Schram, impor o nome de algu santo para servir tanto de refugio, como de imitação. " *Tert (cœremonia). Est quod nomen alicujus sancti baptisando imponat tum ad tutelam, tum ad imitationem.* (Schram. tom. 3 cap. 14. § 961

" E' a terceira ceremonia, diz Henno, a imposição do nome algum santo, não só para que o baptisando conheça, que se ac alistado entre os soldados christãos, como tambem para que imite modelo, cujo nome lhe foi imposto, respeitando-o como padroeiro, invocando-o como advogado. " *Tertia, (cœremonia). Imposit nominis alicujus sancti, tum ut sciat baptisatus se adscriptum es miliciœ christianœ, tum ut sanctum, cujus nomen gerit, sequatur moribus, ut prototypon, veneretur, ut patronum, deprecetur, ut adv catum.* (Henn. Theolog. Dog. et Eschol. tom. 7 Tract. de Baptisı Disp. 5. Quæst. 1).

" Em terceiro lugar, ensina a Theologia Lugdunense, impõe o nome de algum santo, illustre e celebre na igreja, tanto para q o novo christão se encha de emulação para o imitar, como para q o seu novo protector lhe obtenha os auxilios necessarios para desempenho de seus deveres. " *Tertio. Nomen alicujus sancti ecclesia celebrati imponitur: tum ut christianus ad ejus imitati nem extimuletur, tum ut patrono habeat, qui ipsi impetret auxilia vitam christiane instituendam necessaria.* (Theolog. Auctorit. D. Archiepisc. Lugdun. tom. 3. cap. 8 de Bap.)

" E' uma ceremonia do baptismo, lê-se na Theologia Moral Monte, impor-se ao sujeito um nome; isto tem por objecto, seg do o A. das conferencias d'Angers, instruir ao baptisando, elle vai ser sujeito a Jesus Christo, e engajado no seu serviço. nome não deve ser gentilico, ou qualquer outro peregrino, faça um sentido torpe e ridiculo; tambem se não devem af tar nomes do Antigo Testamento, principalmente em despr dos santos da lei nova, como fazem os herejes; menos se deve bus o nome de alguma personagem de uma santidade equivoca. " I uma palavra, o nome que se deve pôr ao baptisando, deve ser d gum santo approvado pela igreja, a quem o mesmo baptisando si como a um exemplar, venere como padroeiro e depreque com intercessor. Isto é tambem prescripto pelo ritual e ordenado pel constituições. " (Comp. de Theolog. Mor. de Mont. tom. 2 cap. schol.)

Não é somente no baptismo a imposição do nome de algum sa tó uma das obrigações do parocho.

Nós o faremos ver mais adiante.

Que o nome dado no baptismo deve ser o de um santo, é o pe sar commum dos padres, cujos escriptos pude consultar; dos canon tas, theologos e rubricistas, que pude ler sobre a presente questão (*

(*) Citarei agora alguns dos que tambem examinei, nos logares que parecerão competentes, e que não tratárão o ponto.

Pósto que as passagens e citações, que vou ainda copiar, sejão as mesmas em diversos auctores; não quero poupar-me a transcrevel-as, para que se conheça quantos os escriptores vão de accordo na materia. Um só homem encontrei de opinião opposta, mas ainda

---

Van-Espen...... Zegeri Bernardi Van-Espen Juris utriusque doctoris etc Pars secunda. Lovanii M.D.CC.XXXII

Bauldry......... Manuale Sacrum Cæremoniarum etc. Editio nona Veneta Venetiis, M.DCC.LXV.

Abreu........... Institutio parochi, seu speculum parochorum etc. Venetiis M.DCC.XXXIV.

Tamburini....... Prælectionum de justitia christiana et de sacramentis volumen. I. Ticini. M.DCC.LXXXIII.

Chames.......... Theologia Universa etc. Editio sexta. Veneta etc. Venetiis etc. M.DCCXCIX.

Habert.......... Theologia Dogmatica, et Moralis.... illustrata a R. P. Geraldo Zucher. Venetiis. MDCCLXXXV.

Favorino........ Templo Theologico etc. dado á luz pelo padre Antonio Baptista Viçoso. Lisboa. M.DCCXXXIV.

Echarri.......... Directorio Moral etc. Tercera vez illustrado com addiciones por via de notas etc. Por d. Francisco Giron y Serrado. Madrid etc. M.D.CCLXXXVIII.

Felis Potestas.... Examen ecclesiasticum. M.DCCXLV.

Gazzaniga....... Theologiæ Dagmaticæ in systema redactæ pars altera etc. Editio quarta Veneta a pluribus expurgata. Venetiis M.D.CCCXVI.

Cuniliati........ R. P. fr. Fulgentii Cuniliati etc. Theologia Moralis Universa in conpendium redacta a R. P. fr. Eustachio Maria Armelini etc. Editio quarta. Venettis, MDCC.XCVII.

Oberlia-User .... Prælectiones canonicæ Salzburgi. M.D.CCLXXXV.

Besombes....... Moral Christã etc. Traduzida em compendio na lingua vulgar. Lisboa M.D.CC.XCI.

Sabino.......... Luz Moral, traduzida do latim em portuguez, pelo P. Francisco Gomes de Siqueira. Lisboa. M.D.CC.XXXVII.

Antoine.......... Compendium Theologiœ Moralis Universæ. Venetiis M.D.CC.XC.

Consina........... Theologia Christiana Dogmatica, Moralis, etc. Bononiæ. M.D.CC.LXIX.

Pontas........... Compendio do diccionario dos casos de consciencia de Pontas, traduzido e posto em ordem por fr. Joaquim do Rozario. Lisbba. M.D.CCXCIV.

Grosin.......... Compendio de Promptuario de Theologia Moral, que compoz fr. Francisco Larraga, e illustrou Francisco Santos, e Grosin etc. Porto. M.DCCC.XIII.

Penafial......... Compendio da Theologia Moral, evangelica etc. segunda impressão. Lisboa M.DCC.LXXXIV.

Collegio Abbreviado etc.

Epitome dos principios da Moral, etc., escripto em francez etc. e traduzido em portuguez etc. Coimbra M.DCC.XCII.

Piseli........... Theologiæ Moralis summa.... Venetiis M.DCC.XXLIII.

esse approva e mesmo recommenda a doutrina expendida, como teremos de ver.

Tornemos ás citações, e seja pela opinião de Ferraris. " Aos baptisandos, diz elle, não se devem impor nomes de idolos, ou de penitentes de religiões falsas, *mas de santos numerados no Martyrologio Romano. Baptisatis imponenda non sunt nomina idolorum aut falsæ religionis pœnitentium, sed sanctorum in Martyrologio Romano descriptorum.* (Ferraris. Bibliotheca canonica. Bapt. art. 7 n. 24.)

" Este costume, de tomar Nossa Senhora por madrinha, é louvavel entre nós. Não lhe sei o principio. Creio que assim como se dá ao baptisando o nome de um santo, para que este seja o seu patrono, não menos se consagra o mesmo neophito a Maria santissima, para que seja a sua advogada. " (Azevedo, ministr. de J. C no trib. da pent. tom. 6 etc.)

Tambem entre os canones do concilio Niceno, que publicou padre Turriano, se condemna o abuso de impor nomes, que não sejão de santos, como se vê da seguinte passagem. " Não imponhão os fieis nomes do gentilismo aos seus filhos; usem os christãos dos seus nomes, assim como os pagãos usão dos seus. " *Fideles nomina gentilium filiis suis ne imponant; sed potius omnes nationes christianorum suis nominibus utantur, ut gentiles suis utuntur.* (Can. 3.)

" Este nome deve ser o de um santo, ou de uma santa, para que sirvão de intercessores ao baptisando na presença de Deus, e de modelos em sua vida neste mundo. " *Ce nom doit être celui d'un saint ou d'une sainte, a fin qu'ils lui servent d'intercesseurs auprès de Dieu et de modeles pour la conduite de sa vie.* (Exposition de la doctrine chretiene.)

" Impõe-se ao baptisando, segundo o cathecismo do concilio de Trento, um nome, diz Geneto, que deve ser tomado daquelles, que por sua insigne religião e piedade merecerão ser collocados no catalogo dos santos; será facil por este motivo, que quem procura a semelhança dos nomes se excite pela imitação da justiça e santidade, e por isso imite o original, o invoque, e espere encontrar nelle um advogado, não só para sua salvação, mas tambem um defensor nos perigos da vida. " *Nomen baptisato imponitur, inquit cathecismus conc. Trident., quod quidem ab aliquo sumendum est qui propter excellentem animi pietatem, et religionem, in sanctorum numerum relatus est: ita enim facile fiet, ut quivis nominis similitudine ad virtutes, et sanctitatis imitationem excercetur: ac præterea quem imitari studeat, eum quoque precetur, et speret sibi advocatum ad salutem, tum animi, tum corporis defendendam venturum esse.* (Genet. Theolog. Moral, tom. 3. trat. 2. de sacr. bapt. cap. 7. quæst. 2.)

" Relativamente ao nome dos baptisandos, deve-se advertir que assim como os christãos derivão o seu nome de Christo, da mesma sorte devem trazer os nomes dos que se alistárão nas fileiras de Christo, e chegárão a ser santos; e nunca dos infieis e pagãos, que não

conhecerão a Christo; nem de outras denominações, separadas da religião verdadeira; e nomes obscenos. " Barboza. De Offic. et potest. paroch. pars. 2. cap. 18 n. 17, et 18. *Quod ad báptisandi nomen attinet illud est animadvertendum, quod sicut Christiani a Christo dicuntur, ita œqum censetur, ut ipsi a Christi militibus, qui sancti fuerunt, nomina sua ducant, non autem ab infidelibus, aut gentilibus, qui Christum non agnoverunt,nec ab aliis etiam denominationibus, quœ cum religione non sunt conjunctœ, vel turpia significant.*

" Ella, (a igreja) ordinariamente lhe impõe (ao baptisando) *o nome de um santo*, para lhe dar um protector, e um modelo. " (Idéa de um perf. Paroch. tom. 3. part. 6. Instr. Dout. sobre o bapt.)

" Porque razão se lhes dá o nome de um santo? Para que reputem este santo seu modelo, e protector para com Jesus Christo. " (Cathecis. de Montpel. part. 3. § 5. Explicação das ceremonias do Bapt.)

" O nome de baptismo é aquelle, que os padrinhos impoem aos meninos, quando se baptisão, para os entregar á protecção particular do santó, cujo nome lhes dão. Por esta razão os catholicos devem extrahir estes nomes do catalogo dos santos da lei da graça. Os protestantes affectão dar aos seus filhos nomes dos patriarchas do Antigo Testamento, e essa affectação tem obrigado muitos bispos a prohibir aos parochos receber semelhantes nomes no baptismo. De igual modo não se devem receber nomes profanos, fabulosos, poeticos, ridiculos, impios, deshonestos, nem os que a escriptura attribue particularmente a Deus; nem dos idolos, de divindades falsas, nem de pagãos, de judeos, de reprobos, nem nomes de festas, nem finalmente os que unidos a certos sobrenomes poderião ter certas significações ridiculas. " *Nom de baptême*, prænome, *est une sort de non propre, que le parrain et la marraine donnet á un enfant, quand on le baptise, pour le mettre sous la protection speciale du saint dont on lui donne le nom. D'ou vient que les catholiques doivent prendre ce nom dans le catalogue des saints de la nouvelle loi. Les protestans affectent de domner a leurs enfans les noms des patriarches de l'Ancien Testament, et cette affectation a engagé plusieurs evêques á defendre aux curés de recevoir ces sortes de noms au baptême. On ne doit point admettre non plus les noms profanes, fabuleux, poetiques, ridicules, impies, honteux, indecens, ni ceux que l'ecripture attribue particulierement a Dieu, ni ceux des idoles et fausses divinites, ni ceux des payens, des juifs, des reprovés, ni des noms des fêtes, ni enfim ceux qui joints avece certains surnoms pourroient avoir une signification ridicule, ou contraire á la bienséance.* (Dicc. univers. Dogmat. canon. nom de baptême.)

" O uso observado entre os christãos de tomar no baptismo o nome de um santo, que se escolhe para patrono, é muito antigo. Delle se falla no *Sacramento de S. Gregorio e na Ordem Romana;* mas S. João Chrysostomo reprehende os christãos do seu tempo, que em lugar de darem a um menino o nome de um santo, como fazião

veteres que patriarchas recurrunt. Ita noment concilia Remense, Bituricense et Burdigalense. (Collet. Prælect. Theolog. tom. 4. Tract. de Bapt. cap. 6 de Patrin).

" Não consinta o parocho, diz Azevedo, que aos baptisandos se ponhão nomes, que não sejão de santos, aos quaes possão imitar, para lhes merecer a saudavel protecção. " (tom. 9 pag. 484).

O canonista portuguez, Barboza, tão celebre em todo o genero de erudição ecclesiastica, é destes mesmos sentimentos, que se podem dizer geraes em todos os canonistas e theologos. " Conforme o que tem prescripto os sagrados canones e concilios, o parocho, se o nome do baptisando não for de algum santo, avise e advirta brandamente aquelles, que o trazem, que tomem outro de algum santo ou santa, cuja vida deva ser imitada e cuja intercessão diante de Deus lhes possa ser proficua. " .... *Juxta sacrorum canonum, et conciliorum præscriptum, parochus, si nomen baptisandi non esse sancti alicujus, animadvertat, moneat placide illum deferentes, ut dimisso eo aliud nomen inquirant et pronuntient, quod sancti, vel sanctæ alicujus sit, cujus vitam pro viribus imitari conetur et cujus intercessione in cælis apud Deum uti possit.* (Barboza de offic. et Potest. Paroch. pars. 2 cap. 18 num 20).

E' esta a mesma doutrina do respeitabilissimo bispo de S. Agatha, que a igreja numera hoje entre os santos, e cujos escriptos se renovão e reimprimem por toda a Europa, e são citados com avidez por todos os homens de instrucção e piedade. " O ritual, diz Ligorio, admoesta aos parochos, que quanto lhes fôr possivel empreguem a sua vigilancia, para que se não imponha aos meninos nomes, que excitem o riso, ou de idolos, ou de idolatras, porém sim de santos." *Rituale admonet parochos, ut curent quantum possibile est, ne imponantur infantibus nomina risum moventia, aut idolorum, idolatrarum, sed sanctorum.* (Ligor. Hom. apost. tom. 2. tract. de sacr. in gener. cap. 2, punct. 2).

" Benedicto XIV na sua bulla—Quam provinciale—escreveu Pattuzi, determinou, que aos christãos no captiveiro dos Mouros não se imposesssem nomes turcos, nem elles os tomassem depois do baptismo, porque esta simulação no baptismo era contraria á sinceridade christã. Alem disto, no ritual romano se ordena ao parocho, que tenha todo o cuidado, para que ao baptisando se não imponhão nomes obscenos, fabulosos, ridiculos, ou de deoses, ou de impios pagãos; mas, quanto lhes for possivel, sejão nomes de santos. Santo Antonino, continúa Patuzzi, p. 3, tit. 14 cap. 2 § 2 diz: Que se deve attender a que o nome seja sempre de algum santo, ou santa, e nunca de pagãos.... Ou nomes diminutivos, ou que nada signifiquem.... " Pattuzzi. Ethic. Christ. sive Theolog. Moral. tom. 6 tract. 10 de sacr. eccles. cap. 13 § 11. *Statuit Benedictus XIV, in sua Bulla Quam Provinciale, Christi fidelibus sub mahometica ditione turcica nomina non imponantur in baptismo aut illa post baptismum sibi assumant, cum hæc simulationem præferant Chris-*

tianæ sinceritati prorsus adversam. Præterea in rituali roma praecipitur parocho, vel alio sacramenti ministro curet ne iis qu baptisantur obscœna, fabulosa, aut ridicula, vel nomina deoru vel impiorum ethnicorum imponantur, sed quantum fieri pote sanctorum. S. quoque Antoninus p. 3 tit. 14, cap. 2 § 2. *scribi " Ad hoc attendi debet, ut imponatur nomen alicujus sancti, v sanctæ, non nomina paganorum...... Vel nomina diminut vel nomina nihil significantia.*

Eis aqui o texto do ritual de Paulo V, e de que fazem me ção os dous ultimos autores supracitados. " E porque, aos que baptisão, se lhes impõe um nome, como a filhos de Deus, e alistad na sua milicia; *tenha o parocho cuidado*, que se lhes não imponh nomes deshonestos, fabulosos, ou desprezivels, ou de deoses, ou pagãos impios, *mas quanto for possivel* sejão nomes de santos, cuj virtudes excitem os fieis a viver piamente, e lhes sirvão de prote ção. " *Et quoniam iis qui baptisantur, tanquam Dei filiis in Chr to regenerandis et in ejus militia adscribendis, nomen imponitu curet* (parochus) *ne obscena, fabulosa, aut ridicula, vel inanium de rum, vel impiorum ethnicorum hominum nomina imponantu sed potius quatenus fieri potest, sanctorum, quorum exempla fid les ad pie vivendum excitentur, et patrociniis protegantur.*

Tendo citado o ritual de Paulo V, norma e lei em semelhan materia, devemos dar o primeiro logar á constituição do arcebisp do da Bahia, que é a nossa. Diz ella, citando á margem Barbo Gavanto, e o concilio provincial de Milão: " E não consentirá (o p rocho ou o sacerdote que baptisar), que se lhe ponha (ao baptisand nome de santo, que não seja canonisado, ou beatificado. " (Liv. tit. 12 num. 41.)

A constituição do bispado do Porto ordena aos parochos, q não aceitem, ou imponhão aos que se baptisão nome algu que não seja de santo canonisado, ou beatificado. (L. 1. tit. const. 5.)

O mesmo se acha na constituição do reino do Algarve. (L. cap. 27.)

A' vista de tantas e tão illustres autoridades, não é de presur que se julgue indiscreto o sacerdote, que recusar impor no acto baptismo um nome, que seja incompativel com a doutrina da igre e com a restricta obrigação do ministerio. Os paes, ou os pad nhos, que, pouco instruidos nesta materia, levarem para os seus lhos e afilhados nomes, que se não podem receber na celebra deste sacramento, faltão ao seu dever, como christãos, e por i mesmo aos sacerdotes cumpre de sua parte admoestal-os, e jam condescender com semelhantes abusos.

Resta ainda que analyse a doutrina de Baruffaldo, autor un de todos os que consultei, que emitte uma opinião contraria. Ma que póde avultar um só autor contra a imperiosa torrente de to os outros? O que é um rubricista, um theologo, quando elle se

põe á massa dos escriptores. Felizmente Baruffaldo mesmo subministra as armas para a sua refutação. Leamos o que elle escreveu nos seus commentarios ao ritual romano, e veremos como se despenhou miseravelmente.

Transcrevendo a rubrica do mencionado ritual de Paulo V: *Que os parochos tenhão cuidado, que se não imponhão nômes indecentes, ou ridiculos, de deoses falsos, ou de pagãos, etc., mas quanto for possivel de santos, etc.*, commenta Baruffaldo o texto da maneira seguinte.

" E' por costume antigo na igreja, que se impõe o nome no baptismo; usou-se isto mesmo com a circumcisão, pois que se mudavão os nomes aos que mudavão de religião, segundo o Psalmo 15. *Non congregabo conventicula eorum de sanguinibus, nec memor ero nominum eorum per labia mea ;* conforme a intelligencia do cardeal Valerio,bispo Veronense, Thesaur. piar. instit. pag. 209. Assim como na igreja christã mudou-se o rito dos sacrificios, ao ponto de nunca se offerecer alguma victima de sangue, da mesma sorte deve haver a mudança de nomes. Todos aquelles, cujos nomes pertencião á sua primeira religião, ou fosse o paganismo, ou o judaismo, recebão os nomes dos santos, que florescerão na igreja pelas suas virtudes. *Com todo o accordo e sabedoria, por tanto, determinou o nosso texto a regra de se imporem taes nomes aquelles, que se baptisão.* " *Ex antiqua ecclesiæ consuetudine est in sacramento baptismi nomem imponatur, quod olim, vigente circumcisione, in veteri testamento, usitatum fuit, nempe, ut mutata religione, mutetur et nomen, juxta illud psalmum* 15. Non congregabo conventicula eorum de sanguinibus, nec memor ero nominum eorum per labia mea. *Id est, juxta explicationem Card. Valerii. episc. Veronensis in ejus Thesauro piar. instit. pag.* 209. *Sicuti in ecclesia christianorum mutabitur ritus sacrificiorum, ut jam non offeratur aliquid cum sanguinis effusione : ita erit mutatio nominum, ut qui prius nomina sortiebantur consentanea religioni suæ, sive gentilismo, sive judaismo, nunc habeant nomina sanctorum, qui in ecclesia virtutibus præcelluerunt. Bene igitur, et sapienter per nostrum textum statuitur regula pro imponendis nominibus iis, qui baptisantur.* (Num. 64, et 65.)

Nada mais ajustado ao pensar commum dos que escreverão sobre este artigo, e parece impossivel, que depois de estabelecer e sustentar estes principios, podesse Baruffaldo buscar outro algum trilho. Escutemol-o ainda.

" Com razão, continúa elle, usa a rubrica da expressão, *tenha o parocho cuidado*, porque em rigor a rubrica não impõe este preceito, Clericat. decis. 44 num. 5, por isso que com difficuldade ella se pode pôr em pratica em alguns casos.... porque acontece as vezes que os nomes sejão hereditarios, e como taes precisos para se entrar na herança, conforme as disposições testamentarias, e por este motivo não se pode evitar a imposição de semelhantes nomes.... que não existem no catalogo dos santos. E' por isto que, conforme o

determinado nos canones sagrados e nos concilios, se o pa
flectir, que o nome dado ao baptisando não é de algum sa
aconselhar com prudencia aos que o trazem, que tomem
algum santo ou santa. (Bellet. disq. Cler. p. 2 de pœn. (
num. 11). ...." *Rationabiliter utitur rubrica illo ver*
quod rigorose non præcipit. *Clericat, decis* 44 *num*. 5. *No*
liter in aliquibus casibus attendi potest.... Accidit enim qu
ut nomina sint hæreditaria et necessaria, ad adipiscendam
hereditatem, juxta testatorum dispositiones ; atque ideo ev
possit impositio talium nominum.... quæ in catalogo s
non numerantur. Ideo juxta sacrorum canonum et co
præscriptum ; si parochus advertat nomen baptisandi no
cujos sancti, benigne moneat illum deferentes ut eo dimi
nomen præponant, quod sit alicujus sancti vel santæ. (Be
Cler. p. 2 de pœn. Cler. § 32 num. 66).

Depois de tudo isto, que acabamos de ver, Baruffaldo
a sua opinão, e é a que vamos transcrever.

" Como, acrescenta elle, esta rubrica é uma exhort
mente e não um preceito, Clericat. L. 6, convem observar
tume do lugar. O mundo é vastissimo, tem existido nelle
raveis fies e muitos destes, morrendo santamente, os se
existem no catalogo dos santos, sem que tenhão podido c
nós, e por isto será quasi impossivel, que por mais que se
algum nome, não se encontre o de algum fiel, que deixe d
os santos a sua habitação. Julgo, por tanto, que aquelle que
não deve regeitar nome algum, salvo se for posto em despr
christã e for odioso a igreja ; e assim, se taes nomes forem
alguem por inadvertencia, ou por malicia, devem mudar-se
um santo, quando se receber o chrisma, que é o aperfeiçoar
baptismo. " .... *Cum igitur rubrica hæc sit hortatoria,*
ceptiva, Clericat, L. 6, *observari debet pro loci consuetu*
Mundum universum maxime amplitudinis esse ; innume
eo fuisse et adhuc extare Christi fideles : plurimus ex iis in
obiisse, quorum nomina in libro vitæ scripta sunt quamvis n
nota : ideo que difficilime dari posse quod cujuscumque c
nominis fidelis aliquis non inveniatur, qui cum sanctis in
habeat habitaculum suum : quare nulla esse rejicienda n
baptisante judicarem, nisi vere ea quæ in contemptum fide
tianæ sunt et odiosa ecclesiæ, quæ si vere imposita essent fid
ob inadvertentiam, vel etiam ob malitiam in actu suscipien
menti confirmationis, quæ complementum et perfectio est ba
posset in nomen sancti immutari. (Num. 66, 67, 68).

Baruffaldo conclue todavia com estas formaes palavra

" ......Para evitar-se a imposição de nomes profan
excellente accordo ter á mão, quando se quer baptisar, o M
gio romano, que se deve considerar indispensavel, e conserv
tre as cousas, que se costumão guardar no baptisterio;

assim mais facilmente póde saber o sacerdote se o nome, que se deu ao baptisando, *era na realidade o de algum santo.* " (Baruff. ad ritual. rom. comment, § 24......) *Ad hoc, ut evitetur profana nominum impositio, optimum concilium est, ut Martyrologium romanum sit in promptu quandocumque quis baptisatur: ideo et hœc quoque supplex annumeranda est inter res reponendas, et servandas in baptisterio ad hoc ut facilius baptisans inquirere possit, an nomen imponendum baptisando sit vere alicujus sancti.* (Baruff. num. 68.)

Aqui temos por extenso a opinião deste commentador á doutrina da rubrica do ritual de Paulo V, na parte que diz respeito á imposição dos nomes no baptismo.

A refutação de Baruffaldo está em Baruffaldo mesmo.

Façamos uma ligeira analyse dos seus principios, e conheceremos que a sua opinião de modo algum deverá prevalecer aos sentimentos unanimes de tantos homens celebres.

O commentador confessa, que a imposição do nome de um santo no baptismo é de um costume antigo na igreja; que assim como se mudou o rito dos sacrificios, offerecendo-se uma victima incruenta,em lugar dos holocaustos antigos, deve tambem haver a mudança dos nomes.

Baruffaldo elogia, emfim, a sabedoria, com que a rubrica firma a regra de se imporem taes nomes áquelles, que se baptisão.

Parece bem claro, que taes razões, que elle mesmo allegou, serião sufficientes para que não tomasse uma vereda contraria; mas este autor attendendo á expressão da rubrica: *O parocho tenha cuidado, que não se imponhão nomes deshonestos, fabulosos,.... porém sim de santos quanto for possivel;* tomou por esta causa motivo para exprimir um sentimento diverso, não julgando a rubrica de preceito neste ponto, como elle mesmo o affirma, citando Clericato.

Parece-me ainda que a maneira de raciocinar de Baruffaldo está em contradicção com o que elle havia dito no commento da rubrica, § 20 num. 50. " O ritual é um livro, que tem força de lei, e as suas rubricas obrigão por preceito. " *Rituale est liber habens vim legis, et ejus rubricœ obligant sub prœcepto.* Elle fundamentou o seu juizo na palavra *curet*, que não é preceptiva diz elle; mas quando, este escriptor fallou desta bulla, que Paulo V collocou á frente do mesmo ritual, elle assevera, *que é de preceito observar os ritos mencionados alli, não obstante servir-se o pontifice da palavra hortamur: por quanto,* diz elle, *exortamos dito pelo chefe da igreja em materia grave, é lei e tem força de preceito...... Non obstante quod in eadem constitutione summus pontifex dicat: Hortamur in Domino, ut eodem rituali in sacris functionibus utantur: nam Hortamur prolatum a papa in re gravi habet vim precepti.*

Aqui para abonar seu parecer faz muitas citações de diversos autores.

Deixando, porem, que a rubrica seja *exhortatoria, ou precepti-*

va ; suppondo mesmo com Baruffaldo, que com difficuldade e alguns casos se possa pôr em prática, e que por esse motivo não é de preceito ; é com tudo evidente, que, quando não occorrem ta difficuldades, os que baptisão estão obrigados a jamais se affast rem do que lhes é recommendado na rubrica, e na doutrina co tante de innumeraveis Autores.

Vejamos, por tanto, essas difficuldades, pelas quaes a rubri se não tornou preceptiva, e reflictamos, se ellas occorrem presente mente no Brasil; assim como se não tendo lugar entre nós, estamo ou não em obrigação restricto de seguir a rubrica, e os autore mencionados.

O inconveniente, que Baruffaldo indica, é que o nome, que ten de impor-se, é hereditario, ás vezes, em algumas familias, e concorr por isso para que se possa haver a herança, mostrando-se por elle que se pertence a esta, ou áquella linhagem. Em algumas partes da Europa póde ter, e tem isto acontecido ; mas nunca no Brasil, aonde nem mesmo os cognomes e appellidos indicão as familias e parentela, a que se está ligado.

E' por tanto evidente, que removido o obice, que talvez occa-sionasse a expressão da rubrica, estão os parochos e sacerdotes, que baptisarem, em rigorosa obrigação de a observar ; e muito mais no bispado de Pernambuco, aonde a constituição ecclesiastica, que o rege, é clara e terminante, como temos já visto.

Mas quem não conhece a debilidade dos raciocinios, em que se basea o autor, para defender um parecer contrario aquillo mesmo que elle estabeleceu a principio ?

Os padres, os concilios, os theologos, os rubricistas, o ritual de Paulo V affirmão, que o nome deve ser de um santo *recommendave na igreja*, como innumeraveis expressamente o disserão ; Baruffaldo expressamente acrescenta : que sendo o mundo tão vasto, tendo existido tantos santos, que nos são desconhecidos, não pode deixa de haver algum, que tenha nos céos o nome, que se imposer no bap tismo, seja embora qual for; e que por esta razão o sacerdote o de verá receber, salvo se for impudico, ou injurioso a igreja !

Supposto este pensamento, são inuteis todas as recommendações que se achão sobre este ponto, e as que elle mesmo fez.

Alguns dos escriptores, que trasladei, não se contentárão co asseverar, que deverião os nomes ser de santos; mas acrescentarão

Devem tomar este nome no catalogo dos santos da lei da graça.

De algum santo celebre na igreja.

De santos numerados no Martyrologio romano.

De santos, cuja santidade não seja duvidosa.

De santos mencionados no numero dos santos.

E a constituição deste bispado :

Não consentirá que se ponha nome, que não seja *de santo ca nonisado ou beatificado.*

Cahe por terra o argumento de Baruffaldo.

Emfim, depois de expender a doutrina que lemos, elle mesmo acaba o seu artigo, como o havia começado. Recommenda, que os nomes, que se pozerem no baptismo, sejão de santos e que para evitar duvidas em semelhante negocio, se tenha a mão o *Martyrologio romano*, que os parochos conservarão no baptisterio com o mais que é preciso guardar para o baptismo.

Tal era a convicção em que elle se achava, relativamente a questão, que havemos tratado.

Não terminaremos este assumpto sem uma reflexão, que nos parece importante. Assim como a nimia indulgencia humilha e prostitue os ministros sagrados; da mesma sorte um zelo amargo, intempestivo algumas vezes e acompanhado de termos acres, torna odioso o sacerdote; e este desar vem a recahir quasi sempre sobre a religião, de que elle é orgão.

Convém, portanto, uma certa mediania entre estes perigosos extremos.

Talvez se conheção pela historia poucos seculos, em que os ministros do evangelho precisem de tanta paciencia e discrição, como nos tempos actuaes.

Uma lei de doçura, e que se fundamenta sobre a caridade mais viva e generosa, não póde ter por mestres e explicadores, senão homens possuidos deste espirito suave e fraternal, que se insinua, que attrahe, e que edifica.

E' por esta razão que os ecclesiasticos, e ainda mais nas occasiões de pôr em exercicio as funcções desta religião de caridade, devem evitar todo o estrepito, e todo o espirito de contestação e desavença, de que só resultão inconvenientes, escandalos e mortificações reciprocas.

Exigem, por tanto, a estreiteza dos tempos e a prudencia, que deve ornar o sacerdote, que aquelles, que baptisão tomem a precaução de inquirir com antecedencia, e em particular dos paes, ou dos padrinhos, que nome determinão impôr ao baptisando; e conhecendo, que não é o de algum santo canonisado, ou beatificado, reduzão, por advertencias e maneiras brandas, a tomar-se algum dos innumeraveis do Martyrologio.

Não é crivel que a pertinacia mais ardente e exaltada deixe de ceder em segredo e em conversação amigavel á voz do ministro sagrado, que só leva em vista cumprir o seu dever.

Não se presuma, que eu pretendo com isto aviltar o ministerio, que immerecidamente exercito, desterrando dos ungidos do Senhor aquella coragem e energia d'animo, indispensaveis nos lances arriscados da carreira evangelica.

Um sacerdote deve ser immovel e petrificado ao rogo, ou ao insulto, quando a sua condescendencia passa a ser criminosa, e vae compromettet a dignidade das suas funcções, e do seu caracter.

Mas ainda nestes casos a sua resistencia, e inflexibilidade devem ensinar a fortaleza, sem se desmentir da doçura. Eu desejo

unicamente, que, contidos e coarctados pela prudencia e madureza, evitemos de nossa parte o choque e o estrepito.

Não deve tambem o parocho, ou outro qualquer ministro do baptismo envergonhar-se de perguntar, quando se achar em duvida, se o nome, que lhe apresentão, é ou não de santo; porque isto jamais suppõe ignorancia naquelle que baptisa.

Como é crivel que se contenha na memoria a nomenclatura immensa de todos os santos, que a igreja solemnisa e commemora?

Os que se dão ao importante estudo da historia, martyrisão-se bastante para reter uma parte da nomenclatura e da chronologia. Subsistem os factos, mas escapão os nomes e as datas.

Por outro lado os que meditão impor um nome aos seus filhos e famulos, devem saber muito bem d'onde o houverão, e se ha de algum santo. O sacerdote racionalmente convencido, fóra do estado de duvida, receberá então esse nome, e o imporá ao baptisando.

Concluiremos, á vista das autoridades, e das provas, que acabamos de apresentar, que é da maior clareza, que nem os paes, nem os padrinhos dos baptisandos devem impor aos seus filhos e afilhados nomes, que não sejam de algum santo canonisado, ou beatificado; e que da mesma sorte não podem os ministros do baptismo affastar-se desta doutrina, que é a corrente, sem que commettão um gravissimo erro, em deshonra do seu ministerio, e dos ritos da igreja.

RESPOSTA A CONSÚLTA

DE

UM AMIGO

RELATIVA A UMA PASSAGEM DA ESCRIPTURA SAGRADA QUE VEM NO OFFICIO DA CONCEIÇÃO DE MARIA SANTISSIMA

MEU SENHOR.—Tenho grandissimo prazer de dar as explicações, que me pede.

Eis a intelligencia, que julgo convir ao ponto, sobre o qual me fez o favor de consultar.

I

EXPLICAÇÃO DE UMA DAS ESTANCIAS, QUE VEM NO OFFICIO DE NOSSA SENHORA.

ESTANCIA

" Salve ! oh relogio !
" Que andando atrazado,
" Servis de signal
" Ao Verbo encarnado. "

TEXTO LATINO

Salve horólogium,
Quo retró gladiatur,
Sol in decem lineis,
Verbum incarnatur.

(*Libel. prec. et piar. exercitat*).

Ezechias, rei de Judá, adoeceu mortalmente, e o propheta Isaias lhe annunciou, da parte de Deus, a proximidade do seu derradeiro instante.

O rei, crendo na veracidade do oraculo, banhado de lagrimas e na humilhação mais profunda, orou fervorosamente; e Deus determinou então ao propheta, que se achava ainda no atrio do palacio, que voltasse e dissesse a Ezechias, que a sua supplica havia sido acolhida; que lhe restituíria a saude; que lhe erão dados mais quinze annos de vida; que dahi a tres dias poderia ir ao templo; que tinha determinado livral-o do poder dos Assyrios e a toda a cidade, por amor do seu servo David. Mas, disse o rei ao propheta quando lhe communicou a revogação, que Deus havia feito:

Que signal terei eu de que o Senhor me ha de restituir a saude; de que irei ao templo, daqui a tres dias; e de que deverá acontecer tudo o mais, que me teus annunciado?

O propheta pedio uma massa de figos, e collocou-a sobre a ulcera do rei, que ficou immediatamente são.

O signal, acrescentou Isaias, ha de ser tambem est'outro; escolhe o que te parecer mais seguro. Vê, se queres, que a sombra se adiante dez linhas no relogio do sol, ou que ella retroceda dez gráus?

Ezechias quiz, que a sombra retrocedesse dez gráus; porque era mais difficil retrogradar, do que adiantar-se.

Aconteceu assim.

A sombra voltou fielmente para traz os gráos, marcados por Isaias, em confirmação da palavra de Deus; e Ezechias foi salvo.

Este successo está consignado no Ecclesiastico cap. 48 v. 26, e nas prophecias de Isaias cap. 38 v. 8, assim como no liv. 4. dos Reis cap. 20.

A retrogradação da sombra, diz Martini, commentando este lugar, suppõe a retrogradação do sol.

Assim o entenderão todos os padres, e a Escriptura mesma o declara expressamente.

Martini tambem cita Isaias, e o Ecclesiastico.

II

Applicação desta passagem a' estancia do officio.

Salve! oh relogio! etc.

Quer dizer: Deus vos salve! oh Virgem purissima! porque devendo soffrer os effeitos e o atrazo da culpa original, pois que ereis filha de Adão, e por isso deverieis ser incursa, como elle, nesse crime funesto, bem como forão todos os homens, vossos irmãos, que

descenderão do primeiro homem; com tudo vos adiantastes pela graça, ficando livre do peccado de origem, por um milagre especial e unico.

Assim como a sombra no relogio de Ezechias, devendo adiantar-se, retrocedeu, contra a ordem natural do gyro e carreira do sol, e isto para servir de confirmação á palavra de Deus; da mesma sorte vos adiantastes, por effeito da graça, quando todos os filhos de Adão se atrazarão, por causa do peccado original; e isto vos aconteceu, para se cumprirem e confirmarem as promessas do Messias venturo.

No relogio do rei Ezechias a sombra retrocedeu, por um milagre; na vossa Conceição, devendo vós ser peccadora pela culpa, segundo a ordem commum, bem como os outros homens, pelo contrario vos adiantastes, por um milagre estupendo, e os excedestes, sendo isenta *ab æterno* de tudo quanto se podesse chamar culpa, e de tudo quanto podesse ainda mesmo chamar sombra de culpa.

Foi preciso um prodigio, para que a sombra podesse voltar para traz; foi necessario outro prodigio, mais extraordinario ainda, para que na vossa Conceição retrocedesse a sombra do peccado, contra a lei geral, que abrangia e mergulhava na desgraça e no lucto o genero humano em peso, ao mesmo tempo que vos deixava illesa.

No relogio um milagre fez que retrocedesse a sombra natural; em vós, na vossa Conceição, por outro milagre, retrocedeu a sombra do peccado de origem, para não tocar-vos, porque se tinhão adiantado a luz e as torrentes da graça.

E por isso, exclamão os fieis, entoando um dos canticos mais bellos, que vos é consagrado:

Deus vos salve, oh Virgem! porque sois semelhante ao relogio do rei Ezechias, que, atrazando-se milagrosamente, deu signal de que o rei seria salvo da enfermidade, que o opprimia; assim como em vós, atrazando-se até a mesma sombra da culpa, que recuou na vossa Conceição e não pôde tocar-vos, foi este o signal de que deverieis ser, como fostes, concebida em graça, e por este motivo salva da enfermidade do crime, salva do contagio commum, salva das suas consequencias, e em estado de que o Verbo de Deus viesse encarnar no vosso ventre purissimo.

Foi este, portanto, o signal dado, para que o Verbo de Deus podesse vir ao mundo.

Commummente se crê, que a sombra retrocedeu dez horas; mas outros interpretes e commentadores, dizem que não forão, senão dez.

A Dissertação de Calmet, sobre este ponto, é digna de ler-se, bem como Santo Agostinho, de Mirab. Sacr. Escript. lib. 2 cap. 28.

Muitas questões curiosas suscitão os commentadores sobre o machinismo dos relogios do sol do tempo dos Hebreos, bem como se o relogio de Ezechias indicava as horas pelo *gnomon* (o ponteiro) ou de outro modo; mas estas questões são alheias á materia desta

consulta, e por isto tratei de limitar-me ao especial do ponto, sobre o qual fui interrogado.

E' a intelligencia da estancia do officio de Nossa Senhora:

" Salve ! oh relogio,
" Que andando atrazado,
" Servis de signal
" Ao Verbo encarnado. "

Salve horologium,
Quo retró gladiatur,
Sol in decem lineis,
Verbum incarnatur.

ANALYSE DO SONETO DE BOCAGE

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel das paixões, que me arrastava :
Ah ! cego ! eu cria ! ah ! misero ! eu sonhava,
Em mim, quasi immortal a essencia humana !

De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia fallaz me não doirava !
Mas eis succumbe a natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem damna !

Prazeres, socios meus e meus tyrannos !
Esta alma, que, sedenta, em si não coube,
No abysmo vos sumio dos desenganos.

Deus !.... oh Deus !.... quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderão annos ;
Saiba morrer o que viver não soube !

" Meu ser evaporei na lida insana
" Do tropel das paixões, que me arrastava. "

Evaporar o ser, a existencia, na *lida* trabalhosa e louca, no cardume e no borbotão das paixões, que se precipitão de *tropel* sobre um homem, ensopado nas delicias da sensibilidade, é sem duvida uma excellente expressão metaphorica.

As paixões o vão gastando e destruindo lentamente, e a vida não se acaba precipitada e de salto, mas como que se attenua e *evapora*.

A força da metaphora está collocada neste verbo.

A existencia de um homem tal, sempre inquieto e revolvido pelos prazeres immoderados ; sempre descontente de si ; sempre avido de novas situações, de novos contrastes, de novos prazeres ; e abandonado a excessos, attenua-se e gasta-se pouco e pouco, e como que se *evapora* de instante a instante.

O homem neste estado é semelhante aos corpos odoriferos, que, expostos á impressão rude do ar, vão-se tornando inodoros e exinanidos.

Evaporar-se a existencia com os acommettimentos, com o encontrão violento dos affectos desenfreados, é uma das mais bellas metaphoras, que poderia occorrer á imaginação mais poetica.

" ....Na lida insana. "

O epitheto *insana*, aggregado á palavra *lida*, isto é, ao afan a esses calculos, a esses projectos loucos, a essas phantasias e vertigens, que nos assaltão na carreira da vida, a essa febre acesa e sequiosa, que nos ateão as paixões, é de uma força e de uma energia incontrastavel. *Lida insana* á roda viva e ao cansaço de trabalhos continuos, a que se dá um homem, a quem a luta e a soltura dos affectos arrancarão todo o repouso, e toda a paz.

Insano tambem significa *excessivo*, e ainda nesta accepção convem aos soffrimentos e incommodos da vida.

Bocage era de um caracter singular, talvez energico de mais, se não violento.

Desde a infancia elle se havia costumado ás phantasias poeticas, aos raptos de imaginação, ás irreflexões de um genio, tostado e ardido pelos fogos electricos e tempestuosos da poesia erotiça e da poesia satyrica; pelas irrupções dos improvisos os mais correctos e os mais cheios de vida poetica; e pelo phantasma do renome e da gloria.

Conhecendo, e apreciando quanto valia, desamparava-o a modestia, quando fallava de si.

O seu orgulho dava a lei, e recusava recebel-a.

A extensão e facilidade do seu estro, os furores do seu genio, do seu enthusiasmo, e mesmo a sua volubilidade, o arremeçavão do idyllio mais terno e mavioso á virulencia da satyra mais acerba e atróz.

Os prazeres o havião aluido e solapado, e, no circulo de sua vida livre e desempeçada, elle estancou as fontes do gozo.

E', pois, á multidão e variedade desses prazeres, que elle dá o nome de *lida insana* : lida, que provinha do tumulto, em que o trazião os affectos.

As illusões tinhão desapparecido, a morte presidia ao seu leito, e a eternidade se desdobrava e descobria aos seus olhos. Elle via o mundo, como na realidade é, e julgava-se a sí mesmo, como elle via o mundo.

Accresce tambem, que um dos historiadores da sua vida, José Maria da Costa e Silva, nos affirma, que o aneurisma, que terminára a vida de Manoel Maria Barboza du Bocage, procedêra de habituaes excessos.

> " .... Na lida insana
> " Do tropel das paixões, que me arrastava. "

Quando se reflecte na irrupção violenta, com que as paixões se grupão e acastellão dentro do nosso coração, e como dahi nos acommettem em batalhão cerrado ; quando se observa a pressa, com que ellas se succedem umas ás outras, e se atropellão em sua carreira precipitada, derribando a razão ; quando vemos, que ellas nos empuxão, que nos levão de rastos, e algumas vezes depois de renhida batalha e de larga resistencia ; conhece-se tambem a viveza desta metaphora, que o cysne moribundo do Sado empregou, em um dos seus derradeiros cantos, quasi o ultimo esforço do seu genio.

> " O tropel das paixões...."

Tropel, por sua multidão tumultuosa, pela violencia e estrondo da sua marcha. A palavra *tropel* é um vocabulo imitativo, ou onomatopaico : é um arremêdo do som. Tropel, que o conduzia á força, e que o *arrastava* contra os dictames da sua mesma razão.

O verbo *arrastava* é tomado em accepção metaphorica, e demonstra, não só a violencia, com que Bocage era impellido, mas ainda a repugnancia, com que elle cedia ás suggestões do mal, posto que podesse, e devesse resistir-lhes.

> " Ah ! cego ! eu cria ! ah ! misero ! eu sonhava,
> " Em mim, quasi immortal a essencia humana ! "

Que maravilhosa e bella não é esta exclamação, com que Bocage se interrompe !

Depois da confissão mais ingenua dos delirios da sua vida, elle sólta um grito repentino de espanto, increpa-se de *cego*, e imagina-se desgraçado ; porque, no arroubamento dos prazeres sensuaes, suppunha-se de uma duração quasi tão prolongada, como o infinito. Suppunha-se quasi immortal.

E' uma exclamação vehemente, arrancada á hora da morte.

Bocage conserva ao mesmo tempo a ordem e gradação dos epithetos. Elle se julga *cego* em primeiro lugar, e depois disto *misero*. Não podia deixar de ser *misero*, tendo vivido *cego*.

Era a sua cegueira, que o abysmava na desgraça,

Ha uma *repetição* (anaphora) nas duas interjeições, com que

elle exprimio a dor, que o havia penetrado; ha mais outra *repetição* no pronome *eu*, que elle duplicou neste verso:

" Ah! cego! eu cria! ah! misero! eu sonhava,
" Em mim, quasi immortal a essencia humana!"

Elle não diz, que pensava; porque, se o dissesse, poder-se-hia deduzir, que o seu pensamento era bem coordenado. Elle diz, que *sonhava*, para que se entendesse claramente o delirio e a desordem do seu espirito, ainda mesmo acordado.

Na palavra *cego* ha outra metaphora, assim como no verbo *sonhava*.

" De que innumeros sóes a mente ufana
" Existencia fallaz me não doirava!"

Bocage toma neste lugar a expressão *innumeros sóes* pelos dias dilatados, innumeraveis, e quasi sem fim, que o seu entendimento *ufano* e exaltado pelo orgulho e pela irritabilidade das paixões, lhe fazia suppor, que teria de vida. *Innumeros sóes*, disse elle nesta composição, *sóes sem conto*, havia dito em outra parte, e por outro motivo: é isto uma expressão figurada. Chama *sóes* a reunião dos dias de toda a sua vida.

Toma cada dia por um sol.

Toma a claridade do dia, que é o effeito que o sol produz, pelo sol, pelo astro, que produz esta claridade, ou este effeito.

E' uma metonymia.

A mente ufana, orgulhosa e cheia de si, dourar a existencia de sòes, e de sóes, que se não podem numerar, isto é, de dias cheios de gloria e de fulgor, e quasi sem fim, pela multiplicidade destes sóes: é outra excellente metaphora.

O epitheto *ufana*, reunido á mente, pinta o desmarcado orgulho, que o deslumbrava, impedindo-o de que pensasse de um modo conveniente, e recto.

Ha uma grande propriedade de elocução no epitheto *fallaz*, dado á existencia; porque *fallacia* é o engano, que se emprega artificiosamente para illudir; e a existencia, a vida do homem sobre a terra, é um verdadeiro aggregado de illusões, que elle mesmo emprega com toda a malicia e refinamento do artificio, para se arrastar ao desregramento e á desordem.

Os epithetos metaphoricos, diz Maury, engrandecem o dominio da imaginação; e elle cita Voltaire nestes dois exemplos — Atroz demencia — Surda ferocidade. —

" Mas eis succumbe a natureza escrava
" Ao mal, que a vida em sua origem damna."

Com que destreza, com que ordem de idéas, e ligação logica, se faz a passagem para estes dous versos !

E' esta uma excellente *transição*, metábasis, ou progresso.

Depois de Bocage ter pintado o vortice e o desenfreio, em que o retinhão as paixões sublevadas, conduzindo-o á temeridade de crer-se *quasi immortal*, dissipa-se esta illusão horrivel ; e elle conhece com a evidencia das suas angustias, das suas anxiedades, dos seus padecimentos acerbos, e dos seus remorsos profundos, que tem *roçado o ponto extremo*, segundo a sua mesma linguagem em outro lugar ; que a morte está presente ; e que rouqueja.— *No tumido aneurisma o negro espanto.*

Então elle faz soar esta verdade dolorosa :

" Mas eis succumbe a natureza escrava
" Ao mal, que a vida em sua origem damna. "

Tudo é aqui maravilhosamente disposto.

O adverbio demonstrativo *eis*, e o verbo *succumbir*, não podião empregar-se de um modo mais apropriado e vigoroso. *Eis* como que aponta, com este demonstrativo, para a chegada do ultimo momento, ao mesmo passo que o verbo *succumbir* é prostrar-se, abater-se, ceder e cahir opprimido de uma força extraordinaria.

O epitheto *escrava*, dado a natureza humana, é metaphorico, e é o mais expressivo e fiel, que poderia descobrir-se. *Escrava* por sua sugeição absoluta e total a uma immensidade de leis, de agentes, de phenomenos, de successos, de contradicções, de enfermidades e de miserias.

Releva ainda ponderar, que esta *natureza escrava* é aqui tomada pelo individuo, pelo homem, com todas as suas desordens e desgraças do crime, que faz o seu captiveiro; é, pois, o homem quem succumbe.

A natureza do homem, tomada por elle, é uma metalepsis, especie de metonymia, um dos tropos.

" Mas eis succumbe a natureza escrava
" Ao mal, que a vida em sua origem damna. "

O *mal*, ou o peccado de inficcionar e damnificar a vida, assim que ella começa, isto é, *em sua origem*, é uma expressão figurada. O mal, que o homem soffre, tomado pelo peccado, é uma metonymia, é o effeito pela causa.

" Ao mal, que a vida em sua origem damna. "

A esse fermento surdo de destruição, a esse germen de morte plantado pela culpa de origem.

Confissão indirecta do dogma, pelo qual prestamos crença á transmissão do primeiro peccado e as suas consequencias funestissimas.

Triumpho religioso, verdade, que á hora da morte escapou indirectamente dos labios daquelle mesmo, que traçára a sacrilega Epistola, aggregado tenebroso de immoralidade e de blasphemias: *Pavorosa illusão*....

Não tenho animo para acabar de escrever este verso.

Bocage reune ainda o resto de suas forças fugitivas, e se lhe escuta um brado, ou mais antes, a ultima explosão do estro e da verdade, que rompe dos seus labios, quasi moribundos ; e é outra confissão, a que o impellio o conhecimento do seu ultimo fim.

" Prazeres, socios meus e meus tyrannos !
" Esta alma, que, sedenta, em si não coube,
" No abysmo vos sumio dos desenganos. "

Quantas bellezas, quantas graças poeticas, quantas figuras se encontrão em tres versos !

Ha uma exclamação, ha uma anadiplosis, ha uma apostrophe, e esta apostrophe é uma prosopopéa.

Quando fallamos e nos dirigimos ás cousas inanimadas, as suppomos com vida e com intelligencia ; e conceder vida, e intelligencia áquillo, que não as tem, é usar de uma prosopopéa.

A prosopopéa não se dá só quando fazemos fallar as pessoas ausentes, os mortos, os espiritos, os rochedos, as arvores, os montes os rios, e quaesquer dos seres da natureza insensivel ; dá-se tambem quando os apostrophamos, porque então lhes suppomos vida e intellecção.

Os prazeres erão seus socios e seus amigos, mas elles erão ao mesmo tempo os seus *tyrannos*, e o conduzião ao sepulcro pelos estragos physicos, e essa destruição prematura.

Segue-se um verso de grandissima energia :

" Esta alma, que, sedenta, em si não coube. "

Que pódo haver de mais poetico, do que esta singularissima expressão!

Esta alma, que sahia, como fóra das suas faculdades; que o levava de encontro; que o arrojava impetuosamente além da sua esphera, voluptuosa e abrasada pela sêde dos prazeres e da celebridade; que o tornava poeta, philosopho, amante, soberbo, irreligioso e enthusiasta; que o conservava em um estado de excandescencia e delirio; que o rodeava de phantasmas; que se não continha dentro dos seus limites; que não cabia em si mesma; e que o havia, não só mergulhado, mas ainda *sumido no abysmo dos desenganos.*

Alma sedenta é uma expressão translaticia.

Não caber em si é uma phrase hyperbolica da lingua portugueza.

Sumir os prazeres no abysmo dos desenganos é expressão de grande força e igualmente metaphorica. E' o mesmo que mergulhar, submergir, e fazer desapparecer os prazeres nesse abysmo.

Abysmo dos desenganos é o ultimo gráu de convicção, a que Bocage havia chegado, quando conheceu o despenhadeiro, em que se achava, e pôde certificar-se, por si mesmo, do precipicio em que os seus erros o havião lançado. *Abysmo,* porque a persuasão intima, em que elle estava dos seus desregramentos e da proximidade da sua morte, era tão profunda e tão pavorosa, como são os abysmos,

E' outra expressão figurada.

" Deus !.... oh ! Deus !... quando a morte a luz me roube,
" Ganhe um momento o que perderão annos;
" Saiba morrer o que viver não soube. "

Deus !... oh !... Deus !... Temos, além da reticencia, aposiopesi, como lhe chamão os Gregos, outra exclamação e outra anadiplosis. As exclamações podem nascer de varios e diversos affectos: da impaciencia, da indignação, de grande dôr, de tristeza, de alegria, de compaixão e de outras fontes mais: ellas são o verdadeiro signal e a linguagem de uma alma commovida, e agitada. Esta exclamaçao tem a sua origem na confiança, que Bocage havia posto em Deus, porque era Deus unicamente quem poderia salvar *em um só momento,* esquecendo-se de tantos *annos,* que se tinhao deslisado no crime.

Era isto uma supplica.

.... Quando a morte a luz me roube. "

O verbo *roubar* suppõe vida e acção naquelle que rouba. A morte tinha de pôr em pratica esta acção e por isto mesmo se fez della uma entidade physica. *Roubar a luz* é mais outra metaphora. Era prival-o da vida. O verbo *roubar* é aqui empregado com a maior propriedade, porque significa arrancar alguma cousa á força e contra a vontade daquelle, que a possue. Quando se diz, que a morte rouba a vida, é para exprimir a violencia da acção e a repugnancia com que o homem se deixa espoliar da sua melhor propriedade neste mundo.

" Ganhe um momento o que perderão annos. "

Ha neste verso uma antithese (alleosis ou contraposição) entre *ganhar* e *perder*, entre um *um momento* e *annos*. A antithese tem por base o contraste, ou a opposição de dous objectos. Ao *momento* se attribue vida, e se attribue acção, assim como é attribuida aos *annos*. Para ganhar ou poder perder alguma cousa, é preciso ter vida.

Ha outra antithese no derradeiro verso :

" *Saiba morrer* o que *viver não soube.* "

Ha por ultimo uma *derivação* (paragmenon) pelo emprego do verbo *saber* nestes dous tempos — *saiba* e *soube.*

" *Saiba* morrer o que viver não *soube.* "

Além dos termos poeticos, de que se acha revestido este soneto, elle termina com um pensamento agudo, ou epigrammatico ; e deste modo foi dado o ultimo realce a este genero de composição, que não é, e nem deve ser, senão um verdadeiro epigramma.

Bocage não conheceu rival neste genero.

Cumpre, que se reflicta ainda na construcção destes dous versos e que se attenda ao modo, porque se achão dispostas as syllabas, que em lugar de os tornarem grandemente cheios e sonoros, o que se observa na maior parte dos versos de Bocage, ficarão como fatigados e languidos, pelo emprego dos accentos, e das muitas syllabas lon-

gas ; o que neste lugar produz um maravilhoso effeito. Era o coração descontente de si e o entendimento aborrecido do adorno, revelando-se sem as impertinencias da correcção ; mas esta negligencia, esta frouxidão graciosa, constituem a força destes dous ultimos versos :

" Ganhe um momento o que perderão annos,
" Saiba morrer o que viver não soube. " (*)

Estando nos ultimos periodos da vida, retalhado de dores, de ancias, de sustos e de agonias ; rodeado de remedios e de amigos, que o não desamparão nunca, era preciso não ter a vastidão, mas a immensidade do genio de Bocage, para em circumstancias tão deploraveis produzir este soneto, e improvisar muitos outros, dignos de igual commemoração.

(*) " Ganhe um momento o que perderão annos,
" Saiba morrer o que viver não soube. "

Os melhores poetas deixárão grandes exemplos de versos imitativos : uns demonstravão com elles a distancia, a tardança, ou a fadiga do trabalho ; e outros arremedavão a brandura, ou o estrepito dos sons. Virgilio no seguinte verso deixou ver a tardança e a fadiga :

Cornua velatarum obvertimus antenarum.

Neste outro verso arremedou o som com que o ginete impaciente e fogoso, escava e revolve a terra :

Quadrupedante putrem quatit ungula campum.

Em outro verso, como que se ouve o cavallo mastigar o freio, inundado de espuma :

Stat sonipes ac frœna ferox spumantia mandit.

Temos este verso latino, que exprime a detonação das peças de artilheria :

Horrida per campos bum.... bum.... bombarda sonabant.

Na — Via Josinaida,— que é um ligeiro poema, vem a imitação ou traducção deste verso, e é a seguinte :

" E' da noute, por entre as sombras pardas,
" *Troou bum.... bum.... das horridas bombardas.*"

Camões, querendo significar a distancia, nos deixou este verso :

" Para o Sul até o cabo Camori."

De minha parte é isto um testemunho mesquinho do apreço e se eu o posso dizer, da quasi idolatria poetica, que conservo pelas lucubrações do maior genio, que Setubal vio apparecer em seu seio; Setubal, que é patria de Vasco Mousinho de Quebedo, de Thomaz Antonio dos Santos e Silva, e de tantos homens illustres.

Ultimando esta ligeira analyse, convem que mencione, que na viagem que fiz de Lisbôa para o Algarve, repousando em Setubal fui de proposito visitar a casa, aonde tinha vivido Bocage.

Foi isto uma verdadeira homenagem, que tributei a um objecto venerando, de gravissimas recordações para mim.

Conservo manuscriptos de sua propria lettra, que me forão dados em Lisbôa, assim como possuo os de alguns outros escriptores portuguezes e brazileiros de abalisado merito e saber.

Cada um dos homens encara os objectos, segundo o seu estado de instrucção, o seu gosto e mesmo segundo as suas affeições e preconceitos. Eu descubro nas lucubrações poeticas de Manoel Maria

---

Parece, que a voz se alonga na derradeira syllaba, para dar a conhecer por esta extensão a distancia, em que se achava o Cabo. Não só Virgilio, não só Tasso *na Jerusalem Libertada*, não só Camões, como tambem outros muitos poetas portuguezes, imitárão destramente os sons em versos onomatopaicos. Temos alguns nos Virginidos, posto que muito máo poema de Manoel Mendes de Barbuda de Vasconcellos. Citaremos unicamente este, para não tornar mais prolixa esta nota:

> " Ferido o ar retumba, e assovia,"

O P. Raphael Soyé (Mirtilo) fere, e mortifica o ouvido, dos que o lêm, com esta onomatopêa:

> " Das rans o rouco ralo, o ruim ruido."

Parece-me expressiva de mais.

Garção traz dous bellos versos imitativos, em um dos seus sonetos, descrevendo a forja de Vulcano:

> " Sujos Brontes estão arregaçados,
> " Batendo o rubro ferro, e retinindo."

Castilho pinta lindamente a mariposa, crestando as asas na luz:

> " Saltou dentro, eil-a ardendo, e eil-as em cinza
> " As azas, que os Favonios invejárão."

Como que se escuta o sussurro, multiplicado e brando, de uma borbuleta, que se abraza na chamma.

Bocage mesmo, na sua Ode dirigida ao Quintella, traz estes dous versos imitativos:

> " E d'um fero encontrão, rugindo, arromba
> " A caterva dos Euros."

de Barbosa du Bocage as maiores bellezas e uma elegancia e correcção de metro, que será bem difficil descobrir em muitos poetas portuguezes.

Era este o crime de Racine. *Um versificador insigne*, chamou-lhe um poeta da sua mesma patria e seu contemporaneo.

Versos são versos.

Excluem a prosa e uma certa medida estropeada, que embaraça á pronuncia, e desconsola o ouvido, porque lhes falta a euphonia. A prosa mesma tem seu torneio harmonico, de que se não póde prescindir, especialmente nos assumptos grandiosos, que reclamão vigor e eloquencia.

E por ventura só existe metrificação em Bocage ?

Que absurdo ! Que injustiça !

Pasmo de que alguns homens, de instrucção sacrifiquem o seu bom senso e o seu criterio ao dito de um, ou outro homem de menos illustração e de menos gosto, e que dêm voga a esta injustiça litteraria !

Se alguem se propozesse a colligir as passagens verdadeiramente pceticas, o sublime, e o verdadeiro pathetico, que se derramão, aqui e alli, nas composições de Bocage, apresentaria um volume e com isto poderia amordaçar a turba injusta dos seus emulos e dos seus detractores.

Ah ! se elle existisse !...

Na traducção, que fez, do diluvio universal os peixes, arrebatados pela precipitação das correntes, barafustando pelos bosques, e indo de encontro pelas arvores,

" Co'as negras trombas pelos troncos batem. "

Os exemplos são innumeraveis. A onomatopeia, ou o arremêdo dos sons, nasceo com a necessidade, que tinhão os primeiros homens de exprimir de um modo conveniente e proprio os seus pensamentos ; mas faltando-lhes, em muitas occasiões, os vocabulos pela pobreza das lingoas, que começavão a fallar, recorrião á natureza das cousas, e imitavão com os sons os phenomenos, que os cercavão, quando elles se podião dar a conhecer por este modo de exprimir.

Os indigenas, que existem nas aldeias dos nossos sertões, usão ás vezes das mais expressivas onomatopeias, como eu o observei. No dialecto de uma das tribus a palavra—tutuca— significa o cahir da fructa, e isto pelo som, que ella produz, quando fere o chão, despegando-se da arvore. Da mesma sorte o termo — tipitipe — exprime a palpitação do coração, quando se contrahe, ou se expande. pelo movimento continuo da systole e diastole.

ADVERTENCIA

Os editores dando á luz a primeira parte dos escriptos do finado Vigario Barreto, cuja publicação contractarão com o governo da provincia, sentem-se levados á uma manifestação de agradecimento ao sr. dr. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos.

Esse agradecimento, que folgão de consignar n'esta mesma obra, resulta do illustrado e officioso concurso, que lhes prestou na mesma publicação, em proveito da qual dispensou sem animo de proprio interesse solicitude e tempos preciosos, sequestrados ao descanso de seus affazeres.

As differentes peças litterarias, que forão fornecidas e havião sido collegidas, na entrega á estampa achavão-se sem a conveniente organisação methodica e systematica; e os variados escriptos em absoluta promiscuidade não guardavão a distribuição por assumpto ou materia analoga, essencialmente precisa á publicação de uma obra do genero da presente, na qual a belleza da forma deve corresponder á da essencia.

A esta ausencia supprio o digno inspector do Thesouro Provincial, a quem se referem os editores; e ao seu trabalho devem-se a classificação dos escriptos por modo racional, o grupamento methodico das materias com respeito á identidade e principio chronologico das mesmas, e finalmente o alinho material das secções da obra, dando-lhes assim a nitidez e a regularidade de formas, em que a entregão ao publico os editores.

Dedicado sempre ás glorias de sua provincia, e constante cultor das lettras patrias, não obstante o trabalho multiplicado, que sobre si pesa na gestão da importante repartição, de que está á testa, atarefou-se ainda da revisão typographica; e quem sabe o quanto é enfadonho esse trabalho, só lhe apreciará o valor do serviço prestado em taes condicções e por mera graciosidade de um espirito, no qual actuão como principios determinantes aquelles generosos sentimentos.

Esta consignação servirá de prova de reconhecimento ao sr. dr. Antonio Witruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos de parte dos

EDITORES.

NOTA.—Tendo escapado alguns erros typographicos, e sendo de facil rectificação, deixamo-la á perspicacia dos leitores.

OBRAS
RELIGIOSAS E PROFANAS

DO

VIGARIO FRANCISCO FERREIRA BARRETO

Cavalleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, Commendador da de Christo, Pregador da Imperial Capella, Examinador Synodal do Bispado de Pernambuco e Parocho Collado na Igreja Matriz de São Frei Pedro Gonçalves

COLLECCIONADAS

PELO

Commendador Antonio Joaquim de Mello

Em virtude da Lei Provincial n.º 647 de 20 de Março de 1866.
Mandadas publicar pelo Exm.º Sr. Commendador Presidente da Provincia

DR. HENRIQUE PEREIRA DE LUCENA

II

VERSO

1.ª Edição

RECIFE

TYPOGRAPHIA MERCANTIL
1874

SONETOS

I

A' SUA ALTEZA REAL

O PRINCIPE REGENTE

D. PEDRO

(1822)

O Brazil não torna a ser nem colonia, nem escravo

Não mais escravidão ! Oh patria, exulta !
Principe egregio baseou teus muros,
Nova gloria nos dá, novos futuros,
Refrêa o crime, os despotas insulta.

Prospéra, oh liberdade ! Cresce, avulta :
Longe, longe de nós, fados escuros :
Já és livre, oh Brazil !.... Tremei, perjuros !....
Não mais escravidão ! Oh patria, exulta !

Oh Joven immortal, de gloria infinda !
Bustos te preste o marmore espartano,
Cultos e incensos te prepare Olinda.

Se não és Gallileo, serás Trajano :
E's o genio do bem, és mais ainda,
E's o Deus do Brazil ! Eu não me engano.

AO SETE DE SEPTEMBRO

Salve, dia feliz, sem par, superno!
Dia sem noite, assombrador, jocundo!
Vividouro padrão, padrão rotundo,
Ergão-te os povos, estremeça o Averno

Tu sahiste do rosto sempiterno,
Ancias trouxeste ao Barathro profundo;
Perdeste Lisia, mas ganhaste um mundo;
Tu remiste o Brazil, serás eterno.

Já Pedro os sustos dentre nós sacode;
Despotas bramão, despotas fraqueão:
Quando a patria agonisa, á patria acode.

O imperio, que é de Pedro, os Céus esteão:
Ou Jove não existe, ou já não póde;
Se o Brazil baquear, os Céus baqueão.

AO BAPTISAR-SE O AMERICANO RODGER

(CONDEMNADO A MORTE PELA COMMISSÃO MILITAR EM 1825)

Um filho da illusão á luz se move;
Elle encara do crime a enormidade;
O Céu troveja, brame a tempestade....
Elle treme.... Eis a graça que o commove.

Deus, oh Deus! Teu auxilio se renove;
Não mais relampagueja a Eternidade.
Vem, ó Filha do Céu, desce, oh verdade!
Erros, erros, fugí; vencestes, oh Jove!

Oh ente o mais feliz da redondeza!
Tu reunes á fé constancia immensa;
Só tens religião, não tens fraqueza.

A lei te pune, um Deus te recompensa;
Vences pelo valor á natureza,
Triumphas do delicto pela crença.

———

RESPOSTA PELO PADRE JOÃO BARBOSA CORDEIRO

(PRESO PELOS MESMOS MOTIVOS QUE RODGER)

Da liberdade um filho não se move
Pela de um bonzo negra enormidade :
Elle ri da impostora tempestade,
Só a graça divina é que o commove.

Que das leis summo imperio se renove,
E' desejo, que o segue á Eternidade ;
Sem os olhos cerrar a sã verdade,
Cede a Christo o triumpho, e não a Jove.

Reconheça a universa redondeza
Que James morreu livre. Oh força immensa !
Catholico expirou, sem ter fraqueza

Dos heróes teve o premio com recompensa,
Que o Messias, autor da natureza,
Teve quando pregou a nova crença.

A MORTE

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

Surge o Téjo, que lugubre serpeja
Com peito afflicto, vista lacrimosa,
E a cabeça levanta magestosa,
Que em torrentes de espuma lhe branqueja.

Reluz a testa, a espadua lhe gotteja,
E' denso musgo a barba respeitosa,
Traz verdes limos na madeixa idosa,
E a urna de ouro mil crystaes despeja.

Macedo! Elle soluça, isto dizendo!
Macedo! Em paz descansa, á gloria dado;
Foste grande, e maior hoje morrendo.

Tres vezes mergulhou precipitado;
Não disse mais, e rapido correndo
Foi pagar seu tributo ao mar salgado.

AO MESMO ASSUMPTO

Se cumpre a morte seu fatal diploma,
Se o corpo desce ao lugubre lagedo,
A illustre sombra do immortal Macedo
Nos Elysios pacificos assoma.

De novo exhala rescendente aroma
A estancia do prazer, nunca do medo;
E então exulta o vate de Goffredo,
De Smyrna o vate, o vate que encheo Roma.

Então em doce voz (que o mundo instrua)
Da mansão luminosa já na entrada,
Bradou-lhe assim de Homero a sombra nua :

Novo brilho recebe esta morada :
Eu sou quem sou, e invejo a gloria tua ;
Tu és quem és, não queiras ser mais nada.

AO CASAMENTO DO SR. D. PEDRO I.

Auri verdes pendões soltos ondeão,
Concavos bronzes flammejando troão,
Fervidos vivas repetidos soão,
Luminosos festões a vista enleião :

Gostos sem termo os corações salteão,
Queimão-se incensos, canticos se entoão ;
E phrases, que do peito aos labios voão,
Jubilosos transportes patenteão.

Fausto porvir o fado nos augura,
Risonhas eras para nós se abrirão,
Amplas de glorias, ferteis de ventura.

Os votos do Brazil os céus ouvirão.
Nos laços de hymineo, e da ternura
De Amelia e Pedro os corações se unirão.

A GRATIDÃO FILIAL

Origem do meu ser, da minha essencia,
Que amparaste meus dias de fraqueza,
Terno fructo da casta natureza,
Raro exemplo de amor e de prudencia!

Oh! tu, penhor da summa intelligencia,
Na terra amparo meu, minha defeza,
Tocha celeste, na virtude acesa,
Que sorriste aos meus dias de innocencia!

Um filho aqui se curva e te respeita:
La do Céu tu acolhe no teu manto
Minha alma pura, em lagrimas desfeita.

Oh! copia da virtude e della encanto,
Aceita, oh! terna mãe, acolhe, aceita
Minha dôr, os meus ais, meu ser, meu pranto!

PELA MAIORIDADE DE S. M. O SENHOR D. PEDRO II.

Oh! Pedro, oh! defensor da plaga adusta,
Nos Céus um novo dia aponta e brilha!
Segue os caminhos, que a virtude trilha;
E do imperio dirige a náu robusta.

Prole excelsa de reis, dadiva augusta,
Por ti quanto o Brazil se maravilha!
Resurge a gloria, que dos Céus é filha,
E o crime, ao ver-te, pallido se assusta.

Ergue-te, oh! astro do Brazil fecundo;
Sê da patria garante, e seu luzeiro:
Exulta, oh defensor do novo mundo!

Exulta! Sobe ao throno brazileiro:
Sobe, reina, immortal Pedro segundo,
Segundo em nome, em tudo o mais primeiro!

VOLTANDO DE LISBOA

São oito lustros e mais quatro invernos!
Hoje, oh! dia fatal, me deste ao mundo!
Ou sahiste do barathro iracundo,
Ou tens o lucto e as cores dos infernos!

Solitario, sem ter amigos ternos,
Sem familia, sem patria, vagabundo,
Jurou-me o fado meu rancor profundo:
Meus males não tem fim, julgo-os eternos!

Injustiça, indigencia, despotismo,
Intriga, emulação me fazem guerra;
Calumnias, e tres annos de ostracismo.

Rompa-se o lenho, que nas ondas erra;
Ah! Seja-me este mar, dê-me este abysmo
Patria e sepulcro, que os não tenho em terra!

AO ANNIVERSARIO NATALICIO DE D. MIGUEL I

Do sepulcro, da lage decorosa
Surge Affonso primeiro, rei prestante:
Sostem na dextra a espada fulminante,
Tem na sinistra a lança portentosa.

Erguendo a fronte excelsa e bellicosa,
Enramada do louro triumphante,
Ao primeiro Miguel, luso imperante,
Exclama em voz plausiva e magestosa.

" Salve, oh! filho immortal de gloria infinda!
Serás dos povos meus alta ventura,
E's no throno o que eu fui, és mais ainda. "

Disse o guerreiro, e chora de ternura;
Lusitania exultou e a voz se finda.
Disse e não mais: fechou-se a sepultura.

AO MESMO SENHOR

Erguei, povos ! Erguei um monumento
Ao pai da patria, que as facções condemna ;
Dai ao Téjo prazer, tristeza ao Sena,
E folgue extasiado o pensamento.

Avulte ém obra o marmore opulento,
A gloria o manda, a gloria vos acena,
Miguel exige, a gratidão ordena ;
Erguei, povos ! Erguei um monumento.

Surja o colosso ao tempo sobranceiro,
E grave em lemmas de ouro o ferro agudo
No bronzeo pedestal este letreiro :

Foi dos máus o terror, dos bons o escudo,
De Lysia foi bonança e foi luzeiro,
Foi rei, foi protector, foi pai, foi tudo !

AO CAPITÃO GENERAL LUIZ DO REGO BARRETO

A coragem teu merito gradúa,
E aos heróes lusitanos te encorpora;
Teu braço, oh! grande Rego, a patria escora;
E tu és de Albuquerque a imagem nua.

O valor, que o seu nome perpetúa,
E' tambem que teu nome condecora;
O louro, que o cingio, cinge-te agora,
E a gloria, que foi delle, ha'de ser tua.

Magestoso porvir te acena, e chama;
Sobre o jaspe teus feitos tens escripto;
Da-te Olinda um altar, um templo a fama.

E's prestante, és leal, és justo, invicto;
O saber te dirige, o bem te inflamma:
Ou tu és Marco Aurelio, ou Numa, ou Tito.

AO MESMO ASSUMPTO

Surge, o Capibaribe, que serpeja,
Desencrespando a palpebra rugosa :
Eis levanta a cabeça magestosa,
Que em torrentes de espuma lhe branqueja.

Reluz a espadoa, a testa lhe gotteja ;
E' verde musgo a barba respeitosa :
Traz negros musgos na madeixa idosa,
E a urna de crystal nas mãos lhe alveja.

Salve, oh ! Rego immortal ! bradou sorrindo.
Irá teu nome invicto e celebrado
Ao Téjo, ao Sena, ao Ebro, ao Zaire e ao Indo !

Tres vezes mergulhou precipitado.
Não disse mais ; e rapido fugindó,
Foi levar seu tributo ao mar salgado.

AO MUNDO

De roupa auri-bordada e fluctuánte
Encontro uma figura magestosa :
Transpira o bafo, que transpira a rosa,
E um véu de flores cobre-lhe o semblante.

Attrahe, deslumbra a veste roçagante :
Soltou dos labios voz harmoniosa ;
Nivea taça me offerta carinhosa
De puro nectar, em crystal brilhante.

A taça esgoto, e cubro-me de flores ;
Porém sinto no centro deste enleio
Sustos, remorsos, lagrimas e dôres.

Aqui vacillo e tremo e titubeio !
Levanto o véu, affirmo, attento ás cores,
Vejo um monstro.... Era o mundo, desprezei-o !

A MORTE DO SR. JOSE' LEÃO DE CASTRO

Ergueste, oh ! morte, ergueste o braço avaro !
Monstro horrendo, cruel, filha do Averno !
Mergulhado na dôr, em lucto eterno,
Deplora o desvalido o seu amparo.

Oh Castro, oh cidadão á patria charo,
Sóbe, vôa ao repouso sempiterno !
Oh tu, esposo e pae, amigo terno,
De moral, de virtude, exemplo raro !

Nesse de angustias temeroso lance,
No transito funesto e derradeiro,
Quem a terra perdeu, os Céus alcance.

Brilhe aos teus olhos nitido luzeiro,
O servo no Senhor em paz descanse ;
Viva em paz o Leão junto ao Cordeiro.

EPIGRAMMATICO

Erão quatro Macacos corpolentos,
De rabo cada um, qual mais comprido,
Que depois de a barriga ter enchido,
Inventarão gentis divertimentos.

Sobre elevados páus saltos violentos
Inventão destros com valor subido,
Mas buscando recreio mais luzido,
Pozerão-se a dansar, todos attentos.

Grande rabo, diz um, meu companheiro.
O teu, responde o outro, é que te gabo !
Qualquer delles é bom, disse o terceiro !

Concluio um pellado então por cabo :
Olhemos cada qual nosso trazeiro,
E não falle de rabo quem tem rabo.

A FRANCISCO BARBOSA NOGUEIRA PAZ

(DEIXANDO A PREFEITURA DE FLORES EM 1840.)

Erguendo a fronte limpida e serena,
Firmando sobre a urna crystalina,
Lá surge o Pejehú, e aura divina
Floresce a margem deleitosa, amena.

Aljofares gotteja da melena :
Soriindo, ao filho seu a fronte inclina,
E em doce metro, em phrase peregrina,
Exhalou maviosa cantilena.

" Mereceste, elle diz, constante affecto:
As leis executando, as leis amaste,
Corajoso baniste o crime infecto. "

" Protejeste a razão, Astréa honraste :
Probo, inteiro, fiel, eximio, recto....
Barbosa ! Nada mais : isto te baste.

AO DR. JOÃO FERREIRA DA SILVA

Vem, não tardes, oh! Anjo da saúde!
Amigo e protector da humanidade!
E o calix, não de dôr, mas de bondade,
Derrame, e fuja a morte, audaz e rude,

De puros vegetaes subtil virtude,
Ao vate enfermo, de longeva idade,
Traga a bem doce paz, serenidade,
Contra a dos annos rapida cegude.

Ante os calculos teus a morte pára ...
Lá retrocede e cahe espavorida,
Nessa do Orco habitação avára.

Modula, oh natureza! oh mãe querida,
Modula um hymno de harmonia rara,
Aquelle, em cujas mãos borbulha a vida.

A BOCAGE

(TENDO EXPIRADO RELIGIOSAMENTE)

Sumiste os erros teus n'um mar de gloria :
Oh ! Elmano ! Adonai te recompensa !
Cysne ! oh ! Cysne ! Cantor de graça immensa !
Vives nos Céus, e viverás na historia.

Delirios, ambições, vida illusoria
Passarãõ, como passa a nuvem densa :
Remio-te a contrição, ganhou-te a crença ;
Foi vida a morte, o tumulo é victoria.

Que mais ? Exulta ! exulta ! em fim venceste !
Fugiste aos negros véos da humanidade,
E entre a luz, todo luz, resplandeceste.

Nos céus tu tens um Deus, e immensidade :
Na terra, donde sahes e onde gemeste,
Loiros, prantos, tropheos, posteridade !

AO SR. JOÃO BAPTISTA DA PURIFICAÇÃO

Vate assombroso, de assombroso encanto,
Que ornada a fronte de apollineo louro,
Grandiloquo, embocando a tuba de ouro,
Dás aos numes prazer, a terra espanto !

Muito embora rouqueje o negro canto
Do mocho piador de infausto agouro :
Fetido, immundo, rosnador bisouro
Não volita no cume sacrosanto.

E apenas trovejaste embravecido,
Empunhando o fulgente delio sceptro
Contra o Mevio roaz e desabrido ;

Oh mudança ! Oh milagre ! Oh vate ! Oh plectros !....
Calou-se, emmudeceu, fugio vencido....
Graças, meu Josino, graças ao teu metro !

—

A UM SR. DEODATO

Tu que és das musas maculoso ultrage,
Bruto no corpo, n'alma tambem bruto,
Alma sendeira, coração polluto,
Injuria atroz dos manes de Bocage :

Quando Charonte emfim te der passage
Para o turbido Lethes nunca emxuto,
Estes versos de dó, versos de lucto,
De cá te escreverei na fria lage:

Aqui jaz Demodato, altivo e louco ;
Viveu sempre sem luz, planeta opaco,
Trovas mil repetio com peito rouco.

Nas tendas de Lyêo foi outro Bacho,
Nas fileiras de Marte valeu pouco,
No congresso das musas foi macaco.

A MARIA SANTISSIMA

Morro.... Subo ao juiz.... Que lance estreito !
Oscila sobre mim o raio ardente.
Sôa horrivel pregão: E's delinquente,
E aos premios do Immortal não tens direito.

Gélo de susto, em lagrimas desfeito,
Soluço e gemo, e pallido e tremente
Fito os olhos na mãe do Omnipotente,
Que ao seu filho esta voz soltou do peito :

Não mais, Senhor !.... Do abysmo libertai-o,
Prostou-se, e corre o pranto á Virgem bella.
Perdão, lhe diz; aos bons encorporai-o.

E' meu filho, o calvario m'o revela....
A palavra — meu filho — foge o raio,
E eu fico, todo luz, nos céus com ella.

—

A' DEMOLIÇÃO DO ARCO E CAPELLA DO BOM JESUS DAS PORTAS

O martello sacrilego esmigalha
O templo do Senhor Immaculado :
No céu retumba o écho reprovado,
Oh ! assombro !.... e lá mesmo a dôr se espalha.

Retumba o écho na voraz fornalha,
E satan se revolve alvorotado:
Então audaz, de jubilo banhado,
Saúda e beija a reprobã canalha.

Oh ! monstros ! que ao Senhor fazeis a guerra !
Avante, avante no funesto ensaio :
Um só templo não fique sobre a terra.

A colera dobrai.... eia ! insultai-o.
Mas vede, que o furor na dextra encerra,
E que junto á bondade existe o raio.

A TRASLADAÇÃO DA IMAGEM PARA A IGREJA DA MADRE DE DEUS

Vem, oh! Filho! meu Deus! oh! Rei celeste!
Exclama a Virgem Mãe, e o céu fluctua,
Oscila a terra, satanaz recua,
De assombro a natureza se reveste.

Vem, exclama; Rainha me fizeste,
Tu firmaste meus pés na argentea lua;
A gloria que me exalta, é gloria tua,
E o templo que possuo, tu m'o deste.

Ah! recebe-o: perdoa o desabono
Dos impios, que com lagrimas contemplo;
Perdoa, e surjão do torpôr do somno.

Morada já não tens.... que horror! Que exemplo!
Negarão-te o altar, negão-te o throno:
Tens o meu coração, tens o meu templo.

PARAPHRASE DA SALVE RAINHA

Salve, oh ! dos céus benevola Rainha !
Mãe Virgem, mãe de paz, mar de ternura !
Misericordia, luz, vida doçura,
Esperança, vigor, defeza minha !

Salve ! A ti brada na mansão mesquinha
Prole de Eva, em degredo, em amargura,
Suspirando e gemendo em noite escura,
Das lagrimas no vale, em que definha.

Eia pois, advogada, a quem corremos,
A vista volve a nós, branda, materna,
Depois deste desterro ao Filho iremos.

Oh ! clemente ! Oh piedosa ! Oh ! doce ! Oh ! Terna
Maria ! Roga a Deus, e gosaremos
Das promessas de Christo em luz eterna.

AO RECEBER O AUTOR O SAGRADO VIATICO

Ancias, frio, suor, a vista errante;
Convulso o coração, em sede ardente,
Gottas de sangue tepidas correndo
Pelo divino pallido semblante;

Fspinhos na cabeça agonisante,
Cravos nos pés, nas mãos, supplicio horrendo!
Terno pai, que espectaculo tremendo!
Quem póde resistir, meu doce amante?

Tudo quer contra o mundo me revolte,
Vossos olhos estão a procurar-me,
A lança, a cruz me diz, que os vicios solte.

As mãos erguidas buscão abraçar-me,
A cabeça inclinada diz que eu volte,
A bocca meio aberta quer chamar-me.

A JESUS CHRISTO NA EUCHARISTIA

Graça, alimento, luz, hostia celeste,
Sacrificio de amor, victima augusta,
Offrenda, iris de paz, oblação justa,
Tudo, oh Pae, na Eucharistia tu nos deste.

Existes entre nós, do céu vieste :
E's um, és mil.... Mysterio, que me assusta !
Treme do mundo a machina robusta,
Céde o céu ao poder que te reveste.

De amor meu coração estala e geme ;
Mas quando assim me humilho, e assim discorro,
O impio nem te quer, nem crê, nem teme.

Senhor, estás ahi : és meu soccorro.
Grite o perverso, o incredulo blaspheme,
Eu te vejo, eu me curvo, eu creio e morro.

POESIAS DIVERSAS

II

ODE

AO ILLM. E EXM. SR. PEDRO FRANCISCO DE PAULA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, HOJE VISCONDE DE CAMARAGIBE, FIDALGO CAVALLEIRO DA CASA DE S. M. IMPERIAL, DOUTOR EM SCIENCIAS JURIDICAS E SOCIAES PELA ACADEMIA JURIDICA DE OLINDA, LENTE NA MESMA ACADEMIA, COMMENDADOR DA ORDEM DE CHRISTO E PRESIDENTE DA ASSEMBLEA PROVINCIAL ETC.

Gratidão !.... onde estás ? Virtude ou deusa,
Erradia entre nós, aos céus volveste ?
Ah ! vem, que o vate enfermo
Foi sempre teu cultor, e em teus altares,
Curvo e devoto, derramou perfumes.

Gratidão !.... onde estás ?.... desprende o vôo,
E, transpondo as arcadas de saphira,
Os accentos regula
Do alumno teu, teu filho, e teu ministro,
Que na vasca da morte ancêa, e lida.

Vem, reforça-lhe o brado, inflamma o estro,
N'alma lhe assopra enthusiasmo e fogo:
Vibrem rouxas centelhas,
E acabe o gêlo de apathia, e morte,
Que já no coração se infiltra, e lavra.

Ah! vem! como assombrada, inerte, e frouxa.
Recue ao menos, timida um momento,
Atropos sanguinaria,
Emquanto na explosão do enthusiasmo,
Por tua vóz me exprimo em sons canoros.

Teu hymno, oh, Cavalcanti! escuta, acolhe,
Acolhe os versos, que borbulhão d'alma.
Perto da Eternidade,
Nem ha lisonja, nem mentira existe,
Das ficções o paiz se afasta, e foge.

Perto da Eternidade o mundo é outro;
E' remorso o prazer, e um ermo a vida!
Da impostura os phantasmas
A' luz dos desenganos se esvaecem:
Triste o que mente do sepulcro á margem!

Reside ali sómente, e ali se mostra,
Verdade nua, em tribunal severo;
E, alçando o braço ingenuo,
Aponta para os céus, relampaguêa;
Mesta, e pesada, o lisonjeiro exproba.

Meio cadaver, respirando a custo,
Ou mesmo sombra, o obulo funesto
Vou pagar ao barqueiro ;
Mas não profano a lyra alti-canora :
Da lisonja os pinceis odeio, e quebro.

Immerso na penuria, em negro olvido,
E victima de azares, de injustiças,
Ouriçavão meus dias
Cuidado velador, agros desgostos,
Misanthropia acerba, e atroz futuro.

Poltrões ignaros timidos se elevão
Ao fastigio das honras, enxertados
Nos subidos empregos :
Audazes formiguejão, barafustão,
Entidades de lama, anões risiveis.

Ei-los empertigados, orgulhosos,
De galope nos rapidos ginetes,
Nas doiradas berlindas :
Do inanido thesouro a custa vivem,
E afoitos zombão do esfalfado imperio.

Ei-los impertinentes, encravados,
Na assembléa loquaz, atordoando
O povo boqui-aberto ;
O ouro consumindo, e a paciencia,
Do Brazil moribundo, e quasi extincto.

Raros, alguns, tem merito, e justiça:
Muito poucos, alguns, tem juz aos premios ;
Mas na feroz balburdia
Das plumas, dos galões, dinheiros, graças,
Exclusos, quasi sempre, os bons mendigão.

Não ter merito, é merito de muitos ;
Mesmo é crime o saber, modestia é crime.
Nesta invasão cruenta,
Repellidos os bons, os máos são tudo,
Tudo é delles, e o nada abrange o resto.

Folheio em tanto fadigosos livros,
Em vigilia tenaz, revolvo as fontes
Da esquiva sapiencia ;
Curvo, attento, em seus porticos sagrados.
Leio, indago, medito, estudo, aprendo.

Trilho as veredas da moral severa,
E acato os homens, que a moral cultivão ;
Fujo aos revolvimentos,
E aos vortices crueis, que desmantelão
Do throno a base, e a cupula do estado.

Mas em trôco ?........ Penuria....... e não só isto !
Torcicollos, traições, apouquentavão
Desabrigado vate !
Detracção ! sendo barbara e mesquinha,
Tens o teu infinito, e vives nelle.

Tens, é teu, o infinito da vileza,
Que apezar do seu gyro, ignobil, torpe,
Não conhece horisontes !
Teus muros derrocou, sumio teus planos,
Beneficencia honrada, e avessa ao crime.

Cavalcanti ! e eu o sei !...... alheio ás tramas,
Marcaste um dia, e perennal não morre,
Por um doce momento,
Votado ao bemfazer, devido ao homem,
Opposto á semrazão, fatal á intriga.

Sobranceiro ao sussurro maldizente,
Nas azas da prudencia equilibrado,
Arrancas ao desastre
O vate oppresso, que anceava outr'ora,
Maculado em seu nome, honesto sempre.

Doiraste assim instantes nebulosos,
Que em negra sombra, arremedavão noites,
Carrancudas, e horriveis,
Em que as procellas vagueavão soltas,
Medonhas rouquejando em céus de fogo.

Justo, sensato, generoso, e probo,
Ferio-te o grito da oppressão, da angustia ;
Baniste a vesga intriga !
Um genio perspicaz deslinda o falso,
Presta assenso á razão, culto á verdade.

Aceita, oh, Cavalcánti ! aceita um hymno,
Pulchro, fiel, de gratidão perenne ;
Rompa os nitidos ares,
Rompa as fachadas de saphira e d'ouro,
Poise na eternidade, ovante, ufano.

Phebéa exhalação ! Furor sublime !
Estro inflammado ! as vibrações modera !
Basta : silencio !...... oh, lyra !......
Brazileiro Cantor, não mais, repoisa :
Tuba de Homéro lhe eternize o NOME ! (*)

(*) A publicação desta ode precedeu a seguinte carta dedicatoria:
EXM. SR. —A presente oblação é um tributo, que o reconhecimento reclamava de largos tempos, mas embaraçado sempre por uma existencia retalhada de enfermidades, e dissabores continuos. Aproveitei no campo um momento de convalescencia, e solidão e se todavia não fiz o que devêra, fiz por outro lado o que pude. A offerta é exigua ; mas como ella é ingenua, merecerá só por isso, o acolhimento de V. Exc. Tenho a honra de considerar-me, de V. Exc. capellão muito obrigado e fiel — *Francisco Ferreira Barretto.*—Sitio do Cordeiro 2 de Abril de 1850.

ELOGIO

(A D. MIGUEL I DE PORTUGAL)

Fugirão de uma vez das plagas nossas
As eras de Saturno, a idade d'ouro,
São outros os mortaes, o mundo é outro,
E Astréa volve aos céus, nos céus se embebe.
Estalando, romperão-se inflammadas
As gargantas do Barathro iracundo.
Males em turma de tropel rebentão,
E sobre a terra, pavida e convulsa,
Crimes em folha de tropel formigão.
De negras vestes, de ouriçada grenha,
Surge a morte, a desgraça, avultão monstros.
Odio, impostura, sacrilegio, infamia,
Ferveis nos corações, ferveis no globo.
Eis a infausta partilha do universo !
Almas, almas de tigre, almas de bronze,
Mesclando a natureza, affrontão Jove
Imagens de terror ! Medonho grupo !
Abandono o pincel....... tremo de ver-vos !

Mas no meio de um seculo ferrenho,
Em quadra estreita, de infortunios fertil,
Bordada de escarceus, de precipicios,
Nas trevas, neste horror, que o mundo enluta,
Um sorriso de Jove o globo esmalta,
E basta á natureza um seu sorriso.
Varreu-se a escuridão, calou-se o pranto.

Pudibunda, louçã, virginea, pura,
Lá scintilla entre nós, lá surge a aurora.
Da face omnipotente escapa um dia,
Raios, raios de luz nos céus se espalhão,
E no gremio de Lysia, envolto em gloria,
Respira, existe então Miguel Primeiro.
São outros os mortaes, fez pausa o crime.
Astréa foragida á terra volve,
Seu bafejo celeste a purifica.
Que presagio feliz !........ Do berço augusto
As virtudes em torno se apinhão,
E na prole dos reis seus olhos fitão.
A perfidia tremeu, exulta, oh Lysia !
Salve, imagem dos ceus ! Copia do Olympo !
Dia dado aos mortaes, sem par, sem noute,
Marcado ficarás ! Eterno brilhes
Nos fastos de Ulysséa, ou do universo !

Padrão marmoreo, que se altêe ás nuvens,
Erguido pedestal, que insulte os evos,
Levante a Grecia aos vicios, e aos tyrannos :
O colosso dos impios cahe por terra,
E o tempo estragador, fugaz, voluvel,
Monstro vetusto, que destroe penedos,
Arruina, carcome, alisa, apaga
Inscripções, que no bronze insculpe o ferro ;
Não, não é deste modo a Luzitania.
Seus filhos, seus heróes, seus reis são numes ;
Sempre no throno seu refulgem astros.
Quando tem a Miguel, tem mais, tem Jove.
Nome augusto ! Por si basta a si mesmo,
Sem mais adorno ; repettil-o é tudo.
Val mais, que cem padrões, que cem victorias,
Affronta os evos, e reluz na fama.
Miguel do throno excelso é timbre, esmalte,
Seu risonho natal, a historia sua,
Na patria derramou successos novos,
Novos prodigios na assombrada Europa.
Geral conflagração, que a terra abrasa ;
Que escondendo já vae no horror, nas cinzas,
A sempre altiva, luminosa Italia,
O Gallo turbulento, o Belga injusto,

O delirante, frigido Polaco;
Geral conflagração tentou, que audacia!
Na voragem sumir, dar baque horrendo,
As torres, que de Lysia o seio adornão.
Já no incendio, bradou-lhe, ardendo em brio,
Bradou-lhe o genio, que a nação protege,
O PRIMEIRO MIGUEL, de um deus reflexo:
" Onde a chamma romper, se extinga a chamma. "
Disse: e a patria salvou, salvou-lhe o throno.
Oh! Grande rei! dos grandes reis modelo!
" Mortal, que os immortaes sem custo imitas! "
Vive, reina, prospera, brilha, exulta,
Da fama existe no clarim facundo!
Tens Lysia por altar, por templo o mundo.

ANACREONTICA

Vem escutar-me,
Oh! Lilia, vem!
O amor, que eu tenho,
De amor provem.

Nise é formosa,
Marcia tambem:
Tanta belleza
Não me entretem.

Outras contemplo,
Mil graças tem;
Mas eu ás outras
Não quero bem.

Não tens thesouros,
Que dês a alguem;
E até por isto
Te quero bem.

Jove tratou-te
Só com desdem :
Melhor, não deves
Nada a ninguem.

Juntem-se todas,
Tudo me dêm :
Desprezo tudo,
Que as outras têm.

Amor tão puro
Já vio alguem ?
O amor, que eu tenho,
De amor provem.

AO NATALICIO DE D. PEDRO I

HYMNO (*)

Oh ! Pedro invicto,
Flôr de Bragança,
Nossa esperança,
Nossa união !

Livra teu povo
Da escravidão ;
Liberta a patria,
Salva a nação.

De ouvir teu nome
O despotismo
Desce ao abysmo,
Pragueja em vão.

Livra teu povo etc.

Sente, espumando,
Tormento eterno,
Ancias do inferno,
Negra afflicção.

Livra teu povo etc.

Mas ergue a fronte
Doce igualdade,
E a liberdade
Seu pavilhão.

Livra teu povo etc.

Já somos livres,
Somos diversos ;
Tremei, perversos !
Surge a razão.

Livra teu povo etc.

Não soffre insultos
Um povo bravo ;
Quem vive escravo,
Morre em grilhão.

Livra teu povo etc.

Si agrilhoados
Hontem vivemos ;
Já não tememos
Vossa oppressão.

Livra teu povo etc.

Vós só nos destes
Prantos e luctos,
Ferros, tributos,
Destruição.

Livra teu povo etc.

Basta de algemas,
Basta de enganos;
Basta, tyrannos,
De escravidão !

Livra teu povo etc.

Pedro ! abrangendo
Virtudes mil,
Faz do Brazil
Outra nação. (**)

(*) Este hymno foi feito para ser cantado, e effectivamente cantou-se, r occasião do *Te-Deum* mandado celebrar a 12 de Outubro de 1822 pela ınicipalidade do Recife, com grande pompa e muito regosijo publico.

(**) Esta producção não constava da collecção ; foi addicionada, como tras mais, que indicar-se-hão, á esforços da revisão do Sr. Dr. Witruvio.

49

A CREAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER

I

O PRIMEIRO HOMEM

Depois de mil mundos
De immensa grandeza,
Que falta ? Inda resta
A maior empreza.

Silencio !.... Silencio !....
Céus ! ouvidos dai !
Cháos, Eternidade,
Abysmos, pasmai !

Deus em suas mãos
A argilla tomou.
Argilla, o que és tu ?
" O homem já sou. "

Homem, quem seria,
Que assim te formou ?
" Aquelle que os astros,
" E a argilla creou. "

Eis a nossa origem,
O que somos nós.
Plantas, escutai-o ;
Tem vida, tem voz.

Meio barro ainda,
Entrou a agitar-se.
Existe !.... mas como ?
Não sabe explicar-se.

Um suor ligeiro
Então lhe apparece.
Tem vida, elle sente,
Respira, conhece.

Inda mal seguro,
E a custo surgio ;
Um pé vacillante
Na terra imprimio.

Attonito, os olhos
Nos céus embebeu ;
E aos campos e aos montes
Depois os volveu.

Olhando-se então,
Reflecte, imagina ;
Seu ser, o seu todo,
Contempla, examina.

Excita-se, e logo
As forças prepara.
Caminha umas vezes,
Outras vezes pára.

" Quem sou existindo !
" Suspenso bradava :

“ E antes de ter vida,
“ Quem era ? Onde estava ?

“ Meus olhos se abrirão....
“ A luz me cercou......
“ Seres, ensinai-me ;
“ Dizei-me, quem sou ?

“ Quem pôde, dizei-me,
“ Dar ao nada essencia ?
“ Como é, que passei
“ Do nada á existencia ?

“ Ouve, natureza,
“ Escuta este ser,
“ Que achou-se em teu seio,
“ Sem nunca o prever !

“ Eu não me recordo
“ De ter vida outr'ora ;
“ Mas eu estou certo,
“ De que vivo agora.

“ Palpita-me o peito,
“ Oh ! não, não deliro !
“ Não sei dizer como,
“ Mas sei, que respiro.

“ Eu sinto e conheço....
“ Como se fez isto ?
“ Se conheço, penso ;
“ Se penso, eu existo.

“ De que modo pude
“ Pensar e sentir ?
“ Quem foi, que me disse,
“ O que era existir ?

" Palpita-me o peito,
" Oh ! não, não deliro !
" Não sei dizer como,
" Mas sei, que respiro.

" Meus olhos se abrirão
" A luz me cercou.....
" Seres, ensinai-me ;
" Dizei-me onde estou ?

" Da razão a chama,
" Fulgurando, lavra ;
" E ao meu pensamento
" Liga-se a palavra.

" Discorro e alcanço,
" Combino e prevejo ;
" Mil sons articulo,
" Dou nome ao que vejo.

" Mil sons articulo !
" Que prodigio immenso !
" Como póde a lingua
" Dizer o que eu penso ?

" Quero : o meu querer
" Traz-me a liberdade ;
" Como esta depende
" Da minha vontade ?

" Meus olhos se abrirão,
" A luz me cercou....
" Seres, ensinai-me,
" Dizei-me quem sou ?

" Se intento mover-me,
" Basta o meu intento ;

“ Subito da inercia
“ Passo ao movimento.

“ Eu movo-me e logo
“ Desejo parar ;
“ Depressa me sinto
“ Immovel ficar.

“ Oh ! nuvens ! Oh ! Astros !
“ Oh ! Céus ! oh ! fulgores !
“ Oh ! montes ! oh ! rios !
“ Oh ! campos ! oh ! flores !

“ Meus olhos se abrirão,
“ A luz me cercou....
“ Fallai, instrui-me,
“ Dizei-me onde éstou ?

“ Vejo-me abysmado
“ Nas trevas, na luz ;
“ Traz o dia a noite,
“ A noite o conduz.

“ Fallai, arvoredos !
“ Eu nunca vos vi ;
“ Fallai, instrui-me :
“ Quem me trouxe aqui ?

“ Quem póde crear-me ?
“ Respondei-me, quem ?
“ Ninguem me responde,
“ Não ouço ninguem.

“ Busco a minha origem,
“ Indago o meu fim ;
“ Ninguem me responde,
“ Não sei donde vim.

“ Meus olhos se abrirão,
“ A luz me cercou....
“ Seres, ensinai-me ;
“ Dizei-me quem sou ?

“ Prodigios, que eu vejo,
“ Sois vós illusão ?
“ Existis acaso,
“ Ou mente a visão ?

“ Eu fecho meus olhos,
“ Tudo se esvaece :
“ Eu abro-os e logo
“ Tudo me apparece.

“ Fecho-os outra vez,
“ Tenho tudo ausente ;
“ Se de novo os abro,
“ E' tudo presente.

“ Prodigios, que eu vejo,
“ Sois vós illusão ?
“ Existis acaso,
“ Ou mente a visão ?

“ Na escala dos seres
“ Tudo tem seu par.
“ Serei solitario ?
“ Serei singular ?

“ Entes mil povoão
“ A terra e os ares ;
“ Voltejão os peixes
“ Nos seios dos mares.

“ O fulvo leão
“ De garbo se arreia,

" Ao lado da socia,
" Rugindo, campeia.

" A zebra listrada,
" E o gamo velóz,
" Tem seus semelhantes,
" Não existem sós.

" No campo os soffreus (*)
" Canções vão tecendo,
" E as rôlas no bosque
" Respondem gemendo.

" Dous melros gorgeião,
" Dous pombinhos rulão;
" Lá marchão dous tigres,
" Dous cordeiros pulão.

" Suaves accentos,
" E graves ruidos,
" Ligeiros penetrão
" Meus fracos ouvidos.

" As flores de dia
" Matisão os campos;
" De noite os esmaltão
" Subtis pyrilampos.

" Vi todos os seres,
" Não vejo o meu par.
" Serei solitario?
" Serei singular?

" Nem vive nos valles,
" Nem vive nos montes;
" Nos mares não vive,
" Não vive nas fontes.

" Na escala dos entes
" Tudo tem seu par :
" Eu sou solitario,
" Eu sou singular.

" Prodigios, que observo,
" Não sois illusão ;
" Vós sois existentes,
" Não mente a visão.

" Portentos tão grandes
" Quem obra ? Quem faz ?
" Oh ! Causa ! oh ! Principio !
" Quem és !.... Onde estás !.......

" Origem ! Luz ! Força !
" Norma ! Vida ! Ser !
" Ordem ! Graça ! Termo !.......
" Que posso eu dizer ?

" Quem és ?...... Se me animo
" A romper teus véus,
" Na terra te vejo,
" Descubro nos céus.

" Tens a natureza
" Prostrada aos teus pés ;
" Conheço que existes,
" Não sei quem tu és.

" Quem és ?..... " E de novo
Os céus contemplou :
Perdido no espaço,
De assombro parou.

" Quem és ? ... disse ainda "
O Empyreo se abrio,

E a face do Eterno
Clarões espargio.

Humilhai-vos, montes,
Ao summo Adonai !
Tocados de espanto,
Mares, recuai !

Baixou o excelso
Deus forte e fiel ;
Formarão-lhe os Astros
Brilhante docel.

Recebe-o nas azas
Velóz cherubim ;
E vence de um vôo
Espaços sem fim.

Regiões immensas,
De ardentes pharóes,
Com elle atravessa,
Boiando entre sóes.

Do genio a plumagem,
Que enleio produz !
Fuzilão nos ares
As tranças de luz.

O Ser infinito,
No transito seu,
De globos fulgentes
Os ares encheu.

Da face, dos olhos,
Fontes do esplendor,
Cahião-lhe estrellas ;
Tudo era fulgor.

Librado nas pennas
Do genio velóz,
Nos campos do Eden
Soltou sua voz.

Abatei-vos, montes,
Ouvindo Adonai!
Florestas, curvai-vos!
Mares, recuai!

" Os Céus, diz ao homem,
" Do nada criei,
" A terra do nada,
" Do pò te formei.

" Eu sou, do quo existe,
" Primeiro motor :
" Não ha outra origem,
" Nem outro Senhor. "

Disse : de improviso
Foi tudo tremor,
E os ares respondem
" Origem !.... Senhor !.... "

As penhas retumbão :
Que horrivel fragor !
" Origem .... " repetem,
Repetem .... " Senhor !.... "

Do Tartaro as portas
Rangerão de horror :
Bradárão .... " Origem !.... "
Bradárão .... " Senhor !.... "

Soltando estes échos,
Dobrou-se o terror ;

E ainda tres vezes,
" Origem !.... Senhor !.... "

Das trevas o archanjo
No abysmo tremeu ;
E Deus entre os astros
O rosto escondeu.

Os montes escutão
Tudo o que elle diz,
E ondeião, medrosos,
Na vasta raiz.

Abatei-vos, montes,
A' vòz de Adonai !
Florestas, curvai-vos !
Mares, recuai !

Attonito o homem,
Assim que o ouvio,
Co'a face por terra
Submisso cahio.

Reflecte em silencio
Na vós do Immortal,
E adora dos seres
O ponto vital

Montes, abatei-vos
Ao Summo Adonai !
E' tudo obra d'elle ;
Mares, recuai !

II

A PRIMEIRA MULHER

Não acha o homem
Seu par no mundo ;
Traz-lhe o desgosto
Somno profundo.

Deus, que o penetra,
Triste o não quer ;
E, do homem, fórma
Logo a mulher.

Já se arredonda
Celeste rosto....
Que alto desenho !
Novo composto !

Mimos e graças,
Do Céu resumo,
Pulão ao toque
Do Dedo summo.

Que maravilha
Da Mão suprema !
E eis a primeira
Belleza extrema !

Quantos prodigios !
Mas que importava ?
Tudo sem vida,
Sem cor estava.

Então o sangue
Se revolvendo,
No peito, em ondas,
Corre, fervendo.

Ao forte impulso,
O coração
Recebe e soffre
Grave impressão.

Já se comprime,
Pasmoso effeito !
Já se dilata
Dentro do peito.

Fraco ao principio,
Lento palpita,
Depois mais forte
Bate e se agita.

Do sangue ao gyro
Surge o vigor;
Tudo tem vida,
Tudo tem cor.

O corpo treme,
Ligeiramente.

E, pouco a pouco,
Se anima e sente.

Ligeiros n'alma,
Quantos portentos !
Fervem e pulão
Os pensamentos.

Logo os cabellos
Se desenleião,
Negros se tornão,
Crespos ondeião :

Cobrem avaros
A neve pura
Do peito, aonde
Vive a ternura.

Longos, espessos,
Brilhando, avultão ;
E as outras fórmas
Assim occultão.

Brunida testa
Vai branquejando,
E as sobrancelhas
Negras ficando.

O azul suave,
Que os Céus ornou,
Nos meigos olhos
Vivo brilhou.

A claridade
Veio feril-os,
Ella fechou-os
Mal pôde abril-os.

Faces de neve
Se avermelhárão
Rosas purpureas
Então ficárão.

Então os labios,
Calor tomando,
Rubis ardentes
Se vão tornando.

Sustem altivo
Belleza tanta
Collo de jaspe,
Que a vista encanta.

Intactas ficão
Mil outras graças ;
Basta, paremos,
Tintas escassas !

Jamais profane
Sombra grosseira
Castas delicias
Da mãe primeira.

Longe, bem longe,
Lasciva cor
Da obra prima
Do Creador.

Sublime esforço
Das mãos de Deus !
Manchão-te os mimos
Os pinceis meus.

Homem, desperta
Do somno amargo ;

Recobra as forças,
Deixa o lethargo !

Ah ! porque dormes ?....
Tibio, desperta !
Extende os braços,
A esposa aperta.

Ah ! porque dormes ?....
Ei-la ao teu lado:
Elle abre os olhos,
Como asombrado.

Subito a encontra,
Cheia de vida,
Sobre a viçosa
Relva florida.

Julga verdade...
Julga illusão ...
Timido, incerto,
Lhe extende a mão.

A face, o peito,
Brando palpou :
Ella existia,
Não se enganou.

Então absorto,
Sem movimento,
Na esposa engolpha
Seu pensamento.

Na que é de graças
Vivo modélo,
Vio outro elle ;
Porém mais bello.

Contempla as faces,
Meigo suspira ;
Attende aos labios,
Quasi delira.

Olhos..... cabellos....
Nada perdôa :
Co'a idéa errante
Ligeiro vôa.

Cheio de assombro,
Tudo regista ;
Não sabe aonde
Repouse a vista.

Com taes encantos,
Tal perfeição,
De gosto arfava
Seu coração.

Reflecte ainda,
Suspiros solta ;
Vai-se um instante,
Rapido volta.

Seu par formoso
Tornando a ver,
De vêl-o sente
Novo prazer.

Jamais o pejo
Seu rosto opprime,
Pois que a vergonha
Nasceu do crime.

Era de graça,
De luz ornado.

Quem tem remorso,
Sem ter peccado !

Simpleza é todo,
Todo é candura ;
Não é mais virgem
A flor mais pura.

Não era a culpa
Contra o pudor ;
Era a innocencia,
Sentindo amor.

Não o delicto
Junto á belleza,
Tu, sympathia !
Tu, natureza !

Vio-a, e amou-a ;
Deu ternos ais :
Sabe só isto,
Não sabe mais.

" Já solitario,
" Diz-lhe, eu não vivo ;
" Tu me pertences,
" Doce attractivo ! "

Os frouxos lumes,
Eis que o ouvio ;
Fitou no esposo,
Terna sorrio.

Co'a vóz a idéa
Procura unir,
E ella forceja
Por se exprimir.

Logo os seus labios
Vão murmurando
Um tom macio,
Confuso e brando.

Quando de todo
Desprende a falla,
Grato perfume
De dentro exhala.

" Se te pertenço,
" Tambem és meu "
Disse, Elle torna :
" Sim, eu sou teu.

" Não nos separe
" Momento algum ;
" De dois, que somos,
" Sejamos um. " (**)

NOTAS DO AUTOR

Um Brazileiro, assás illustre por sua carreira litteraria e politica, deu-nos — A creação da Mulher — que o Parnaso Lusitano transcreveu immediatamente.

Respeito os vastissimos conhecimentos daquelle grande homem, porém devo ser ingenuo. Pareceu-me, que faltava á creação do mais bello de todos os entes aquella sublimidade de origem, que verdadeiramente lhe convinha.

Segundo o pensamento do autor, a mulher foi formada por *Jove,* e era uma copia de *Venus* :

Forma então *Jove*
Nova creatura,
De *Venus* bella
Fiel pintura.

E pouco depois :

Os *Cupidinhos*
Dos verdes olhos
Duros despedem
Settas a molhos.

As idéas da verdadeira religião na creação do mundo, bem como em tudo o mais, estão acima das extravagancias mythologicas. Nenhuma cousa pôde excitar e aquecer a imaginação do homem, como a Biblia, quando nos descreve em sua simplicidade a creação dos seres.

O que sobreleva a mãi do genero humano é, que ella não tivesse exemplar ; que fosse a primeira do seu sexo e modelo de todas as outras ; e que dos campos da creação, cheia dos atavios e dos encantos naturaes, se erguesse tão virgem, como a flor, não das mãos de *Jove*, porèm das mãos fecundas e omnipotentes do Archetypo supremo, que acabava com o seu aceno de povoar os céus de globos ; e que tirando o homem dos abysmos do nada, o aviventou com o seu halito.

O apurado gosto dos modernos, ainda mesmo em producções de mui diverso genero, tem banido o maravilhoso mythologico. Lord Byron, sir Walter Scott, Lamartine, Costa e Silva, Almeida Garret e Castilho lhes tem substituido, mui destra e felizmente, as crenças populares ; e a recova dos *Joves* e das *Veuus* vai tornando ao seu nada.

Disso o que pensei, porque a gloria do grande homem do Brasil não precisa dessa ninharia poetica. Seu nome vai todo inteiro a posteridade por titulos e monumèntos, que se não podem destruir.

Em verdade aquelle pequenino poema tem alguns pensamentos bellos, e a graça e concisão, com que o autor o teceu em versos semilyricos, valem alguma cousa.

Conservei a mesma metrificação, porque talvez agrade um assumpto desenvolvido por diversas pessoas, debaixo das leis e restricções do mesmo metro.

E' quanto me cumpre reflexionar sobre a primeira mulher.

Nada direi sobre o primeiro homem.

(*) O soffreu é um lindo passaro, vestido de um preto lustrosissimo, de um amarello muito aceso, e com as azas matisadas de branco. Eu o tenho visto em Pajehu de Flores, exprimindo em seu canto a palavra *soffreu*, da qual se lhe temdado o nome.

(**) ...... *Et erunt duo in carne una.* — GENES. CAP. II v. XXIV.

A CONCEIÇÃO DE MARIA SANTISSIMA

HYMNO

Non accedet ad te malum : et flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.

Ps.

Il cielo, la terra,
Non ha creatura
Piú santa, piú pura,
Piú bella di te.

LAGON.

Oh ! prole misera
Do triste Adão,
Lá surje a tetrica
Serpente audaz !
De crimes horridos,
Crimes sacrilegos,
Só se compraz.
Oh ! prole misera !
Perdeste a paz !

Silvos terrificos,
Bramidos deu:
Virgem sem macula,
Mãi singular,
Logo phrenetico,
De raiva tremulo,
Quiz assaltar:
Na cauda erguendo-se,
Lançou-se ao ar.

Porém a intrepida
Mulher feliz,
Co'a salutifera
Planta fiel,
Do monstro esqualido
Opprime a cerula
Fronte cruel.
Mas elle em colera
E' todo fel.

Prêso, torcendo-se,
Já sem poder,
Arfa e revolve-se
Cheio de dor.
Nos laços perfidos,
Nos anneis fulgidos,
Mostra o furor:
Arqueja, enrosca-se,
Todo em tremor.

A cauda solta-se,
E açoita o ar;
Depois abate-se,
Varrendo o chão.
Os olhos rabidos
Vibrão relampagos,
Em braza estão.
Sibilos ouvem-se,
Porém em vão.

O pé santissimo
Prêso o contém,
Zombando impavido
Do monstro vil.
Já nas abobadas,
Ethereas, lucidas,
Côro gentil
Entoa lepido
Canticos mil.

" Victoria !....." Exclàma-se,
E logo o céu
As portas nitidas
Escancarou.
" Victoria !....." Extende-se
Da terra aos angulos :
Tudo exultou.
" Victoria ! ..." O barathro
Se aferrolhou.

" Oh ! Prole misera !
" Folga e sorri !
A turba angelica,
Prosegue então.
" O rosto pallido,
" Os olhos timidos,
" Ergue, oh ! Adão !
" Oh ! Prole misera !
" Oh ! Conceição !

" Oh ! Virgem inclyta !
Continuou.
" Oh ! luz benefica,
" Que o céu nos dá !
" Frondoso plantano !
" Çarça flammigera,
" Que illesa está !
" Lirio tão candido,
" Que outro não ha !

" Rosa odorifera
" De Jericó!
" Raro deposito,
" Que guarda a lei!
" Aurora rubida,
" Guia solicita
" Da nova grei!
" Oh! Tabernaculo
" Do grande rei!

" O crime turbido
" Não te manchou:
" Tu és purissima,
" E's singular.
" Os céus esgotão-se,
" E Deus estanca-se
" Em te formar.
" Prodigio unico!
" Tu não tens par!

" O grande Archétypo,
" Summo Adonai,
" Os diques validos
" Por ti rompeu.
" Nas mãos riquissimas
" Os dons faltarão-lhe,
" Tudo te deu. "
A turba angelica
Emmudeceu.

SANTIFICAÇÃO DA QUARESMA

Peccador, é tempo agora
De contrição de temor :
Busca a Deus, despreza o mundo,
Ah ! não tardes, peccador.

Estás n'um tempo, que é santo ;
Ao delicto tem horror :
Ao menos nesta quaresma
Não sejas tão peccador.

Vás de peccado em peccado,
Sempre d'horror em horror ;
Acorda, infeliz, que é tempo,
Não tardes mais, peccador.

Passão mezes, passão annos,
Não buscas o teu Senhor ;
Um dia leva outro dia,
Assim morres, peccador.

A's vezes te corre o pranto,
Outras vezes não tens dor:
Que triste contradicção!
Que inconstancia, peccador!

Desejas arrepender-te,
Porém falta-te o valor:
Deus te chama, quer-te o mundo....
Que farás, oh! peccador!

Quando o mundo te disser,
Que é teu, que te tem amor;
Não o ouças, não o creias,
Foge delle, peccador.

O mundo é teu inimigo,
Jesus é teu salvador;
Não sirvas a quem te perde,
Serve a Jesus, peccador.

O jejum, a penitencia,
As chagas do Redemptor,
Sejão todo o teu refugio,
Teu abrigo, oh! peccador!

Põe termo a tantos delictos,
Teme o raio vingador;
Exclama, suspira, geme,
Pede, brada, oh! peccador!

Se ao céu ergueres teus olhos,
Cheios de emenda e de dor,
Acharás misericordia,
No teu Pai, no teu Senhor.

OFFICIO DO SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS

MATINAS

Abramos os labios
Com divina luz,
Louvêmos os Passos
De Christo Jesus.

Sede em meu favor,
Bom Jesus dos Passos;
Livrai-nos de todos
Os máos embaraços,

Para que tenhamos,
O grande tropheo,
De apos vossos Passos
Entrarmos no céu.

Gloria seja ao Padre,
E ao Filho tambem,
E Espirito Santo,
Para sempre. Amen.

HYMNO

Deus vos salve, excelso
Filho de David,
No Passo do horto
De Gethesemani.

Nestes tristes Passos
Começou Jesus
A obra, que vai
Consummar na cruz.

Para nosso bem,
Cheio de afflicção,
Fazia a Deus Padre,
Fervente oração.

Para nos salvar,
Bem se compromette,
Entre as agonias
Do monte Olivete.

Prompto o seu espirito,
E sempre constante,
Sua carne enferma
Quasi agonisante.

Por nós derramou
Em grande effusão,
Seu sangue coado
Em transpiração.

Pelo vosso sangue,
Vertido no horto,
Dai a nossas almas,
Da graça o conforto.

Ouvi, bom Jesus,
Minha oração,
Pelos tristes passos
Da vossa paixão.

ORAÇÃO

Piedoso Jesus, Filho de Deus vivo, concedei-nos propicia contrição, perdão dos nossos peccados, e graça final, para gozarmos os preciosos fructos dos dolorosos Passos da vossa paixão sagrada, vivendo comvosco na eterna gloria, por todos os seculos dos seculos. Amen.

PRIMA

Sede em meu favor,
Bom Jesus dos Passos, etc.

HYMNO

Deus vos salve, ó Filho
Do Deus de Abrahão,
No nocturno Passo
Da vossa paixão.

Divino José
Tão esclarecido,
Por vossos irmãos,
Captivo e vendido,

Sois templo animado,
Sois arca de Deus,
Entregue por odio
Dos máus Philisteus.

David sacrosanto,
Entregue aos abalos
Das mãos dos seus mesmos
Rebeldes vassallos.

Affrontoso golpe
Por todos foi visto,
Darem por desprezo
Na face de Christo.

Porque não seccastes,
Sacrilega mão,
Como succedeu
A Jeraboão.

Prendei a minha alma
Sempre ao vosso lado,
Para não cahir
Jamaïs em peccado.

Ouvi, bom Jesus,
Minha oração,
Pelos tristes Passos
Da vossa paixão.

ORAÇÃO

Piedoso Jesus, Filho de Deus vivo, etc.

TERÇA

Sede em meu favor,
Bom Jesus dos Passos, etc.

HYMNO

Deus vos salve, Autor,
Dos dias e noites,
No tremendo Passo
Dos crueis açoites.

Nesse horrivel Passo
Mandão que se puna
A Christo innocente,
Atado a columna.

Os crueis verdugos
De Jesus raivosos
Lhe derão açoites,
Os mais rigorosos.

Não são mais ferozes
Crueis leopardos,
Do que forão esses
Algozes malvados.

Quiz manso o Cordeiro
Soffrer muitas dores
Por tantos cutelos
Dos seus matadores.

Do sagrado Corpo,
Todo já exangue,
Por tantas feridas,
Gottejou seu sangue.

Pela penitencia
Minha alma se una
Comvosco no Passo
Da forte columna.

Ouvi, bom Jesus,
Minha oração,
Pelos tristes Passos
Da vossa paixão.

ORAÇÃO

Piedoso Jesus, Filho de Deus Vivo etc.

SEXTA

Sede em meu favor,
Bom Jesus dos Passos etc.

HYMNO

Deus vos salve, ò rei,
Entre desalinhos,
No amargo Passo
Da corôa d'espinhos!

Assim, nesse Passo,
Jesus Soberano
Foi feito o opprobio
Do genero humano.

Tolerou constante
O mais doloroso
Deliquio mortal,
Martyrio penoso !

Cerrados seus olhos,
De dôr opprimidos,
Banhados em sangue,
Quasi amortecidos.

Sois nosso divino,
Grande Salomão,
Mesmo nos ultrajes
Da coroação.

Cubrão-se de pejo
Os nossos semblantes,
Pelas nossas culpas
A Deus aggravantes.

Pela gravidade
Dos vossos tormentos,
Apartai de nós
Os máos pensamentos.

Ouvi, bom Jesus,
Minha oração,
Pelos tristes Passos
Da vossa paixão.

ORAÇÃO

Piedoso Jesus, Filho de Deus Vivo, etc.

NÔA

Sede em meu favor,
Bom Jesus dos Passos, etc.

HYMNO

Deus vos salve, oh Christo,
A todos notorio.
No tyranno Passo
Do falso pretorio,

Perguntou Pilatos
Ao povo fallaz,
Qual querião vivo,
Christo ou Barrabás ?

O povo insensato,
Tão maledicente,
Condemnou ao filho
Do Omnipotente.

Todos o desprezão,
Com más expressões,
Como um objecto
De mil maldições.

Novo Mardocheo,
Sem culpa, nem vicio,

Condemnado á morte,
De fero supplicio ;

Ferido e chagado,
Dos pés á cabeça,
Ainda querem que
Seu tormento cresça.

Por essas palavras
“ Eis aqui o homem ”
Livrai-nos dos males
Que aos povos consomem.

Ouvi, bom Jesus,
Minha oração,
Pelos tristes Passos
Da vossa paixão,

ORAÇÃO

Piedoso Jesus, Filho de Deus vivo, etc.

VESPERAS

Sede em meu favor,
Bom Jesus dos Passos, etc.

HYMNO

Deus vos salve, ó Justo,
Com culpas impostas,
No penoso Passo
Da cruz sobre as costas.

Se as portas de Gaza
Carregou Sansão,
Christo leva a cruz
Para a redempção.

Novo Eliacim
Ensanguentado,
Carregando a chave
De David, sagrado ;

Verdadeiro Isaac
Para nós propicio,
Carregando o lenho,
Do seu sacrificio ;

Vai todo em silencio
O homem de dores,
Qual ovelha entre
Os tosquiadores.

Tão desfallecido,
Triste passos dá
O victorioso
Leão de Judá.

Qualquer de nós outros
Tome a sua cruz ;
Sigamos os Passos
De Christo Jesus.

Ouvi, bom Jusus,
Minha oração,
Pelos tristes Passos.
Da vossa paixão.

ORAÇÃO

Piedoso Jesus, Filho de Deus Vivo, etc.

COMPLETAS

Converta-nos Deus,
Da ira aplacado,

Pelos tristes Passos
De seu filho amado.

Sede em meu favor,
Bom Jesus dos Passos, etc.

HYMNO

Deus vos salve, ó Verbo
Divino encarnado,
No ultimo Passo
Já crucificado.

Pela luz da fé
Contemplai e vede
O justo Ismael
Morrendo de sêde.

Divino Moysés,
Com secoura e magoa,
Que fez borbulhar
Dos penedos agoa.

Com voz moribunda,
Quasi intercadente,
Pelos inimigos
Ora geralmente.

Dos seus tristes Passos
Consummou o gyro,
Na cruz exhalando
O final suspiro.

Eu fui que dei a morte,
Por minha maldade,
Ao filho de Deus,
Com impiedade.

Deste Abel o sangue
Pede com clamores
Só misericordia
Para os peccadores.

Ouvi, bom Jesus,
Minha oração,
Pelos tristes Passos
Da vossa Paixão.

ORAÇÃO

Piedoso Jesus, Filho de Deus Vivo, etc.

OFFERECIMENTO

Nós vos offerecemos
Como um sacrificio,
Meu Jesus dos Passos,
Este vosso officio ;

Para que por vós,
Jesus, summo bem,
Demos sempre Passos
Para a gloria. Amen.

——

CANTICO FINAL

CÔRO

Oh ! Céus, dilatai
Os amplos espaços !
Poderes celestes,
Celebrai os Passos.

VERSOS

Oh ! Fonte de graças !
Oh ! Fonte de luz !
A' montanha excelsa
Levaste a cruz.

O inferno tremeu,
Rugio Satanaz
Ao ver sobre o monte
O iris da paz.

Ergueu-se nos ares
O illustre estandarte ;
Em raios de graça
E luz se reparte.

Oh ! filhos do crime,
Calai e gemei.
Anjos ! adorai-o.
Abysmos ! tremei.

Ao Moria empinado
Isaac subio :
No excelso calvario
Jesus nos remio.

Fechaste os infernos,
Tu abriste o céu,
Oh ! arvore santa !
Oh ! cruz ! oh ! tropheo !

O homem primeiro
Trouxe a perdição ;
Salvou-nos, remio-nos
O segundo Adão.

Seus Passos nos derão
No mundo outra sorte :
O crime espantou-se,
Espantou-se a morte.

As portas de Gaza
Sansão arrancou ;
Jesus as do abysmo
Por terra lançou.

Oh ! pasmem os céus
De tanta victoria !
Seus Passos nos levem
Ao cume da gloria.

———

AO SANTISSIMO SACRAMENTO

Oh ! Deus escondido
Na hostia, onde estais,
Ouvi nossas vozes :
Bemdito sejas.

Bemdito sejais,
Jesus, meu amor ;
Meu Paí, meu Senhor,
Bemdito sejais.

Nesse Sacramento,
Senhor, nos mostrais
Finezas de amante :
Bemdito sejais.

Com a vossa carne
Sustento nos dais,
Jesus, que doçura !
Bemdito sejais.

Sacro pelicano,
Que os filhos creais
Com o sangue do lado,
Bemdito sejais.

Sendo Omnipotente,
Dar não podeis mais;
Pois a vós nos déstes:
Bemdito sejais.

Em pão disfarçado
Por amor ficais:
A tanto chegastes!
Bemdito sejais.

Tão grandes excessos
Pagão os mortais
Com novas offensas:
Bemdito sejais.

Dentro em nossos peitos
Tanto nos amais,
Qu'inda a morar vindes:
Bemdito sejais.

Ah! se é gosto vosso,
Se tanto vos dignais,
Entrai, meu Jesus:
Bemdito sejais.

Sacramento augusto,
Que em nós habitais,
Terra e céus vos louvem:
Bemdito sejais.

Tres vezes aos anjos
Santo ouvindo estais,

De nós ouvireis :
Bemdito sejais.

Sim, vinde agora
Tambem, oh mortais,
Vosso Deus vos ouça :
Bemdito sejais.

Com vozes de amor,
Senhor, nos chamais ;
Quereis bem fazer-nos :
Bemdito sejais.

Com vozes de amor
Vós nos encantais ;
Iremos a vós :
Bemdito sejais.

Exposto e occulto
Nesse throno estais ;
Roubar-nos quereis :
Bemdito sejais.

Com bello disfarce
Roubar intentais
Nossos corações :
Bemdito sejais.

Protesto, Senhor,
Deixar-vos já mais,
A vós só amar :
Bemdito sejais.

Quem não ha de amar-vos
Dos baixos mortais,
Se assim sois amavel ?
Bemdito sejais.

Eu morro de amor.
Meu Deus, que esperais ?
Vinde a este peito :
Bemdito sejais.

Amor de minha alma,
Já não posso mais ;
De veras vos digo :
Bemdito sejais.

Minha alma desfeita
Em deliquios tais,
Só sabe dizer-vos :
Bemdito sejais.

Mudo gostarei
Do pão, que me dais ;
Oh quanto é suave !
Bemdito sejais.

Corpo do meu Deus,
Que me sustentais,
Como sois suave !
Bemdito sejais.

Senhor, não mereço
De vós prendas tais ;
Confuso me humilho :
Bemdito sejais.

Se a vós recebi,
Que espero eu mais ?
Nada já me falta :
Bemdito sejais.

Depois que pequei
Assim me tratais,

Que hei de eu dizer?
Bemdito sejais.

Oh Bondade summa!
Muito vos dignais!
Oh Verbo humanado!
Bemdito sejais.

Que não possa eu
Por favores tais,
Por vós dar a vida!
Bemdito sejais.

Meus pequenos cultos,
Pois que os aceitais,
Valhão, porque sempre
Bemdito sejais.

Do quanto vos amo,
São fracos signais;
Muito mais desejo,
Bemdito sejais.

Monarcha do mundo,
Tudo dominais,
Tudo mereceis:
Bemdito sejais.

Deus grande e supremo,
Além vos alçais
De todo o creado:
Bemdito sejais.

Desse Sacramento,
Meu Deus, onde estais,
Ouvi nossos rogos:
Bemdito sejais.

Ah ! se sois meu pai,
Se bem me quereis,
De minha desgraça
Sentir-vos deveis.

Minha frialdade,
Minha tibieza,
Vos deve causar
Penosa tristeza.

Detende, por tanto,
A vossa vingança ;
Dai-me do perdão
Certa confiança.

Suspendei um pouco
O vosso furor ;
Mostrai-vos commigo
Deus todo de amor.

Confesso que tenho
Mil vezes peccado ;
Confesso, Senhor,
Vos tenho ultrajado.

Confesso, que ha muito
No inferno habitára,
Se vossa bondade
Me não perdoára.

Prosegui, vos peço,
Na vossa clemencia ;
Pois que me arrependo,
Consiga indulgencia.

Vosso terno peito
E' minha esperança ;

Espero ser firme
Na minha mudança.

Qu'amor ! que ternura !
Senhor, me escutai ;
Ah ! sinto, meu Deus,
O quanto me amais.

Quanto é favoravel
A vossa sentença.
Ide em paz, dizeis,
Perdôo-te a offensa.

Quanto ser amado,
Senhor, mereceis !
Já e para sempre
De mim o sereis.

Sois todo o meu bem,
Somente a vós amo ;
Por vós só me inquieto,
Por vós só me inflammo.

Meu amor é pouco
Para vos amar ;
Mas esse qual é
Queirais aceitar.

Ficai-vos embora
Vãos divertimentos ;
Conheço já todos
Vossos fingimentos.

Até este dia
Vós me seduzistes :
Eu hei de afogar-vos
Em lagrimas tristes.

Minha dita toda
Será nunca ter-vos ;
Onde quer que esteja,
Hei de aborrecer-vos.

Bandeira de guerra
Contra vós levanto ;
Inimigos sois,
Traidor vosso encanto.

Com frivolos gostos,
De volta nos dais
Peste, morte, penas,
Fogos eternaes.

Riquezas da terra,
Ficai-vos tambem ;
Nada de brilhante
Vosso brilho tem.

Sois lôdo, sois pó,
Vento, cinza e nada :
Quem em vós confia
Espere a pancada.

Em vez de alegria,
Dais mil amarguras ;
Só em dál-a sois
Riquezas seguras.

Deixai-me, deixai-me
Viver em socego :
Já de meus desvelos
Não sereis emprego.

Fatais creaturas,
Sahi de meu peito :

Jamais ao diante
Vos será sujeito.

Que duras que são
As vossas cadeias!
Quanto são pesadas,
E de enfado cheias.

Mas eu quebrarei
Tão crueis prisões:
Livrar-me-ha Deus
De taes afflicções.

Peccado tyranno,
Barbaro traidor,
Sabe que jamais
Terás meu amor.

Foge de mim, foge,
Vai para os infernos;
Vai soffrer ahi
Tormentos eternos.

Desgraçado tempo
Em que te servi;
Maldito peccado
Vai-te d'aqui.

Não sou, não serei
Jamais teu captivo;
Quebrei para sempre
Teu jugo afflictivo.

Mundo enganador,
Que tens tu commigo?
Não quero, não quero
Contractos comtigo.

Tua pompa fujo,
Teus falsos dictames;
De ti fugirei,
Por mais que me chames.

Fica-te, impostor,
Eu corro á meu Deus ;
Que só elle póde
Dar-me paz nos céus.

OFFICIO DAS SETE DORES DE MARIA SANTISSIMA

Em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo.

Abrireis meus labios,
Eterno Senhor;
Dirá minha bocca
O vosso louvor.

Em meu adjutorio,
Oh Deus, applicai-vos;
Para soccorrer-me,
Senhor, apressai-vos.

Gloria ao Padre e ao Filho,
E ao Santo Espirito,
Que são tres pessoas,
E um só Deus infinito.

Como no principio,
Agora tambem,
Por todos os seculos
Dos seculos. Amen.

MATINAS

INVITATORIO

A Mãe Dolorosa,
Vinde, adoremos;
Pois della alcançamos
Todo o bem, que temos.

HYMNO

Salve, Mãe de Deus,
Entre espinhos rosa,
Myrrha de afflicções,
Virgem Dolorosa.

A lei de Moysés
Vós vos sujeitastes;
Sendo sempre pura,
Vos purificastes.

Levastes a Christo,
Nossa vida e bem,
Ao templo sagrado
De Jerusalém.

Logo o sacerdote,
Velho Simeão,
O toma em seus braços
Na apresentação.

E dizendo em summa
Quanto elle seria,
Disse, que uma espada
Vos traspassaria.

Forão taes palavras
A primeira espáda,
Que com dor vehemente
Vos pôz traspassada.

Na morte do Filho
Vós considerando,
Por quem morreria,
Como, aonde e quando.

Fazei, que a Deus puros
Nos apresentemos,
E que em vossas dores
Vos acompanhemos.

Pura Mãi de Deus,
Mãi dos peccadores,
Valei-nos, Maria,
Pelas vossas dores.

A minha oração
Attendei, Senhor;
A vós chegue presto
Este meu clamor.

Pedimo-vos, Senhor, que agora e na hora da nossa morte diante da vossa clemencia, interceda por nós a gloriosa Virgem Maria, vossa bemaventurada Mãe, cuja alma sacratissima na hora da vossa paixão traspassou uma espada de dôr. Por vós, Senhor meu, Jesus Christo, Salvador do Mundo, que com o Padre e Espirito Santo viveis e reinais para sempre. Amen.

LAUDES

Em meu adjutorio,
Oh Deus, applicai-vos;
Para soccorrer-me,
Senhor, apressai-vos.

Gloria ao Padre e ao Filho,
E ao Santo Espirito,
Que são tres pessoas,
E um sò Deus infinito.

HYMNO

Anjos do Senhor,
Nossos defensores,
Louvai a Maria
Pelas suas dores.

Patriarchas santos,
Prophetas, doutores,
Louvai a Maria
Pelas suas dores.

Apostolos firmes,
Sabios confessores,
Louvai a Maria
Pelas suas dores.

Martyres constantes,
Fortes, vencedores,
Louvai a Maria
Pelas suas dores.

Pios sacerdotes,
Reis, imperadores,
Louvai a Maria
Pelas suas dores.

Santos penitentes,
Monges soffredores,
Louvai a Maria
Pelas suas dores.

Vós, contemplativos,
Justos zeladores,
Louvai a Maria
Pelas suas dores.

Santos innocentes,
Padres fundadores,
Louvai a Maria
Pelas suas dores.

Virgens continentes,
Doutos pregadores,
Louvai a Maria
Pelas suas dores.

Almas gloriosas,
Homens viadores,
Louvai a Maria
Pelas suas dores.

Dos céus, mar e terra
Os habitadores,
Louvai a Maria
Pelas suas dores.

Pura Mãi de Deus,
Mãi dos peccadores,
Valei-nos, Maria,
Pelas vossas dores.

A minha oração
Attendei, Senhor;
A vós chegue presto
Este meu clamor.

CANTICO

BENEDICTUS

Bemdita Maria,
Virgem Mãi fiel
Do excelso Senhor,
E Deus de Israel.

Pois nella e por ella
Deus nos visitou,
E a sua plebe
Remio e salvou,

Elle a salvação
Nos tem levantado
Na casa do illustre
David, seu criado.

Como assim fallou
Por boccas discretas
Dos seus fieis nuncios,
Os santos prophetas.

Nós ficamos salvos
Desses inimigos,
Que odiosos procurão
Os nossos perigos.

Para os nossos pais
Piedoso mostrou-se ;
Do seu testamento
Benigno lembrou-se.

Este juramento,
Que a Abrahão promettia,
Que elle mesmo todo
A nós se daria.

Porque sem temor,
Livres de inimigos,
A Elle sirvamos,
Tendo os seus abrigos.

Nos santos, nos justos,
Com santas porfiás,
Em sua presença
Todos nossos dias.

E vós, Virgem santa,
Sempre sois chamada
Do Altissimo Mãi
Bemaventurada.

A nós a sciencia
Dais da salvação,
Dos nossos peccados
Para a remissão.

Pelas entranhas,
E estas de ternura,
Em que Deus gerastes,
Virgem sempre pura.

Vós alumiais,
Estrella do Norte,
Aos que estão nas trevas,
E sombras da morte.

Para dirigir-nos,
Com guia efficaz,
Ao certo e seguro
Caminho da paz.

Pura Mãi de Deus,
Mãi dos peccadores,

Valei-nos, Maria,
Pelas vossas dores.

A minha oração
Attendei, Senhor ;
A vós chegue presto
Este meu clamor.

OREMOS

Pedimo-vos, Senhor, que agora, etc.

PRIMA

Em meu adjutorio,
Oh Deus, applicai-vos ;
Para soccorrer-me,
Senhor, apressai-vos.

Gloria ao Padre e ao Filho,
E ao Santo Espirito,
Que são tres pessoas,
E um só Deus infinito.

HYMNO

Salve, fonte viva,
Honra de Israel,
Véu cheio de orvalho,
Afflicta Rachel.

Com vosso Jesus,
Senhor soberano,
Fugistes das furias
De Herodes tyranno.

Para que matasse
Ao Deus rei das gentes,
Ordena que morrão
Tenros innocentes.

Dos peitos maternos
Por força arrancados,
Mimosos filhinhos
São dilacerados.

Não são tão crueis
Lobos carniceiros,
Quando despedação
Os mansos cordeiros.

Que dôr não tivestes
Desta crueldade,
Que matou a tantos
Em tão tenra idade ?

Permitti, Senhora,
Pois a vós clamamos,
Do infernal dragão
Comvosco fujamos.

Já que por Jesus
Morrem innocentes,
Por Jesus morramos
Nós os delinquentes.

Pura Mãi de Deus,
Mãi dos peccadores,
Valei-nos, Maria,
Pelas vossas dores.

A minha oração
Attendei, Senhor ;

A vós chegue presto
Este meu clamor.

OREMOS

Pedimo-vos, Senhor, que agora, etc.

TERCIA

Em meu adjutorio,
Oh Deus, applicai-vos ;
Para soccorrer-me,
Senhor, apressai-vos.

Gloria ao Padre e ao Filho,
E ao Santo Espirito,
Que são tres pessoas,
E um só Deus infinito.

HYMNO

Salve, Virgem pura,
Pomba saudosa,
Lirio entristecido,
Vide lacrimosa.

Acabada a festa
Da Paschoa annual,
A Jesus perdestes.
Oh que dor fatal !

Por beccos e ruas
Vós o procurastes,
E por elle afflicta
Assim perguntastes :

Respondei-me, filhas
De Jerusalém,
Qu'é do meu Jesus,
Meu filho, meu bem!

Vistes ao amado?
Vistes a Jesus,
Vida da minha alma,
Dos meus olhos luz?

Elle é escolhido
De todos do mundo,
Candido, formoso,
Bello e rubicundo.

Se quando peccamos,
A Jesus perdemos,
Permitti, que afflictos
Com dor o busquemos.

Pura Mãi de Deus,
Mãi dos peccadores,
Valei-nos, Maria
Pelas vossas dores.

A minha oração
Attendei, Senhor;
A vós chegue prèsto
Este meu clamor.

ORAÇÃO

Pedimo-vos, Senhor, que agora, etc.

SEXTA

Em meu adjutorio,
Oh Deus, applicai-vos;

Para soccorrer-me,
Senhor, apressai-vos.

Gloria ao Padre e ao Filho,
E ao Santo Espirito,
Que são tres pessoas,
E um só Deus infinito.

HYMNO

Salve, veloz nuvem,
Incenso abrasado,
Lacrimante aurora,
Oleo derramado !

Que magoa, que dor
De ver a Jesus,
Todo enfraquecido,
Carregando a cruz !

Innocente Isaac
Sem culpa, sem vicio,
O lenho carrega
Para o sacrificio.

Querieis fallar-lhe,
Ficastes pasmada ;
Entre mil soluços
A voz suffocada.

Qual ovelha vendo
Ao filho ferido,
Lambe, limpa o sangue
Do filho querido.

Tal vós desejastes
Ao filho abraçar,

E em vós todo o sangue
Do filho alimpar.

Permitti, Senhora,
Sentir magoados
Tão crueis effeitos
Dos nossos peccados.

Pura Mãi de Deus,
Mãi dos peccadores,
Valei-nos, Senhora,
Pelas vossas dores.

A minha oração
Attendei, Senhor;
A vós chegue presto
Este meu clamor.

ORAÇÃO

Pedimo-vos, Senhor, que agora, etc.

NÔA

Em meu adjutorio,
Oh Deus, applicai-vos;
Para soccorrer-me,
Senhor, apressai-vos.

Gloria ao Padre e ao Filho,
E ao Santo Espirito,
Que são tres pessoas,
E um só Deus infinito.

HYMNO

Salve, cinamomo
Brando derretido,

Orvalhada concha,
Balsamo espremido.

Já nú e despido,
Em a cruz pregado,
C'roado de espinhos,
Ferido e chagado;

Jesus piedoso
Perdoa ao ladrão,
E vos recommenda
Ao fiel João.

Sente cruel sede,
Ao Padre suspira,
Inclina a cabeça,
E de todo expira.

Todo o céu se enluta,
Toda a terra treme.
As pedras se partem,
O inferno geme.

Vistes, oh Maria,
Oh magoas extranhas!
Expirar o fructo
Das vossas entranhas.

Corações de pedra,
Parti-vos de dor;
Tremei com a terra,
Pois morre o Senhor.

Dai-nos, oh Maria,
Dos santos a sorte,
Que nos seja vida
De Jesus a morte.

Pura Mãi de Deus,
Mãi dos peccadores,
Valei-nos, Maria,
Pelas vossas dores.

A minha oração
Attendei, Senhor;
A vós chegue presto
Este meu clamor.

Pedimo-vos, Senhor, que agora, etc.

VESPERAS

Em meu adjutorio,
Oh Deus, applicai-vos;
Para soccorrer-me,
Senhor, apressai-vos.

Gloria ao Padre e ao Filho,
E ao Santo Espirito,
Que são tres pessoas,
Em um só Deus infinito.

HYMNO

Salve, lua cheia,
Estrella luzente,
Terebintho umbroso.
Palma paciente.

Tirárão a Christo,
A carne em pedaços,
Dos braços da cruz
Para os vossos braços.

Fechados os olhos,
O rosto mudado,
Meio aberta a bocca,
O sangue coalhado,

Languida a cabeça,
Roxas as feridas,
Denegrido o corpo,
As veias partidas.

Com quem vos farei
A comparação?
E' um mar de dores
A vossa afflicção.

E' o mar adjuncto
De todas as agoas:
Maria, sois mar
De dores, de magoas!

Corrão para nós,
Com tribulação,
As fontes dos olhos
Pela contrição.

Passai a Jesus,
Em mutuos affectos,
Do vosso regaço
Para os nossos peitos.

Pura Mãi de Deus,
Mãi dos peccadores,
Valei-nos, Maria,
Pelas vossas dores.

A minha oração
Attendei, Senhor;
A vós chegue presto
Este meu clamor.

MAGNIFICAT

A minha alma engrandece,
Magnifica ao Senhor ;
Meu espirito alegrou-se
Em Deus, meu Salvador ;

Porque da sua serva
Vio as humilhações.
Ditosa chamárão-me
Todas as gerações ;

Porque para mim obrou
Cousas dignas de espanto
O que é poderoso.
E o seu nome é santo !

Sua misericordia
Extender-se-ha então
Para todos, que o temem,
D'uma á outra geração.

A propria Omnipotencia
No seu braço mostrou.
De todo o coração
Os soberbos prostrou.

De seus altos assentos
Depôz os poderosos,
Elevou os humildes,
Tornou-os respeitosos.

Enriqueceu de bens
Os pobres sedentos,
E vasios deixou
Os ricos avarentos.

Recebeu ao seu servo
Israel recordado,
Que é misericordioso ;
E' todo apiedado.

Bem como prometteu
Aos nossos pais, Abrahão,
E por todos os seculos
A sua geração.

Pura Mãi de Deus,
Mãi dos peccadores,
Valei-nos, Maria,
Pelas vossas dores.

A minha oração
Attendei, Senhor ;
A vós chegue presto
Este meu clamor.

ORAÇÃO

Pedimo-vos, Senhor, que agora, etc.

COMPLETAS

Convertei-nos, Deus,
Nosso Salvador ;
Apartai de nós
A ira e furor.

Em meu adjutorio,
Oh Deus, applicai-vos :
Para soccorrer-me,
Senhor, apressai-vos.

Gloria ao Padre e ao Filho,
E ao Santo Espirito,
Que são tres pessoas,
E um só Deus infinito.

HYMNO

Salve, crystal puro,
Horto clausurado,
Gemebunda rola,
Cypreste elevado!

A Jesus tirárão,
Que dôr! que amargura!
Do vosso regaço
Para a sepultura.

N'um lençol envolto,
Que mortalha pobre!
Uma grande pedra
O sepulcro cobre.

Em mudos suspiros,
Com terna saudade,
Assim exclamava:
" Nesta soledade,

Oh! vós caminhantes,
Vede em tal rigor,
Se ha dor semelhante,
Como a minha dôr!

Oh céus, todos quantos
De amigos se prezão,
Nenhum a consola,
Todos a desprezão.

Nesta triste noite
Chora amargamente,
Sepultado o filho,
O seu Deus ausente.

Peza-nos, Maria,
De tormentos tantos ;
Nós vos consolamos
Com os nossos prantos.

Pura Mãi de Deus,
Mãi dos peccadores,
Valei-nos, Maria,
Pelas vossas dores.

A minha oração
Attendei, Senhor ;
A vós chegue presto
Este meu clamor.

ORAÇÃO

Pedimo-vos, Senhor, que agora, etc.

OFFERECIMENTO

Aceitai, Maria,
As memorias tristes
Das dores acerbas,
Que na alma sentistes.

Fazei que imitemos
Com a contrição,
Pelas vossas dores,
De Christo a paixão.

Depois desta vida,
Breve e transitoria,
Se troquem as dores
Nos gostos da gloria. Amen.

———

PRANTO DE MARIA

Estava a Mãi dolorosa
Junto ao pé da cruz chorosa,
Emquanto o Filho pendia;
Sua alma a cruel espada,
Que lhe foi prophetisada,
Tyrannamente feria.

CÔRO

Tende misericordia, Senhora,
Tende misericordia de nós.

Oh! quão triste e quão afflicta
Estava a Virgem bemdita,
Mãi do nosso Redemptor;
A qual chorava e gemia,
Porque as penas crueis via
De Jesus, seu doce amor.

Tende misericordia, Senhora,
Tende misericordia de nós.

Quem não sentira e chorára,
Vendo a Mãi de Deus preclara
De dores tão traspassada?
Quem se não entristecêra,
E se não compadecêra
Da Mãi tão penalisada?

Tende misericordia, Senhora,
Tende misericordia de nós.

Viu que, depois de açoutado,
Foi em uma cruz pregado
Jesus, seu Filho innocente :
Viu mais a Jesus querido,
Despedaçado e ferido,
Morrer por nós cruelmente.

Tende misericordia, Senhora,
Tende misericordia de nós.

Dai-me, Mãi, fonte de amor,
Parte desta vossa dôr,
Para comvosco chorar :
Fazei, que o meu coração,
Sentindo desta paixão,
Com dôr se veja estalar.

Tende misericordia, Senhora,
Tende misericordia de nós.

O meu duro peito abri,
Dentro as chagas lhe imprimi
De Jesus, vossa doçura :
Fazei que eu morra de amores
Por Jesus ; as suas dores
Sinta com grande amargura.

Tende misericordia, Senhora,
Tende misericordia de nós.

Fazei que nesses tormentos
De Jesus meus pensamentos
Se empreguem em quanto viver :
Junto a cruz quero eu estar,
Para vos acompanhar
Neste pranto até morrer.

Tende misericordia, Senhora,
Tende misericordia de nós.

Chorar comvosco quizera,
Oh Virgem ! e quem me dera
Morrer tambem por Jesus !
Fazei que sentindo a morte,
De Jesus eu tenha a sorte,
Que me alcançou nessa cruz.

Tende misericordia, Senhora,
Tende misericordia de nós.

Com estas chagas ferir-me,
E tambem a cruz unir-me
Desejo, Virgem Maria.
Peço-vos ser amparado
Por vós, quando for julgado
Em o meu ultimo dia.

Tende misericordia, Senhora,
Tende misericordia de nós.

Pela morte e pela cruz,
Que me ganhou meu Jesus,
Do inferno dai-me victoria ;
Dai-me graça finalmente,
Para morrer felizmente,
E vos ver na eterna gloria. Amen.

AS DORES DE NOSSA SENHORA

CANTIGAS QUE SE RECITÃO NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA, POR OCCASIÃO DE MISSÕES DOS PADRES MISSIONARIOS CAPUCHINHOS, EM PERNAMBUCO.

I

Bemdita e louvada seja
Maria sentindo as dores
Pelo seu Filho innocente,
Pelos filhos peccadores.

CÔRO

Bemdita e louvada seja, etc.

Bemdita e louvada seja
A sempre Virgem Maria,
Quando vio, que espada aguda
De dor a traspassaria.

Bemdita e louvada seja, etc.

Bemdita e louvada seja
Maria afflicções sentindo,
Da tyrannia de Herodes
Com Jesus Christo fugindo.

Bemdita e louvada seja, etc.

Bemdita e louvada seja
Maria toda magoada,
Perdendo o bemdito Filho,
Procurando-o desvelada.

Bemdita e louvada seja, etc.

Bemdita e louvada seja
Maria, Mãi de Jesus,
Vendo o Filho carregando
O grande peso da cruz.

Bemdita e louvada seja, etc.

Bemdita e louvada seja
Maria, a quem traspassou
A sua alma aguda espada,
Quando o seu Filho expirou.

Bemdita e louvada seja, etc.

Bemdita e louvada seja
Maria, que sem conforto
Nos seus braços recebeu
Por nós o seu Filho morto.

Bemdita e louvada seja, etc.

Bemdita e louvada seja
Maria em fatal saudade,
Vendo sepultar o Filho,
Ella em triste soledade.

Bemdita e louvada seja, etc.

Bemdita entre as mulheres,
Louvada das gerações,
Bemdita e louvada seja
Vossa alma em taes afflicções.

Bemdita e louvada seja, etc.

Alcançai, por vossas dores,
Que, na nossa contrição,
Bemdita e louvada seja
De vosso Filho a paixão.

Bemdita e louvada seja, etc.

Porque a nossa redempção
Lá na triumphante igreja,
Por vosso Filho na gloria,
Bemdita e louvada seja.

Bemdita e louvada seja, etc.

II

Sentistes, Maria,
Pelo nosso amor
Sete espadas fortes
De magoa, de dor.

Apresenta a Christo,
Ouve a prophecia,
Que espada de dor
A traspassaria.

CÔRO

Sentistes, Maria, etc.

Geme como rola,
Grande dor sentindo,
Mortos innocentes,
E Jesus fugindo.

Sentistes, Maria, etc.

Que dor! quando perde
O seu Filho amado,
Com suspiros ternos
Tres dias buscado.

Sentistes, Maria, etc.

Grande dor padece
De ver a Jesus,
Como Isaac o lenho,
Carregando a cruz.

Sentistes, Maria, etc.

Vê morrer na cruz,
Ah ! que forte dor !
Seu Filho querido,
Nosso Redemptor.

Sentistes, Maria. etc.

Ah ! que dôr tolera
Sua alma em pedaços,
Quando o Filho morto
Recebe em seus braços.

Sentistes, Maria. etc.

Sepultão ao Filho,
Oh ! cruel saudade !
Que dor não tolera
Nesta soledade.

Sentistes, Maria. etc.

Ella sem peccados
Tantas dores sente,
Tu com tantas culpas
Vives tão contente !

Sentistes, Maria. etc.

Na morte do Filho
Tu tens parte, chora ;
Nas dores da Mãi
Toma parte agora.

Sentistes, Maria. etc.

De tudo és culpado,
Sente, oh peccador !
De contrito acaba,
Estala de dôr.

Sentistes, Maria. etc.

**Alcançai, Maria,
Por esta memoria
Dor das nossas culpas,
E a graça da gloria. Amen.**

SUPPLICA

Perdão e soccorro,
Meu Deus de bondade ;
Meu Jesus, piedade
Vos venho rogar.

CÔRO

Perdão e soccorro, etc.

A vós só pequei,
Que atrevida offensa !
Em vossa presença
Obrei tanto mal.

Perdão e soccorro, etc.

A tudo assististes,
Para tudo olhando,
Me vistes peccando,
Sem me castigar.

Perdão e soccorro, etc.

Vosso soffrimento,
E vossa bondade,
Maior liberdade
Parece-me dar.

Perdão e soccorro, etc.

Meu Deus, quantas vezes
Na alma me fallastes ?
Quantas me chamastes,
Eu sempre a peccar ?

Perdão e soccorro, etc.

Pharaó rebelde
Sempre endurecido,
Meu Deus, tenho sido.
Onde irei parar ?

Perdão e soccorro, etc.

Que será de mim,
Entre os desgraçados ?
Tendo só peccados,
Não tendo pezar !

Perdão e soccorro, etc.

Minha alma na morte
Será confundida,
Pois que toda a vida
Não vos quiz amar.

Perdão e soccorro, etc.

Mudado o meu rosto,
A vista espantada,
Toda a alma turbada,
Sem poder fallar.

Perdão e soccorro, etc.

Finalmente morro,
Oh Deus ! oh que susto !
Não podeis ser justo,
Sem me castigar.

Perdão e soccorro, etc.

Então ouvirei,
Confuso e afflicto :
" Vai sentir, maldito,
O fogo infernal. "

Perdão e soccorro, etc.

Deixarei de ver-vos ?
Oh que damno eterno !
No fogo do inferno
Hei de sempre estar ?

Perdão e soccorro, etc.

Não, meu bom Jesus,
A gloria formastes,
E só me creastes
Para' me salvar.

Perdão e soccorro, etc.

Fizestes os céus
Para minha herança,
A minha esperança
Deve confiar.

Perdão e soccorro, etc.

Vós os céus me abristes
Na paixão sagrada,
A minha advogada
Maria será.

Perdão e soccorro, etc.

Façamos as pazes,
De tudo me emendo,
E já me arrependo,
De tanto peccar.

Perdão e soccorro, etc.

Peza-me, meu Deus,
Oh meu Deus, me peza,
Qne a vossa grandeza
Podesse affrontar.

Perdão e soccorro, etc.

Vos peço contrito
Perdão, paz, concordia
E misericordia
Da graça final. Amen.

Perdão e soccorro, etc.

DECIMA

GLOSADA PELO AUTOR, TOMANDO POR MOTE O QUARTETO
DO VISCONDE DA PEDRA BRANCA.

MOTE

Vem cá, minha companheira,
Vem, triste e mimosa flor !
Se tens da saudade o nome,
Da saudade eu tenho a dor.

GLOSA

Saudade, a celeste mão,
Que de roxo te vestio,
De lucto agora cobrio
O meu triste coração !
Tu és copia da afflicção,
Eu a imagem verdadeira !
Socia de amor, vem ligeira ;
Nós somos fieis transumptos.
Saudade, acabemos juntos ;
Vem cá, minha companheira !

Na patria vivi contente,
Como tu no ramo branco;
Como tu fóra do tronco,
Murcho, emfim, da patria ausente.
Eu te imito de presente,
No mal, n'angustia, na cor.
Tu que exprimes minha dor,
Tu que do ramo cahiste,
Vem ornar um peito triste,
Vem, triste e mimosa flor!

O bafejo d'agonia
Envenenou-te a existencia!
Explicas a dor d'ausencia
Na cor funesta e sombria.
Negro horror, melancolia,
Te cerca, te apraz, te some.
E's o mal, que me consome!
Se tu pintas o delirio!
Se tens a cor do martyrio!
Se tens da saudade o nome!

Mas quanto distamos, quanto,
Linda flor, ó flor mimosa!
Tu finges magoa extremosa,
Eu de magoa a voz levanto!
Tu arremedas o pranto,
Eu choro e gemo de horror!
Tu pintas o que é languor,
Mas eu sinto a realidade!
Tu dizes o que é saudade,
Da saudade eu tenho a dor.

———

PARAPHRASES

III

INSPIRAÇÕES DE DAVID

AO EXM. E RVM. SNR. DOM THOMAZ DE NORONHA,

BISPO RESIGNATARIO DE OLINDA

Estro inculto, acanhado,
A montanha prophetica visita:
De Sião se arremeça,
Poisa no alcaçar da virtude augusta,
E ao Pontifice egregio,
Que foi de Olinda exemplo,
Inclina a fronte, em jubilo banhado,
Grato, curva o joelho,
Beija-lhe as sacras, veneranda vestes,
E, no luso idioma,
Dedilhando o psalteiro,
Do vate de Israel lhe offerta o canto.

DISCURSO PREVIO

As commoções politicas da minha patria fizerão, que eu emigrasse para Lisboa, aonde me achei em Abril de 1832.

Portugal era então o theatro do uma guerra assoladora, entretida pelos dous principes da casa de Bragança; e a este espectaculo terrivel veio bem depressa unir-se outro, muito mais assustador e doloroso.

A *cholera morbus*, que devastava a Russia, a Prussia, a Allemanha, a França e a Inglaterra, devastou finalmente Portugal de um modo inexplicavel.

Na capital de um reino florente e populoso, cujos habitantes, em seu tumulto e agitação diaria, parecião as ondas de um mar vasto e fluctuante, achei-me de repente, e como por encanto, no meio do silencio dos tumulos.

Diante da ira de Deus tudo era mudo, como o marmore. Olhei, e só vi lagrimas e a morte; vi a libertinagem tremula, e o seu orgulho humilhado.

O Anjo exterminador tinha descarregado o seu braço, e a destruição marchava obediente de familia em familia.

A morte devorava as suas victimas com a presteza do raio; e para o dizer com a bella expressão de um dos oradores portuguezes, gerações, quasi inteiras, desapparecião n'um momento, como as folhas sêccas de uma arvore, que se precipitão, e se somem, ao abalo e redomoinho dos ventos.

Procissões de cadaveres surgião de todos os lados, e se encontravão umas com as outras.

Os cemiterios erão poucos, e quasi não bastavão os campos.

As personagens mais illustres, por seu nascimento, e que contavão nos templos sumptuosos da côrte mausoleos soberbos, carregados de inscripções, erguidos á memoria de seus antepassados, tinhão no êrmo e solitario campo de Ourique a mesma sepultura, que se dava ao mendigo.

Era no calor das contestações e dos partidos, e uma só habitação continha e estreitava os homens de todas as opiniões.

Parárão as solemnidades, emmudecerão os campanarios, e só

se escutava nas igrejas o som pausado e monotono das preces, que os sacerdotes enviavão ao céo pela saude publica.

Nesta angustia, nesta dissolução geral, rompia um grito de dor, e ouvia-se algumas vezes, ao transitar pelas ruas de Lisboa:

— Donde veio uma tal enfermidade!.... Pois Deus não está satisfeito?....

E Deus não lhe respondia, senão por novos golpes, e por novas desgraças.

Erão os dias da pompa, e dos triumphos da morte!

Ferido e aterrado, voltei meu coração para Aquelle, que é todo misericordia, e principiando em verso a traducção do psalmo *Miserere*, não a pude ultimar; porque um dia, depois de a ter começado (a 14 de Junho daquelle anno) fui comprehendido no numero dos castigados pela justiça divina; achei-me no rol dos moribundos; e estive proximo para subir ao juizo de Deus. Mas eu o invoquei nos instantes da minha tribulação, e elle se dignou de salvar-me.

Restituido depois á Pernambuco, minha patria, completei esta Paraphrase, em que se não encontrão os atavios poeticos, nem o adorno d'arte.

As composições deste genero exigem simplicidade e sentimento, que forão sempre a linguagem do coração.

O enthusiasmo da humildade e da ternura consiste em movimentos brandos, nas paixões doces e suaves, que dão um caracter sublime á expressão, sem a confundir com o tumulto e a violencia das producções do orgulho.

Escolhi, de proposito, a metrificação mais popular para a primeira traducção, e trabalhei, especialmente nella, para que não fosse tão afastado e redundante, como alguns; e aproveitando-me da opportunidade, juntei com as versões do *Miserere* as de alguns outros psalmos, que havia traduzido.

———

O MOTIVO HISTORICO DO PSALMO CINCOENTA

(QUADRO POETICO)

DAVID descobrio do terraço do seu palacio uma mulher extremamente linda, que se banhava, sem presumir, que a vissem.

O monarcha de Israel, com um olho avido, lhe devora os encantos, nesses momentos, em que o pudor desapercebido não toma precauções, nem reservas.

Inquieto depois por esta scena imprevista, que revolve suas paixões, fervendo em pensamentos e desejos, elle ordena, que se inquira averiguadamente quem seja este objecto amavel.

— E' Bethsabéa, lhe dizem já de volta os seus mensageiros, Bethsabéa, filha de Elião, e esposa de Urias Hetheo.

A palavra *esposa* deve murchar as esperanças no coração do rei, assim como o nome de *Urias* lhe recorda promptamente um bravo de seu exercito, postado no sitio de Rabba, contra os Ammonitas. A paixão repelle estas idéas, que a santidade do Decalogo e o reconhecimento tinhão feito nascer; e o rei só se lembrou de que era homem.

A formosura foi introduzida, furtivamente, nos passos do senhor da Judéa.

O thalamo nupcial foi manchado.

Um fructo criminoso deste amor execrando vem revelar aos povos o attentado do seu principe.

O monarcha procura então palliar o seu crime, mas não lhe surtindo effeito os seus subterfugios, resolve unir o homicidio ao adulterio.

O consorte illudido e infeliz é mandado collocar no ponto mais arriscado do combate, e entregue com os seus irmãos d'armas ao furor dos contrarios.

Cortado pelo ferro inimigo, Urias purpurêa a terra com o seu sangue, braceja com a morte, e expira, cheio de valor, pugnando pela patria, victima de um principe, que o tem trahido duas vezes, e longe dos encantos de uma joven esposa, que elle idolatra, e que julga fiel.

David goza então do ensanguentado prazer da sua inpudicicia,

e a belleza, arrancada do leito conjugal, vem ainda augmentar o esplendor de um throno, cercado de victorias.

Bethsabéa foi esposa do rei.

Mas o Céu não podia ser surdo ao grito da innocencia, ultrajada e moribunda.

O espirito de Deus agita o propheta Nathan.

Este homem de virtude estremece com as revelações, que o céo lhe faz de tanta iniquidade. Sua imaginação terrivel é abrasada pelo zêlo, e se torna rica dos flagellos, que elle vai desfechar em borbotão sobre a casa de Judá.

O sôpro do Senhor o arremeça com a velocidade do raio pelos salões adulteros do monarcha homicida. Elle atravessa soberbas ordens de columnas, penetra emfim até o throno, e se colloca de fronte do deliquente real.

O semblante respeitoso do propheta conserva alguma cousa de formidavel, e a sua longa barba augmenta a venerabilidade do seu rosto. Tranquillo, e cheio de segurança, elle sorprende por este porte grave e desassombrado, que só pode ter a virtude, quando reprehende o crime.

Elle começa por uma parabola simples, mas energica. Sua voz é pesada, e tem o accento da melancolia.

— Havia em uma cidade dous homens, disse elle, depois de alguns instantes de silencio; um era rico, outro pobre. O rico tinha grandes manadas, rebanhos numerosos, e via os valles e o cume das montanhas braquejando com as suas ovelhas, á semelhança dos campos com os flocos da neve nas manhãs invernosas. O pobre nada mais possuia, do que uma ovelhinha, que elle havia comprado; que elle creára; que tinha crescido em sua casa juntamente com seus filhos; que comia do seu pão; que bebia pelo seu mesmo copo; dormia em seu mesmo regaço; e era para elle como filha. Um viajante veio ver o rico, mas este não quiz tocar em uma só das suas ovelhas, para lhe fazer hospedagem: arrancou a ovelhinha do pobre, e banqueteou com ella o estrangeiro, que veio a sua casa.

O rei, sem se poder conter, solta um grito de indignação, e interrompe o propheta.

— Juro pelo Senhor, diz David, que um homem tal é digno de morte; e terá de pagar o quadruplo pela injustiça, que fez ao desgraçado.

Aqui a colera do céu inflammou o rosto do homem de Deus.

O sobrolho do propheta se enruga, e os seus olhos fuzilão, como o relampago. Sua voz, até alli compassada, mudou-se de repente; e as ameaças se precipitarão dos seus labios n'um som terrivel, como uma torrente, que se despenha do alto, e que se quebra, fervendo, sobre grandes lagedos. As abobadas do palacio criminoso retumbão, e parece, que se esboroão sobre a terra.

— Pois tu és este homem, trovejou o propheta. Escuta o que te diz o Senhor Deus de Israel. Ungi-te-rei; livrei-te de Saul; dei-te

a sua mesma casa; entreguei-te suas mulheres; contitui-te na possessão de Israel e de Judá, e obraria prodigios mais espantosos, se isto fosse pouco. Ah!... E porque desprezaste tu minhas palavras? Porque commetteste o mal diante de meus olhos? Porque fizeste Urias perecer aos golpes do ferro? Porque tomaste por esposa a que era sua? Porque o assasinaste, e com a mesma espada dos filhos de Ammon? Ouve-me. O sangue e a destruição serão inseparaveis do teu mesmo palacio. Meus vingadores hão de rebentar da tua familia. Tomarei tuas mulheres, e as entregarei a tua vista á um, que te é bem proximo. A tua deshonra se ha de ver aos olhos deste sol. Tu perpetraste o delicto nos escondrijos e nas trevas, mas eu te farei tudo isto á vista de Israel em pêso, na claridade, e nas torrentes desta luz, que cerca os teus vassallos.

Pallido, e atalhado por um torpor de morte, parecendo-lhe, que a terra se abre de baixo dos seus pés, frio e gelado, como o marmore, David disse á Nathan:

— Pequei contra o Senhor!

Torna-lhe então o propheta:

— Elle transferiu o teu peccado, e tu não morrerás: perecerá porem aquelle, que veio ao mundo por causa do teu delicto.

Disse, e ausentou-se.

David conheceu profundamente a enormidade da sua culpa, e a contrição espremeu dos seus olhos lagrimas abundantes.

Separado e recluso no mais recondito do seu palacio, lançado sobre a terra, envolto no pó, coberta a sua cabeça com a cinza, vendo correr os seus dias, abrolhados de angustias, na penitencia e no jejum, parece-lhe, a cada instante, que a sombra ensanguentada de Urias volteja diante dos seus olhos.

Em um desses momentos, em que o seu coração era mais vivamente delido pela dôr, elle ergue o seu rosto, unido com o pavimento; levanta-se, toma em suas mãos convulsas a harpa, que jazia no silencio e no desprezo, fita, como n'um extasis, os seus olhos no céo, ensaia ligeiramente seus dedos sobre as cordas, tira os primeiros sons, e n'um transporte da mais expressiva ternura, rompe, debulhado em lagrimas, n'um cantico doce, sentimental e repassado de melancolia.

Sua sensibilidade se exalta mais e mais; suas paixões estão em movimento, e a flexibilidade dos seus sons exprime o tumulto de sua alma, agitada pela contrição.

Elle implora a misericordia d'Aquelle, que é a bondade por essencia.

Deus acolheu o seu psalmo, e os ultimos accentos da sua harpa ainda retinem brandamente na abobada celeste.

PARAPHRASES

I

PSALMO L

Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam.

Tem compaixão, oh meu Deus !
De mim, que és Pai de concordia,
Segundo a tua tão facil,
Tão grande misericordia.

Et secundum multitudinem miserationem tuarum, dele iniquitatem meam.

E segundo a multidão
Dos teus dons, das graças tuas,
Meu mal, minha iniquidade,
Eu te rogo, que destruas.

Amplius lava me ab iniquitate mea, et a peccato meo munda me.

Lava-me cada vez mais
Da iniquidade horrorosa :
De todo me purifica
Da minha culpa odiosa.

Quoniam iniquitatem meam ego cognosco, et peccatum meum contra me est semper.

Meus erros emfim conheço,
Eu me julgo delinquente,
E a cada instante descubro
O meu delicto presente

Tibi soli peccavi, et malum coram te feci, ut justificeris in sermonibus tuis et vincas, cum judicaris.

Eu pequei contra ti só,
Fiz mal na presença tua,
Hei de fiel confessal-o,
Se houver alguem, que te argua.

Para nas tuas palavras
Justificado existires,
E daquelles que te julgão,
Victorioso sahires.

Ecce enim iniquitatibus conceptus sum, et in peccatis concepit me mater mea.

Sou réu, mas bem vês, que eu fui
No horror da culpa gerado ;
Que minha mãi criminosa
Me concebeu no peccado.

Ecce enim veritatem dilexisti : inceıta et occulta sapientiæ tuæ manifestasti mihi.

Inda assim, tu, que a verdade
Justo e fiel sempre amaste ;
Tu, da sapiencia tua
Os arcanos me ensinaste.

Asperges me hyssopo et mundabor : lavabis me, et super nivem dealbabor.

Farás aspersão co'o hyssopo,
Serei puro n'um instante ;
Lavar-me-has, do que a neve
Me tornarei mais brilhante.

Auditui meo dabis gaudium et lætitiam : et exultabunt ossa humiliata.

De gosto e de regozijo
O meu ouvido has de encher,
E os meus ossos humilhados
Exultaráõ de prazer.

Averte faciem tuam á peccatis meis : et omnes iniquitates meas dele.

Aparta teu rosto santo
Dos crimes, com que te aggravo ;
E extingue as iniquidades,
Das quaes me tornarei escravo.

Cor mundum crea in me, Deus, et spiritum rectum innova in visceribus meis.

Cria, oh Deus, dentro de mim,
Casto e puro, um coração;
Renova em minhas entranhas
O espirito de rectidão.

Ne projicias me â facie tua et spiritum sanctum tuum ne auferas a me.

Não me lances, não me afastes
Do teu semblante, Senhor!
Nem da minha alma retires
Teu espirito de amor.

Redde mihi lætitiam salutaris tui et spiritu principali confirma me.

Da tua doce assistencia
A alegria em mim derrama,
E nas graças principaes
Me fortifica e me inflamma.

Docebo iniquos vias tuas, et impii ad te convertentur.

Ensinarei aos iniquos
Teus caminhos, que me encantão,
E a ti se converteráõ
Os impios, que a terra espantão.

Libera me de sanguinibus, Deus, Deus, salutis meæ: et exultabit lingua mea justitiam tuam.

Deus, oh Deus, meu Salvador!
Dos homicidios me exime.
Celebrará minha lingua
Tua justiça sublime.

Domine, labia mea aperies, et os meum annuntiabit laudem tuam.

Senhor! abrirás meus labios;
Exhalarão doces hymnos,
Annunciando entre os póvos
Os teus louvores divinos.

Quoniam si voluisses sacrificium dedissem utique: holocaustis non delectaberis.

Se um sacrificio quizesses,
O iria prompto off'recer;
Porém sei, que os holocaustos
Já te não causão prazer.

Sacrificium Deo spiritus contribulatus: cor contritum et humiliatum, Deus, non despicies.

E' para Deus digna offrenda
O espirito atribulado:
Um coração não desprezas
Puro, contrito, humilhado.

Benigne fac, Domine, in bona voluntate tua Sion: ut ædificentur muri Jerusalem.

Trata, Senhor, brandamente,
E com ternura a Sião:
As muralhas de Solima
Edificadas serão.

Tunc acceptabis sacrificium justitiæ, oblationes et holocausta: tunc imponent super altare tuum vitulos.

Então has de receber,
Da humana prole submissa,
Um sincero sacrificio,
Sacrificio de justiça.

Então holocaustos mil,
E oblações has de aceitar :
Então mil ternos novilhos
Se hão de pôr no teu altar.

——

II

Compaixão, oh ! meu Deus ! de mim piedade,
Tão conforme a grandeza,
Com que mesmo inda aos máos, Senhor, transmites
Essa misericordia sem limites !

E segundo a extensão das graças tuas,
Eu te rogo, que apagues,
Terno Pai ! Deus fiel ! Deus infinito !
Meu funesto, execrando e atroz delicto !

Da culpa, enorme culpa, que me opprime,
Amplamente me lava :
Dos meus erros assim purificado,
Não haja em mim, nem sombra do peccado.

A iniquidade minha reconheço,
Sei, que sou criminoso :
Quero esquivar-me á culpa, que me segue,
E em toda a parte a culpa me persegue.

Pequei, mas contra ti pequei somente,
Tu viste o meu delicto :
Confesso-o, para que te justifiques,
E vencedor, dos que te julgão, fiques.

Eu fui no horror da culpa concebido,
Gemo afflicto em seus ferros :
Do crime enorme um fructo desgraçado,
Por minha mãi no crime fui gerado.

Porém tu, que a verdade sempre amaste,
A conhecer me deste
Arcanos teus, profunda sapiencia,
Escondidos a humana intelligencia.

Co'o hyssopo,oh! Deus! me aspergerás clemente !
Limpo serei de todo :
Lavar-me-has, e, cheio de candura,
Brilharei muito mais, que a neve pura.

Darás ao meu ouvido inda algum dia,
Gozo e prazer suave,
Em cinza lutulenta, em pó tornados,
Exultaráõ meus ossos humilhados.

Aparta, pois, aparta dos meus crimes
O teu rosto piedoso,
E usando assim comigo de bondade,
" Delida fique a minha iniquidade "

Sem mancha, um coração candido - e simples,
Cria, oh ! Deus ! em meu peito !
E essa voz int'rior, que o mal reprova,
Esse espirito justo, em mim renova.

Não me afastes jamais, jamais me lances
Da face compassiva :
Não retires de mim, oh ! Deus augusto !
Teu Espirito amavel, santo e justo.

Concede-me o prazer, dá-me alegria
Com a tua assistencia,

E minha alma, que em ti se esteia e firma,
No principal espirito confirma.

Ensinarei solicito aos perversos
Teus direitos caminhos,
E á luz, á graça tua, hão de mover-se,
Hão de a ti, mesmo os impios, converter-se.

Deus! oh Deus salvador! não mais permittas,
Que verta o sangue humano!
Grata, á justiça tua, modulados,
Soltará minha lingua hymnos sagrados.

Meus labios abrirás, mil sons cadentes,
Iráõ levar aos povos,
Teu sublime louvor, que o pasmo excite,
E pare aonde o mundo houver limite.

Se acaso sacrificios tu quizesses,
Fiel t'os offerecera:
Mas eu sei, que não devem agradar-te:
Não podem holocaustos deleitar-te.

E' á Deus oblação justa e perfeita
Um peito penitente:
Nunca, Senhor! por ti foi desprezado
Contrito um coração, terno, humilhado.

Trata, emfim, com brandura e suavidade
A Sião, que te invoca:
Seus destinos assim tendo seguros,
Possa Jerusalém erguer seus muros.

Então receberás um sacrificio
De solemne justiça;
Oblações, holocaustos sumptuosos,
E no altar os novilhos mais mimosos.

III

Piedade! oh! meu Deus!
De mim compaixão,
Segundo a extensão
Do teu grande amor!
E segundo as graças,
Os dons, que dispensas,
As glorias immensas,
De que és o Senhor;

Tu me purifica,
Ser immaculado!
Destroe o peccado,
Com que te offendi.
Do crime horroroso,
Que tanto te aggrava,
Mais e mais me lava:
Sei, que delinqui!

Torna-me sem mancha,
Senhor infinito,
Do negro delicto,
Que excita meus ais!
Tremendo, conheço
Minha iniquidade;
Sei quanta maldade
Fiz entre os mortaes.

Ou timido fuja,
Ou volte a buscar-te,
Sempre, em qualquer parte,
Meu delicto está !
Pequei contra ti,
Mesmo aos olhos teus,
Tu viste, oh ! meu Deus !
De mim, que será ?

Confesso, que existo
No peccado incurso,
Sei, que o teu discurso
Verdades contem.
Digo quanto és recto
Nas tuas sentenças,
Para que tu venças,
Julgando-te alguem.

Eu fui concebido
Na dor e no estrago,
Que o terrivel drago
No mundo espalhou.
Envolta nos males
Da culpa affrontosa,
A mãi criminosa
No mal me gerou.

Amaste a verdade,
Dos céus lume augusto,
Por isso o que é justo
Nos fazes sentir.
Então teu saber,
Occulto aos humanos,
Mysterios, arcanos,
Fizeste-me ouvir.

Co'o hyssopo saudavel
Farás aspersão,
Limpo, desde então,
Por ti me verei.

Mais puro e brilhante,
Do que a neve pura,
Alvor e candura
De todo serei.

Ha de o meu ouvido
Teus sons acolher,
E um doce prazer
Então lhe has de dar.
Escutando alegres
Accentos bemditos,
Meus ossos afflictos
Terão de exultar.

Aparta os teus olhos
Das minhas offensas,
E culpas immensas
Destroe de uma vez.
Dá-me um coração,
Tão casto e tão puro,
Que o julgue seguro
Aquelle, que o fez.

Renova a justiça
Em minhas entranhas,
E graças tamanhas
Jamais tenhão fim.
Jamais do teu rosto
Me afastes, Senhor!
O Esp'rito de amor
Não lances de mim.

Ah! dá-me o prazer
Da tua assistencia,
E a minha existencia
Confirma em teus dons.
Direi aos iniquos,
Por exemplos meus,
Que os caminhos teus
São rectos e bons.

Assim attrahidos,
Por meios diversos,
A ti os perversos
Se hão de converter.
Livra-me, eu te rogo,
De ser delinquente,
De sangue innocente
Na terra verter.

Sim, livra-me, oh Deus!
Deus de salvação!
De luz! de perdão!
Senhor de Israel!
Exultando a lingua,
Solta as prisões suas,
As justiças tuas
Cantará fiel!

Agita meus labios,
Oh! Nume! oh! Senhor!
Teu almo louvor
Farei resoar.
Se algum sacrificio
Quizesses um dia,
Eu mesmo o traria
Ao teu mesmo altar.

Mas não te deleitão
Victimas de sangue:
O novilho exangue
Não queres mais ver.
Oppresso, gemendo,
Um peito magoado,
Contrito, humilhado,
O irás acolher.

Trata com ternura
A tua Sião:
Não tenha afflicção,
Nem susto, nem dor.

Que veja os seus muros
Fieis circumdal-a,
Altivos ornal-a,
Dando-lhe esplendor.

Então oblações,
Então holocaustos,
Em dias tão faustos
Contente verás.
Então de Israel
Os votos ditosos,
Novilhos mimosos
Nas aras terás.

PSALMO CXXIX

De profundis clamavi ad te, Domine. Domine, exaudi vocem meam.

Dos abysmos mais profundos
Eu clamei a ti, Senhor!
Ah! não deixes, terno Pae!
De escutar o meu clamor.

Fiant aures tuæ intendentes in vocem deprecationis meæ.

Teus ouvidos compassivos
Prestem fiel attenção
Ao meu rogo humilde e justo,
A minha deprecação.

Si iniquitates observaveris, Domine, Domine, quis sustinebit?

Se esquadrinhares os crimes
Daquelle, que te offender,
Senhor, na presença tua
Quem se poderá suster?

Quia apud te propitiatio est: propter legem tuam sustinui te, Domine.

Mas tu és todo clemencia,
E eu sempre em ti confiei,
Por causa dos teus preceitos,
Por causa da tua lei.

Sustinuit anima mea in verbo ejus : speravit anima mea in Domino.

Minha alma crêo na palavra
Do Senhor Deus de Israel.
A minha alma esperou nelle,
Pois sabe quanto é fiel.

A custodia matutina usque ad noctem, speret Israel in Domino.

Desde o clarão matutino,
Que dos céus rompendo vem,
Até que a noite appareça ;
Espere Israel tambem.

Quia apud Dominum misericordia ; et copiosa apud eum redemptio.

Espere, porque elle é justo
E cheio de compaixão ;
Porque só nelle se encontia
Copiosa redempção.

Et ipse redimet Israel ex omnibus iniquitatibus ejus.

Firmado em tanta bondade,
Israel exultará
Por ver, que dos seus delictos
Elle mesmo o remirá.

——

PSALMO CXXXVI

Super flumina Babylonis illic sedimus et flevimus : cum recordaremur Sion.

Em Babylonia,
Onde habitámos,
Nos assentámos
Nas margens tristes,
Que os rios dão.
Ali, chorosos,
Nos lamentámos,
E recordámos,
Posto que em vão,
Da nossa patria,
Terna Sião.

In salicibus in medio ejus, suspendimus organa nostra.

Pelos salgueiros,
Que descobrimos,
Distribuimos
Os instrumentos,
Cheios de dor.
Dos ramos pendem.
Quanto sentimos !
Nós os ouvimos,
Causando horror,
Soar dos ventos
Pelo estridor.

Quia illic interrogaverunt nos, quia captivos duxerunt nos: verba canticorum.

**Então aquelles,
Que nos captivão,
Os que nos privão
Da liberdade,
Com seus grilhões;
Aquelles mesmos,
Que o pranto avivão;
E que motivão
Taes afflicções;
São os que pedem
Nossas canções.**

Et qui obduxerunt nos: hymnum cantate nobis de canticis Sion.

**Os que da patria
Nos desterrarão,
Ledos clamarão:
" Deixai o pranto,
" E erguei a voz.
" Alguns dos hymnos
" Que aos céus voarão,
" Que retumbarão
" Já entre vós,
" Soltai dos labios,
" E ouçamos nós."**

Quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena?

**" Como é possivel,
Lhes respondemos,
" Que os entoemos,
" Entre as angustias,
" Que vós nos dáes?
" Na terra alheia,
" Onde gememos,
" Como os daremos,
" Soltando ais,
" Ao Deus amigo
" De nossos paes?"**

Si oblitus fuero tui, Jerusalem, oblivioni detur dextera mea.

Adhærerat lingua mea faucibus meis, si non meminero tui.

Sião! que foste
Nossa ventura,
Se esta ternura,
Que tu me causas,
Se amortecer;
Eu sinta a dextra
Pouco segura,
Inerte, ou dura,
Se entorpecer;
E a minha lingua
Sem se mover.

Si non proposuero Jerusalem in principio lætitiæ meæ.

Todo este damno,
Que o mal sublima,
Então me opprima.
Sentindo eu fique
Tão grande mal,
Se tu não fores,
Terna Solima!
No extranho clima,
Que me é fatal,
Dos meus desvelos
O principal!

Memor esto, Domine, filiorum Edom, in die Jerusalem:

Qui dicunt: Exinanite, exinanite usque ad fundamentum in ea.

Ah! não te esqueça,
Bondade augusta,
A prole injusta
De Edom; pois della

Meu damno sai :
Bradou irada,
Quanto me assusta !
“ Co’a mão robusta
“ A esmigalhai ;
“ Seus fundamentos
“ Aniquilai ! ”

——

PSALMO CXVI

Laudate Dominum, omnes gentes : laudate eum, omnes populi.

Nações do mundo,
Vastas nações,
Dai a Jehova
Ternas canções !

Louvai, oh ! povos !
Sua memoria !
Do Deus excelso
Retumbe a gloria.

Quoniam confirmata est super nos misericordia ejus : et veritas ejus manet in æternum.

Piedade sua
Dos céus baixou,
E sobre os homens
Se confirmou.

Os céus e a terra
Podem cahir :
Delle a verdade
Tem de existir !

PSALMO XVII (*)

....
....

In tribulatione mea invocavi Dominum : et ad Deum meum clamavi.

Et exaudivit de templo sancto suo vocem meam : et clamor meus in conspectu ejus intonuit in aures ejus.

Commota est et contremuit terra : fundamenta montium conturbata sunt, et commota sunt, quoniam iratus est eis.

Ascendit fumus in ira ejus et ignis á facie ejus exarsit : carbones succensi sunt ab eo.

Inclinavit cælos et descendit : et caligo sub pedibus ejus.

Et ascendit super cherubim et volavit : volavit super pennas ventorum.

Et posuit tenebras latibulum suum, in circuitu ejus tabernaculum ejus : tenebrosa aqua in nubibus æris.

Præ fulgore in conspectu ejus nubes transierunt, grando et carbones ignis. Et intonuit de cælo Dominus et altissimus dedit vocem suam : grando et carbones ignis.

Et misit sagittas suas et dissipavit eos : fulgura multiplicavit et conturbavit eos.

Et apparuerunt fontes aquarum : et revelata sunt fundamenta orbis terrarum...

(*) E' imitação da mais bella passagem do psalmo *Diligam te, Domine, fortitudo mea.*

....
....

De angustias rodeado,
Invoquei o Senhor, o Ser dos Seres:
Desprendi minha voz, bradei-lhe afflicto,
E elle ouvio do seu templo, augusto e santo,
Meu doloroso grito.
Então, quantos portentos!
A terra espavorida oscilla e treme:
Os montes bambaleião
Desde os seus fundamentos;
E das iras trazendo todo o peso,
O Immortal apparece em furia aceso.
Logo, ao signal da colera espantosa,
Vacillão pelos ares
Mil turbilhões de fumo.
Incendio todo, o rosto sempiterno
De si exhala e solta
Rôxas linguas de fogo;
E nas iradas faces
Carvões acesos lhe scintillão tremulos.
Acenou: de improviso os céus se abatem,
E parece juntarem-se c'o a terra.
Já desce magestoso,
Escorando assombroso
Nas trevas os seus pés omnipotentes.
Rapido então firmou-se
De um cherubim nas plumas scintillantes.
Assustados, ao vêl-o,
Em torno delle os ventos se apinhárão,
E, curvos e tremendo,
As azas extendendo,
Sobre as azas o tomão, lá voarão.
Lá corre e lá registra
A immensidade azul, que enfeitão globos.
Parou: quiz occultar-se,
Quiz e foi tudo trevas.
Ei-lo em seu pavilhão de nevoa espessa!
Que silencio profundo!.....
Que extranha escuridão! profunda noite!.......
Caliginosas nuvens o concentrão,
Prenhes de mil chuveiros;
Mas seu rosto inflammado

Rompe em raios de luz, que os céus assombrão.
Logo ao fulgor sagrado
De medrosas as nuvens se romperão,
Granizo assustador, carvões em braza,
Sobre a terra choverão.
Ao mesmo tempo dos trovões o estalo
Já vai de globo em globo retumbando......
E' a voz do Immortal, que está soando !
De pressa, ao escutal-o,
Borbotões de saraiva se derramão;
E retalhão as nuvens
Espadanas de fogo.
No meio deste horror despede settas,
Fere a turba dos impios,
Abre e comprime os céus, n'um só instante
Multiplica os relampagos
Sua mão fulminante:
Os perfidos flagella, cauterisa,
Arruina, devasta, pulverisa.
Ao ver estrago tanto,
A terra, em convulsões, nuta em seus eixos;
De terror e de espanto
Mostra as rôtas entranhas :
As voragens, os seios dos abysmos,
Se escancarão, gemendo,
Noto as concavidades,
Em que os mares rolavão:
As origens das aguas se conhecem,
E do orbe os fundamentos me apparecem.
....
....
....

O HYMNO TE-DEUM

A ti, grande Deus,
Humildes louvamos ;
A ti só do mundo
Senhor confessamos.

A ti, Pae Eterno,
Que o mundo has feito,
Todo o vasto orbe
Tributa respeito.

A ti todo o anjo
Cheio de prazer ;
Ati todo o alto,
Celeste poder.

A ti cherubins,
E seraphins todos,
Prostrados exclamam
Com perennes modos :

" Santo, Santo, Santo,
Deus Supremo e Forte ;
Senhor das campanhas,
E da vida e morte,

Tua magestade
Enche céus e terra ;
Préga tua gloria
Quanto alli se encerra ! "

A ti dos apostolos
O côro ditoso ;
A ti dos prophetas
O numero honroso ;

A ti dos constantes
Martyres louvor
Rende a tropa ornada
De branco esplendor.

A ti pela vasta
Redondeza canta,
Exalta e confessa
Tua igreja santa.

Pae de eterna, immensa,
Summa magestade ;
E ao Verbo, teu Filho,
Só tal em verdade.

Tambem louva e canta
Ao espirito de amor,
Luz de nossas almas,
Seu consolador.

Tu, Christo, és da gloria
Rei supremo eterno :

Tu és de Deus Pae
Filho sempiterno.

Tu, tomando ao homem,
Que depois livraste,
No ventre da Virgem
Sem horror entraste.

Tu, vencida a morte,
Franca entrada deste
Aquelles que cressem,
No reino celeste.

Tu, sentado estás
A' dextra de Deus,
Na gloria do Pae,
No reino dos céus.

E' fé que has de vir
Um dia á julgar,
Para premio, ou pena
A cada um dar.

Aos teus servos, pois,
Rogamos, acóde ;
Que o teu precioso
Sangue remir póde.

Faze que elles sejam
Na gloria cantados,
Com os teus fieis servos
Bemaventurados.

Teu povo, Senhor,
Faze salvo e são :
Propicio abençôa
A tua porção.

Oh ! rei soberano,
Digna-te regel-o ;
E cada vez mais
Para sempre erguel-o.

Nòs todos os dias
Ati bemdizemos ;
Por todos os seculos
Teu nome louvemos.

Benigno Senhor,
Hoje immaculados,
Nos queiras guardar
Dos feios peccados.

Tem, Senhor, de nós
Commiseração ;
Tem de nós, Senhor,
Dó e compaixão.

Venha sobre nós
Tua piedade,
Como confiamos
De tua bondade.

Em ti, em ti só,
Senhor, esperei ;
Jámais para sempre
Confuso serei. (*)

———

(*) Esta traducção não foi colleccionada. Obteve-a o Sr. Dr. **Witruvio** do Illm.º Sr. Dr. Antonio de Menezes Vasconcellos de Drumond.

SYNOPSE DAS GRAÇAS POETICAS

DO

PSALMO XVII

Que de bellezas, que encerra esta parte do psalmo XVII!
Que accumulação de sublimes pensamentos!
Que dexteridade de pincel e que energia de cores!
O rei propheta solta um grito de angustia contra os seus inimigos, e este clamor, semelhante ao rebombo do trovão, penetra o ouvido do Immortal!
Deus se enche de ira contra os perseguidores do justo, e de repente a terra se agita em convulsões.
Os montes abalados vacillão e ondeião, desde a profundidade das suas raizes.
Caliginosas nuvens de fumo rolão em turbilhões pelos ares, e da face de Deus rebenta um fogo devorador, que se revolve em brazas.
Subito o Senhor da natureza faz, que os céus, escapando do seu ponto fixo, se curvem e se abatão, para lhe servirem de assento.
As trevas negrejão e vão apinhar-se, cheias de submissão, debaixo dos pés do Todo-Poderoso.
Elle desce e os cherubins são os palafrens, em que monta.
Voou e "voou sobre as azas dos ventos".
Os ventos, por esta magnifica expressão, por esta prosopopeia sublime, tomão um corpo, tem vida, tem movimento e sustentão nas suas rapidas plumas o Deus da creação do universo, que descansa, como em seu coche, sobre os poderes celestes, e vai registrar essas regiões de sóes e percorrer a immensidade do espaço.
O pavilhão, que resguarda e esconde o Ser dos Seres, é uma agua espessa e tenebrosa, que se concentrou nas nuvens.
As nuvens retalhão-se atemorisadas, sentindo-se feridas pelos

oceanos de luz, que rompem e se derramão da face do Archetypo supremo. Ellas começão a desatar-se em chuveiros de pedra e de carvões em braza.

O trovão rebôa e se prolonga immediatamente pela extensão indefinita.

O Senhor das vinganças despede settas, multiplica os relampagos e devasta seus contrarios.

Tomadas de sobresalto e de medo, as aguas recuão e desapparecem da superficie do globo; e a terra conturbada e revolvida por esta scena de estrago, apresenta-se despida e núa aos olhos do Omnipotente. Então se mostrão descarnados e medonhos os seios dos abysmos. Observão-se as concavidades profundissimas da nascença das aguas e os interminaveis sorvedouros, em que rolavão todas essas torrentes enormes: são emfim devassados e patentes os alicerces e fundamentos do mundo.

Esta destruição toda e todo este horror é o effeito do sopro impetuoso da ira de Deus!

Que póde agora haver na imaginação dos homens, nos seus livros e nos afoutos delirios das suas mais bellas concepções poeticas, que se compare com a magnificencia e novidade deste quadro?

ILLUSTRAÇÕES AO PSALMO

MISERERE MEI, DEUS

I

E a cada instante descubro
O meu delicto presente.

Et peccatum meum contra me est semper. E tenho sempre o meu peccado diante dos olhos. Traducção do padre Pereira.

Não é, pois, como entenderão alguns, e o mais é que até o padre Sarmento, *o meu peccado está sempre contra mim.* Neste sentido se exprimio o padre Manoel Simões Barruncho na sua Paraphrase ao *Miserere*, que se acha na collecção de obras moraes, inserta na sua *Centuria Metrica.*

E' esta a copla de Barruncho :

Agora já reconheço
Que foi meu mal infinito,
Não só feito contra vós,
Contra mim tambem o sinto.

Francisco Dias Gomes, traduzindo livremente este psalmo, em uma Elegia, que consagra a Paixão de Christo, se lhe não deu a mesma intelligencia do padre Barruncho, parece não ter desenvolvido o pensamento com a clareza precisa.

Tal é a sua versão :

Conheço onde me tem precipitado
O meu delicto máo, que enfurecido
Sempre contra mim vejo conspirado.

Mas o desembargador Domigos Maximiano Torres (Alpheno Cynthio) e depois delle o padre Antonio de Souza Pereira Caldas, e recentemente a excellentissima condessa de Oyenhausen, que verterão este mavioso e enternicido Cantico, o entenderão neste lugar, como devião.

Leamos Alpheno Cynthio nos seus *Ensaios Metricos* sobre a Paraphrase dos psalmos.

Meu peccado ante mim gyra ;
Quer no leito, quer na mesa,
Ao meu lado sempre está.

O padre Caldas fez duas traducções.
Aqui temos a primeira:

E perante os meus olhos trago sempre
A minha iniquidade.

Diz elle na segunda :

Sempre trago ante os meus olhos
O que fiz, peccado horrendo.

Resta a da condessa de Oyenhausen.
Ei-la :

O meu peccado sempre tenho a vista.

Assim Lagonegro, bispo de Ravello, na sua lindissima Paraphrase, que vem no *Itinerario Breve :*

Conosco, buon Dio,
L'iniquo misffatto,
Che ingrato me ha fatto
A tanta bontá.
Ah ! che egli sugli occhi
Me é sempre presente
....
....

Tambem o abbade Metastasio em uma traducção paraphrastica, que se acha no undecimo tomo das suas Poesias, edição de Torino de 1787, posto que empregasse a expressão "contra mim," disse antes: Que por toda a parte, que lançasse as vistas, *achava o seu delicto presente.*

Ovunque il guardo giro
Vedomi i falli appresso,
Che contro de me stesso
Tentano d'infierir.

O mesmo se acha na traducção de alguns psalmos, que vem no tomo decimo das obras de Pierre Corneille.

Je ne me trouve en aucuns lieux
Ou d'un se noir forfait l'image ne me tue,
Et de quelque coté que je porte la vue,
Elle frappe aussitot mes yeux.

O mesmo na exposição paraphrastica do psalterio, e dos canticos do Breviario por José de Valdivielso, que se acha no hespanhol.

....

Que las traygo(las culpas) *delante de mis ojos.*

Deparei com o Ritual das orações communs e administração dos sacramentos nas igrejas reformadas de Inglaterra e Irlanda, edição de Londres 1814, The book of common prayer, and administration of the sacraments etc. etc. etc., e descobri duas versões do psalterio, uma em prosa e outra em verso, sendo feita a ultima por N. Brady, e N. Tate.

Acho na traducção em prosa: *O meu peccado está sempre diante de mim.* For I a cknowledge mi faults: *and my sin is ever before me.* Lê-se nos seus versos: Eu confesso o meu crime, e vejo quanto é grande a minha culpa.

For I confess my crime *and see*
How great my quilt has been.

Sacy traduz do mesmo modo: J'ai toujcurs mon peché *devant*

les yeux; e as Horas, que se imprimirão por ordem do cardeal de Noailles, arcebispo de Pariz, para uso da sua diocese, trazem tambem: Mon peché m'est *toujours present.*

O litteratissimo Pompeo Sarnelle, bispo de Biseglia, explicando, no terceiro tomo das suas *Cartas Ecclesiasticas* as diversas phrases e idiotismos das linguas hebraica e grega, assim se exprimio na Carta 14 " Tratemos de outros differentes modos de fallar, como no psalmo L. *Peccatum meum contra me est semper.* Isto não quer dizer, o meu peccado me é contrario, porem sim está diante dos meus olhos.. „ Maveniamo altri modi de dire. *Peccatum meum contra me est semper. Non dice il mio peccato mi è contrario; ma vuol dire mi è semper agli occhi.*

Escutemos o cardeal Hugo " *O meu peccado me está sempre presente*, isto é, diz elle, por sua consciencia aguilhoada pelo remorso: Peccatum meum contra me est semper, id est, in constientia remordente, que é o mesmo, que dizer: *Pela presença do meu crime.*

Talvez bastasse João Lorino, que se explica na materia por uma grande affluencia de expressões synonymicas " *O meu delicto*, escreveu elle, *me está sempre presente*; e esta lição, continúa Lorino, foi abraçada por Agostinho e por Innocencio, autor das *Questões* d'um e d'outro Testamento. Paraphraste o interpretou e lêu tambem assim : *A minha vista*, isto é, *gyra diante dos meus olhos, tenho-o diante de mim, elle me é presente, não o posso esquecer, eu o trago á memoria, revolvo-o no pensamento, recordo-o sem cessar, elle se me faz encontradiço*, e ultimamente fixou-se e permaneceu defronte do meu rosto " *Delictum meum coram me est semper, quam lectionem sequitur Augustinus et Innocentius, auctor quæstionum utriusque Testamenti. Paraphraste quoque legit in conspectu meo...... id est, versatur in oculis, gesto illud ante me, mihi præsens est, non depono memoriam illius, recolo, recordor, recogito, objecit mihi.... statuit illud contra faciem.*

Bonon diz o mesmo e acrescentã: Sic enim accipitur *coram*, pro *contra.*

Dizem o mesmo Le Blanc e innumeraveis, não omittindo o arcebispo de Firenza (Martini) que se exprimio deste modo : *Et mio peccato me stá sempre davanti.* Traducç. dos psal.' tom. 13.

Por ultimo o abbade Soinnet, na sua moderna traducção da Biblia, cuja edição é de 1839, exprime-se deste modo em suas notas ao psalmo L : David, disse elle, apresenta, como um motivo para alcançar o perdão, que implora, a mesma confissão, que faz do seu crime. Peccatum meum contra me est semper. Eu jamais o esqueço, amplifica o abbade de Soinnet, sinto continuamente a confusão, que me causa semelhante delicto, e julgo que o meio de o fazer esquecer, é recordar-me constantemente delle, é supplicar-vos, que m'o perdoeis—Si tu ponis illud ante te, Deus illud non ponit ante se, disse S. Jeronymo..... *Mi maldad..... se me presenta tal, qual es horribile y abominabile.* O padre Scio.

II

Para nas tuas palavras
Justificado existires,
E daquelles, que te julgão,
Victorioso sahires.

Ut justificeris in sermonibus tuis et vincas cum judicaris. Quer dizer, segundo a traducção do padre Pereira : *Para que tu sejas reconhecido justo nas tuas palavras, e saias victorioso nos juizos, que se farão de ti* ; e pela do Sarmento, que parece ser a mesmo cousa : *Assim o confesso, Senhor, para que sejaes reconhecido justo nas palavras e fiqueis vencedor nos juizos, que contra vós se fazem.*

Não se aproxima tanto ao texto, como deveria, o padre Barruncho :

Foi pois em vossa presença
O peccado commettido,
Serão bem justificados
Os vossos altos juizos.

Francisco Dias Gomes omittio esta passagem, e Domingos Maximiano é tão espraiado, tão redundante, tão demasiadamente paraphrastico em quasi toda esta lucubração, que as vezes mal se lhe póde apanhar o sentido do texto.

Uma imitação não seria mais livre.

Elle não deixa entrever n'esta passagem, que Deus será julgado por aquelles, que desconfiando da sua justiça, ousarem censural-o, e chamar suas acções á discussão e ao juizo, que houverem de fazer

Esta exacção já não se descobre nos versos: *Ainda que eu seja condemnado.* Disse o traductor poeta: *Devo passar a confessar a exactidão do teu juizo.*

And tho condemned
Must own thy judgments righl,

Affin che tu su justificato nelle tue parole e riportati vittoria, quando sê chiamato in gudizio. MARTINI.

E' fora de duvida, que na versão latina, que S. Jeronymo fez do hebraico, em lugar de *vincas cum judicaris,* como se lê na Vulgata Hodierna, correcta e emendada por elle mesmo e na versão antiga recebida antes d'elle, se acha: *Et vincas cum judicaris*; mas que importa?

Sabatier, que traz estas tres versões, cita nas notas, que faz á este versiculo, S. Jeronymo mesmo, que o entendeu deste modo: *Et vincas cum fueris judicatus;* sendo digno de attenção, o que já se ponderou acima, que corrigindo S. Jeronymo a Vulgata, conservasse n'ella a lição: *Ut vincas cum judicaveris.*

Do parecer do maximo doutor é a torrente dos interpretes.

Vejamos como dilucida este ponto o carmelita Bonon "Rogo-te pois, é David que assim fallava com Deus, conforme o pensamento de Bonon, que vençâs, mesmo quando és julgado. Como se lhe dissesse: "Os homens não te julgão fiel e verdadeiro; cumpre por tanto as tuas promessas. para que triumphes do máu conceito, que elles fazem de ti, e pelo qual se animão a julgar-te." *Et si rogo ut vincas cum judicaris, quasi dicat. Tu judicaris ab hominibus non verax, ergo imple promessa, ut opinionem hominum vincas, qua te judicant.*

Sebastião Gomes de Figueiredo disse no seu livro *Explicatio psalmi quinquagesimi Miserere....* "Donde resulta, falla tambem David, que se tu perdoares este crime, e preencheres as tuas promessas, serás reconhecido justo, e sahirás vencedor, quando alguem ponderar as tuas obras, e pesar tuas acções...." *Unde fiet si mihi, hanc iniquitatem condemnaveris, et promissa servaveris, justus habearis in promissis tuis, et vincas, cum quis facta tua expenderit.*

Depois destas interpretações e de muitas outras, que concordão com estas, não devo passar em silencio, que o padre Paulo Seneri assim se exprime, pela versão hespanhola: "Para que te justifiques, diz elle, em todas as tuas palavras, e vençâs, quando julgares," trazendo a margem: *Et vincas cum judicaveris.*

Assim se aparta o padre Seneri de tantos expositores insignes.

Pelas razões expendidas disse eu:

Para nas tuas palavras
Justificado existires,
E d'aquelles, que te julgão
Victorioso sahires.

Só os impios podem julgar mal de Deus, chamal-o a juizo, e arguil-o de injusto.

Seja qual for a sentença, que vós proferirdes contra mim, disse, e commentou o abbade Soinnet, eu a mereço, e não poderei deixar de confessar vossa justiça nos castigos, com que me houverdes de punir. *Contra vos solo pequé, y en vuestra presencia commetti la maldad: perdonamela, Dios mio, para que seais reconocido fiel in vuestras palabras, y para tapar la bocca a los que pertenden accusar-vos de poco fiel en vuestras promessas.* O padre Scio.

III

Deus, oh Deus, meu Salvador,
Tu de homicidios me exime

Libera me de sanguinibus, Deus, Deus salutis meœ. Livra-me das minhas acções sanguinolentas, diz Sarmento. Livra-me dos sangues, diz Pereira, citando na nota Bossuet, que entendeu pelos sangues *os homicidios, que commettera David,* expondo de vontade deliberada muitas pessoas com Urias a uma morte inevitavel, posto que ahi mesmo transcreva o parecer do bispo de Hipponia, que tomou pelos sangues a corrupção, que se contrahe na nossa conceição. Todavia os expositores, que consultei, são todos de accordo que David falla d'aquelles homicidios a que deu origem o seu consorcio impudico havido com Bethsabea. *Libera mi dal reato de sangue.* MARTINI. *Liberami dalla carnal malizia.* DANTE.

Livra-me, disse Soinnet, *do castigo, de que me tornei credor, porque derramei injustamente o sangue de Urias.* O sangue, acrescenta Soinnet, em alguns lugares da escriptura toma-se pelo castigo daquelle, que o derrama. Exod. cap. 22 v. 2 e 3. Deuter. cap. 12 v. 8. Reo suy de muchas muertes injustas, que por mi ordem si commettieron: mas perdoname, Dios y Salvador mio, la pena que por eso merezco. O padre Scio

De inimigos livrai-me enfurecidos,
Deus, Deus da minha bemaventurança.

Assim o escreveu o illustre socio da Academia Real das Scien–

cias de Lisboa, o traductor dos canticos de Moysés, de Daniel e Zacharias. Mas elle mesmo confessa, em uma das suas interessantes notas, que fizera uma imitação, e que tomou para o seu assumpto o que era mais analogo a contrição de um peccador da lei da Graça, tendo dito antes, que era esta peça, o *Miserere*, a mais difficil de traduzir-se e imitar-se com belleza e dignidade, que tinha encontrado; e acrescentando depois, *que nunca vira este psalmo bem traduzido regularmente.*

Parece, que elle tinha razão.

Além dos poetas, que tenho citado, e que sei paraphraseassem os psalmos, devo memorar João Baptista Rousseau, postoque não venha a traducção do *Miserere* nas suas odes sacras. Li tambem Saverio Mattei, mas não o tenho a mão, para o citar. José Maria Dantas, que tambem traduzio alguns psalmos, não traduzio o *Miserere.*

Eis quanto pude colher, para abonar a traducção paraphrastica, que submetto ao juizo dos entendedores.

THEATRAES

IV

NO ANNIVERSARIO

DA

SOCIEDADE HARMONICA THEATRAL

Emquanto as artes, a sciencia, os genios,
Forem sobre este globo os dons de Jove;
Emquanto a polidez, e a moral forem,
Ha de, entre os póvos, que a moral cultivão,
Um sublime renome honrar a scena.
Entre nuvens, e nuvens de ignorancia,
Lá vislumbra a razão, vislumbra o gôsto;
E a Grecia, alta mansão de heróes, de genios,
A patria do saber, da luz, da gloria;
A Grecia, que se esmalta, que se adorna,
De pericia e valor, de armas e lettras,
Apura o seu renome, e extende a fama,
Nas mimicas funcções, que exerce e ensina.
Seus generaes, philosophos, seus mestres,
Os que regem o povo, e povo inteiro,
São doceis a instrucção, escutão, obrão,
Segundo os typos, que a moral lhes presta.
No em tanto o crime atróz, ensanguentado.

E' coberto de horror, proscripto, errante.
O tôrvo despotismo, a vesga intriga,
A cabala, o terror, algemas, ferros,
Vão bem longe estrugir, tombar bem longe.
No em tanto a vóz suave, ingenua, pura,
A vóz da liberdade, meiga, terna,
Singela, como um céu limpo de nuvens,
Singela, como a flor na madrugada,
Se deixa ouvir, e branda, e generosa,
Serpêa docemente, os peitos move,
E forma cidadãos, faz virtuosos,
D'homens-feras, que os bosques povoavão.

Oh ! quanta illustração ! quantos prodigios !
Lá surgem, lá se erguerão, lá espalhão,
Assombros d'arte, excelsos monumentos,
Que as ruinas dos seculos affrontão,
Que vão da terra topetar co'os astros ;
Que marchão muito alem, que escapão, vivem,
A pezar da buida, enorme fouce,
Da mão solapadora das idades.
Ei-lo que avulta, o torreão soberbo,
Aonde é mar, e as agoas se desdobrão.
Aos estalos do ferro os bosques gemem,
E as verdes comas, que no ar tremolão,
Rolão por terra, e dão lugar aos povòs,
Aos templos, ás arcadas, aos palacios,
Ao *forum* estrepitoso, ás largas praças.

Mas d'onde é, que provem, d'onde rebentão,
Tantos milagres, que no globo avultãó ?
Da scena magestosa. E' della, é della,
Que fluem tantos rios de doutrina,
Que retalhão soberbos os imperios,
Que ferteis vão aos términos do mundo.
Debaixo destes céos, gratos, risonhos,
A's brandas margens da virente Olinda,
No seio encantador, fagueiro, amigo,
Do implumado, do aurifero Recife ;

A' sombra fraternal de ternos socios,
O genio lidador de amigos ternos,
Ousou trazer á scena, e ornar com ellas
A virtude, que errante, e foragida,
Nestas plagas beneficas se acolhe.
Quadros, quadros de dor, de sentimento,
Tem arrancado lagrimas sensiveis;
Rasgado o coração, se aperta, e expande,
Ao grito do infeliz, á vóz da bella,
Que soffre, e geme, em solidão profunda.
Fuzila do guerreiro o sabre horrivel,
E a patria, que elle serve, exulta livre.
O protervo, que opprime a especie sua,
Recebe sobre a fronte altiva, enorme,
O raio, que dos céus se escapa e o fere.
No em tanto o bemfazejo, oppresso, afflicto,
Rojando ferros, proximo ao patibulo,
Sacode os seus grilhões, negras algemas,
E vê desfeito o trama, que o proscreve.
Troveja sobre os máus um Deus colerico,
E salva os bons um Deus, que os bons proteje.
Da scena aos corações brandos, suaveis,
Se exprime a natureza, em mil exemplos,
Em mil exemplos, recordando-os, falla.

Annos quatorze o lucido planeta,
Gyrado tem na esphera crystalina,
E sobre este hemispherio o lucto, as trevas,
Afasta para longe, e verte ufano
Oceanos de luz neste horisonte;
E annos quatorze, harmonicos trabalhos,
Ficções, verdades, crimes e virtudes,
Vos tem exposto os socios, que se honrão,
Com vossa expectação, co'as luzes vossas.

Aqui a natureza despe os mantos
Do hypocrita sagaz, e rasga as vestes
Da impostura orgulhosa, affeita aos crimes:
Aqui, doce, innocente, em phrase ingenua,

Simples, como dos céus baixou á terra,
Entorna de seus labios maviosos
Phrases, phrases de amor, que os homens ligão.
O avaro feròz, pallido e triste,
Que vela sobre os cofres chapeados ;
Que ao nocturno rumor ergue a cabeça,
O ouvido applica, e de terror se cobre ;
O avaro vê luzir fulgente raio,
E ao seu fulgor braceja nos abysmos.

Aqui a recompensa ao brio, ao merito,
Reluz, como nas trevas, brilha, assombra,
A luz intensa, que flammeja e corre,
Pelo céus no zenith em mares d'oiro.
Não ha vicio, que fique sem castigo,
Não ha virtude, que sem premio fique ;
E vós, que o gosto honraes e honraes a scena,
Desculpai-nos, e honrae nossas fadigas.

Jove sublime,
Que os céus habita,
Se felicita
Do empenho nosso.

No peito vosso
Fiel padrão
Ergueu de muito
A gratidão

Voem ás nuvens
Nossos accentos,
E os sentimentos
De puro amor.

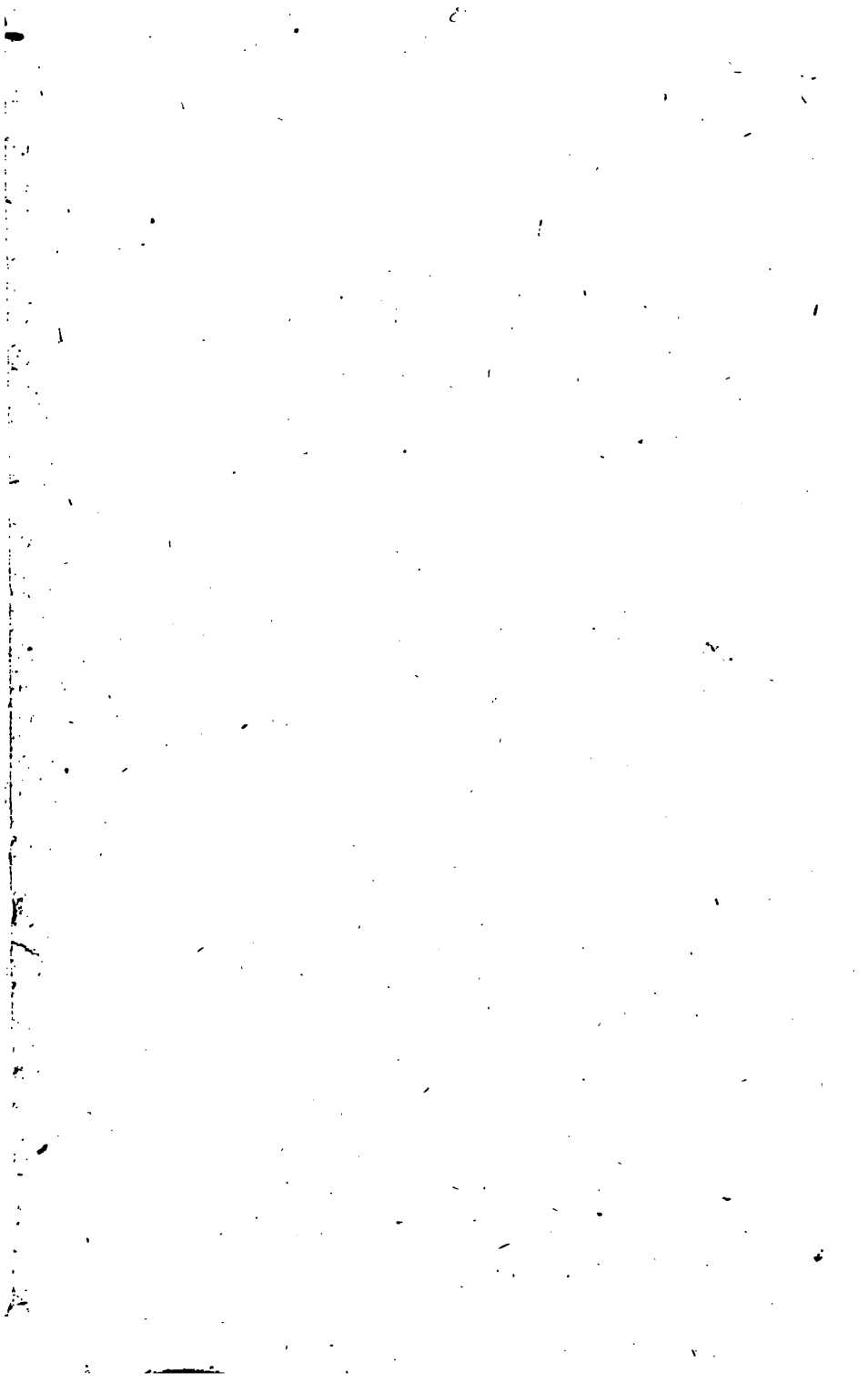
Surja este dia
De encantos mil :
Tetrico horror
Não pouse ás margens
Do aureo Brasil,

Iris gentil
Surja nos céus,
E negros véos
Fujão medonhos,
Quaes negros sonhos,
Que enchem de dor.

A paz, o amor,
Luz e bonança,
Branda esperança,
Fuljão nos ares,
Negros azares
Voem ligeiros.

Desção fagueiros
Paz e amor.
Deste tão bello,
Grato paiz
O grato povo
Seja feliz.

Branda esperança
Fulja nos ares,
Negros azares
Voem ligeiros.
Deste tão bello
Grato paiz,.
O grato povo
Seja feliz. (*)

(*) Esta parte toda, bem como a Decima, que acha-se na secção segunda, foi obtida pelo Sr. Dr. Witruvio. Não tinhão sido colleccionadas essas poesias.

NO ANNIVERSARIO

DA

ABERTURA DO THEATRO DE SANTA ISABEL

Na palavra se pinta o pensamento:
Pensamento, e palavra o gesto animão.
Vive na vóz, no gesto a antiguidade,
E os extinctos heróes recobrão vida.
Arte divina os tumulos revolve,
E da cinza medonha, e lutulenta
Resurgem os Catões, os Aristides,
Homero e Plauto, Cesar e Alexandre:
Resurgem, dão lições, vivem na scena.
Transpondo essa barreira immensuravel
De seculos e seculos, que se apinhão,
Que se somem no abysmo do passado,
Enroupão-se os costumes, fallão, medrão.
Em Athenas Demosthenes troveja,
Despedem raios Ciceros em Roma,
E no presente estuda-se o passado.
Inda mesmo as ficções instruem, prestão.

De justiça, de amor, de humanidade,
Quantos rasgos d'aqui vos inspiramos !
Ufano, altivo o *Prodigo* bem vistes :
Mil thesouros rojou, abrio seus cofres,
Seus delirios, que horror ! doirou com elles.
Mas reflecte, e ao dever se entrega e cede.
Logo a *Escola de Principes* assoma,
E então a serem reis os reis aprendem.
Os Dous Rivaes paixões excitão n'alma,
Natureza e razão vislumbrão nelles.

Quantos exemplos de vigor, de força,
Aos reis, aos povos, as nações, ao mundo,
Se recebem no principe magnanimo,
Philosopho immortal, sublime, excelso,
Que justiceiro os carceres visita !
Desce á morada luctuosa, horrivel,
Onde o crime reside e onde a virtude
Muitas vezes co' o crime se confunde,
E ahi *José Segundo* espreita, escuta ;
O innocente do réu divide e salva.
Zulmira, o Annel de Ferro, o Bom Amigo,
Fayel, Duque de Borgia, o Mendicante,
Quantas lições propalão no universo !
Quantos prodigios de virtude espalhão !
Coroado de bençãos e de gloria,
Rival de Carlos XII, audaz, invicto,
Raio da guerra, Authocrata das Russias,
Pedro Grande, sem par, de nome eterno,
Apparece, qual foi, qual brilha ainda.
Vivo na historia, os seculos abrange,
Vai muito além, abrange a eternidade.

Ah ! quanta commoção ! Que amargo pranto
De ternura, de amor, ferveu nos olhos
Do espectador benevolo e sensivel,
Vendo, ouvindo, o desastre, a sorte injusta,
Da branda Ignez, da melindrosa Castro !
Seus deveres, o pai, o esposo, os filhos,

A rival, a politica, a perfidia,
Amor e odio, natureza e crime,
Tudo, tudo se unio para extinguil-a !
Nós a ouvimos aqui, e a deploramos,
Seu tumulo se honrou co' o pranto nosso :
E do Mondego as lagrimas ferventes
Em soluços verteu, rompendo as tranças,
Afflicto, oppresso, o vitreo Bebiribe.
O amor de Pedro lhe sustenta a vida,
De Affonso o odio lhe prepara a morte.
Não forão estes sós, não forão estes
Os unicos poemas, que off'recemos
A' vossa expectação, ás vistas vossas.
Outros se omittem, que immortaes conservão
Renome, excelso dom, para os vindouros.

Vós, que viveis n'um seculo assombroso,
Em que a voz da razão, a voz do genio,
Se elevão sobre as trevas carrancudas
Do torvo despotismo e da ignorancia ;
Vós, que prezaes o accento harmonioso,
Que pinta a natureza, exalta, anima
A virtude, a moral, destroe o crime ;
Recebei a homenagem terna, pura,
De respeito e de amor, que vos sagramos.
Votos do coração são votos d'alma,
Valem mais do que dadivas pomposas.
O muito as vezes equivale ao nada :
Nas mãos da singeleza o pouco é muito.
Não usei de ficções, nem fingimento :
Exprimi com lisura o pensamento.

Longe, bem longe,
Da nossa idéa,
Lisonja feia,
Sempre fatal.
Ah ! não bafeje
Peito innocente :
De nós se ausente,
Tão grande mal.

Seja meu norte
A'gratidão :
E o coração,
Sempre fiel,
Jamais se manche
Co' o negro fel,
Que aos peitos gratos
Traz negra dor,
Angustia e fel,
Tristeza e horror.

Sempre o limoso
Capibaribe
Corra ditoso,
E o Bebiribe
Seja feliz.

Longe, bem longe
Da nossa idéa
Lisonja feia,
Sempre fatal :
De nós se ausente
Tão grande mal.

Leda, brilhante, variada, augusta,
Ante vós outra vez, resurge a scena.
Aos genios seus, aos amadores della
Vem de novo prestar exemplos novos,

De proficua moral, lições proficuas.
Dos homens o dever, virtudes raras,
Nos consortes fieis, fieis amantes,
Nos filhos e nos paes, nos reis, nos povos,
Em suaves ficções, tereis de ouvir-nos.
Os costumes do sobrio Esparciata,

O caracter do intrepido Romano,
Do Grego heróico, dos prestantes Lusos,
Novo esmalte darão aos nossos quadros.
Do philosopho austéro arduas doutrinas,
Do moralista as maximas severas,
Ensina-se aqui mesmo, e aqui se aprende.

Largo silencio, interrupção profunda,
Separou-nos de vós : sentimos n'alma.
A custa de trabalhos, de fadigas,
E a bem deste paiz, que os céus aditão,
Tornamos, e outra vez resurge a scena,
Leda, brilhante, variada, augusta.

No embate das paixões, nos seus delirios,
Neste vai-vem de crimes, de virtudes,
Quanto aprende o mortal, quanto se adestra !
Ajudada da voz, viva no gesto,
Toda força e vigor, eis a virtude,
Escoltada de graças, de fulgores,
Gyrando radiosa, como os astros,
Em orbita de luz, brilhante disco.

Do manso Bebiribe ás frias margens,
Tão lindas, tão louçãs, cheias de encantos,
Tem de surgir as épocas ditosas,
Que a terra dêm prazer, encanto e gloria.
No regaço das artes, das sciencias,
A sombra de um porvir, todo esperanças,
Aureos dias de luz, rompendo as trevas,
Deslisando do rosto omnipotente,
Trarão venturas mil, prodigios novos.

Que portentos então ! Quanta ventura !
Que insolita visão ! Deliro, ou sonho ?
Em pelagos de luz os céus, a terra
Se innundão, se dilatão, se confundem !
Tudo, é tudo esplendor, e céus é tudo !
O senhor do trovão, o deus do raio,
Em throno de saphira, os ares rompe,
Dos cortezões celestes escoltado:
Do thymiama as nuvens enroladas
Em suave vapor aos ares fendem.
De alados genios, turba innumeravel,
Ladeia respeitosa o solio augusto,
E um cantico de jubilo rebomba
Na abobada celeste, ufano e ledo.

O nume impoz silencio, e a voz tremenda
Soltou lá nesse espaço indefinido :
Sua voz soberana, omnipotente
Reflectio sobre a terra : ei-la se escuta :
" Mortaes ! elle exclamou, mortaes ! Ouvi-me !
" Ao brado meu a natureza treme :
" O mar se alisa, turbão-se os abysmos,
" Tudo, é tudo pavor, silencio é tudo.
" No livro meu, vedado sempre aos homens,
" No livro meu, em paginas de bronze,
" O destino escrevi dos reis dos povos,
" Marquei com sello eterno o seu destino.
" Mesmo ahi desenhei, em vivos traços,
" A carreira feliz, altiva e leda,
" Que foi dada ao Brazil seguir ovante :
" Prospero, grande, invicto, excelso, heroico,
" Prodigios mil lhe aguarda a dextra minha,

Disse e não mais. Remonta além dos astros,
Vai de esphera em esphera ; os céus se fechão,
E aos olhos dos mortaes desapparece.
Eis o voto de Jove sempiterno.

Em silencio profundo a natureza
Escutou sua voz omnipotente ;
Curvou-se, e repetindo o seu preceito,
Retumbarão de jubilo as florestas.
A gloria do Brazil nos céus avulta :
Entre as grandes nações, Brazil ! exulta !

Neste almo dia,
Que hymnos soarão,
Nossos trabalhos
Se completarão.
Todo esplendor,
Brilhe na scena
Novo fulgor.

Socios felizes !
Hoje exultai !
Canções divinas
Aos céus mandai.

Dia tão fausto
Ficou marcado,
De Jove ao lado
Vive, e reluz.

Ledo emparelha
Co'a eternidade,
Nova beldade
Trouxe do céu.

Neste almo dia,
Que hymnos soarão,
Nossos trabalhos
Se completarão.
Todo esplendor,
Brilhe na scena
Novo fulgor.

MONOLOGO

Em rosea nuvem do empinado Olympo,
Sobre as azas dos zephiros macios,
Que uma aragem feliz agitão brandos,
Desce inflexivel, divinal matrona ;
De face magestosa, e olhar sereno,
Eis a augusta moral, dos céus a filha.
Fixando os olhos seus nas plagas nossas,
Na phrase, que me ouvis, se exprime a deusa :

" A escola da moral foi sempre a scena,
Ella diz, eu a escuto, honrai seu brado !
" A escola da moral ameiga os homens,
" Liga os entes, reune, amestra os povos,
" Fraterniza os mortaes, e os faz ditosos ;
" E a virtude é partilha do universo.
" Rompendo a escuridão, que a historia envolve,
" Meu audaz pensamento altêa o vôo,
" Corta o volume rigido dos seculos ;
" Corro a Grecia, da Grecia pouso em Roma.
" Lá floresce a razão, fez pausa o crime.
" No theatro a moral se apura e brilha.
" Em turma os cidadãos a escutão ledos.

" Da satyra tenaz ao raio ardente
" Tremulo, inerme, espavorido, errante,
" O crime se esvaece, e se aniquila.

" Tu, mestra das acções, dos bens origem,
" D'alma, do coração lei viva e santa,
" De Jove emanação, bafejo e vida,
" Este globo, oh virtude ! abraças, reges.
" Surgem, surgem comtigo encantos novos,
" Espalhas flores mil, e mil perfumes,
" Que o halito de um Deus de si vapora.

" Coroadas então de lucto, ou rosas,
" Sobre a scena risonha, amarga, ou triste,
" Melpomene e Thalia exultão, folgão.
" Graças mil a moral, que a terra abrange !
" Neste mesmo lugar, neste recinto,
" D'um só anno no breve, estreito espaço
" Quantos quadros expuz aos olhos vossos,
" Costumes, instrucções, modelos, copias !
" Julio perverso, perfido assassino ;
" Camilla retirada a luz do mundo
" Em medonho, terrivel subterraneo ;
" Christierno, e Virginia....Sim, Virginia....
" Prodigio da belleza, e da ternura ;
" Innocente, fiel, mas desgraçada,
" Tem nos labios o amor, os céus na face,
" Tão puro o coração, como o seu rosto.
" D'ampla, gelada Russia, invicto Czar,
" Pedro, o seu protector, na scena brilha,
" Sabio, monarcha, heróe, homem, não tigre ;
" O duque de Borgonha instrue, convence ;
" O prodigo, infeliz, consterna, afflige.
" E hoje a escola dos principes se ostenta

“ Monarchas! Aprendei, sois homens, basta.
“ A virtude no throno os reis escora,
“ Sem moral, sem virtude, é nada um throno.”

FIM

Imp. na Typographia de Carlos Eduardo Muhlert, & C.—1874.

ficha 17
Brasil, Literatura.

70,—

VII/72